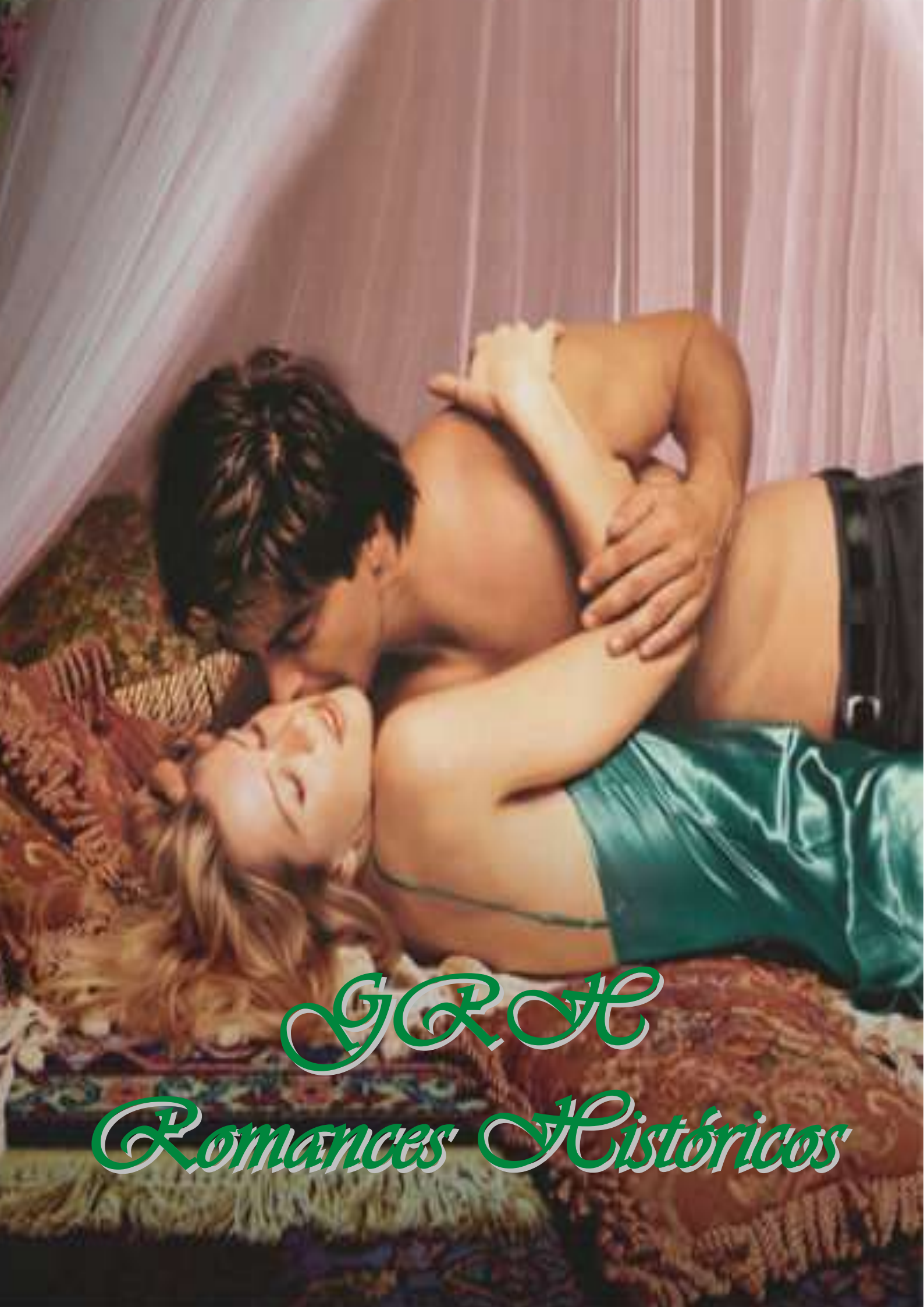


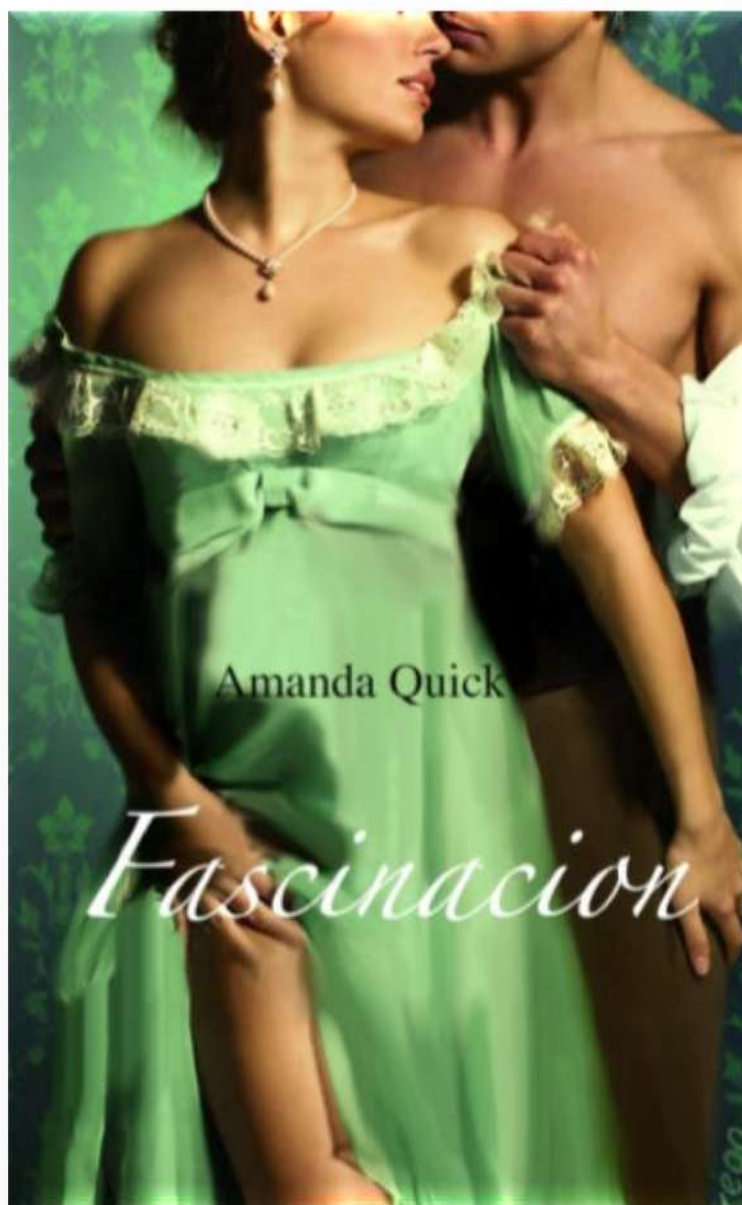


GRH
Romances Históricos



Amanda Quick

Fascinação



Tradução/Pesquisa: GRH
Revisão Inicial: Jory
Revisão Final: Katia Milano
Leitura Final: Ana Julia
Formatação: Ana Paula G.



Resumo

Numa pequena e acolhedora cidade à beira mar, até a efervescente elegância de um salão londrino, trama-se a emocionante história de um homem e uma mulher diferentes em tudo. Não existia nenhuma dúvida: o que Harriet Pomeroy precisava era de um homem forte e inteligente para lhe ajudar a desbaratar os planos de ladrões inescrupulosos que ocultavam em suas queridas cavernas, os despojos de seus saques. Mas, quando pediu ajuda a Gideon Westbrook não poderia imaginar que estava invocando o próprio diabo e, eventualmente, encontrando maneiras de conquistar o seu coração.

Comentário Revisora Katia Milano

Um livro envolvente, cheio de suspense e com um mocinho traumatizado e uma mocinha teimosa e inocente.

Comentário Leitura Final Ana Júlia:

O livro é florzinha envolvente que agradará a todas. Um mocinho apelidado de besta, que não era nenhuma besta. Era um homem que tinha sido gravemente ferido pela vida e por seu próprio destino, uma mocinha que adora fósseis, inocente, teimosa ao extremo que nos faz rir muito e que salva o mocinho e sua família em muitos sentidos. Leitura agradável. Boa leitura.



Capítulo 1

Era como uma cena saída de um pesadelo. Gideon Westbrook, visconde de St. Justin deteve-se na soleira para contemplar essa alegre e pequena ante-sala do inferno. Havia ossos em todos os cantos. Crânios que sorriam grosseiramente, costelas esbranquiçadas e fêmures feitos em pedaços espalhados por ali como refugos do diabo. No parapeito da janela se amontoavam pedras, sobre as quais se viam dentes, dedos e outras peças incrustadas. Em um canto, espalhadas pelo chão, um punhado de vértebras.

Ocupava o centro dessa indigna desordem uma esbelta silhueta, com um avental coberto de manchas e uma touca torta de musselina branca sobre seu selvagem emaranhado de cachos castanhos. A mulher, obviamente jovem, estava sentada em uma pesada mesa de mogno, de costas para Gideon que apreciava sua elegante postura. Desenhava com concentração e interesse algo que parecia um osso comprido, encravado em um pedaço de rocha.

De onde estava Gideon notou que não tinha aliança nos graciosos dedos que sustentavam a pluma. Não era, então, a viúva do defunto reverendo Pomeroy, a não ser uma de suas filhas.

“Justamente o que eu precisava”, pensou Gideon, “outra filha de pároco.”

Quando o pesaroso pároco anterior abandonou a vizinhança, depois da morte de sua filha, o pai de Gideon designou o reverendo Pomeroy para seu lugar. Mas, ao morrer Pomeroy, quatro anos atrás, Gideon já estava responsável pelas propriedades de seu pai e não se incomodou em designar um novo pároco. O bem-estar espiritual do povo de Upper Biddleton não lhe interessava muito.

Segundo as condições que Pomeroy tinha estabelecido com o pai de Gideon, sua família continuou vivendo na casa paroquial. Os aluguéis eram pagos em dia e isso era a única coisa importante, pelo que concernia a Gideon.

Depois de contemplar a cena por mais um momento, deu uma olhada ao seu redor, procurando algum sinal de quem tivesse deixado aberta a porta da casa paroquial. Como não aparecia ninguém, tirou o chapéu de castor e entrou no pequeno vestíbulo. A forte brisa do mar o seguiu. Nesses primeiros dias de primavera, embora o tempo fosse invulgarmente quente para essa época do ano, o ar do mar ainda continuava frio.

Gideon se sentiu animado e (conforme admitiu para si mesmo) intrigado pelo espetáculo da jovem sentada entre ossos antigos que se espalhavam pelo aposento. Cruzou o vestíbulo em silêncio, cuidando para não fazer ruído com suas botas de montar. Era um homem corpulento (monstruoso, ao dizer de alguns) e tinha aprendido a mover-se sem ruído, em um vão esforço por compensar seu tamanho. Muitos o olhavam só pelo seu aspecto.

Parou na porta do gabinete, observando por mais um momento a mulher que trabalhava. Uma vez convencido de que ela estava muito absorta em seu desenho para perceber sua presença, quebrou o feitiço a contra gosto.

- Bom dia. – disse.

A jovem sentada em frente à mesa deu um gritinho de sobressalto e, deixando cair à pluma, levantou-se de um pulo. Girou para enfrentar Gideon, com expressão de crescente horror.

Gideon estava habituado a essa reação. Nunca tinha sido bonito, mas a profunda cicatriz que lhe cruzava a mandíbula esquerda como um raio, não tinha melhorado as coisas.

- Quem demônios é você? – A jovem tinha posto as duas mãos atrás do corpo. Obviamente, tratava de ocultar seus desenhos sob alguma coisa que parecia um jornal. A expressão de espanto de seus enormes olhos turquesa ia convertendo-se rapidamente em tenebrosa suspeita.

- St. Justin. – Gideon dedicou-lhe um sorriso friamente cortês, conhecendo o efeito que causava a cicatriz, e esperou que esses olhos, incrivelmente luminosos, se enchessem de repulsa.

- St. Justin? Lorde St. Justin? O visconde St. Justin?

- Ele mesmo.

O olhar se encheu não de desgosto, mas sim de um alívio enorme.

- Graças a Deus.

- Raramente eu sou recebido com tanto entusiasmo. – murmurou Gideon.

A jovem se deixou cair abruptamente na cadeira, carrancuda.

- Valha-me Deus, milord, você me deu um susto terrível. Como pode entrar deste jeito?

Gideon olhou significativamente para a porta da pequena casa, que estava aberta.

- Se, por um acaso, perturba-lhe a possibilidade de ser incomodada por um intruso, seria melhor manter a porta fechada com a chave.

A mulher seguiu a direção de seu olhar.

- Oh, céus! A senhora Stone deve tê-la aberto. É uma firme partidária do ar fresco, sabe? Entre, milord, entre.

Voltou a levantar-se de um salto para tirar dois enormes volumes da única cadeira para visitantes que havia no ambiente. Por um momento permaneceu indecisa, procurando entre a desordem um lugar para acomodar os livros. Com um leve suspiro, abandonou a ideia e os deixou cair ao chão, sem maiores cuidados.

- Sente-se, cavalheiro, por favor.

- Obrigado.

Gideon entrou lentamente no recinto e se instalou cautelosamente na pequena cadeira de respaldo oval. Os móveis delicados que estavam na moda não se adequavam a seu peso, nem ao seu tamanho. Para alívio dele, a cadeira resistiu.

Deu uma olhada nos livros que tinham ocupado o seu assento, uns segundos atrás. O primeiro era *“Teoria da Terra”*, de James Hutton; o outro, *“Ilustrações da Teoria Huttoniana da Terra”*, de Playfair. Os textos, somados a todos esses ossos, explicavam muitas coisas; sua anfitriã sentia paixão pelos fósseis.

Possivelmente, era essa familiaridade com os crânios calcinados e sorridentes o que lhe permitia não alarmar-se diante de seu rosto disforme, concluiu Gideon ironicamente. Era

óbvio que a moça estava habituada a ver coisas horrendas. Estudou-a por um instante, enquanto ela recolhia o resto de seus desenhos e notas. Sem exagerar absolutamente, era uma senhorita muito fora do comum.

Seu indócil matagal de cabelo tinha escapado fazia tempo do confinamento imposto pela touca e pelas poucas fivelas que o seguravam precariamente. A massa densa e esponjosa formava uma espécie de suave nuvem ao redor do rosto. Não era bela, por certo; nem sequer bonita, se alguém se guiasse pela moda que imperava. Mas, possuía um sorriso brilhante, carregado de energia e vitalidade, como o resto de sua pessoa. Gideon notou que dois de seus pequenos dentes estavam um pouco sobrepostos; por algum motivo, o efeito lhe pareceu estranhamente encantador.

O narizinho arrebitado e as maçãs do rosto altas, combinados com a desperta inteligência desses olhos espetaculares, davam-lhe um ar inquisitivo e dotado de certa agressividade. Não era, por certo, uma senhorita tímida e afetada. Com ela, uma pessoa sempre saberia exatamente o que esperar. Gostou disso.

Seu rosto lembrava o de um gatinho esperto; Gideon sentiu o súbito impulso de mimá-la, mas se conteve. Sabia, por dolorosa experiência, que as filhas de párocos estavam acostumadas a serem mais perigosas do que pareciam. Há tempos havia recebido uma boa mordida. E estava satisfeito.

Gideon calculou que sua anfitriã teria vinte e dois ou vinte e três anos. Perguntou-se se era a falta de dote ou, se o evidente entusiasmo por ossos velhos era o que afugentava os possíveis pretendentes. Poucos cavalheiros se sentiriam tentados a propor casamento a uma mulher mais interessada em fósseis do que na corte.

O olhar de Gideon passou brevemente pelo resto da mulher, reparando no vestido de musselina, de cintura alta, cuja cor, de possível bronze, desbotou até um vago tom acastanhado. Um corpete plissado cobria o modesto decote.

Entre o corpete e o envolvente avental havia muito para ser debitado à imaginação. Mesmo assim, Gideon teve a impressão de seios suaves e arredondados e uma cintura fina.

Observou com atenção a jovem, que retomava apressadamente seu assento atrás da mesa. Ao passar pelo canto, a leve musselina se aderiu por um instante às exuberantes curvas do traseiro.

- Pegou-me desprevenida, milord, como poderá ver. – Empurrou alguns outros desenhos para ocultá-los sob um exemplar de *“Atas da Sociedade de Fósseis e Antiguidades”*, olhando Gideon com um gesto de recriminação - Devo me desculpar por meu aspecto, mas não esperava vê-lo aqui esta manhã; você não pode me reprovar por não estar vestida para recebê-lo.

- Não se preocupe com seu aspecto, senhorita Pomeroy. Eu lhe asseguro que não é nenhuma ofensa. – Gideon se permitiu arquear uma sobrancelha em cortês inquisição. – Porque você é a senhorita Harriet Pomeroy, estou certo?

Ela teve a decência de ruborizar-se.

- Sim, milord, é obvio. Que outra poderia ser? Você deve pensar que sou terrivelmente mal educada. Na realidade, minha tia vive me dizendo que não tenho traquejo social. O fato é que, em minha situação, uma mulher deve tomar muito cuidado.

- Compreendo. – replicou Gideon, serenamente - A reputação de uma senhorita é algo muito frágil. E a filha de um sacerdote deve ser mais cuidadosa do que qualquer outra pessoa, não é verdade?

Harriet o olhou sem compreender.

- O que você está dizendo?

- Talvez, fosse o caso de chamar um familiar ou a governanta para nos acompanhar. Por causa da sua reputação, é claro.

Harriet piscou e depois arregalou seus olhos como uma gaivota.

- Minha reputação? Oh, senhor, não falava de minha reputação. Em toda minha vida não corri nenhum perigo de ser humilhada e, como já estou perto dos vinte e cinco anos, não é provável que isso deva me preocupar no futuro.

- Sua mãe não se incomodou em adverti-la contra os desconhecidos?

- Bom, não – Harriet sorriu, rememorando - Meu pai dizia que mamãe era uma santa viva. Era generosa e hospitaleira com todos. Morreu em um acidente de carruagem, dois anos antes que mudássemos para Upper Biddleton. Era pleno inverno e ela ia distribuir agasalhos entre os pobres. Nós sentimos muito sua falta e por um longo tempo. Sobre tudo papai.

- Compreendo.

- Se lhe preocupar o decoro, milord, temo que não possa fazer nada. – continuou Harriet, muito falante - Minha tia e minha irmã foram caminhando até a aldeia, para fazer algumas compras. A governanta está em algum lugar da casa, mas duvido que serviria de alguma coisa, caso você tentasse de me violar. Tende a sofrer desmaios ao menor sinal de crise.

-Você tem razão. – reconheceu Gideon - Certamente não serviu de muita ajuda à última donzela que viveu nesta casa.

Harriet pareceu ficar interessada no tema.

- Ah, conhece a senhora Stone?

- Conheci há alguns anos, quando eu vivia na vizinhança.

- É obvio. Era a governanta do pároco anterior, verdade? Herdamos-la junto com a casa paroquial. Diz tia Effie, que é uma presença deprimente e eu estou de acordo, mas papai sempre dizia que precisamos ser caridosos. Dizia que não era possível mandá-la embora, pois dificilmente poderia achar outro emprego no condado.

- Uma atitude muito elogiável. Não obstante, encarrega-se de você uma governanta muito lúgubre, a menos que a senhora Stone tenha mudado muito nestes anos.

- Acho que não. Parece a *Voz da Fatalidade*. Mas papai era um homem bondoso, embora lhe faltasse sentido prático e eu trato de fazer o que ele teria desejado, embora às vezes fique muito difícil. – Harriet se inclinou para frente, cruzando as mãos – Mas, isso não vem ao caso. Agora, se você me permite retomar o tema...

- Por favor. – Gideon se deu conta de que começava a divertir-se.

- Quando disse que devia tomar muito cuidado, me referia à necessidade de proteger algo imensamente mais importante que minha reputação, senhor.

- Surpreende-me, senhorita Pomeroy. Pode haver algo mais importante que isso?

- Meu trabalho, é obvio. – Ela encostou-se na cadeira, cravando-lhe um olhar circunspecto.

- Você é um homem do mundo, senhor. Não duvido de que tenha viajado muito. Viu a vida tal como ela é, por assim dizê-lo, e sem dúvida, sabe que há safados inescrupulosos espreitando em qualquer parte.

- Sério?

-Não há dúvida. Asseguro-lhe, senhor, que há gente capaz de me roubar os fósseis para apresentá-los como descobrimentos próprios sem o menor remorso. Sei que um cavalheiro honrado e de boa criação como você custa a acreditar em semelhante baixeza, mas existe. Assim são as coisas. Devo estar em vigilância constante.

- Compreendo.

- Muito bem: não quero me mostrar indevidamente desconfiada, milord, mas você tem alguma prova de sua identidade?

Gideon ficou atônito. Para quase todo mundo bastava à cicatriz em seu rosto para identificá-lo, sobre tudo ali, em Upper Biddleton.

- Já lhe disse que sou St. Justin.

- Temo que deva lhe pedir alguma prova, senhor. Como falei, devo andar com muito cuidado.

Gideon estudou a situação, indeciso entre rir ou explodir em maldições. Por fim afundou a mão no bolso e tirou uma carta.

- Acredito que você me enviou isto, senhorita Pomeroy. Sem dúvida, o fato de que a tenha em meu poder é prova suficiente de que sou St. Justin.

- Ah, minha carta, sim. – Ela sorriu com alívio - Então a recebeu. E veio imediatamente. Estava certa de que o faria. Todo mundo diz que você não se importa com o que acontece aqui, em Upper Biddleton, mas eu sabia que isso não era verdade. Afinal de contas, você nasceu aqui, não é verdade?

- Sim, eu tenho essa honra. – respondeu Gideon, seco.

- Nesse caso deve ter vínculos muito firmes com esta terra. Suas raízes estão para sempre ligadas a este lugar, embora tenha preferido assentar-se em outro de seus imóveis. É claro que você experimenta um sentido de dever e responsabilidade para com esta região.

- Senhorita Pomeroy...

- Não poderia voltar às costas à aldeia que o viu nascer. É você visconde, herdeiro de um condado. Sabe o que é uma obrigação e...

- Senhorita Pomeroy! – Gideon levantou uma mão para silenciá-la. Surpreendeu-o um pouco ver que a tática dava resultado - Esclareçamos um ponto, senhorita. Não me interessa muito o destino de Upper Biddleton enquanto as terras que minha família possui aqui continuem rendendo seus frutos. Se deixassem de proporcionar os ganhos adequados, asseguro-lhe que as venderia imediatamente.

- Mas quase toda a gente desta zona depende de você, de um modo ou outro. Como é o maior latifundiário da vizinhança, proporciona estabilidade econômica a toda região. E você sabe, sem dúvida.

- Meu interesse por Upper Biddleton é financeiro, não emotivo.

Harriet pareceu um pouco desconcertada por esse pronunciamento, mas imediatamente continuou:

-Milord, está brincando comigo. É lógico que se preocupa com o destino desta aldeia. Acaso não veio em resposta à minha carta? Isso é prova de seu interesse.

- Se vim aqui é pela mais pura curiosidade, senhorita Pomeroy. Sua carta era nada menos que uma ordem real. Eu não estou acostumado que jovencinhas que não conheço me convoquem; muito menos, a aguentar sermões sobre meus deveres e minhas responsabilidades. Admito que fiquei muito curioso em conhecer quem se acreditava com direito a fazê-lo.

- Oh... – A expressão de Harriet se tornou cautelosa. Pela primeira vez, desde a chegada do visitante, parecia entender que essa entrevista não agradava muito a Gideon. Tentou um sorriso - Desculpe-me, milord. Talvez minha carta tenha sido algo categórica?

- Isso é muito pouco a dizer, senhorita.

Ela mordiscou o lábio inferior, estudando-o atentamente.

- Reconheço que tenho uma leve tendência a ser... Digamos, muito direta?

- Autoritária, diria eu. Ou possivelmente prepotente. Até tirânica.

Harriet suspirou.

- Consequência de ter que tomar decisões com frequência, suponho. Papai era um homem maravilhoso, em muitos sentidos, mas preferia ocupar-se dos assuntos religiosos de seu rebanho, antes das questões práticas da vida cotidiana. Tia Effie é um tesouro, mas não a educaram para enfrentar os problemas, se você compreende o que quero dizer. E minha irmã acabou de sair da escola; não tem muita experiência do mundo.

- Portanto, você tomou o comando desta casa e adquiriu o costume de mandar também nos outros assuntos. – concluiu Gideon - É isso o que quer dizer, senhorita Pomeroy?

Ela sorriu obviamente agradecida pela percepção de seu visitante.

- Exatamente. Vejo que compreende. Como pode ver, em qualquer situação alguém deve tomar as decisões e ser responsável pelo comando.

- Como em um navio? – Gideon sufocou um sorriso fugaz ao imaginar Harriet Pomeroy como capitã de um navio de Sua Majestade. O uniforme naval lhe assentaria maravilhosamente. Pelo que tinha observado até agora, estava disposto a apostar uma soma considerável que o traseiro da senhorita Pomeroy ficaria perfeito em um par de calças.

- Sim, como em um navio – confirmou Harriet - Bom, nesta casa, quem deve tomar as decisões sou eu, de maneira geral.

- Compreendo.

- Bem, agora... Duvido que você tenha feito esta viagem, de suas propriedades do norte, só para satisfazer sua curiosidade por uma mulher que lhe escreveu em termos um tanto autoritários. É óbvio que lhe interessam as questões de Upper Biddleton; admita-o, milord.

Gideon encolheu os ombros e voltou a colocar a carta no bolso.

- Não vou discutir esse ponto, senhorita. Já que estou aqui, continuemos com o assunto. Possivelmente você tenha a bondade de me dizer com exatidão qual é essa “*tenebrosa ameaça*” a que faz referência em sua carta e porque é necessário dirigi-la “*com grande discrição*”.

A suave boca de Harriet curvou-se com ironia.

- Oh, céus. Além de utilizar um tom peremptório, expressei-me em termos bastante sinistros, não? Minha carta deve parecer ter sido tirada de alguma novela gótica, da senhora Radcliffe.

- Com efeito, senhorita Pomeroy, assim foi. – Gideon não encontrou motivos para mencionar que havia relido essa carta em várias ocasiões. Havia algo nessa vigorosa solicitude de ajuda e na redação vivaz, embora sendo excessivamente dramática, que despertou nele a curiosidade de conhecer pessoalmente a sua autora.

- Bem, senhor, o fato é que desejava me assegurar de sua plena atenção.

- Garanto-lhe que a conseguiu.

Harriet voltou a inclinar-se para frente, cruzando as mãos, com um ar muito comercial.

- Se tiver que ser muito franca, milord, recentemente descobri que Upper Biddleton é utilizada como quartel general de um perigoso bando de ladrões e encenqueiros.

A irônica diversão de Gideon se dissolveu. Subitamente considerava a possibilidade de estar conversando com uma demente.

- Incomodar-lhe-ia explicar-me essa observação, senhorita?

- As cavernas, milord. Lembra-se dessa vasta extensão de cavernas nos escarpados? Estão dentro de suas terras. – Agitou uma mão impaciente para a porta aberta, assinalando os escarpados que, por baixo da casa paroquial, guarneciam as terras ao longo da costa - Os vilões utilizam uma das cavernas, acima da praia.

- Lembro-me muito bem dessas cavernas. Nunca foram de utilidade alguma para o imóvel. Minha família sempre permitiu que os caçadores de fósseis e de curiosidades as explorassem

à vontade. – Gideon franziu o cenho - Você está me dizendo que alguém as utiliza para atividades ilegais?

- Justamente, milord. Descobri o fato há um par de semanas, enquanto explorava uma passagem nova nas ravinas. – Os olhos de Harriet se iluminaram de entusiasmo - Nesse local tenho feito descobrimentos muito promissores, senhor. Um fêmur precioso, entre outras coisas... – interrompeu-se abruptamente.

- Há algum problema?

- Não, não, é obvio. – Harriet franziu o nariz em uma careta autodepreciativa - Perdoe milord. Perdi-me em divagações. Tendo a fazê-lo quando toco no assunto de meus fósseis. Mas, a você não pode lhe interessar minhas explorações. Pois bem, com respeito às cavernas utilizadas com propósitos criminais...

- Continue, por favor – murmurou Gideon - Isto fica cada vez mais interessante.

- Bem, como dizia: na outra manhã, enquanto explorava um novo corredor...

- Não é um passatempo perigoso, senhorita Pomeroy? Há quem tenha se perdido nessas cavernas por dias inteiros. Alguns morreram ali.

- Asseguro-lhe que sou muito cuidadosa, milord. Uso um lampião e marco o meu caminho. Aprendi com meu pai a explorar corretamente. Pois bem, em uma de minhas últimas expedições, deparei-me com uma caverna estupenda. Grande como uma sala, e cheia de formações promissoras. – Harriet entreabriu os olhos - Mas também estava cheia de algo que parecia espólio de roubos.

- Espólio de roubos?

- Espólio de roubos, coisas roubadas. Você tem que saber a que me refiro senhor.

- Ah, espólio de roubos, sim, é obvio. – A Gideon já não importava que essa mulher fosse demente. Era a fêmea mais intrigante que encontrou em séculos - Que tipo de roubo, senhorita Pomeroy?

Ela franziu o cenho, pensativa.

- Vejamos... Havia uma baixela de prata excelente. Candelabros de ouro muito finos. Algumas joias... Tudo parecia de primeira qualidade, milord. Suspeitei imediatamente que não provinham dos arredores de Upper Biddleton.

- O que a levou a pensar isso?

- No distrito temos uma ou duas casas que se gabam de possuir peças tão excelentes como essas, sem dúvida, mas se alguma delas tivesse sido roubada todos teriam sabido. E não se avisou de nenhuma falta.

- Compreendo.

- Suspeito, que tragam essas peças durante a noite, de outros lugares e as depositam nas cavernas, até que os proprietários tenham desistido de localizá-las. Certa vez, me disseram que os detetives de Bow Street capturam com frequência ladrões quando tentam vender a mercadoria.

- Você está muito bem informada.

- Bom, sim, é óbvio que alguns vilões muito sagazes tiveram a ideia de acumular a mercadoria roubada em minhas cavernas até que se aplaque o furor e o interesse. Em seguida, devem retirar os artigos para vendê-los em Bath ou em Londres, nos diversos joalheiros ou casas de penhor.

- Senhorita Pomeroy... – Gideon começava a perguntar-se se não ocorreria realmente algo perigoso nas cavernas do escarpado - Posso lhe perguntar por que não denunciou este assunto ao meu administrador e ao magistrado local?

- Nosso magistrado já é muito velho, senhor, e não poderia acolher esta situação. E, se posso ser franca, não tenho muita confiança no senhor Crane, seu novo administrador. – Harriet contraiu os lábios - Custa-me dizer isto, milord, mas a mim, parece possível que ele esteja a par das atividades do bando e faça vista grossa.

Gideon entreabriu os olhos.

- Essa é uma acusação muito séria, senhorita.

- Sim, sei. É que não posso confiar nesse homem. Não consigo entender porque você o contratou.

- Foi o primeiro que solicitou o posto quando ficou vago. – respondeu Gideon, descartando o assunto – E, suas referências eram excelentes.

-Seja como for, eu não gosto desse homem. Agora, voltando aos fatos: pelo menos em duas ocasiões vi uns homens que entravam nessas cavernas em noite avançada. Ao entrar levavam pacotes, mas quando retornaram à praia o fizeram com as mãos vazias.

- Tarde da noite?

- Passava da meia-noite, para ser exata. Só com maré baixa, naturalmente. Com a maré alta as cavernas se tornam inacessíveis.

Gideon analisou a novidade e ficou profundamente perturbado. A ideia de que a senhorita Pomeroy ficasse desprotegida no meio da noite lhe parecia muito desagradável. Sobre tudo se suas conclusões com respeito às cavernas fossem corretas. Pelo visto, a essa jovem, faltava supervisão.

- Em nome do céu, o que você fazia na praia no meio da noite, senhorita?

- Vigiando, é obvio. Da janela de meu dormitório se vê uma parte da praia. Quando descobri a mercadoria roubada em minhas cavernas, comecei a vigiar regularmente. Uma noite, ao ver luzes na praia, suspeitei de algo e desci para olhar de perto.

Gideon não podia acreditar.

- Você abandonou a segurança de sua casa, em plena noite, para seguir homens que bem poderiam ser ladrões?

Cravou-lhe um olhar impaciente.

- De que outro modo poderia me inteirar com exatidão do que ocorria?

- Sua tia está consciente dessa sua estranha conduta? – perguntou Gideon, sem rodeios.

- Não, é obvio. Se ficar sabendo de que há vilões nas proximidades não faria outra coisa a não ser preocupar-se. Tia Effie tende a inquietar-se muito com esse tipo de coisas.

- Não é a única. Compreendo perfeitamente o seu modo de pensar, neste assunto.

Harriet não fez caso dessa observação.

- De qualquer modo, já tem muito no que pensar. Prometi procurar uma forma de minha irmã Felicity fazer sua apresentação à sociedade, você sabe? E, tia Effie está dedicada a esse projeto.

Gideon arqueou as sobrancelhas.

- Você vai financiar a apresentação de sua irmã à sociedade, sem ajuda de ninguém?

Harriet deixou escapar um pequeno suspiro.

- É óbvio que não posso fazê-lo sem ajuda. A pequena pensão que meu pai nos deixou não dá para tanto. De vez em quando a amplio vendendo alguns fósseis, mas me seria impossível apresentar Felicity à sociedade com o que obtenho por esse método. Entretanto, tenho um plano.

- Não sei por que, mas não me surpreende.

Ela sorriu com entusiasmo.

- Tenho a esperança de persuadir tia Adelaide a nos ajudar, agora que o avaro de seu marido deixou este mundo. Ele acumulou uma fortuna e, contrariamente ao que pensava, não pôde levá-la consigo. Logo, tia Adelaide terá tudo em suas mãos.

- Compreendo. E você tem a esperança de que ela financie a apresentação de sua irmã?

Harriet sorriu entre dentes, obviamente satisfeita com seus planos.

- Se pudermos levar Felicity à Londres, tenho a certeza de que poderemos casá-la bem. Minha irmã não se parece comigo em nada. Na realidade, é de uma beleza deslumbrante. Os homens cairão em bandos a seus pés. Mas, para que isso aconteça, devo levá-la à Londres. O mercado matrimonial, sabe você?

- Sei.

- Sim, claro. – A expressão de Harriet se tornou ardilosa - Devemos exhibir Felicity diante do “*beau monde*”, como se fosse uma fruta madura e esperar que algum gentil cavalheiro a arranque da árvore.

Gideon apertou os dentes; recordava muito bem sua própria experiência nas temporadas de Londres, vários anos antes.

- Conheço bem como funciona o sistema, senhorita Pomeroy.

- Sim, imagino milord. Bem, voltemos para a limpeza de minhas cavernas.

- Diga-me, senhorita: falou você de seus descobrimentos com alguma outra pessoa?

- Não. Quando me dei conta de que não podia confiar no senhor Crane, tive medo de mencionar minhas observações a alguém. Preocupava-me a possibilidade de depositar minha confiança em alguém que, com toda inocência, se sentisse obrigado a recorrer diretamente ao Crane. Se isso acontecesse, a evidência poderia desaparecer. Além disso, se tiver que ser franca, não quero que ninguém entre nessa caverna.

- Hum... – Gideon a estudou em silêncio por um longo instante, enquanto analisava o que acabava de escutar. Não se podia negar que Harriet Pomeroy falava a sério. Já não era possível descartá-la como demente ou tomá-la por uma divertida excêntrica - Você está convencida de que nessa caverna há mercadoria roubada, verdade?

- Completamente convencida. – Ela levantou o queixo - Para mim é muito importante, senhor, que você desaloje dali esses vilões, imediatamente. Devo insistir em que atenda o assunto o quanto antes. Essa é sua responsabilidade.

Gideon deu a sua voz um tom muito suave. Quem o conhecia bem estava acostumado a correr em busca de refúgio cada vez que ele utilizava esse tom.

- Insiste, senhorita Pomeroy?

- Temo que sim. – Harriet parecia ignorar por completo a suave ameaça dessas palavras - Esses vilões me atrapalham o caminho, compreende?

Gideon acreditou estar perdendo novamente o fio da conversa.

- O que lhe atrapalha o caminho? Não entendo.

Ela o olhou com impaciência.

- Me impedem de explorar, senhor. Estou muito desejosa de revisar essa caverna em busca de fósseis, mas não me atrevo a fazê-lo enquanto esses ladrões não tenham sido eliminados.

Existe a possibilidade de que, se eu começar a trabalhar ali com meu martelo e meu cinzel, os delinquentes notem que alguém esteve na caverna.

Meu Deus... Gideon esqueceu o aborrecimento que lhe provocava essa insistência em lhe dar ordens. A impetuosidade da mulher era muito mais grave.

- Se a metade do que você me diz é correta, senhorita, não pense sequer em aproximar-se dessa caverna.

- Oh, durante o dia não há nenhum perigo. Os ladrões só frequentam o lugar à noite. Agora bem, com respeito aos nossos planos para capturar esse bando, tenho uma ideia que possivelmente o interesse. Provavelmente você terá algumas ideias próprias. Será melhor que trabalhemos juntos.

- Parece-me que você não ouviu senhorita Pomeroy. – Gideon se levantou para dar um passo adiante, inclinado sobre a mesa. Apoiou as duas mãos na superfície de mogno e se inclinou para ela, certo de que sua atitude a intimidaria. Harriet se viu obrigada a olhar diretamente seu rosto, grosseiramente distorcido. Abriu os olhos, surpresa por essa inesperada tática, mas não mostrou nenhum alarme.

- Ouvi milord. – E começou a retroceder.

Gideon deteve essa pequena manobra, lhe segurando o queixo. Com um arrebatamento de súbito prazer, notou que sua pele era incrivelmente suave e muito delicada. Os finos ossos dessa mandíbula pareciam frágeis dentro de sua mão enorme.

- Me permita ser muito sincero. – grunhiu, sem incomodar-se em dissimular suas intenções atrás da fachada da cortesia. Harriet Pomeroy era capaz de dispensar em um minuto qualquer fachada - Você não voltará a aproximar-se desses escarpados enquanto eu não tenha tido tempo de estudar todo este assunto em detalhes e tenha decidido um curso de ação. Está claro senhorita?

Harriet abriu os lábios para protestar, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, foi interrompida por um terrível alarido vindo da porta. A moça deu um salto e olhou para lá. Gideon seguiu a direção de seu olhar.

- Senhora Stone. – disse Harriet, como se estivesse muito chateada.

- Deus do céu, é ele! A Besta de Blackthorne Hall! – a mulher levou uma mão trêmula ao pescoço. Olhava Gideon com espanto e repugnância - Quer dizer que voltou porco lascivo e assassino. Como se atreve a pôr as mãos em outra jovem pura? Fuja senhorita Harriet! Fuja e salve-se!

Gideon sentiu que o estômago se revirava de fúria. Soltou Harriet e deu um passo decidido para a mulher.

- Silêncio, velha estúpida.

- Não, não me toque – chiou a senhora Stone - Não se aproxime monstro. Oooh! –Revirou os olhos e caiu no chão, completamente sem sentido.

Gideon olhou com desgosto a mulher caída. Logo voltou a cabeça, para ver como Harriet reagiria a tudo isso. De sua cadeira, a jovem olhava incomoda a forma inerte de sua governanta.

- Céus!– disse.

- Veja porque não frequento muito as vizinhanças de Upper Biddleton, senhorita Pomeroy – comentou tristemente Gideon - Nestas paragens, não me têm muita estima. Mais ainda: há uma ou duas pessoas, como à senhora Stone, aqui presente, que prefeririam ver-me morto.

Capítulo 2

- Meu Deus, esta mulher é um problema constante! – Harriet se levantou para ajoelhar-se precipitadamente, junto à governanta - Geralmente, seu frasco de sais fica por aqui... Ah, aqui está.

De um volumoso bolso que a senhora Stone tinha em seu vestido cinza, Harriet tirou um frasco diminuto e, depois de dar um olhar a Gideon, o aproximou do nariz.

- Seria melhor que você não estivesse junto dela quando recuperar os sentidos. Parece ter sido você quem provocou seu desmaio, desta vez.

Gideon olhou carrancudo à mulher.

- Você está certa, sem dúvida nenhuma. Retiro-me, senhorita Pomeroy. Mas antes de fazê-lo, vou repetir o que estava lhe dizendo quando nos interromperam. Não se aproxime das cavernas do escarpado enquanto eu não tenha resolvido este assunto dos bandidos. Está claro?

- Muito claro – disse Harriet, impaciente - mas está muito longe de ser uma ordem prática. Devo acompanhá-lo para mostrar a caverna que estão utilizando para acumular o espólio dos roubos. Do contrário, será muito difícil que você a descubra por conta própria. Na verdade, poderia vagar anos procurando-a. Eu mesma a descobri muito recentemente.

- Senhorita...

Ela viu o brilho decidido daqueles olhos selvagens e tentou seu sorriso mais coquete, em um esforço para impor-se. Afinal, estava habituada a comandar seu pai. Então lembrou que estava há muito tempo sem um homem em casa. Os homens estavam acostumados a serem criaturas muito teimosas. E esse, decididamente, parecia mais inclinado para essa tendência que qualquer outro.

- Seja razoável, senhor. – disse Harriet, em tom deliberadamente tranquilizador - Durante o dia não há perigo nenhum nessa praia. Os ladrões vão e vêm só durante a noite, uma ou duas

vezes ao mês. De acordo com as marés, claro. Eu não correria nenhum perigo em mostrar-lhe amanhã a caverna.

- Pode desenhar um mapa – replicou Gideon, com frieza.

Harriet começava a irritar-se. Será que esse homem acreditava que ela ia entregar-lhe algo tão importante? Estavam em jogo seus preciosos fósseis!

- Temo que, embora saiba desenhar muito bem, não tenho o menor sentido de orientação – disse loquaz - Mas, eis aqui meu plano. Amanhã darei meu habitual passeio matutino pela praia. Você pode ir caminhar a mesma hora, não é?

- Isso não vem ao caso.

- Nos encontraremos de uma maneira tão casual que, se alguém nos vir, parecerá um acidente. Mostrar-lhe-ei a passagem dos escarpados que conduz à caverna utilizada pelos ladrões. E logo, poderemos discutir o melhor modo de apanhá-los. E agora, se você me desculpar, devo atender à senhora Stone.

- Condenada mulher! – as sobrancelhas negras de Gideon se uniram em um cenho feroz - Por mais habituada que esteja em dar ordens, será melhor para você deixar que eu cuide disso.

Nesse momento a senhora Stone gemeu.

- Oh, Oh, céus, como me sinto mal. – Seus cílios piscaram.

Harriet lhe aproximou os saís do nariz e despachou o visconde.

- Por favor, saia, milord. – disse olhando-o de soslaio - Desculpe insistir. Mas, senhora Stone ficará histérica se o vir aqui quando abrir os olhos. Vou esperá-lo amanhã na praia, por volta das dez. Não há outro modo que você possa descobrir a caverna em questão. Creia-me.

Gideon hesitou claramente irritado por ter que admitir o óbvio. Entreabriu as pálpebras, ocultando pela metade seus olhos leoninos.

- Muito bem. Na praia, às dez da manhã. Mas esse será o fim de sua participação neste assunto, senhorita Pomeroy. Falei claro?

- Certamente, milord.

O olhar de soslaio continha uma profunda desconfiança. O sorriso tranquilizador de Harriet não parecia tê-lo convencido por completo. O homem passou a seu lado e saiu pelo vestíbulo.

- Bom dia, senhorita Pomeroy. – E enfiou o chapéu na cabeça.

- Bom dia, milord – saudou Harriet – E, obrigado por vir tão rápido em resposta a minha carta. Agradeço-lhe francamente sua ajuda neste assunto. Acredito que você resolverá tudo perfeitamente.

- Alegra-me saber que sou um candidato adequado para o posto que você desejava preencher. – grunhiu ele – Logo veremos se continuará tão grata, quando eu quiser cobrar pela missão cumprida.

Harriet fez uma careta de dor diante do gélido sarcasmo. Viu-o cruzar o vão da porta e sair ao sol de março, sem olhar para trás.

A jovem olhou o gigantesco potro baio que esperava do lado de fora, paciente. Era um animal realmente enorme, como seu amo: grandes patas, músculos poderosos e uma obstinada curva no focinho. Não havia nele nenhuma refinação nem elegância. Parecia muito grande e decidido em levar a combate um cavaleiro do passado, com sua armadura completa.

O visconde se afastou para os escarpados. Por um longo instante, Harriet permaneceu imóvel, de joelhos junto à governanta. Uma vez mais, o vestíbulo da pequena casa parecia cômodo e amplo. Por um momento, enquanto St. Justin esteve ali, havia lhe dado a sensação de estar lotado.

Harriet se deu conta de que as feições selvagens e deformadas de St Justin estavam gravadas a fogo em seu cérebro. Nunca tinha conhecido um homem como ele. Era incrivelmente grande, como seu cavalo: alto e de constituição sólida, ombros e músculos largos e fortes. As mãos eram tão grandes como os pés. Ela se perguntou se os fabricantes lhe cobriam extra pela quantidade de material que requereria cada par de luvas ou de botas. Aparentava uns trinta e cinco anos. Tudo nele era duro, forte e potencialmente feroz.

Seu rosto a fazia pensar no magnífico leão que, três anos antes, tinha visto no zoológico doméstico do senhor Petersham. Até seus olhos se pareciam com os da besta selvagem. Eram olhos extraordinários, quase dourados, cheios de uma serena inteligência. Seus cabelos negros, suas largas maçãs do rosto, o nariz audaz e a mandíbula autoritária aumentavam a impressão leonina. A cicatriz só aumentava a impressão de que estava diante um predador poderoso, ao qual a violência não era estranha.

Harriet se perguntou onde e como St. Justin teria conseguido essa cicatriz de aspecto terrível que lhe cruzava a mandíbula. Parecia antiga. Provavelmente tinha recebido essa horrível ferida, vários anos antes. E tinha sorte por não ter perdido o olho.

A senhora Stone voltou a mover-se e a gemer. Harriet se obrigou a prestar atenção a esse problema mais imediato, e agitou o frasco sob seu nariz.

-Está me escutando, senhora Stone?

- O que? Sim, sim. – A mulher abriu os olhos e a olhou. Logo franziu penosamente o cenho – Que coisa...? Oh, bom Deus, me lembrei. Ele esteve aqui, não? Não foi um pesadelo. A Besta esteve aqui. Em carne e osso.

-Fique calma, senhora Stone. Ele já se foi.

Os olhos da mulher se arregalaram com renovado alarme e agarrou a jovem pelo braço, fechando os dedos ossudos como uma morsa ao redor de seu pulso.

-Você está bem, senhorita Harriet? Ele a tocou, esse sujo cão do inferno? Eu o vi diante de você como uma grande serpente monstruosa.

Harriet reprimiu sua irritação.

- Não há nenhum motivo para preocupar-se, senhora Stone. Não fez mais do que pôr a mão sob o meu queixo, por um breve instante.

- Deus nos proteja. – A senhora Stone piscou e voltou a fechar os olhos.

Nesse momento se ouviu um som de passos na soleira e, um momento depois, abriu-se a porta tão firmemente fechada pelo visconde, deixando ver Euphemia Pomeroy e Felicity, a encantadora irmã de Harriet.

Toda a vizinhança de Upper Biddleton reconhecia Felicity como uma beleza espetacular, e com bons motivos. Além de ser extraordinariamente bela, tinha uma elegância natural, que reluzia mesmo nas reduzidas circunstâncias financeiras que as irmãs Pomeroy viam-se obrigadas a suportar. Nesse dia, estava encantadora com seu vestido de passeio, de listras brancas e verde intenso. Um casaco verde escuro e uma touca emplumada da mesma cor completavam seu traje. Tinha olhos verdes claros e cabelo loiro dourado, ambos herdados da mãe. O corte de seu vestido sublinhava também outro legado de sua progenitora: um busto de gloriosa abundância.

Euphemia Pomeroy Ashecombe entrou primeiro, tirando as luvas. Tinha ficado viúva pouco antes da morte de seu irmão, o reverendo Pomeroy, e pouco depois, aterrissou na soleira de suas sobrinhas. Aproximava-se dos cinquenta anos e em outros tempos tinha sido uma grande beleza. Harriet achava sua tia ainda muito atraente. Tia Effie tirou a touca, deixando descoberta a prata de seu cabelo, antes escuro. Seus olhos tinham o característico azul turquesa dos Pomeroy, como os de Harriet.

Effie olhou a governanta com alarme.

- Oh, meu Deus, de novo?

Felicity entrou no vestíbulo seguindo sua tia e, depois de fechar a porta, deu um olhar à senhora Stone.

- Deus do céu, outro desmaio. Qual é o motivo, desta vez? Confio que tenha sido por um motivo mais interessante que da vez passada. Se não me engano, nessa ocasião, o que a derrubou foi a simples notícia de que a filha mais velha de lady Barker se casou com um rico comerciante.

- Bom, é que o homem era um negociante, afinal de contas – lhe recordou tia Effie - Como bem sabe a senhora Stone sabe apreciar a importância de manter a devida posição na vida. Annabelle Barker descendia de uma família muito boa. A senhora Stone tinha razão ao pensar que essa menina poderia ter conseguido algo muito melhor que um mercador.

- Se quiser minha opinião, Annabelle fez muito bem – declarou Felicity, com seu típico pragmatismo - O marido a adora e lhe concedeu uma mesada ilimitada. Vivem em uma linda mansão, têm duas carruagens e não sei quantos serventes. Annabelle assegurou uma boa vida.

Harriet, com um grande sorriso, aproximou novamente os saís do nariz da senhora Stone.

- E, além disso, dizem que também está loucamente apaixonada por seu rico mercador. Estou de acordo contigo Felicity. Não foi nada mal. Mas não acredito que tia Effie e a senhora Stone apreciem as coisas do nosso ponto de vista.

- Dessa aliança não sairá nada bom – predisse tia Effie - Nunca se obtém nada, permitindo que as juvenzinhas sigam os conselhos de seus corações. Sobre tudo se esses ditados as fazem decair na escala social.

-Sempre nos diz isso, tia Effie. – Felicity observou a governanta- Bom, e o que lhe ocorreu desta vez?

Antes que Harriet pudesse responder, a desmaiada levantou-se com um esforço doloroso, piscando.

- A Besta de Blackthorne Hall, voltou – cantalorou.

- Meu Deus – exclamou Effie, assombrada - Do que fala esta mulher?

- O demônio voltou para a cena do crime. – continuou à senhora Stone.

- Pode-se saber quem é a Besta de Blackthorne Hall? – inquiriu Felicity.

- St. Justin. – gemeu a governanta - Como pôde atrever-se? Como teve coragem de voltar aqui? E, como se atreveu a ameaçar à senhorita Harriet?

Felicity deu um olhar a sua irmã, com os olhos dilatados pelo interesse.

- Valha-me Deus, o visconde St. Justin esteve aqui?

-De fato. – admitiu Harriet.

A tia ficou boquiaberta.

- O visconde esteve aqui? Nesta mesma casa?

- Correto. – confirmou Harriet - E agora, tia Effie, se você e Felicity tiverem a bondade de dominarem seu espanto, possivelmente possamos colocar a senhora Stone, de pé.

- Não posso acreditar Harriet. – exclamou tia Effie, com voz horrorizada - O latifundiário mais importante do distrito, um verdadeiro visconde que vai herdar um condado, vem nos visitar e você o recebe vestida assim? Com esse avental velho e sujo e esse vestido espantoso, que deveria ter tingido novamente, há meses?

- Estava passando por acaso. – explicou Harriet, tentando um tom complacente.

- O quê, passava por acaso? – Felicity estalou em uma gargalhada. - Não me diga Harriet! Os viscondes e outros aristocratas nunca “passam por acaso” por nossa casa.

- Por que não? – quis saber Harriet - Blackthorne Hall é seu lar e não está longe daqui.

- O visconde St. Justin nunca se incomodou em vir a Upper Biddleton, muito menos em passar por nossa casa, nos cinco anos em que estamos vivendo aqui. Na verdade, papai disse que só tinha conhecido o seu pai, o conde, em pessoa. E só o viu uma vez, em Londres, quando o senhor Hardcastle o designou pároco deste condado.

-Acredite-me, Felicity: St. Justin esteve aqui e foi uma simples visita social – assegurou Harriet, com firmeza - Parece-me completamente natural que visite as propriedades que sua família tem neste distrito.

- Na aldeia se diz que St. Justin nunca vem a Upper Biddleton. Dizem que odeia este lugar. – Tia Effie se abanou com a mão - Bom Deus, eu mesma me sinto a ponto de perder os sentidos. Um visconde nesta casa! Imaginem!

- Em seu lugar, senhora Ashecombe, não me alegraria tanto – a senhora Stone lançou a Effie um lúgubre olhar de mulher a mulher - Pôs as mãos na senhorita Harriet. Eu o vi. Dou graças a Deus por ter entrado no gabinete bem a tempo.

- Bem a tempo de quê? – O interesse de Felicity, era óbvio.

- Não é assunto seu senhorita Felicity. Você é muito nova para saber dessas coisas. Mas, agradeça que desta vez eu não tenha chegado muito tarde.

- Muito tarde para quê? – insistiu Felicity.

Harriet suspirou.

Tia Effie a olhou franzindo as sobrancelhas.

- O que aconteceu querida? Ficamos sem chá ou algo assim espantoso?

- Não, tia. Não ficamos sem chá, embora, nem tenha me lembrado de oferecer-lhe uma xícara. – admitiu Harriet.

- Não lhe ofereceu chá? Um visconde nos visita e não lhe ocorre oferecer um refresco? – A expressão de tia Effie era de autêntico horror - O que vou fazer contigo, Harriet? Não tem um pouquinho de traquejo social?

- Quero saber o que aconteceu. – interrompeu Felicity, imediatamente - O que é isso de que o homem colocou a mão em cima de você, Harriet?

- Não aconteceu nada e tampouco iria acontecer. –devolveu Harriet - O homem não pôs a mão em cima de mim. – Recordou tardiamente o enorme punho do visconde, sustentando seu queixo, e seu carrancudo olhar de advertência - Bom, possivelmente o tenha feito, mas só por um instante. Nada que valha a pena mencionar.

- Harriet! – Felicity já estava sobre brasas – Nos conte tudo!

Mas, foi à senhora Stone quem respondeu.

- Atrevido como o diabo, o homem. – Retorcia nas dobras do avental as mãos gastas pelo trabalho, fazendo resplandecer em seus olhos uma indignação justiceira - Acredita que pode sempre se sair bem. Essa Besta não tem vergonha. – E soluçou.

Harriet a olhou franzindo as sobrancelhas.

- Por favor, senhora Stone, não comece a chorar.

- Desculpe senhorita Harriet. – A mulher emitiu outro pequeno soluço e limpou os olhos com a ponta do avental - É que vê-lo outra vez, depois de tantos anos, trouxe-me tantas lembranças espantosas...

- Que lembranças? – perguntou Felicity, com ávida curiosidade.

- Lembranças da minha pequena e formosa senhorita Deirdre. –A governanta tocou os olhos.

- Quem era essa Deirdre? – interpelou tia Effie - Sua filha?

A senhora Stone engoliu as lágrimas.

- Não, não era meu sangue. Era muito fina para ser parente de alguém como eu. Era a filha única do reverendo Rushton. Eu cuidava dela.

- Rushton. – Tia Effie refletiu por um instante - Ah, sim, o pároco anterior, que foi substituído por meu querido irmão.

A senhora Stone assentiu. Sua boca fina tremia.

- Quando morreu a boa senhora, o reverendo ficou só com a senhorita Deirdre. Ela trouxe para esta casa a alegria e o sol. Até que a Besta a destruiu.

- A Besta? – Felicity pôs a mesma expressão de quando lia suas novelas favoritas, os góticos de terror - Refere-se você ao visconde St. Justin? Ele destruiu Deirdre Rushton? Como?

- Esse monstro libidinoso! – murmurou a governanta, enxugando os olhos outra vez.

-Salve-nos! – Tia Effie parecia atônita - O visconde arruinou essa menina? Por favor, senhora Stone, não se pode acreditar em uma coisa dessas. É um cavalheiro, afinal de contas. Herdeiro de um conde. E, ela era filha de um pároco.

- Ele não é um cavalheiro. – afirmou à senhora Stone.

Harriet perdeu a paciência e virou-se para a irritante mulher.

- Acredito que já dramatizou bastante por hoje, senhora Stone. Pode voltar para a cozinha.

Os olhos aquosos se encheram de angústia.

- É verdade, senhorita Harriet. Esse homem matou a minha pequena senhorita Deirdre, como se ele mesmo houvesse apertado o gatilho da pistola.

- Que pistola? – Harriet a olhava fixamente.

Houve no vestíbulo um momento de assombroso silêncio. Effie estava muda. Até Felicity parecia incapaz de formular outra pergunta. Harriet sentia a boca seca.

- Senhora Stone, – disse por fim, com muita cautela - você afirma que o visconde St. Justin matou uma das pessoas que habitava esta casa? Porque nesse caso, temo que não possa conservá-la neste posto se for continuar dizendo coisas tão horríveis.

- Mas é verdade, senhorita Harriet, juro por minha vida. Oh, todos disseram que era suicídio, que Deus a tenha em sua Glória, mas eu sei que ele a obrigou. A Besta de Blackthorne Hall é tão culpado como o demônio e, nesta aldeia, todos sabem.

- Valha-me Deus! – sussurrou Felicity.

- Deve haver algum engano. – murmurou tia Effie.

Mas Harriet, que olhava a governanta nos olhos, compreendeu imediatamente, que dizia a verdade, ao menos da forma como ela a conhecia. De repente se sentiu aborrecida.

- Como foi que St. Justin obrigou Deirdre Rushton a suicidar-se?

- Estavam comprometidos para casar-se. – explicou à senhora Stone, em voz baixa - Isso foi antes que ele herdasse o título. Randal ainda estava vivo, o irmão mais velho de Gideon Westbrook, compreendem? O herdeiro do velho conde era Randal, é obvio. Que fino cavalheiro, esse! Um nobre herdeiro para o conde de Hardcastle, homem digno de seguir os passos de sua senhoria.

- Diferente da Besta? – adivinhou Felicity.

A governanta a olhou de modo estranho e reduziu sua voz a um sussurro.

- Até se disse que Gideon Westbrook tinha matado o seu próprio irmão para conseguir o título e os imóveis.

- Isto é fascinante. – murmurou Felicity.

- Incrível. – Tia Effie parecia aturdida.

- Se, lhes interessar minha opinião, tudo isto é pura tolice. – anunciou Harriet. Mas sentia um frio na boca do estômago. A senhora Stone estava muito convencida do que dizia. Embora tivesse uma pronunciada inclinação pelo melodrama, Harriet a conhecia bem e sabia que era muito honrada.

- É a mais pura verdade. – assegurou a mulher, carrancuda - Asseguro-lhes, isso.

- Continue senhora Stone. Conte-nos como foi que a Besta... Digo, o visconde... Obrigou a jovem a suicidar-se. – insistiu Felicity.

Harriet renunciou a qualquer tentativa de cortar o relato. Endireitando as costas, pensou que era sempre preferível conhecer os fatos.

- Sim, senhora Stone. Já que começou a falar, será melhor que nos diga o resto. O que aconteceu com Deirdre Rushton?

A governanta apertou os punhos.

- Ele a tomou pela força. Perverteu-a, como a Besta que é. E lhe fez um filho. Usou-a para seus fins lascivos. Mas, em vez de fazer o correto, em vez de casar-se com ela, repudiou-a. Não é nenhum segredo. Podem perguntar a qualquer vizinho.

Tia Effie e Felicity guardavam silêncio, com estupefata incredulidade.

- Oh, meu Deus. – Harriet se sentou abruptamente em um pequeno banco acolchoado. Percebeu que tinha as mãos entrecruzadas com tanta força que doíam os dedos. Obrigou-se a aspirar fundo para se tranquilizar - Está bem certa disso, senhora Stone? Realmente, não parece ser desse jeito. Mais ainda... Pareceu-me bem simpático.

- O que pode saber você do tipo de homem capaz de fazer semelhante coisa? – perguntou tia Effie, com irrefutável lógica - Nunca teve oportunidade de conhecer alguém assim. Nem sequer foi apresentada à sociedade, porque meu irmão, que descansa em paz, não nos deixou dinheiro suficiente para fazê-lo. Possivelmente, se tivesse ido à cidade, se tivesse visto um pouco do grande mundo, agora saberia que não é sempre que se pode distinguir “*esse tipo de homem*” a primeira vista.

- Tem razão, tia Effie. – Harriet se viu obrigada a admitir que sua tia estivesse certa. Na realidade, não tinha nenhum conhecimento prático do tipo de homem capaz de perverter uma jovem inocente para logo abandoná-la. - Ouve-se falar dessas coisas, é claro, mas não é o mesmo que ter uma experiência direta, certo?

- Que Deus a livre das experiências diretas. – assinalou Felicity. E se voltou para a governanta. - Por favor, continue com a história.

- Sim – disse Harriet, em voz baixa - Será melhor que nos conte tudo, senhora Stone.

A mulher levantou o queixo, olhando às senhoritas com olhos lacrimejantes.

- Como estava dizendo, Gideon Westbrook era o filho mais novo do conde Hardcastle.

- Portanto, ainda não era visconde. – murmurou Felicity.

- Não, é claro. – tia Effie assumiu seu habitual ar de autoridade nesses temas - Lógico que não tinha nenhum título, já que era o mais novo. O visconde teria sido o irmão mais velho.

- Sei tia Effie. E você, continue senhora Stone.

- A Besta quis a minha doce senhorita Deirdre assim que a viu, quando ela fez sua apresentação em Londres. O reverendo Rushton lançou mão de tudo que tinha para que ela tivesse sua temporada em sociedade. E a Besta foi o primeiro a pedir sua mão.

- E Rushton decidiu não desperdiçar a oportunidade? – perguntou Harriet.

A senhora Stone a fulminou com o olhar.

- O reverendo disse à senhorita Deirdre que devia aceitar a proposta. A Besta não tinha título, mas sim, dinheiro e bons vínculos familiares. Disse que era uma aliança excelente.

-Desse ponto de vista, tinha razão – murmurou Effie.

- Em outras palavras, devia casar-se por dinheiro e pela oportunidade de vincular-se com uma família poderosa. – deduziu Harriet.

- Minha senhorita Deirdre sempre foi uma boa filha e obediente – lamentou-se a Senhora Stone. - Aceitou as indicações de seu papai, embora Westbrook fosse apenas o filho mais novo e feio como o demônio. Ela teria sido capaz de conseguir algo melhor. E o pior, seu pai tinha medo de esperar. Não poderia mantê-la em Londres por muito mais tempo.

Harriet levantou a vista, irritada.

- Para mim, não pareceu feio de maneira nenhuma.

A senhora Stone fez uma careta.

- Uma besta grande e monstruosa. E com essa espantosa cicatriz, parece que acabou de sair do inferno! Sempre foi assim, mesmo antes que lhe arruinassem a cara. Minha pobre menina estremeceu ao vê-lo, mas cumpriu com seu dever.

- E, com acréscimo, ao que parece. – murmurou Harriet.

Tia Effie meneou melancolicamente a cabeça.

- Ah, essas mocinhas tolas que insistem em obedecer ao coração e não à cabeça! Que loucura! Quando aprenderão que devem conservar o bom tino e a virgindade até estarem bem casadas se não quiserem acabar na ruína?

- Minha Deirdre era uma boa menina, sim – disse a senhora Stone, com lealdade - Digo-lhes que ele a perverteu. Era um cordeirinho inocente que nada sabia da carne e ele se aproveitou dela. Por outro lado, estavam comprometidos. Mais tarde, quando descobriu... O bebê, confiou em que ele faria o correto.

- Sem dúvida, acreditava que um autêntico cavalheiro jamais romperia um compromisso. – murmurou Harriet.

- Bom, um autêntico cavalheiro não o teria feito. – apontou tia Effie, azeda - O certo, é que nunca se está segura de que os homens tenham um sentido de honra neste tipo de situações. Por isso, não deveria ter permitido que a compromettesse, para começar. Quando levamos Felicity à Londres, seria ótimo lembrar esta história espantosa.

- Sim, tia Effie.

Felicity olhou sua irmã e revirou os olhos. Harriet dissimulou um sorriso melancólico. Não era a primeira vez que ambas suportavam o sermão de sua bem-intencionada tia.

Effie se considerava uma juíza inapelável da boa conduta social de sua família, guia e guardiã em tais assuntos, embora Harriet estivesse acostumada a lembrar-lhe que ali, em Upper Biddleton, não havia nada obscuro contra o qual as devesse guardar.

- Como eu dizia, St. Justin não é um cavalheiro. É uma besta cruel, libidinosa e sem coração. – A senhora Stone limpou os olhos com o dorso da mão ossuda - O filho mais velho do conde morreu pouco depois que a senhorita Deirdre descobriu sua gravidez. Estava andando a cavalo pelos escarpados, não longe daqui e dizem que o cavalo o arremessou longe. Caiu no vazio e afundou no mar. Quebrou o pescoço. Foi um acidente, conforme disseram. Porém, dias depois, houve quem duvidasse ao ver o modo que o novo visconde tratou à senhorita Deirdre.

- Que horror! – Felicity ainda tinha os olhos dilatados.

- Assim que Gideon Westbrook soube que ia receber o título, rompeu o compromisso com a senhorita Deirdre.

- Não! Verdade? – exclamou Felicity.

A governanta assentiu pesarosa.

- Abandonou-a sem mais, nem menos, mesmo sabendo que ela ia ter um filho dele. Disse que, sendo visconde e com perspectivas de chegar a ser o conde de Hardcastle, podia procurar algo melhor que a filha de um pobre pároco de aldeia.

- Deus bendito! – Harriet recordou a perspicácia daqueles olhos leoninos. Agora que pensava melhor, era preciso admitir que não parecia ser dos que se deixam levar pelas emoções mais suaves, muito menos tendo outros objetivos em vista. Havia nele algo de inflexível. Estremeceu ao pensar nisso. – Você disse que ele sabia do estado de Deirdre?

- Sim, sabia! Maldita seja sua alma. – A senhora Stone abria e fechava as mãos. - Eu estava com ela quando soube que iria ter um bebê. Chorou em meus braços durante toda a noite e, pela manhã foi vê-lo. E, quando voltou da mansão, pela expressão de seu rosto, compreendi que ele a tinha repudiado. – As lágrimas transbordaram e correram pelas gordas bochechas.

- O que aconteceu depois? – perguntou Felicity, com a voz aturdida.

- A senhorita Deirdre foi ao gabinete, tirou a pistola que seu pai tinha na parede e disparou em si mesma. Foi o pobre reverendo Rushton quem a encontrou ali.

- Pobre menina desgraçada! – sussurrou tia Effie - Se tivesse sido mais prudente... Se tivesse cuidado de sua reputação, em vez de confiar em um cavalheiro... Vai se lembrar deste caso quando chegar a Londres, não é verdade Felicity?

- Sim, tia Effie. Não acredito que possa esquecer, jamais. – A moça parecia autenticamente impressionada por esse penoso relato.

- Meu Deus! – murmurou Harriet - Parece-me tão impossível... – Deu um olhar ao gabinete semeado de fósseis e engoliu saliva com dificuldade, recordando St. Justin inclinado sobre sua mesa, levantando-lhe o queixo com sua mão poderosa - Senhora Stone, você está completamente segura desses fatos?

- Completamente. Seu pai, caso fosse vivo, iria lhe dizer que é tudo verdade. Ele sabia do acontecido com a filha do reverendo Rushton, claro, mas guardou silêncio porque não lhe parecia adequado repetir isso diante de duas jovens. Quando me disse que podia continuar em meu posto, advertiu-me que não mencionasse o assunto. E, eu me calei até agora. Mas, já não posso.

Tia Effie assentiu.

- Não, é obvio senhora Stone. Agora que St. Justin voltou para a vizinhança, todas as donzelas decentes devem estar em guarda.

- Ultrajada e abandonada. – Felicity meneou a cabeça, sobressaltada. - Imaginem.

- Espantoso – asseverou tia Effie - Completamente espantoso. As senhoritas devem andar com muitíssimo cuidado. Felicity, não saia sozinha enquanto o visconde esteja na vizinhança, entende-me?

- Oh, tolices. – A moça apelou à Harriet - Ficarei prisioneira em minha própria casa só porque St. Justin está no condado?

Harriet franziu o cenho.

- Não, é obvio.

Tia Effie adotou uma expressão severa.

- Harriet, Felicity deve tomar cuidado. Acho que compreende.

Ela levantou a vista.

- Felicity tem a cabeça no lugar, tia Effie. Não fará nenhuma estupidez. Não é verdade, irmã?

A moça sorriu.

- Como vou perder a oportunidade de me apresentar em Londres? Pode estar certa de que não sou tão idiota, Harriet.

A senhora Stone apertou a boca.

- Essa grande besta faminta, o St. Justin tem predileção pelas jovens inocentes e formosas. E agora, que seu pai já não está aqui para protegê-la, senhorita Felicity, você terá que andar com muito cuidado.

- Muito certo. – concordou tia Effie.

Harriet arqueou uma sobrancelha.

- Quer dizer que nenhuma de vocês se preocupa com a minha reputação, assim como com a de Felicity?

Tia Effie se mostrou imediatamente constrangida.

- Oh, querida, bem sabe que isso não é verdade. Mas, já tem quase vinte e cinco anos. E os safados libidinosos, como o que a senhora Stone descreve, tendem para as jovens inocentes.

- E, não para as velhas inocentes, como eu. – murmurou Harriet, ignorando o sorriso provocador de sua irmã - Oh, bem, suponho que tem razão, tia Effie. Não corro nenhum perigo de ser pervertida por St. Justin. – Fez uma pausa - Acredito recordar que assim o disse.

- O que diz mulher? – Tia Effie a olhava com fixidez.

- Não importa tia Effie. – Harriet começou a andar para o gabinete. - Estou certa de que Felicity saberá conservar o juízo e tudo o que seja importante, se encontrar com o visconde St. Justin. Não é nenhuma estúpida. E agora, se me desculparem, tenho um trabalho para terminar.

Obrigou-se a caminhar serenamente para seu pequeno refúgio e fechou a porta com suavidade. Então, com um sincero gemido, caiu na cadeira, com os cotovelos na mesa, afundou a cara entre as mãos, abalada por uma profunda agitação.

A idiota não era Felicity, decidiu severamente. Era ela, Harriet, que tinha cometido a estupidez de fazer com que a Besta de Blackthorne Hall retornasse a Upper Biddleton.

Capítulo 3

Às dez da manhã seguinte, a densa névoa cinza que tinha vindo do mar durante a noite, ainda se aferrava tenazmente à costa. Descendo a trilha do penhasco em direção à praia, Harriet só podia ver alguns metros à sua frente e indagava se Gideon viria ao seu encontro para conhecer a caverna dos ladrões, como ela havia solicitado.

Também se perguntava intranquila, se na verdade, desejava que ele viesse. Tinha passado quase toda a noite acordada, preocupada com a possibilidade de ter cometido um enorme engano ao enviar essa carta fatídica ao conhecido visconde.

A pressa com que descia pelo íngreme atalho fez que suas fortes botinas de pele escorregassem em alguns pedregulhos. Harriet segurou com mais firmeza o pequeno saco com ferramentas, abrindo ainda mais a mão livre para apoiar-se em um seixo rolado.

O caminho do escarpado era bastante seguro, desde que se estivesse familiarizado com ele, mas tinha seus lances perigosos. Harriet gostaria de usar calças para sair em busca de fósseis, mas sabia que tia Effie sofreria um colapso com essa ideia. E ela tentava seguir as normas de sua tia, até onde fosse possível.

Tia Effie se opunha a todo esse assunto de procurar fósseis. Parecia-lhe uma ocupação pouco digna para uma jovem e não conseguia entender a apaixonada devoção de Harriet a esse hobbie. Portanto, era preferível não aumentar seu alarme, vestida com calças, para as suas explorações.

Quando chegou ao pé do caminho, uma névoa desenrolava tentáculos ao seu redor. Deteve-se para acomodar o peso do saco que carregava. Dali se ouvia o barulho das ondas na costa, mas a espessa névoa impedia de vê-las. Um frio úmido infiltrou-se pela grossa lã de seu casaco pardo.

Mesmo que Gideon estivesse por ali, o mais provável era que não pudesse achá-lo, no meio dessa névoa. Harriet pôs-se a andar ao longo da praia, ao pé dos escarpados. Embora a

maré estivesse baixa, a areia se mantinha molhada. Quando subissem as águas a praia não seria visível, nesse trecho. Nas horas de maré cheia as ondas lambiam os escarpados, alagando as cavernas e os caminhos mais baixos.

Uma ou duas vezes, Harriet tinha cometido o engano de se atrasar muito em suas explorações dentro das cavernas, ao ponto de ficar quase presa pela maré em ascensão. Ainda a perseguia a lembrança dessas ocasiões e por isso media com grande cuidado o tempo que passava nas cavernas.

Caminhava com lentidão, procurando rastros de pés na areia. Se Gideon tinha passado por ali alguns minutos antes, sem dúvida seria possível distinguir a impressão de suas enormes botas. Uma vez mais, pôs em julgamento a prudência de sua decisão. Ao fazer com que Gideon retornasse a Upper Biddleton provocava, obviamente, algo mais do que procurava.

Por outro lado, pensou, era preciso fazer algo com respeito ao bando de ladrões que utilizava suas preciosas cavernas como depósito. Não podia permitir que as coisas continuassem assim. Precisava explorar livremente essa caverna em particular.

Não havia modo de saber que excelentes fósseis esperavam ser descobertos nessa câmara subterrânea. Mais ainda: quanto mais tempo passassem esses vilões na caverna, maior seria o risco de que algum deles viesse a cavar em busca de fósseis. Possivelmente, achassem algo interessante e o mencionasse a outra pessoa, que por sua vez, o repetiria a outro colecionador. E então Upper Biddleton se encheria de buscadores de fósseis.

Era inconcebível. Os ossos a descobrir nessas cavernas pertenciam à Harriet. No passado, outros colecionadores tinham explorado os escarpados de Upper Biddleton, é óbvio, mas todos renunciaram à busca ao não achar nada mais interessante que uns poucos peixes fossilizados e algumas conchinhas. Mas, Harriet pesquisou mais que qualquer outro e pressentia que a esperavam grandes descobrimentos. Era necessário descobrir os segredos ocultos na pedra.

Não, não tinha mais alternativa que prosseguir com seu curso de ação. Necessitava que alguém, poderoso e sagaz a ajudasse a desfazer-se dos bandidos. O que importava que Gideon

fosse um canalha perigoso? Havia, por um acaso, uma maneira melhor de eliminar os bandidos que soltar contra eles a infame Besta de Blackthorne?

Eles mereciam. Nesse momento a névoa pareceu formar redemoinhos a seu redor, em um desenho um pouco alterado. Harriet se deteve abruptamente, percebendo que já não estava sozinha na praia. Algo lhe arrepiava o cabelo da nuca. Ao voltar-se, viu que Gideon surgia entre a neblina, caminhando para ela.

- Bom dia, senhorita Pomeroy. – Sua voz era tão grave como o rugir do mar - Já imaginava que você não se deixaria acovardar pela névoa.

- Bom dia, milord. – Harriet serenou os nervos, uma vez que ele se adiantava a grandes passos pela areia molhada. Sua exuberante imaginação o pintou surgindo da bruma como uma besta demoníaca que aparecesse entre a fumaça do inferno. Era ainda mais corpulento do que ela recordava.

Vestia botas e luvas negras e um pesado casaco da mesma cor, cujo pescoço alto emoldurava seu rosto disforme. Ia sem chapéu, com o cabelo enegrecido e brilhante pela umidade matinal.

- Como pode ver, mais uma vez obedeci a suas ordens. – Gideon sorriu com leve ironia ao deter-se frente a ela - Devo tomar cuidado com esta tendência a correr quando você manda senhorita Pomeroy. Não quero que se converta em costume.

Harriet ergueu as costas e conseguiu esboçar um sorriso cortês.

- Não se aflija milord. Estou segura de que você não adquirirá o costume de obedecer a ordens, a menos que o faça em proveito próprio.

Ele descartou isso com um leve encolhimento de ombros.

- Quem sabe o que pode fazer um homem quando lida com uma mulher interessante? – seu frio sorriso torcia o rosto arruinado, convertendo-o em uma máscara ameaçadora - Aguardo sua próxima indicação, senhorita Pomeroy.

Harriet engoliu em seco, atarefada em acomodar o peso de seu incômodo saco.

- Trouxe duas lanternas, milord – disse rapidamente. - Nos corredores necessitaremos.

- Me permita. – Gideon segurou o saco que, em suas mãos, parecia não ter peso. - Eu levarei o equipamento. Guie-me, senhorita. Tenho curiosidade por ver essa caverna cheia de mercadorias roubadas.

- Sim, naturalmente. Por aqui. – A moça girou para caminhar com pressa no meio da bruma.

- Esta manhã, eu não a vejo tão segura de si mesma, senhorita Pomeroy. - Gideon seguia em silêncio atrás dela; parecia divertido. - Suspeito que alguém, provavelmente a boa senhora Stone, deu-lhe alguns horripilantes detalhes de minha antiga história em Upper Biddleton.

- Tolices. Não me interessa seu passado, senhor. – Harriet fez um esforço desesperado por falar com muita serenidade e grande firmeza. Apertou o passo, sem se atrever a olhar para trás – Isso, não é meu assunto.

- Nesse caso, devo lhe advertir que fez mal em me fazer vir. – murmurou ele. Com uma sedosa ameaça - Temo que seja impossível separar-me do meu passado. Ele vai aonde quer que eu vá. Em certas ocasiões, ser herdeiro de um condado serve para que se possa passar por cima desse passado, mas nunca pude afastar-me disso por completo. Muito menos aqui, em Upper Biddleton.

Harriet deu um olhar impaciente de soslaio, franzindo o cenho diante da velada emoção que percebia nessa voz.

- Incomoda-lhe isso, milord?

- Meu passado? Não muito. Faz tempo aprendi a aceitar que me tenham como um inimigo surgido das regiões infernais. Para lhe ser muito franco, essa reputação tem sua utilidade.

- Deus do céu, que utilidade? – quis saber Harriet.

A expressão do homem se endureceu.

- Serve para que não me acossem as mães casamenteiras, para começar. São extremamente cautelosas quando se trata de pôr suas filhas em meu caminho. As mães se aterrorizam diante da possibilidade de que eu ultraje suas filhas desavergonhadamente,

desafogue nelas meus baixos instintos e logo as descarte como mercadoria danificada, pobrezinhas.

- Oh... – Harriet engoliu a saliva.

- Que seriam sem dúvida. – continuou Gideon, sem alterar-se. - Mercadoria danificada quer dizer. Seria impossível substituir uma menina, no mercado matrimonial, caso soubessem que se arruinou comigo.

- Compreendo. – Harriet tossiu um pouquinho para limpar a garganta e acelerou a marcha. Sentia Gideon atrás dela, embora não conseguisse ouvir seus passos na areia dura. Mesmo o silêncio de seus movimentos a punha nervosa, pois tinha muito em conta o seu tamanho e sua presença. Era, na verdade, como se uma grande besta pisasse nos seus calcanhares.

- Além de não me perseguirem com suas jovens inocentes. – continuou Gideon, implacável - Não me lembro de um só progenitor que tenha tentado obrigar-me a contrair matrimônio, utilizando o velho ardil de ter comprometido sua filha. Todo mundo sabe que o truque dificilmente daria certo.

- Se essa for uma maneira pouco sutil de me advertir que não devo conceber essas ideias, milord, você pode ficar tranquilo.

- Sei perfeitamente que estou a salvo, senhorita Pomeroy. É você, quem deveria ter alguma cautela.

Harriet não suportou mais. Deteve-se bruscamente e girou para enfrentá-lo. Descobriu então que ele estava quase em cima dela e deu um passo para trás, olhando-o com as sobrancelhas franzidas.

- Então é verdade? Você abandonou a filha do pároco anterior, depois de deixá-la grávida? Gideon a estudou com gravidade.

- Você é muito curiosa, considerando que assegura não interessar-se por meu passado.

- Foi você quem insistiu em tocar no assunto.

- É verdade. Temo que não pude resistir a tentação. Era óbvio que você já tinha ouvido a história.

- E então? – desafiou ela depois de um momento tenso. - É verdade?

Gideon retorceu uma pesada sobancelha negra e pareceu estudar seriamente o assunto. Em seus olhos ardia um fogo frio.

- Os fatos são os que certamente lhe relataram senhorita Pomeroy. Minha prometida estava grávida. Eu sabia, quando pus fim ao compromisso. Ao que parece, voltou para sua casa e se matou com um disparo.

Harriet afogou uma exclamação e retrocedeu um passo mais. Tinha esquecido por completo as cavernas cheias de bens roubados.

- Não acredito.

- Obrigado, senhorita. – Ele inclinou a cabeça com zombadora cortesia. - Mas lhe asseguro que todos os outros acreditam.

- Oh... – Harriet se refreou - Sim, bem, como já disse: não é meu assunto. – Girou bruscamente para apertar o passo para a entrada da caverna. Abrasava-lhe o rosto. “por que não calei a boca?”, disse-se, furiosa. Toda essa situação era incrivelmente embaraçosa.

Poucos minutos depois, com um suspiro de alívio, chegou a seu destino. O vazio escuro, na face do escarpado, aparecia difusamente entre a névoa. Se ela não tivesse sabido exatamente onde buscá-lo, teria passado por cima.

- Essa é a entrada, milord. – deteve-se para voltar uma vez mais para ele - A caverna que usam os bandidos está a certa distância, dentro do corredor.

Gideon olhou por um momento a abertura na ravina. Logo deixou o saco que levava.

- Acredito que agora necessitaremos das lanternas.

- Sim. A poucos passos da entrada já não se vê nada.

Harriet o viu acender as lanternas. Apesar de sua força e seu tamanho, movia as mãos com inesperada graça e destreza. Ao lhe oferecer uma das luminárias a surpreendeu observando-o e sorriu sem nenhum calor. A cicatriz de seu rosto se contraiu malignamente.

- Começa a se arrepender de entrar na caverna sozinha comigo, senhorita Pomeroy?

Ela o fulminou com o olhar, enquanto lhe arrebatava a lanterna.

- É obvio que não. Terminemos com isto.

Cruzou a estreita boca, levantando a lanterna. Umas volutas de bruma, que tinham entrado na caverna, fizeram que a luz lançasse sombras estranhas contra as úmidas paredes da rocha. Harriet estremeceu, perguntando-se por que esse corredor lhe parecia agora tão fantasmagórico e lúgubre, pois não era a primeira vez que estava ali. Decidiu que se devia à presença do visconde. Tinha que dominar sua imaginação. “limite-se ao assunto que tem em mãos”, se repreendeu em silêncio.

Gideon a seguia, movendo-se sem ruído. O fulgor de sua luminária aumentava as estranhas sombras da parede. Olhou a seu redor, com linhas de desaprovação no rosto.

- Você tem por costume entrar sozinha nestas cavernas, senhorita, ou está acostumada a se fazer acompanhar por alguém?

- Em vida, meu pai estava acostumado a vir comigo. Foi ele quem me inspirou o interesse pelos fósseis, sabe? Sempre foi um ávido colecionador; começou a me levar consigo em suas explorações desde que tive idade suficiente para caminhar. Mas, desde que a febre o levou, sempre explorei sozinha.

- Não me parece uma ideia muito prudente.

Ela o olhou de soslaio, desconfiada.

- Já me disse isso, antes. Mas lhe asseguro que meu pai e eu aprendemos a explorar cavernas muito antes de mudarmos para Upper Biddleton. Sou uma perita. Por aqui, milord. – E entrou na caverna, com um calafrio ao sentir que Gideon lhe pisava os calcanhares. - Confio que você não seja dos que se alteram ao estar em lugares fechados como este.

- Asseguro-lhe, senhorita, que meus nervos não se alteram com tanta facilidade.

Ela engoliu a saliva.

- É que muitas pessoas têm problemas para entrar em cavernas. Mas, o corredor é bastante amplo, como você vê. Até em sua parte mais baixa não se estreita muito.

- Sua ideia de amplitude difere um pouco da minha, senhorita Pomeroy. – O tom de Gideon era seco.

Harriet deu uma olhada para trás e notou que ele devia caminhar inclinado, encolhendo os grandes ombros.

- Você é bastante corpulento, verdade?

- Bem mais que você, senhorita.

Ela mordeu o lábio.

- Bom, trate de não entalar. Seria muito incômodo.

- Sem dúvida. Sobre tudo considerando que esta parte da caverna se inunda, obviamente, quando a maré sobe. – Gideon examinava os muros úmidos. Um pequeno caranguejo escapuliu para as sombras fugindo da claridade das lanternas.

- Todos os setores abaixo destas cavernas, ao pé dos escarpados, enchem-se de água durante a maré alta. – confirmou Harriet, reatando o avanço. - Essa informação lhe resultará muito útil quando fizer seus planos para capturar os ladrões. Depois de tudo, os vilões só voltam em horas avançadas da noite e quando a maré está baixa. Para apanhá-los, terá que levar em conta estes fatos.

- Obrigado, senhorita Pomeroy. Terei isto em conta.

Ela franziu o cenho ante o sarcasmo.

- Só tentava lhe prestar ajuda.

- Hum...

- Preciso lhe recordar milord, que sou eu quem esteve observando os bandidos? Parece-me que você deveria agradecer a possibilidade de me consultar sobre a melhor forma de emboscá-los.

- E eu gostaria de lhe recordar, senhorita, que vivi neste distrito e conheço bem o terreno.

- Sei, mas sem dúvida esqueceu os pequenos detalhes. E eu, devido a minhas extensas explorações, tenho bastante experiência nestas cavernas.

- Prometo-lhe, senhorita Pomeroy, que se necessitar de conselho o pedirei.

A irritação de Harriet foi maior que sua cautela.

- Sem dúvida, senhor, desfrutaria você de maior aceitação na sociedade se tentasse ser mais cortês.

- Não me interessa muito expandir minha vida social.

- Pois, nota-se. – murmurou ela. Ia dizer algo mais quando escorregou em um fio de alga marinha, deixada ali pelas águas ao retirar-se. Sua mão enluvada não achou apoio no viscoso muro.

- Oh, céus!

-Está segura. – disse Gideon, serenamente, enquanto lhe rodeava a cintura com um braço para segura-la com firmeza contra seu amplo torso.

-Sinto muito. – Harriet tinha ficado sem fôlego, ao sentir-se abraçada por Gideon. Seu braço era como uma faixa de aço, completamente inflexível. Sentiu os sólidos músculos do peito contra suas costas. A ponteira de uma bota enorme acabava de aparecer intimamente entre seus pés. Teve consciência aguda da pressão de uma coxa contra suas nádegas.

Ao aspirar fundo captou o aroma quente e masculino de seu corpo, bem misturado ao da pele e a lãs úmidas. Por instinto, ficou tensa diante da desacostumada sensação de estar tão perto de um homem.

- Deve ter mais cuidado, senhorita Pomeroy. – Gideon a deixou em liberdade. - Do contrário encontrará um triste fim nestas cavernas.

- Asseguro-lhe que nunca corri o menor perigo aqui dentro.

- Até agora? – Cravou-lhe um meigo olhar inquisitivo.

Harriet decidiu passar isso por alto.

- Por aqui, milord. Falta muito pouco. – arrumou o casaco e as saias do vestido. Logo agarrou a lanterna com mais firmeza e, levantando-a com audácia, partiu para as vísceras da caverna.

Gideon a seguia em silêncio; só o jogo de luzes e sombras na pedra molhada dava algum sinal de sua presença. Harriet não se arriscou a dizer uma palavra mais sobre os planos para

apreender os bandidos. Guiou-o pela costa gradual do corredor até deixar atrás o pedaço que cobriam as águas durante a preamar.

Ali, as paredes e o chão estavam secos, embora um frio penetrante impregnasse a atmosfera. Paulatinamente Harriet estudou a superfície rochosa à luz das lanternas, presa pelo habitual entusiasmo que lhe despertavam os fósseis.

- Sabe? Nesta parte da caverna encontrei uma estupenda folha fossilizada, encravada na rocha. –Olhou para trás. - Tem lido, por acaso, os artigos do senhor Parkinson sobre a importância de relacionar as plantas fósseis com o estrato em que são encontradas?

- Não, senhorita Pomeroy, não os tenho lido.

- Pois é assombroso, acredite. Há plantas fósseis similares nos mesmos estratos em toda a Inglaterra, por mais profunda que pareça a camada. E isso parece acontecer também no continente.

- Fascinante. – Entretanto, Gideon parecia mais divertido que fascinado - Nota-se que esta matéria a apaixona.

- Vejo que os fósseis lhe despertam muito pouco interesse, senhor, mas asseguro que nos ensinam muito sobre o passado. De minha parte, tenho grandes esperanças de descobrir, algum dia, qualquer coisa importante nestas cavernas. Já efetuei vários achados curiosos.

- Eu também. – murmurou Gideon.

Sem saber o que significava esse comentário (e, possivelmente, não lhe convinha sabê-lo), Harriet voltou a ficar em silêncio. Sua tia lhe afirmava que acabava aborrecendo as pessoas que não compartilhavam de seu entusiasmo pelos fósseis.

Poucos minutos depois virou em uma curva do corredor e se deteve na entrada de uma grande caverna. Cruzou a abertura com a lanterna no alto, para iluminar os sacos de lona que ocupavam o centro do chão rochoso, e olhou a Gideon, que a tinha seguido.

- Aqui está, milord. – Aguardou com certa expectativa que ele expressasse a devida estupefação ao ver tanto acúmulo de objetos roubados na câmara de pedra.

Gideon se adiantou sem dizer nada, mas sua expressão era satisfatoriamente séria. Ajoelhou-se diante um saco de lona e desatou o nó que o mantinha fechado.

Harriet o viu levantar a lanterna para olhar dentro do saco. Depois de estudar o conteúdo por um momento, afundou nele a mão enluvada e retirou um belo candelabro de prata.

- Muito interessante. – comentou, observando o reflexo da luz no precioso material. - Dir-lhe-ei, senhorita Pomeroy: ontem, quando você falou desta caverna, tive dúvidas. Pensava que você poderia ter uma imaginação muito fantasiosa. Mas agora, reconheço que aqui acontece algo fora da lei.

- Você compreenderá por que penso que os objetos devem proceder de outro lugar, milord. Se nos arredores de Upper Biddleton tivesse desaparecido algo tão fino como esse castiçal, sem dúvida nos teriam informado.

- Compreendo. – Gideon voltou a atar o laço e ficou de pé. Seu pesado casaco formou redemoinhos como um manto ao girar para outra bolsa.

Harriet o observou por mais um momento. Logo perdeu o interesse. Já tinha examinado levianamente esses objetos ao descobri-los. Como sempre, o que mais lhe interessava era a caverna em si. Tinha a certeza de que nesse lugar esperavam tesouros ocultos, muito distintos dessas joias roubadas e esses candelabros de prata. Afastou-se para dar um olhar mais atento a uma interessante disposição rochosa.

- Confio em que você apanhe a esses vilões muito em breve. St. Justin, – comentou, enquanto deslizava um dedo enluvado por um vago contorno encravado na rocha - estou ansiosa para explorar devidamente esta caverna.

- Percebo.

Harriet franziu o cenho, inclinando-se para observar o contorno de perto.

- Pelo seu tom de voz, parece pensar que estou lhe dando ordens, outra vez. Lamento aborrecê-lo, milord, mas estou muito impaciente. Vi-me obrigada a esperar vários dias até que você chegasse. Suponho que agora será necessário esperar um pouco mais, até que os vilões sejam presos.

- Sem dúvida.

Ela deu uma olhada; Gideon estava agachado junto a outro costal.

- Quanto tempo levará para fazê-lo?

- Ainda não posso lhe dar uma resposta. Permita-me tomar este assunto como me parecer melhor.

- Confio em que não demore muito.

- Se por acaso não recorda, senhorita Pomeroy, você me fez vir a Upper Biddleton porque desejava pôr o problema em minhas mãos. Muito bem, já o tem feito. Agora, estou trabalhando para livrar sua preciosa caverna dos bandidos. Vou mantê-la informada de meus progressos. Gideon falava distraidamente, observando um punhado de pedras resplandecentes que tinha tirado da bolsa.

- Sim, mas... – Harriet se interrompeu. - O que é isso?

- Um colar. Bastante valioso, acredito. Desde que estas pedras sejam autênticas.

- Provavelmente, são. – Harriet descartou o assunto com um encolhimento de ombros. O colar não lhe interessava, enquanto o tirassem logo de sua caverna. - Duvido que alguém tenha tido o trabalho de esconder aqui um colar de pedras falsas. – E voltou para seu exame do contorno fóssil. Havia algo nisso... - Bom Deus – sussurrou, com crescente entusiasmo.

- O que acontece?

- Aqui há algo muito interessante, milord. – Aproximou a lanterna da superfície da rocha. - Não estou de todo segura, mas isto bem pode ser o lado de um dente. – Harriet estudou o contorno - E parece ainda estar fixado a uma porção da mandíbula. Claro, é obvio. Um dente ainda fixado a sua mandíbula é muito mais fácil de identificar do que se estiver solto. Se pudesse utilizar hoje mesmo meu martelo e meu formão... – voltou-se ofegante, tentando que ele compreendesse a importância de recuperar esse fóssil para estudá-lo. - Suponho que não posso...?

- Não. – Gideon deixou cair o cintilante colar no saco e ficou de pé. - Não deve usar suas ferramentas aqui enquanto não tenha limpo este ninho de ladrões. Fez muito bem em

suspender seu trabalho nesta caverna, senhorita Pomeroy. Não convém alarmar esse bando de valentões.

- Você acredita que poderiam levar a mercadoria a outro lugar, se soubessem que foram descobertos?

- Há algo que me preocupa muito mais: se alguém descobrisse evidências de que aqui houve alguém compilando fósseis, a pista o levaria diretamente a você. Não pode haver muitos colecionadores no distrito.

Harriet frustrada contemplava a saliência na rocha. A ideia de abandonar esse novo descobrimento a inquietava.

- E se alguém descobrir meu dente?

- Duvido que alguém repare em seu precioso dente, havendo uma fortuna em pedras preciosas e prata no meio desta câmara.

A jovem enrugou o cenho, pensativa, golpeando o chão com a ponteira de sua botina.

- Não estou muito segura de que meu dente esteja a salvo aqui dentro. Já lhe disse que há muitos inescrupulosos entre os colecionadores de fósseis, hoje em dia. Possivelmente deva retirar este fragmento de rocha e rogar que ninguém se dê conta. Oh!

Gideon tinha deixado sua lanterna para dar dois grandes passos. De repente, se erguia a sua frente, com uma enorme mão plantada contra a parede da caverna, atrás dela. Harriet se encontrou presa entre esse corpanzil e a rocha, igualmente sólida.

- Senhorita Pomeroy – disse Gideon com muita suavidade, espaçando as palavras para lhes dar maior ênfase - vou repetir somente uma vez. Você não entrará nesta caverna até um novo aviso. Mais ainda; não quero que se aproxime deste lugar até que eu lhe diga que não há perigo. Enquanto isso, você não entrará em nenhuma das cavernas do escarpado.

- Realmente, St. Justin, você é exagerado.

Ele se aproximou mais. O fulgor amarelo da lanterna que Harriet tinha na mão recortou suas duras feições em demoníaco relevo. Por um momento pareceu, na verdade, tão bestial como sua reputação.

- Você não virá procurar fósseis em nenhum ponto desta praia, – disse Gideon, entre dentes – até que eu lhe dê minha pronta permissão.

- Escute senhor: se você acredita que vou tolerar este tipo de comportamento, está muito equivocado. Não tenho nenhuma intenção de abandonar a busca de fósseis nesta praia até que você deseje me autorizar. Tenho certos direitos neste assunto.

- Não tem nenhum direito senhorita. Obviamente, chegou a pensar que estas cavernas são propriedades sua, mas eu gostaria de lhe recordar que é minha família quem possui cada centímetro da terra que você tem sobre sua cabeça. – pronunciou Gideon - Se eu a surpreender perto destas cavernas a considerarei culpada de invasão de propriedade privada.

Ela o olhou com fúria, tentando determinar se falava a sério.

- Ah, sim? E o que fará você, senhor? Encerrar-me na prisão? Obrigar-me a abandonar a área? Não seja ridículo!

- Posso achar outra maneira de castigá-la por sua desobediência, senhorita Pomeroy. Não esqueça que sou St. Justin, a Besta de Blackthorne Hall. – Seus olhos brilhavam sob a luz dourada. A cicatriz era uma marca viva e selvagem de dor antiga, além de um perigo mortal.

- Pare de me intimidar! – ordenou Harriet, embora com certa debilidade.

Ele se aproximou mais.

- Os vizinhos me têm por uma pessoa totalmente sem honra no que diz respeito às mulheres. Pergunte a qualquer morador da área. Dirão-lhe que, quando se trata de joventinhas inocentes, sou o demônio em pessoa.

- Tolices! – Em Harriet tremiam os dedos que sustentavam a lanterna, mas não cedeu terreno. - Acredito que você quer deliberadamente me assustar.

- E tem muita razão. – Ele fechou a mão contra sua nuca. A pele de sua luva era áspera.

Harriet de repente adivinhou suas intenções, mas já era tarde para fugir. Esses olhos ferozes e leoninos flamejavam atrás dos cílios escuros. Baixou pesadamente a boca sobre a dela, em um beijo doloroso.

Harriet permaneceu petrificada por um instante fora do tempo. Não podia mover-se, não podia sequer pensar. Nada do que tinha experimentado em seus vinte e quatro anos e meio de vida, a tinha preparado para o abraço de Gideon.

Ele grunhiu com força; o som reverberava em seu peito. Flexionou sua mão com surpreendente suavidade contra o pescoço da jovem, seguindo com o polegar a linha de seu rosto. Um momento depois a aproximava contra o calor de seu próprio corpo. O grande casaco lhe roçou as pernas.

Não conseguia recuperar o fôlego. Depois da surpresa inicial, por ela correu uma excitação resplandecente. Logo notou que Gideon lhe tirava a lanterna dos dedos bambos, indefesos.

Inconscientemente, apoiou as mãos nos ombros, afundando os dedos na grossa lã de seu casaco. Não sabia se tratava de rechaçá-lo ou de aproximá-lo ainda mais.

- Por todos os demônios... – A voz de Gideon soava agora rouca, traindo alguma emoção que Harriet não pôde identificar - Se você tivesse um pouco de juízo, fugiria com toda pressa.

- Não acredito que pudesse dar um só passo. – sussurrou Harriet, maravilhada. Olhou-o por entre as pestanas, tocando com suavidade a bochecha deformada.

Gideon fez uma careta diante o contato. Logo entreabriu os olhos.

- Melhor assim. Já não estou com humor para deixá-la escapar.

Baixou outra vez a cabeça, movendo a boca contra a dela com assombrosa ternura, e entreabriu-lhe os lábios. Ela percebeu, espantada, que o homem queria entrar. Embora vacilando, obedeceu a essa ordem silenciosa.

Quando a língua de Gideon afundou em seu calor com desconcertante intimidade, gemeu brandamente e se deixou cair contra ele. Era a primeira vez que a beijavam desse modo.

- Você é muito delicada. – disse ele por fim, contra seus lábios. - Muito suave. Mas, também é dotada de força. – E lhe rodeou a cintura com as mãos.

Harriet, abalada, deixou-se levantar contra esse peito. Ele a elevou sem esforço. As botinas ficaram balançando no ar, obrigando-a a se segurar em seus largos ombros.

- Me beije. – ordenou Gideon, com uma voz grave e escura que despertou um delicioso calafrio.

Sem pensar, Harriet jogou os braços em volta do pescoço de Gideon para lhe roçar timidamente a boca com os lábios. Isso era deixar-se perverter? Talvez fosse justamente essa embriagadora mescla de emoções e desejos o que tinha feito que a pobre Deirdre Rushton se entregasse a Gideon, tantos anos antes. Em caso afirmativo, compreendia agora a temeridade da jovem.

- Ah, minha doce senhorita Pomeroy. – murmurou Gideon. - É possível que minhas feições não lhe sejam mais desagradáveis, que seus preciosos fósseis de crânios?

- Não vejo nada desagradável em você, milord; suponho que isso esteja claro. – Harriet umedeceu os lábios com a ponta da língua. Sentia-se aturdida pelas emoções que a percorriam. Tocou apenas o rosto marcado, com um sorriso trêmulo - Você é magnífico. Como seu cavalo.

Gideon pareceu sobressaltar-se por um instante. Seus olhos lançaram uma labareda. Logo, com expressão endurecida, depositou-a lentamente, sobre os pés.

- Então, senhorita Pomeroy? – em suas palavras havia um desafio inconfundível.

- Então o quê, milord? – conseguiu pronunciar Harriet, sem fôlego. Na verdade, não tinha virtualmente experiência dessas coisas, mas seus instintos femininos asseguravam que Gideon se sentia tão poderosamente afetado como ela por esse beijo. Não compreendeu por que se tornava subitamente frio e ameaçador.

- Você tem uma decisão a tomar. Pode tirar o vestido e deitar-se no chão desta caverna, para que possamos terminar com o que começamos, ou fugir para a praia, onde não corra perigo. Sugiro-lhe que tome sem demora uma decisão, pois meu humor é, neste momento, muito imprevisível. Devo lhe dizer que você é muito apetitosa.

Harriet teve a sensação de que lhe jogavam um balde de água gelada pela cabeça. Olhou para Gideon, esquecendo sua euforia sensual ante essa óbvia ameaça. Falava a sério. Estava-lhe advertindo que, se não saísse dessa caverna imediatamente, ia violá-la ali mesmo.

A culpa era dela, conforme compreendeu, com espanto tardio, por ter respondido ao beijo com muita rapidez. Sem dúvida ele pensava o pior.

Harriet avermelhou diante da humilhação e, de certo medo feminino primitivo. Recolhendo precipitadamente a lanterna, fugiu para a segurança do corredor que conduzia à praia.

Gideon a seguia, mas ela não se voltou uma só vez. Temia ver em seus olhos dourados, a provocadora risada da Besta.

Capítulo 4

Crane estava suando. A lareira da biblioteca estava acesa, para afugentar o frio desse dia chuvoso, mas Gideon compreendeu que não era isso o que molhava a fronte de seu administrador.

Com ar indiferente, voltou uma página do livro contábil que tinha aberto em sua mesa, não havia dúvida de que o estava desfalcando sistematicamente. Gideon reconheceu que a culpa era sua. Tinha prestado muito pouca atenção às propriedades de Upper Biddleton e, previsivelmente, esse era o preço a pagar.

Olhava outra longa coluna de cifras. Ao que parecia, Crane, contratado um ano antes para administrar os imóveis do lugar, havia aumentado os aluguéis de muitos inquilinos, mas sem incomodar-se em repassar o aumento a seu empregador. O mais provável era que tivesse embolsado a diferença.

Era algo muito comum, é obvio, embora não para Gideon. Entre os grandes latifundiários, havia os apaixonados pelos prazeres da vida em Londres, que deixavam a administração de seus imóveis inteiramente em mãos de seus administradores. Enquanto o dinheiro fluía livremente, poucos examinavam os livros com atenção. Considerava-se pouco elegante conhecer com exatidão com que patrimônio contava-se.

Entretanto, a Gideon não interessava a vida na capital, nem os costumes elegantes. De fato, nos últimos anos se importava muito pouco com o que não fosse relacionado com as terras de sua família, geralmente assistindo bem de perto a tudo.

Salvo as de Upper Biddleton.

Tinha ignorado deliberadamente as propriedades que os Hardcastle tinham em Upper Biddleton. Era difícil interessar-se pessoalmente por um lugar que detestava. Era ali onde tudo havia se arruinado, seis anos antes.

Cinco anos atrás, quando seu pai cedeu-lhe a responsabilidade das propriedades mais afastadas, embora a contra gosto, Gideon tinha aproveitado a oportunidade. Entregou-se totalmente, com toda dedicação, à tarefa de administrar as terras de sua família.

O trabalho se converteu na droga que utilizava para acalmar a persistente dor causada pela perda da honra. Viajava regularmente de imóvel em imóvel, trabalhando incansavelmente para reparar as habitações, introduzindo novas técnicas de cultivo e investigando a possibilidade de aumentar a produção mineira e pesqueira.

Só contratava aos melhores administradores e lhes pagava bem, para que não caíssem na tentação de fraudá-lo. Revisava pessoalmente os livros. Escutava as sugestões e as queixas de seus inquilinos. Cultivava a companhia de engenheiros e inventores que pudessem lhe ensinar novos métodos científicos para acrescentar a produção de suas terras.

Mas ali, em Upper Biddleton, não.

No que concernia a Gideon, as terras que os Hardcastle tinham nos arredores de Upper Biddleton podiam apodrecer-se por completo. Na realidade, gostaria de vendê-las há tempos. Só não o fazia para não alterar seu pai. As terras de Upper Biddleton pertenciam aos condes de Hardcastle há cinco gerações. Eram as mais antigas entre as propriedades familiares e tinham servido de sede à família até o momento do escândalo.

Sabendo que não poderia vendê-las, Gideon fez o mais próximo: ignorou-as.

Por mais que detestasse essas terras, nesse momento, descobriu que era muito pior ainda, ver-se extorquido. Levantou a vista com um sereno sorriso. Crane o estava observando com nervosismo. Crane, “cegonha”; o nome lhe assentava bem: era alto, fraco e de membros desajeitados. Parecia demais uma grande ave de patas longas.

- Bom, Crane, parece que tudo está em ordem. – Gideon fechou o livro, consciente do alívio instantâneo de seu administrador. - Muito bem executadas as contas. Excelente trabalho.

- Obrigado, senhor. – Crane passou uma mão nervosa pela cabeça, já meio calva, e pareceu relaxar um pouco na cadeira. Seus olhinhos de pássaro voavam entre o livro contábil e a

mandíbula marcada de Gideon. - Faço o possível, milord. Se você nos tivesse advertido de sua chegada com alguma antecipação, para que todos nós estivéssemos mais preparados...

Gideon sabia perfeitamente, que sua inesperada aparição tinha causado um caos na casa. A governanta estava frenética. Contratando na aldeia pessoal doméstico que a ajudasse a pôr em ordem Blackthorne Hall.

No vestíbulo se ouvia o barulho de pessoas correndo pelas escadas, trazendo provisões e tirando as capas de móveis que estavam há anos sem uso. Até a biblioteca chegava o aroma da cera recém-aplicada.

Nos jardins, não havia muito que fazer. Tristes, varridos pelo vento, refletiam o descuido que a administração de Crane os deixaram. Gideon recordou que sua mãe sempre tinha amado os jardins de Blackthorne Hall.

- Esta tarde chegará Owl, meu mordomo, que me acompanha a todos os lugares. Ele ficará responsável pelo pessoal doméstico. – Gideon viu que Crane olhava nervoso à sua cicatriz. Eram poucos os que conseguiam ignorar cortesmente as feições deformadas de Gideon, se não estivessem acostumados ao espetáculo. Mas a maioria nunca chegava a acostumar-se.

A Deirdre, por exemplo, resultavam-lhe repulsivas. E não era a única. As pessoas acostumaram a lamentar que o segundo filho do conde não fosse tão bonito e refinado como o mais velho.

Todos haviam lastimado muito quando o conde de Hardcastle, ao perder a seu primogênito, foi obrigado a conformar-se com um herdeiro muito menos satisfatório. Interiormente, Gideon duvidava que alguém tivesse podido seguir com êxito os passos de Randal.

Randal tinha sido o filho e herdeiro ideal, aquele que todo pai desejava.

Qualquer um dizia.

Por dez anos, até o nascimento de Gideon, tinha sido filho único. Sua mãe se esforçava por ele; o conde estava orgulhoso desse rapaz bonito, culto, atlético e “honrado”, que seria o próximo conde de Hardcastle.

Randal foi educado desde o berço para receber o título e respondeu a todas as expectativas. Adorava seu papel. Tinha centenas de amigos; o respeitavam por suas proezas atléticas e ninguém podia duvidar de sua honra.

Tinha sido um irmão mais velho bastante decente, pensou Gideon. Na realidade, ele e Randal nunca foram muito íntimos. Dada sua diferença de idade, a relação entre eles era como a de tio e sobrinho.

Gideon passou anos esforçando-se por imitar seu irmão; por fim compreendeu que era impossível imitar o garbo natural de Randal. Se ele estivesse vivo, Gideon teria administrado várias das propriedades de Hardcastle em seu nome, porque Randal preferia a vida da grande cidade antes que trabalhar nas terras de sua família.

Gideon chorou a morte de seu irmão, mas ninguém percebeu. Todos estavam muito ocupados em consolar os pais, que não tinham consolo possível. A mãe, especialmente. Muitos temeram que a condessa de Hardcastle não se recuperasse jamais de sua melancolia. E o conde dava a entender, com toda clareza, que seu remanescente herdeiro jamais poderia comparar-se com o que tinha perdido.

Crane pigarreou.

- Me perdoe milord, mas pensa ficar na vizinhança por algum tempo? A governanta precisa saber para encarregar-se das provisões necessárias e contratar pessoal suficiente, compreende?

Gideon recostou-se na cadeira. Sabia muito bem por que Crane se interessava no tempo que duraria a estadia de seu empregador. Sem dúvida alguma, estava-se perguntando se convinha adiar certos planos próprios. Não tinha ainda a certeza de que Crane estivesse enredado com os ladrões, como suspeitava Harriet, mas não podia correr riscos. Decidiu fazer acreditar que não tinha por que adiar uma visita a noite nas cavernas do escarpado.

- Diga-lhe que faça seu orçamento para uma estadia prolongada. – disse - Faz tempo que não venho a Upper Biddleton e o ar do mar me resulta muito agradável. Acredito que passarei aqui toda a primavera.

Crane ficou boquiaberto, mas se esforçou por dissimular.

- Toda a primavera, milord?

- E também o verão, possivelmente. Se não me falha a memória, a costa sempre era melhor no verão. Que estranho! Eu não tinha percebido a falta que senti das terras familiares de Upper Biddleton.

- Compreendo. – Crane passou um dedo sob o colarinho alto. - Naturalmente, agrada-nos muito que tenha encontrado tempo para nos visitar, entre suas múltiplas tarefas.

- Tempo de sobra. – Ihe assegurou Gideon. Inclinou-se para frente e levantou o registro contábil para devolvê-lo a Crane. - Pode retirar-se. Não preciso seguir revisando suas excelentes notas. Estes pequenos detalhes me resultam extremamente fatigantes.

Crane recolheu precipitadamente o livro e se levantou, com um débil sorriso, passando uma vez mais o lenço amarelado pela frente úmida.

- Sim, milord, compreendo. Poucos cavalheiros se interessam por este tipo de coisas.

- Justamente por isso contratamos homens como você. Bom dia, senhor Crane.

- Bom dia, milord. – O administrador saiu depressa.

Com o olhar perdido na chuva que castigava a janela sem cessar, Gideon esperou que a porta se fechasse. Logo rodeou a escrivaninha para aproximar-se da pequena mesa onde, pouco antes, a governanta tinha deixado um bule.

Depois de servir uma xícara da forte infusão, bebeu em goles lentos. Seu aspecto era estranho e isso se devia a estar novamente em Hardcastle depois de tantos anos de exílio auto-imposto.

Não tinha estabelecido um lar permanente em nenhum dos imóveis. Não se sentia bem em nenhum deles. Viajava sem interrupção de um a outro, com o pretexto de vigiar as terras de perto. Mas a verdade era que precisava manter-se em movimento, sempre ocupado.

E, sabia quem era o culpado de interromper essa implacável ronda de atordoantes tarefas que tinha assumido cinco anos antes.

Mais uma vez recordou a cena dessa manhã, na caverna. Rememorou o rosto de Harriet Pomeroy ao lhe ver retirar uma fortuna em pedras preciosas escondidas entre os objetos roubados. Não tinha detectado em seus olhos um só brilho de autêntico interesse, muito menos de cobiça que esperava encontrar. Quase todas as mulheres teriam ficado extasiadas ante esse colar de ouro e diamantes.

Harriet, em troca, reservava seu entusiasmo para uma parte de pedra que continha um dente fóssil.

“E para meu beijo”, recordou Gideon. Sentiu novamente uma onda de calor, como na caverna. Ela tinha respondido a seu beijo com tanto vigor e maravilha como quando esteve frente a esse maldito dente bolorento.

Gideon sorriu com ironia. Não conseguia decidir se devia sentir-se adulado ou destruído pelo descobrimento de que podia comparar-se favoravelmente com um velho fóssil.

Pôs-se a andar para a janela, mas parou ao ver-se no espelho que pendia sobre a lareira. Normalmente não dedicava muito tempo a contemplar sua própria imagem. Não era um espetáculo muito edificante.

Mas essa tarde sentia uma profunda curiosidade, um pouco desconcertado, sobre o que via Harriet ao olhá-lo. Fosse o que fosse, não lhe impedia de beijá-lo. E era óbvio que esse doce e inocente ardor não era fingido, a não ser completamente autêntico.

Não: por alguma razão insondável, seu rosto não lhe repugnava. Foi sua deliberada e nada cavalheiresca ameaça de despi-la e possuí-la no chão da caverna que conseguiu despertar sua desconfiança.

Gideon fez uma careta de dor ao recordar sua atroz conduta. Às vezes não podia conter-se. Algo, dentro dele, impulsionava-o de vez em quando a atuar conforme o pior que se esperava dele.

Entretanto, a seu modo, tinha tratado de adverti-la, de protegê-la, embora ela não o compreendesse.

Porque a desejava. Desejava-a muito.

Talvez tivesse sido estúpido em induzi-la a escapar. Deveria tomar o que ela tinha para oferecer e ao diabo com o cavalheirismo! Se ninguém acreditava que era um cavalheiro, por que, depois de tantos anos, seguia tendo o trabalho de desempenhar esse papel a sua maneira, com tão pouca elegância?

Gideon não achou uma resposta satisfatória para essa pergunta. Voltou a pensar que era um estúpido e logo se obrigou a tratar de assuntos mais importantes. Tinha um bando de ladrões para capturar. E se não se ocupasse logo dessa questão, o mais provável era que Harriet o fizesse por sua própria conta.

Ou, quanto menos, começaria a importuná-lo para que se ocupasse disso.

Foi na noite seguinte. Harriet observava a multidão de altos burgueses locais que se reuniram para o baile semanal. Ela e tia Effie frequentavam fielmente essas reuniões há vários meses, para acompanhar Felicity. Geralmente, lhe pareciam incrivelmente enfadonhas.

Tinha sido ideia de tia Effie, para fornecer todos os contatos sociais possíveis à Felicity, tendo em vista o esperado convite de tia Adelaide. As reuniões locais eram a única oportunidade de praticar belas artes tais como o correto uso do leque. Felicity tinha talento para essas coisas.

Harriet nunca sabia o que fazer com seu leque. Era um estorvo.

O baile dessa noite não se diferenciava dos anteriores. Harriet compreendia os motivos pelos que tia Effie insistia em assistir, mas não estava muito convencida de que Felicity fosse adquirir muitos contatos sociais ali, em Upper Biddleton.

Por exemplo: não se dançava a valsa. Todo mundo sabia que a valsa estava fazendo furor em Londres, mas ali, em Upper Biddleton, os casais seguiam limitados ao salão, às quadrilhas e diversas danças do campo. As damas da sociedade local consideravam que a valsa era escandalosa.

- Esta noite há uma verdadeira multidão, não lhe parece? – Tia Effie se abanava, dando um olhar avaliador ao redor - E Felicity é a mais bonita. Vão lhe pedir todas as danças, como de costume.

- Como de costume. – concordou Harriet, sentada junto a sua tia. Já começava a dar olhadas furtivas ao pequeno relógio preso ao seu vestido, bastante empertigada, mas tratava de dissimular. A apresentação de Felicity era uma tarefa muito importante; caso se apresentasse uma grande oportunidade, ela estaria tão disposta como a tia.

- Devo lhe recordar que mostre menos entusiasmo na pista de baile – continuou tia Effie, franzindo levemente o cenho. - Na capital não se acostuma exibir tanta emoção. Não se usa.

- Já sabe que Felicity gosta de dançar.

- Mesmo assim, – insistiu tia Effie – deve praticar uma expressão mais reprimida.

Harriet suspirou interiormente; oxalá servissem logo o refresco. Até então não tinha dançado uma só vez, o que não era estranho, e ansiava por algo que rompesse a monotonia. O chá e os sanduíches servidos nas reuniões locais não eram nada do outro mundo, mas proporcionavam uma pequena distração.

- Veja! Aqui vem o senhor Venable – murmurou tia Effie - Será melhor que se prepare querida.

Harriet olhou para cima; um cavalheiro de meia idade, que vestia uma antiquada jaqueta de cor ameixa e um colete verde, cruzava pesadamente a sala em direção a ela. Semicerrou os olhos.

- Suponho que queira me interrogar sobre meus recentes achados.

- Bom, não tem por que conversar com ele, se não quiser.

- É melhor que o faça. Se não conseguir encurralar-me esta noite, o mais provável é que me espere no domingo à saída da igreja. Já sabe como é persistente. – E Harriet sorriu acidamente ao senhor Venable, que lhe devolveu o gesto com um ar igualmente ameaçador.

Os dois eram velhos adversários. Venable tinha sido por muitos anos um ávido colecionador de fósseis, mas agora tinha medo das cavernas do escarpado, depois de um

infeliz acidente sofrido ali. Na atualidade estava limitado a explorar na praia e, para falar a verdade, levava muito tempo sem fazer nenhum achado importante. Isso não lhe impedia de tratar de persuadir Harriet para que lhe permitisse dirigir e fiscalizar o seu trabalho. A jovem conhecia seus ardis. Os buscadores de fósseis eram gente desavergonhada e ela vivia em guarda contra colecionadores tais como o senhor Venable.

- Boa noite, senhorita Pomeroy. – O ancião se inclinou rigidamente para sua mão. – Me permita o prazer de lhe procurar uma xícara de chá?

- Muito obrigado, cavalheiro, eu adoraria. – Harriet ficou de pé, permitindo que Venable a conduzisse à mesa dos refrescos, onde prontamente lhe pôs uma xícara na mão.

- Como está você, querida? – seu sorriso era um pouquinho seboso. - Trabalhando muito nessas covas, presumo.

- Vou ali quando tenho tempo. – Harriet sorriu com brandura. - Já sabe como são as coisas, senhor. Em casa há muito que fazer e ultimamente tenho poucas oportunidades de procurar fósseis.

A Venable brilhou os olhos. Sabia que ela estava mentindo, é obvio. Era um velho jogo entre os dois.

- Conte-lhe que estou pensando em estabelecer contato com um colega meu, que pertence à Sociedade Real, para apresentar um estudo sobre nossos fósseis locais?

Harriet piscou cautelosa.

- Não, não sabia. Pensa apresentar um estudo à Sociedade, senhor?

- Admito que pensei na ideia. Mas estou muito ocupado, é obvio. – Venable abocanhou um pequeno sanduíche de uma só vez - Para esse tipo de coisas se precisa tempo.

- E alguns fósseis estranhos e interessantes. – adicionou Harriet, serenamente. - Achou algo notável nestes dias?

- Uma ou duas coisas. – Venable se balançou sobre os saltos, com expressão sapiente. - Uma ou duas coisas. E você, querida?

A jovem sorriu.

- Oh, infelizmente, absolutamente nada. Como lhe dizia, agora tenho muito pouco tempo para explorar.

Era óbvio que Venable procurava a maneira de sondá-la um pouco mais, mas de repente se fez silêncio no salão. Harriet olhou ao seu redor com curiosidade. Os músicos acabavam de terminar uma música, mas isso não explicava a repentina quietude que aprisionava a multidão. Deu-se conta de que todos os olhos estavam dirigidos para a porta.

- Bom Deus – exclamou Venable, em tom de surpresa - É St. Justin, que demônios faz aqui?

O olhar da jovem voou para a entrada do salão lotado. Ali estava Gideon, como uma grande besta de rapina que tivesse entrado por acaso em um quarto cheio de presas. Vestia-se completamente de negro, desde seus lustrados sapatos até a jaqueta de bom corte. Só a impecável gravata e a camisa vincada branca davam algum alívio a essa impressão geral de escuridão. Percorreu a multidão com um olhar frio e avaliador.

- Faz anos que não o vejo. – murmurou Venable - Mas reconheceria em qualquer parte essa infernal cicatriz. Haviam-me dito que estava na vizinhança. Tem que ter muita ousadia para vir aqui, como se fosse o seu costume.

Harriet zangou-se.

- Isto é uma reunião pública. – advertiu com aspereza – E, ele é o latifundiário mais rico do distrito. A meu modo de ver, os vizinhos deveriam sentir-se orgulhosos e gratificados por sua presença. Mais ainda, assombra-me, senhor, ouvi-lo fazer esses comentários pessoais sobre sua cicatriz. Não me parece ofensiva absolutamente.

Venable franziu o cenho.

- Você é muito amável, querida. Suponho que é por ser filha de um pároco. A cicatriz de St. Justin é indicativa de seu mau caráter.

- Senhor! – exclamou Harriet, indignada.

- É que você não conhece seus antecedentes. Melhor assim. Essa história não se deve contar na frente de uma moça.

- Nesse caso, confio em que você não a contará – o reprimiu Harriet.

- Maldita seja... Acredito que St. Justin vem para aqui. – Venable se esticou em toda sua estatura, enquadrando os ombros. - Não tenha medo, querida.

- Não tenho medo. – Harriet viu que Gideon, na verdade, vinha cruzando a multidão em direção a eles.

Os músicos iniciaram apressadamente outra melodia, que fez com que se cobrissem os murmúrios horrorizados dos presentes. Vários casais jovens, inclusive Felicity e o filho de um agricultor, saíram para a pista de dança.

Harriet sorriu nervosamente a Gideon, que avançava para ela. Não via hora de saber como tinha arrumado as coisas com seu administrador e se os detetives já estavam inteirados do caso. Era hora de discutir os planos para capturar aos bandidos.

As sobrancelhas escuras de Gideon se arquearam ao ver seu alegre sorriso. Deteve-se frente a ela com a cabeça cortesmente inclinada. Seus olhos cintilavam.

- Boa noite, senhorita Pomeroy. Você está ótima.

- Obrigado, senhor. É um prazer vê-lo outra vez. Espero que esteja desfrutando de sua estadia na vizinhança.

- Tanto como se pode esperar. – Gideon deu uma olhada ao ancião. - Olá, Venable. Quanto tempo...

O outro, carrancudo, aproximou-se um pouco mais de Harriet.

- Boa noite, milord. Ignorava que a senhorita Pomeroy e você se conhecessem.

- Conhecemo-nos. – murmurou Gideon. E voltou sua atenção a Harriet. – Me concederia a próxima dança, senhorita?

Harriet dilatou os olhos.

- Não sou boa bailarina, milord.

- Tampouco eu. Nestes últimos anos, pratiquei muito pouco.

Harriet se tranquilizou.

-Ah, bom, nesse caso será um prazer. Desculpe-me, senhor Venable. – E entregou sua xícara ao ancião.

- Um momento – resmungou Venable, aceitando automaticamente a baixela. - Não acredito que sua tia lhe permita dançar sem sua permissão, senhorita Pomeroy.

- Tolices. – Harriet fechou bruscamente o leque e apoiou a ponta dos dedos na manga de Gideon. - Minha tia se alegrará muitíssimo de saber que dancei pelo menos uma dança, esta noite. – E olhou a Gideon por entre as pestanas. - Dançamos milord?

- Com muito prazer, senhorita Pomeroy. – Gideon a afastou de Venable.

- Aonde vamos? – inquiriu a jovem, ao ver que a conduzia para o local em que estavam os músicos.

-Vou fazer um pedido. – Gideon se deteve para falar com o homem que tocava o violino. O músico assentiu violentamente.

- Imediatamente, milord. Agora mesmo.

- Excelente. Sei que posso confiar em você. – Gideon ergueu as costas e tomou Harriet pelo braço.

- E agora o quê? – perguntou ela, enquanto saíam à pista.

- Agora dançaremos, é obvio.

Nesse momento cessou abruptamente a dança campestre que estavam tocando. Os bailarinos se detiveram, olhando-se com estranheza.

Poucos segundos depois, o violino experimentou algumas notas, para logo lançar-se a uma valsa a todo vapor. O pequeno grupo de instrumentistas o seguiu.

Todos os jovens estavam na pista de dança elevaram um grito de júbilo e se precipitaram à ação, antes que alguém pudesse contradizer as ordens de St. Justin. Os casais giraram ansiosamente na dança até então proibida. Os mais velhos franziram severamente o cenho. Todos os olhos se fixaram outra vez em Gideon.

Ele só olhava Harriet, esperando sua reação.

A incerteza tinha feito um nó em seu estômago, mas também a percorria um palpitante entusiasmo. Aspirando uma baforada de ar, instalou-se entre os braços de Gideon, que a fez girar na pista com um sorriso de satisfação.

- Estava certo de que você não rechaçaria um desafio, senhorita – disse com suavidade.

- Jamais, milord. – Harriet se pôs a sorrir. – Você provocou uma comoção. Nossas pobres reuniões campestres não voltarão a ser como antes. Sem ajuda de ninguém, você acaba de trazer a valsa à Upper Biddleton.

- Percebo que, aos olhos de algumas boas pessoas, isso equivale a ter trazido a peste à aldeia.

- Todos sobreviverão à chegada da valsa. E quanto a mim, estou muito agradecida.

- Sinceramente, senhorita Pomeroy?

- Oh, sim. Preocupava-me que Felicity não tivesse a oportunidade de praticar estes passos antes de ir a Londres. Agora poderá fazê-lo.

- E você? – Gideon a observava com atenção, guiando-a em um amplo giro. - Alegra-se de poder praticar a valsa, para estar preparada, caso se apresente a ocasião de ir a Londres?

- Duvido seriamente de que eu dance a valsa, se formos à capital. É Felicity quem será apresentada em sociedade, não eu. – Harriet sorriu. -Mas reconheço que é uma dança excitante, milord, e você dança muito bem. Certamente, não me surpreende que você seja um excelente bailarino. Move-se sempre com tanta suavidade, sem fazer ruído...

Ele baixou as pestanas, surpreso.

- Obrigado. De você, é um grande elogio, considerando que estou há seis anos sem dançar. – E a conduziu em outro giro.

Harriet se entregou à música, muito consciente do calor e da força da mão apoiada em suas costas. Trazia-lhe ardentes lembranças do beijo na caverna; compreendeu que estava ficando vermelha e rezou para que todos, inclusive Gideon, atribuíssem ao calor da habitação e à energia da dança.

- Surpreende-me vê-lo aqui, milord – comentou Harriet, tentando mostrar-se despreocupada no meio da valsa - Nunca teria pensado que nossa reunião pudesse lhe interessar.

- Não me interessa. O meu interesse é você, senhorita Pomeroy.

Ela dilatou os olhos, impressionada.

- Eu, milord?

- Você, sim.

- Oh... – Então lhe ocorreu uma ideia e lhe sorriu com alegria - Sim, compreendo, agora compreendo.

- Você compreende? – Olhava-a com ar estranho. - Alegra-me muito que um de nós, sequer, compreenda.

Ela passou por cima desse crítico comentário, por fim seu cérebro se fazia cargo das vertiginosas emoções.

- Sem dúvida veio me informar sobre seus planos para apanhar os bandidos. Sabia que seria difícil acordar outra entrevista em particular sem provocar comentários; por isso veio até aqui, para falar comigo sob a aparência de uma reunião social.

- Felicito-a por sua mente lógica, senhorita.

- E, então? – Olhava-o, cheia de expectativa.

- E, então o que?

Ela lançou uma pequena exclamação exasperada.

- Fale-me de seus planos. Está tudo pronto? Entrou em contato com os detetives? Como decidiu falar com o senhor Crane? Quero conhecer todos os detalhes.

Gideon a observou por alguns instantes. Logo curvou a boca em um débil sorriso.

- Até agora não revelei a Crane minhas verdadeiras intenções. E sim, os detetives estão de sobreaviso. As disposições para retirar os ladrões da caverna já estão em marcha, senhorita. Confio em que meu desempenho a deixe satisfeita.

- Ficarei muito satisfeita, não duvido. Conte-me tudo. O que é o que vai acontecer agora?

- Isso fica por minha conta, senhorita.

- Mas, desejo saber como funciona tudo, senhor – argumentou ela, impaciente.

- Você deve confiar em mim.

- Isso não vem ao caso, milord.

- Em minha opinião, vem muito ao caso. – O sorriso de Gideon era inescrutável. – Acredita que poderá fazê-lo, senhorita Pomeroy?

- Que coisa? Confiar em você? É obvio. Estou certa de que cumprirá o que prometeu. Mas desejo conhecer os detalhes, senhor. Estou envolvida neste assunto. A final de contas, as cavernas são minhas.

- Suas?

Harriet, avermelhada, mordeu brevemente o lábio inferior.

- Bom, na verdade não me pertencem, mas não penso permitir que outra pessoa as investigue como o senhor Venable, por exemplo.

- Acalme-se, senhorita Pomeroy. Dou-lhe minha palavra de que terá direitos exclusivos para desenterrar qualquer osso velho que haja nessas cavernas.

Ela sorriu vacilante.

- Dá-me sua palavra de honra, cavalheiro?

Os olhos dourados surgiram depois das escuras pestanas.

- Sim, senhorita Pomeroy. – disse Gideon, com suavidade - Tem você minha palavra de honra, caso possa valer.

Harriet estava encantada.

- Obrigado, senhor. Isso me tira um grande peso da consciência, lhe asseguro. Mesmo assim, eu gostaria de saber o que você planejou.

- Deve ter paciência, senhorita.

A música cessou com um floreio. Harriet se irritou, porque desejava seguir discutindo.

- Acredito milord, que eu poderia lhe ser muito útil neste assunto. – disse, com urgência. - Conheço essas cavernas melhor que ninguém. E seu detetive vai querer analisar comigo a disposição das cavernas.

Gideon a puxou pelo braço, interrompendo-a friamente.

- Acredito que agora deveria me apresentar a sua tia e a sua irmã, senhorita.

- Seriamente?

- Dadas as circunstâncias, parece-me o mais apropriado.
- Que circunstâncias? – Então, Harriet viu a ansiosa expectativa com que tia Effie a olhava do outro lado do salão.
- Acabamos de dançar a valsa, senhorita Pomeroy. As pessoas vão murmurar.
- Tolices. Não me importa o que digam as pessoas. Não vou perder a reputação por dançar uma valsa com você.
- Iria se assombrar saber com que facilidade posso arruinar a reputação de uma mulher, senhorita. Corrijamos, na medida do possível, o dano com uma decorosa apresentação à sua família.

Harriet grunhiu:

- Oh, muito bem. Mas, preferiria analisar os planos para apanhar os bandidos.

Gideon esboçou um fugaz sorriso.

- Suponho que sim. Mas como lhe disse, você terá que confiar em mim.

Na manhã seguinte, Harriet despertou pouco antes da alvorada. Passou um instante estendida na cama, revivendo os acontecimentos da noite anterior. Tia Effie tinha ficado ao mesmo tempo entusiasmada e horrorizada por sua apresentação ao conhecido visconde St. Justin. Mas, conduziu a situação com admirável rigor, quase sem deixar entrever seu desconforto. Felicity, tão direta e pragmática como sempre, aceitou a apresentação com encantadora graça.

Gideon, para piorar os efeitos de sua atroz conduta no baile, retirou-se assim que foi apresentado a Effie e a Felicity.

Assim que desapareceu na noite, todos os presentes à reunião explodiram em excitados diálogos. Harriet tinha perfeita consciência de ser o centro de muitos olhares curiosos.

Durante o trajeto de volta, na carruagem, Effie não cessava de falar sobre o incidente.

- Os vizinhos têm razão ao dizer que é um homem estranho e imprevisível. – disse pela centésima vez - Imaginem! Ordenar que tocassem uma valsa, sem sequer pedir permissão, e

logo escolher você para dançar, Harriet. Dou graças a Deus que não tenha escolhido Felicity. Não convém que seu nome se associe ao deste homem antes de ir a Londres.

- Na realidade, – disse a moça, - estou muito agradecida a ele. Agora que a valsa chegou a Upper Biddleton, acredito que poderemos dançá-la na próxima reunião. E em Londres está fazendo furor, tia Effie. Você mesma me disse isso.

- Isso não vem ao caso. – replicou Effie. - Estou convencida de que a senhora Stone e os outros têm razão. Esse homem é perigoso. Até seu aspecto é perigoso. Quero que as duas sejam muito precavidas quando ele se aproximar, entendido?

Harriet bocejou.

- O que é isto, tia Effie? Agora, se preocupa com a minha reputação? Estava certa de que me considerava a salvo, em vista da minha idade avançada.

- Algo me diz que, em presença desse homem, nenhuma mulher está a salvo. – afirmou Effie, de maneira inexplicável. - A senhora Stone diz que é uma besta. E, me sucede que possa estar certa.

- Eu me senti muito segura com ele. – declarou Harriet - Até dançando a valsa.

Mas mentia. Não havia se sentido absolutamente segura entre os braços de Gideon. Justamente o contrário. Embora tivesse desfrutado dessa perigosa emoção que a percorria ao girar com ele pela pista de dança.

Harriet compreendeu que não voltaria a conciliar o sono, mas era muito cedo para que houvesse alguém acordado na casa. Afastou as mantas para levantar. Vestiu-se para descer e preparar um pouco de chá. A senhora Stone não aprovaria, provavelmente. Acreditava firmemente que as senhoras devem manter sua posição, embora isso não importasse. Harriet não tinha intenção de despertar a governanta, a essa hora, se ela era perfeitamente capaz de preparar o chá.

O quarto estava gelado pelo frio da longa noite. Harriet se vestiu depressa, com um desbotado traje de mangas longas, e colocou uma touca de musselina no cabelo rebelde.

Ao passar junto à janela de seu quarto olhou automaticamente para fora, querendo observar a luz do amanhecer no momento em que tocasse o mar. A maré estava baixa, teria sido uma hora excelente para procurar fósseis, mas Gideon lhe tinha proibido de aproximar-se das cavernas enquanto os ladrões não estivessem detidos.

Pela extremidade do olho viu uma silhueta na praia, debaixo de sua janela. Deteve-se abruptamente para olhar melhor. Talvez fosse um pescador.

Mas, um momento depois, a silhueta apareceu outra vez por vários minutos e Harriet teve a certeza de que não se tratava de um pescador. O homem vestia casaco e um chapéu de aspecto achatado, enfiado até as orelhas. Embora a cara não estivesse à vista, a jovem notou imediatamente que partia pela praia para a entrada de sua preciosa caverna.

Harriet não vacilou. Esse fato era alarmante e devia ser imediatamente investigado. O homem da praia não era um dos ladrões, obviamente, pois estes só apareciam em plena noite.

Portanto, só ficava uma possibilidade. O homem devia ser outro colecionador de fósseis que tentava entrar escondido em suas cavernas.

Era preciso descer imediatamente à praia para averiguar as intenções desse intrometido.

Capítulo 5

O ar da manhã era gelado. Harriet envolveu-se no pesado capote que tinha pertencido a seu pai e desceu cautelosamente pelo atalho do escarpado. Logo o sol estaria alto, mas no momento só se via uma suave luz cinzenta refletida no mar.

Quando chegou ao pé do barranco, rapidamente virou para caminhar ao longo da praia, em direção à fileira de aberturas na face do penhasco. Na areia molhada se viam rastros de botas. Com o intuito de assegurar-se que o intruso não se dirigia à caverna que tanto lhe interessava nesses dias, somente assim, poderia ficar tranquila.

Seria bastante simples seguir o rastro até comprovar que ninguém tinha achado, por acaso, a passagem da caverna que continha o dente.

Alguns minutos depois Harriet viu, com espanto, que os rastros de botas desapareciam justamente dentro de certa caverna muito conhecida. Tratou de convencer-se de que era pura coincidência.

Mas podia ser que outra pessoa queria pôr suas mãos sujas no precioso dente. Por todos os diabos! Tinha sido uma parva ao permitir que Gideon lhe proibisse aproximar-se da caverna enquanto não tivesse concluído com seus planos. Isso era a consequência de colocar um homem como ele, responsável por essas coisas.

Apertando o capote junto ao corpo e arrependida por não ter levado uma lanterna, Harriet entrou cautelosamente pela estreita abertura da caverna, bocejando.

Imediatamente se deteve; não podia dar um passo mais sem algum tipo de iluminação. Por um momento permaneceu imóvel, acostumando os olhos à penumbra. A seu redor, na fantasmagórica escuridão, ouvia-se o gotejar da água.

Harriet forçou a vista, tentando olhar pelo estreito corredor de pedra que se abria na parede posterior da caverna. Não havia sinais de luz. O intruso já tinha desaparecido no retorcido túnel que conduzia à câmara onde estavam o tesouro roubado e seu dente.

- Droga! – murmurou Harriet em voz alta, completamente frustrada. Não havia nada que pudesse fazer, salvo esperar ali, na caverna, até que o homem retornasse. Então lhe diria em termos muito enérgicos, que só ela tinha autorização pessoal e exclusiva de Gideon para explorar essa caverna.

Estava de pé ali, com os braços cruzados sob o peito em atitude impaciente, quando uma mão muito grande desceu pesadamente sobre seu ombro, aferrou-a com firmeza e a fez girar.

- Bom Deus, o que...? – Harriet lançou um pequeno chiado de alarme. Logo caiu em si que era Gideon que tinha entrado atrás dela - Oh, milord, é você. Graças a Deus. Deu-me um bom susto.

- Merece muito mais que um bom susto. – murmurou Gideon. - Deveria deitá-la sobre o meu joelho. O que você pensa estar fazendo aqui? Disse-lhe que não se aproximasse destas cavernas até que os ladrões tivessem sido capturados.

Harriet franziu o cenho.

- Sim, milord, eu sei. Mas você compreenderá por que vim, quando lhe contar que faz um momento, vi pela janela que outro colecionador se esgueirava por aqui.

- Você não viu nada. – Gideon deu uma olhada para o túnel, tinha uma lanterna na mão, mas não estava acesa.

- É óbvio que o vi. – lhe assegurou Harriet – Mas, não me lembrei de trazer a lanterna. Por isso estou aqui, esperando que saia.

- E que demônios pensava lhe dizer quando saísse?

Ela levantou o queixo.

- Ia informar-lhe que tenho direitos exclusivos para explorar estas cavernas dentro de sua propriedade, senhor. Penso lhe advertir que, se continuar invadindo, você o fará prender.

Gideon meneou a cabeça, aborrecido.

- Você e seus malditos fósseis! – Era óbvio que ia continuar nesse tom, mas o interrompeu um leve assobio proveniente do túnel.

- Aqui está – apontou Harriet, apressadamente. Ao girar de volta viu o resplendor de uma lanterna no fundo do corredor. - Você chegou bem a tempo, milord. Agora poderá me apoiar quando eu disser a esse homem que não tem direito a entrar aqui.

O assobio se fez mais potente; igual ao fulgor da lanterna. Um momento depois emergia do túnel um homenzinho fornido, vestido com um casaco pesado, uma cartola baixa e botas muita gastas. Era o mesmo que Harriet tinha visto na praia. A lanterna que levava na mão revelou um rosto estreito e gasto, dois olhos como contas. Deteve-se em seco ao ver Gideon e Harriet de pé na parte exterior da caverna.

- Bom dia, milord. Vejo que chegou a tempo. Não são muitos os de sua classe que se levantam antes do meio-dia. Veio com uma amiga. – O homenzinho dedicou a Harriet uma profunda reverência. - Bom dia senhora.

Harriet franziu o cenho.

- Quem é você, senhor, e o que está fazendo em minhas cavernas?

- Suas cavernas? – O homenzinho enrugou o rosto em um sorriso torto - Não era isso o que haviam me dito.

- Para todos os fins práticos, estas cavernas me pertencem – disse Harriet com firmeza. - Sua senhoria lhe explicará.

Gideon a olhou com um sorriso irônico.

- Acredito que será melhor fazê-lo antes que a confusão aumente. Senhorita Pomeroy, me permita lhe apresentar ao senhor Dobbs, de Bow Street.

Harriet o olhou com fixidez.

- Da Bow Street? Você é detetive, senhor?

- Tenho essa distinta honra senhora. – Dobbs fez outra reverência cortês.

- Que maravilha! – Harriet deu uma olhada a Gideon. - Isso significa que os planos já estão em andamento e preparados para serem levados a cabo?

- Com um pouco de sorte, prenderemos os ladrões na próxima vez que depositarem sua mercadoria. – Gideon assinalou com a cabeça o homenzinho. - O senhor Dobbs montará guarda de noite durante as próximas semanas.

- Alegra-me muito sabê-lo. – Harriet olhou o Sr. Dobbs. - Acredito que há dois homens envolvidos, pelo menos. Às vezes os acompanha um terceiro. Você poderá controlar os vilões sozinho senhor Dobbs?

- Se for necessário, sim – disse o detetive. - Entretanto, espero receber alguma ajuda. Sua senhoria e eu combinamos um sinal. Quando eu detecte os vilões na praia, usarei uma lanterna para lhe enviar um sinal do alto dos escarpados.

- Meu mordomo e eu nos alternaremos para esperar o sinal, nas horas de maré baixa, até que os ladrões sejam capturados – explicou Gideon. - Quando virmos os brilhos do senhor Dobbs desceremos à praia e nos asseguraremos de que o plano se complete.

Harriet assentiu com um gesto afirmativo.

- Parece um excelente acerto, tão ardiloso como o que eu mesma tinha pensado.

- Obrigado – murmurou Gideon, seco.

- Entretanto – continuou Harriet - queria fazer uma pequena sugestão.

- Não acredito que seja necessário obrigado. – disse Gideon. E olhou Dobbs - Encontrou a câmara onde se guardam os artigos?

-Encontrei-a, senhor. Guiei-me por seu pequeno plano e cheguei à caverna correspondente. Um saque impressionante, sem dúvida. – A Dobbs resplandeciam os olhos. - Reconheci algumas peças cuja falta foi denunciada. Estivemos procurando por elas. Não me admira que não fossem encontradas na capital. É óbvio que pensavam mantê-las ocultas até que todo mundo as esquecesse. Muito ardiloso. Muito ardiloso, certamente.

- Como o senhor Dobbs receberá uma recompensa quando devolver esses artigos roubados a seus legítimos proprietários – murmurou Gideon a jovem - você pode ter a certeza de que guardará estas cavernas com muito entusiasmo.

- Sim, é obvio. – Harriet sorriu ao detetive. – Senhor, você é o primeiro agente da Bow Street que conheço. Tenho muitas perguntas que gostaria de fazer sobre seu trabalho, senhor Dobbs.

O homem sorriu com modesta importância.

- Pergunte o quanto quiser senhora.

Gideon elevou uma mão enluvada.

- Agora não, Dobbs. Acredito que você vai querer retirar-se da vizinhança o quanto antes, agora que já conhece o lugar. Não tem sentido correr mais riscos. Não convém que ninguém o veja por aqui.

- Tem toda razão, senhor. Bem, vou indo. Tenha a senhora um bom dia. – Dobbs fez outra reverência e saiu da caverna.

Harriet o seguiu com a vista.

- Bom, é um grande alívio. Reconheço que me agrada ver as coisas encaminhadas tão rapidamente. Excelente trabalho, milord. Mas lamento que não tenha me consultado.

- Dificilmente consulto alguém, senhorita Pomeroy. Prefiro agir por conta própria.

-Percebo. – Harriet franziu o cenho, mas de nada serviria discutir sobre esses métodos autocráticos. Os planos estavam traçados e pareciam corretos. Teria que contentar-se. - Suponho que eu também devo ir antes que alguém em casa note minha ausência.

Gideon ergueu-se a sua frente, com ar ameaçador, bloqueando-lhe a saída.

- Um momento, senhorita. Quero deixar algo bem claro entre você e eu, antes de permitir retornar à sua casa.

- Sim, milord?

- Você não se aproximará destas cavernas até que este assunto fique terminado. – Gideon espaçou as palavras, as pronunciando com os dentes apertados. - Não quero repetir isto, entendeu?

- Sim, é obvio que entendi. Entretanto, milord, recordo que não sou uma menina, além de ser uma pessoa muito capaz de agir com cautela quando é necessário.

- Cautela? Parece prudente ter descido à praia em perseguição a um desconhecido e entrar aqui atrás dele? Isso não foi cautela, foi o ato de um pirralho sem cérebro.

- Não sou um pirralho sem cérebro – disparou Harriet, já furiosa. -Supus que o senhor Dobbs era outro colecionador de fósseis e que se encaminhava diretamente para minhas cavernas.

- Bom, pois se enganou, não é? Não era um colecionador de fósseis, certamente. Você agradeça por ser um detetive. Bem poderia ser um dos ladrões, enviado para ver como estava o saque.

- Já lhe disse que os ladrões não vêm aqui durante o dia. E lhe agradeceria que deixasse de reclamar, milord. Se por acaso não recorda, fui eu quem o pôs de sobreaviso do que estava acontecendo aqui. E fui eu quem descobriu os ladrões. Quanto menos, deveria me tratar como uma sócia nesta empreitada. Só estou tentando proteger meus fósseis.

- Malditos sejam seus fósseis. Não pode pensar em outra coisa, senhorita?

- Geralmente, não. – lhe espetou ela.

- E a sua reputação? Já pensou no que pode acontecer se você continua perambulando por aí, em perseguição de ladrões, detetives e enquanto um desconhecido invade essa praia? Não lhe interessa o que dirá e pensará essa gente, se descobrirem que você sai a qualquer hora do dia e da noite?

Harriet já estava realmente furiosa. Não estava habituada a receber sermões, salvo de tia Effie, e muito tempo atrás tinha aprendido a ignorar grande parte do que Effie dizia. Gideon era outra coisa. Era impossível ignorá-lo quando gritava desse modo, de pé em frente a ela.

- Não me interessa nem um pouco o que digam as pessoas – declarou ela. - E não me preocupo com minha reputação, já que não tenho interesse em me casar.

Os olhos de Gideon brilharam nas sombras.

- Ah, pequena idiota. Você acredita que só perderia uma proposta matrimonial que não lhe inspira interesse?

- Sim.

- Pois, engana-se. – Gideon envolveu sua nuca com a mão, obrigando-a a levantar o queixo para olhá-lo diretamente nos olhos. - Não tem ideia do que está arriscando. Você não sabe o que é perder a reputação e a honra. Se soubesse não faria declarações tão ridículas.

Harriet percebeu em sua voz uma dor selvagem, que lhe dissolveu imediatamente a irritação. De repente compreendeu que ele falava do fundo de sua amarga experiência.

- Não quis dizer que a honra não tenha importância, milord. Só que não me interessa o que dizem as pessoas.

- Isso confirma que você é uma estúpida. – grasnou ele. - Quer saber o que se sente quando todo mundo acredita que lhe falta honra? Quando alguém vê sua reputação feita em pedacinhos? Quando todos, inclusive sua própria família, pensam que não é digno de sagrar-se cavalheiro?

- Oh, Gideon. – Harriet lhe tocou suavemente a mão.

- Quer saber o que alguém sente quando entra em um salão de baile e sabe que todos os presentes estão murmurando sobre seu passado? Quando joga cartas em um clube e teme que alguém o acuse de fazer trapaças? Afinal de contas, um homem cuja honra está em dúvida é bem capaz de fazer trapaças com as cartas, não é?

- Por favor, Gideon...

- Sabe o que é ficar sem amigos?

- Bem, não, mas...

- Sabe o que se sente quando todos estão dispostos a pensar o pior de você?

- Basta, Gideon.

- Sabe o que se sente quando até seu pai duvida de sua honra?

- Seu próprio pai! – Harriet ficou espantada.

- Quando se é rico e poderoso – disse Gideon, - ninguém o desafia cara a cara, nem lhe oferece a possibilidade de explicar-se. Todos os rumores correm as nossas costas. Fica-se sem nenhuma possibilidade de limpar seu nome. E depois de um tempo se percebe que não tem sentido lutar. As pessoas não querem saber a verdade. Só querem uma oportunidade para

botar mais lenha na fogueira das intrigas. Os rumores aumentam tanto de tamanho que, às vezes, você tem o temor de afogar-se neles.

- Valha-me Deus...

- Assim é perder a honra e a reputação, senhorita Harriet Pomeroy. Pense bem antes de correr mais riscos. – Gideon a soltou. - E agora volte para sua casa, antes que eu tome ao pé da letra e lhe demonstre como é, na realidade, ignorar a opinião do mundo.

A jovem se envolveu em seu capote e lhe cravou um olhar firme.

- Quero que saiba que eu não acredito que lhe falte honra, milord. Um homem sem honra não teria tido tanto cuidado com a minha. Nem se lamentaria tanto pelo que perdeu. Lamento muito por tudo que você sofreu. Vejo que lhe causou muita dor.

- Não quero sua compaixão, maldita seja... – rugiu Gideon. - Saia daqui. Agora mesmo.

Nesse momento, Harriet compreendeu que não havia modo de atravessar a muralha de ira e angústia íntima que Gideon tinha construído a seu redor. Acabava de provocar a besta que habitava nele e essa besta a ameaçava.

Sem dizer uma palavra, dirigiu-se para a entrada da caverna. Ali se virou para olhá-lo uma vez mais.

- Bom dia, milord. Espero com ansiedade o auge de seus ardilosos planos.

Nessa tarde, a chegada da senhora Treadwell provocou na casa paroquial um pequeno torvelinho de atividade. Effie dirigiu as coisas como uma perita. Harriet se viu obrigada a admitir que sua tia fosse muito hábil para esse tipo de coisas. Nunca a via melhor do que quando navegava nas perigosas águas do convívio social.

A senhora Treadwell era casada com um dos latifundiários mais ilustres do distrito. Seu marido se dedicava a seus cães de caça, ela, a julgar as questões sociais da vizinhança. Era uma matrona volumosa que preferia os vestidos escuros e os turbantes do mesmo tom. Nesse dia seu aspecto era imponente: vestido cinza e um pesado turbante da mesma cor, que ocultava por completo seu fino cabelo grisalho.

Embora desconcertada por essa inesperada visita, Effie reagiu imediatamente. Em poucos segundos teve a sua visitante sentada na sala e o chá preparado. Harriet teve que abandonar o gabinete e Felicity continuou cortesmente a seu lado, um bordado para atender à senhora Treadwell.

- Que agradável surpresa, senhora Treadwell! – Effie se acomodou no sofá para servir graciosamente o chá. - Nós gostamos tanto receber visitas na casa paroquial... – entregou a xícara a sua hóspede com um sorriso aristocrático. - Embora sejam tão inesperadas.

Harriet trocou com sua irmã um sorriso sapiente.

- Temo que para mim não seja uma simples visita social – disse a mulher. - Chegou a meu conhecimento que ontem à noite, na reunião local, produziu-se certo fato lamentável.

- Ah, sim? – Effie tomou um gole de chá, para não ajudá-la.

-Disseram-me que St. Justin apareceu.

- Eu acho que sim... – concordou Effie.

- E ordenou que se tocasse uma valsa – continuou à senhora Treadwell, ameaçadora. – que dançou imediatamente com sua sobrinha Harriet.

- Foi muito divertido, na verdade – disse Harriet, alegremente.

- Sim, é verdade. – Felicity sorriu à visitante. - Todos desfrutaram muito da valsa e esperamos que voltem a tocá-lo na próxima reunião.

- Isso está por ver-se, senhorita Pomeroy. – A senhora Treadwell endireitou sua já rígida coluna vertebral. - Por mais vergonhoso que fosse tocarem uma valsa, preocupa-me muito mais que St. Justin dançasse com você, Harriet. E só com você. Segundo a informação que recebi, partiu depois dessa única dança.

- Suponho que nossa pequena reunião o aborreceu – disse Effie com serenidade, antes que Harriet pudesse responder. - Sem dúvida, bastou-lhe uma música para comprovar que não usufruiria a noite. Deve estar habituado a entretenimentos mais elevados.

- Acredito que não me compreenda senhora Ashecombe. – advertiu a mulher, elevando o tom - St. Justin dançou com sua sobrinha. Nada menos que a valsa. A verdade é que o objeto

dessa indesejável atenção não foi Felicity e sim, Harriet. Mesmo assim, foi um gesto muito audaz.

- Eu estive ali todo o tempo – esclareceu Effie, seca. - Pode você acreditar que me mantive muito alerta à situação.

- Mesmo assim, o homem abandonou a reunião sem se incomodar em dançar com mais ninguém. Escolheu só a sua sobrinha como objeto de seus cuidados. Você compreenderá você que semelhante episódio despertará muitos comentários.

- Seriamente? – Effie arqueou inquisitivamente as sobrancelhas.

- Por certo que sim – assegurou à senhora Treadwell, carrancuda. - As pessoas já estão comentando. Por isso, esta manhã tomei a liberdade de vir.

- Que amável de sua parte – murmurou Harriet, sem poder resistir à tentação. Trocou um olhar com Felicity, contendo apenas outro grande sorriso.

A senhora Treadwell seguia concentrada em Effie.

- Não esqueço que você é nova no distrito, senhora Ashecombe, e pode não conhecer a reputação de St. Justin. Por certo, é algo que não se deve comentar na frente de senhoritas inocentes.

- Nesse caso, como há duas senhoritas inocentes na sala, conviria que não comentássemos – sugeriu Effie com suavidade.

- Só lhe direi isto: – continuou a visitante, com decisão - esse homem é uma ameaça para todas as jovens sem experiência. Se o chamam de a Besta de Blackthorne Hall é, justamente, porque causou a ruína de outra jovem que vivia nesta mesma casa. Ela tirou a vida por sua culpa. Além disso, quando morreu seu irmão mais velho correram alguns rumores de assassinato. Explico-me com clareza, senhora Ashecombe?

- Com toda clareza, senhora Treadwell, com toda clareza. Sirvo-lhe outra xícara de chá? – Effie levantou o bule.

A senhora Treadwell a olhou jogando faíscas de frustração. Logo deixou ruidosamente a xícara em seu pires para levantar-se de súbito.

- Eu cumpri com meu dever. Você está avisada senhora Ashecombe. Já que tem sobre seus ombros a responsabilidade de cuidar dessas duas jovens, confio em que cumpra com a responsabilidade.

- Farei todo o possível – disse Effie, com frieza. - Você tenha um bom dia, senhora. Espero que da próxima vez, nos faça saber de sua visita com alguma antecipação. Do contrário é possível que não nos encontre em casa. Chamarei minha governanta para que a acompanhe à porta.

Um momento depois a porta da rua voltou a fechar-se. Harriet soltou um profundo suspiro de alívio.

- Que mulher tão pedante. Nunca me caiu bem.

- Tampouco a mim – disse Felicity. - Reconheço que a conduziu muito bem, tia Effie.

A tia franziu os lábios, entreabrindo os olhos com ar pensativo.

- Foi uma cena horrível, não? Não quero pensar no que estarão dizendo na aldeia. Sem dúvida todos os lojistas falam da reunião de ontem à noite com todos os clientes que cruzam a soleira de sua loja. Isto era o que eu temia Harriet.

A jovem se serviu de outra xícara de chá.

- Oh, tia Effie, não tem por que preocupar-se. Foi só uma música. E como vou ao caminho de me converter em uma solteirona, não acredito que isso importe muito. Logo, tudo será esquecido.

- Oxalá. – suspirou Effie. - Eu me preocupava em proteger Felicity de St. Justin e agora é você quem está em perigo, Harriet. Que estranho. Segundo sua reputação, o homem prefere as meninas muito jovens.

Harriet recordou a confrontação dessa manhã. Jamais esqueceria a dor e a ira que tinha visto nos olhos de Gideon enquanto a flagelava com o tema da honra perdida.

- Parece-me que não deveríamos acreditar em tudo o que se diz contra St. Justin, tia Effie.

A senhora Stone apareceu na porta, com uma advertência justiceira nos olhos enfermos.

- Fará bem em acreditar, senhorita Harriet, se souber o que lhe convém. Lembre-se do que lhe digo: a Besta não vacilará em arruinar outra senhorita, se lhe apresentar a oportunidade.

Harriet se levantou.

- Não quero que volte a tratar de besta a sua senhoria, ouviu-me, senhora Stone? Se o fizer terá que procurar outro emprego.

E passou à biblioteca, sem prestar atenção ao surpreso silêncio que deixava atrás. Já a salvo em seu próprio refúgio, fechou a porta e se sentou atrás da mesa. Com ar distraído, fez girar entre as mãos um crânio de selvagem sorriso.

Gideon não era nenhuma besta. Era um homem que tinha sido gravemente ferido pela vida e por seu próprio destino, mas não tinha nada de besta. Harriet teria apostado nele sua vida e sua própria reputação.

Já era tarde da noite quando Gideon abandonou o livro de história que tentava ler fazia uma hora e se serviu de um pouco de conhaque. Logo esticou as pernas para perto do fogo, contemplando as chamas por cima da borda da taça.

Quanto antes concluísse com esse assunto dos ladrões, melhor. A situação estava tornando-se perigosa. Harriet Pomeroy parecia ignorá-lo, pior que ele sabia perfeitamente. Com um pouco de bom senso teria abandonado a vizinhança no menor tempo possível.

Em que demônios estava pensando a noite anterior, ao arrebatá-la com essa valsa? Sabia que isso iria despertar comentários, sobre tudo por ele não se incomodar em dançar com nenhuma das outras mulheres presente.

Outra filha de pároco tinha dançado com a Besta de Blackthorne Hall. Iria se repetir a história?

Em Harriet havia algo que, decididamente, despertava a imprudência. Gideon tentava ver nela apenas uma dessas enfadonhas intelectuais que reservavam sua paixão para os ossos velhos, mas sabia que não era assim.

Harriet albergava uma paixão capaz de satisfazer a qualquer homem. Embora ele não a tivesse testado com o beijo na caverna, na parte da manhã, tinha visto em seus olhos, claro como cristal ou enquanto dançava uma valsa entre seus braços.

Imediatamente depois se retirou do salão de reuniões, sabendo que, se permanecesse ali, não faria outra coisa a não ser adicionar água ao moinho das fofocas. Seria Harriet quem teria que suportar o falatório quando ele se fosse. E se lhe parecia pouca coisa, era porque Harriet era uma ingênua. E, isso podia ser um inferno.

Gideon esquentou a taça de conhaque entre as mãos. O melhor seria abandonar logo a vizinhança, antes que se visse incitado a algum de seus atos mais escandalosos. Mas uma parte dele desejava que levasse muito tempo para caçar os bandidos.

Reclinou a cabeça contra a poltrona, recordando a sensação de ter Harriet entre os braços, cálida, elegante; tinha respondido muito bem à dança, com uma deliciosa ansiedade. Encontrava um franco deleite na pecaminosa sensualidade da valsa. Gideon adivinhou que faria amor com a mesma doçura e sensibilidade.

Depois de tudo, essa mulher tinha quase vinte e cinco anos e era decididamente teimosa. Possivelmente fosse melhor abandonar sua intenção de mostrar-se nobre e deixar que Harriet se ocupasse de sua própria reputação.

Se a dama queria brincar com fogo, quem era ele para impedir-lhe

Três noites depois, Harriet se encontrou completamente alerta. Passou duas horas, depois de deitar-se, dando voltas e voltas na cama. Não tinha sossego. Era perseguida por uma sensação de ansiedade e alarme sem motivo aparente.

Por fim, abandonando toda pretensão de dormir, levantou-se da cama. Ao abrir as cortinas viu que as nuvens obscureciam parcialmente a lua. A maré estava baixa; ao pé dos escarpados se via uma parte da areia prateada.

Mas, também viu outra coisa. A piscada de uma lanterna.

Já invadida pela excitação, abriu a janela para olhar melhor. Outro brilho, mais longínquo, indicava a presença de um segundo ladrão. Tinha sentido: geralmente eram dois, embora às vezes baixassem três homens à praia.

Harriet esperou um momento, se por acaso aparecia outra lanterna. Por fim decidiu que dessa vez o terceiro homem não tinha acompanhado os outros.

Perguntou-se se Dobbs, o detetive da Bow Street, havia entrado em ação. Nesse mesmo instante devia estar enviando sinais a Gideon. A jovem esteve a ponto de cair da janela em seu esforço para ver melhor o que estava acontecendo.

Sem dúvida alguma, isso era o fato mais emocionante que já havia acontecido em sua vida. O que mais lamentava era não poder ver exatamente o que aconteceria quando Dobbs fizesse suas detenções.

Recordou o severo sermão de Gideon e sua advertência de não aproximar-se das cavernas. Que típico! Sempre eram os homens que experimentavam todas as aventuras, enquanto ela, que tinha alertado a todos sobre o que estava ocorrendo, só ficava na janela para ver os procedimentos.

Harriet aguardou com ansiedade, se por acaso pudesse ver Gideon quando fosse reunir-se com o senhor Dobbs. Mas a lua só iluminava por alguns momentos, ficando difícil ver o que estava se ocorrendo na praia.

Ocorreu-lhe que, se chegasse até o início da trilha dos escarpados, poderia ver muito melhor.

Demorou só uns minutos em colocar um protegido vestido de lã, atar as botinas e pegar seu capote e suas luvas.

Pouco tempo depois, com o capuz levantado para se proteger do frio ar noturno, Harriet saiu de casa e chegou até o topo do atalho.

De seu novo posto o panorama era mais amplo. A franja de areia ia se estreitando quase imperceptivelmente, à medida que a maré começava a mudar. Dentro de meia hora, a água começaria a penetrar nas cavernas.

Os ladrões conheciam com perfeição o horário das marés. Faziam o mesmo muitas vezes. Gideon e o senhor Dobbs também estavam a par disso. Teriam que atuar com celeridade, pois os ladrões não se atrasariam muito tempo; do contrário, a maré os apanharia dentro das cavernas.

Harriet detectou um denso movimento na praia. “Duas sombras”, disse-se. Nenhuma das duas levava uma lanterna para iluminar o caminho. Eram, sem dúvida, Gideon e seu mordomo, que respondiam ao sinal de Dobbs.

Harriet se aproximou um pouco mais da borda dos escarpados. De repente a consumia a preocupação. Esses ladrões deviam estar armados e sairiam das cavernas a qualquer momento.

Pela primeira vez lhe ocorreu que Gideon corria perigo. A ideia deixou Harriet nervosa, afogando por completo sua excitação anterior. De repente não podia suportar a ideia de que ele saísse ferido.

As sombras que Harriet tinha tomado por Gideon e o mordomo se reuniram com outra sombra, que devia ser o senhor Dobbs, e se postaram atrás de umas pedras redondas.

Nesse momento apareceu um brilho de luz à entrada da caverna. Saíram dois homens. Dobbs lhes deu a voz de prisão. Harriet ouviu apenas o grito autoritário do homenzinho, por cima do ruído do mar e do vento.

- Mãos ao alto, ladrões! – Abaixo soaram exclamações sobressaltadas. Harriet tentou ver melhor o que estava ocorrendo, mas de repente o longo braço de um homem lhe enroscou o pescoço por trás, imobilizando-a. Ela ficou petrificada de susto.

- Que diabos faz você aqui, senhorita Pomeroy? – vaiou Crane.

- Senhor Crane! Céus, que susto. – Harriet refletiu depressa - Como não podia dormir, saí para dar um passeio pelos escarpados. O que faz você por aqui? – interiormente, Harriet se felicitou por seu notável aprumo.

- Vigiar, senhorita. Que sorte, não? De outro modo teriam me apanhado como a esses pobres estúpidos da praia. – E lhe fez sentir a ponta de uma faca contra o pescoço.

Harriet estremeceu ao captar o desagradável aroma desse homem alto e desajeitado, junto com a força desse braço, que parecia uma serpente.

- Não sei do que você me fala senhor Crane. Acontece alguma coisa na praia? Estava convencida de que já tínhamos acabado com os contrabandistas nesta região.

- Não precisa mentir senhorita Pomeroy. – O homem rodeou o braço, deixando-a quase sem ar. - Vi com meus próprios olhos o que está acontecendo ali abaixo. Meus sócios caíram em uma armadilha.

- Não tenho ideia do que diz senhor Crane.

- Sério? Bom, ficará sabendo dentro de alguns minutos, quando descermos.

Harriet tragou saliva.

- Por que temos que descer?

- Vou esperar que essa gente se vá; depois descerei para apoderar-me do que puder. Com a aurora virão às autoridades para levar a mercadoria da caverna. Tenho que carregar agora o que puder. Quanto a você, virá como refém, se por acaso alguém tenta me deter.

- Mas enquanto conversamos está subindo a maré, senhor Crane – advertiu Harriet, desesperando-se. - Você não terá muito tempo.

- Pois bem, terei que me apressar verdade? E você também. Vamos senhorita Pomeroy. E aviso: se gritar enfio-lhe esta faca na garganta.

Crane a empurrou para o atalho do escarpado. Ao olhar para baixo, Harriet viu que Gideon e os outros tinham completado a tarefa de prender os bandidos e partiam com eles pela praia, para outro dos atalhos. Se algum deles se voltasse para olhar, dificilmente a veriam descer com Crane para a praia, entre as sombras.

Dentro de poucos minutos, Gideon e os outros estariam longe e já não poderiam ouvi-la.

Capítulo 6

A maré subia rapidamente. Enquanto descia com dificuldade pelo atalho, Harriet viu que as ondas lambiam com fome a areia. Seu passo era inseguro, pois Crane a segurava pelo braço, sem afastar a faca de sua nuca.

Quando chegaram ao pé do atalho, Harriet olhou ao longo da praia, rezando para que Gideon ou Dobbs girassem a cabeça e vissem o que estava ocorrendo ali atrás. A vacilante luz da lua lhe permitia com muita dificuldade ver as silhuetas que se retiravam.

- Lembre-se: nem uma palavra. – Crane voltou a lhe rodear o pescoço com um braço assim que chegaram à praia. - além desta adaga tenho uma pistola no bolso. Se escapar da faca lhe colocarei uma bala. Eu juro.

- Mas se disparar a pistola os homens o escutarão – advertiu Harriet, tremendo de medo.

- Pode ser que sim, pode ser que não. As ondas fazem muito barulho. Não me provoque senhorita. Siga caminhando. Depressa.

De repente Harriet descobriu que não era somente ela que estava tremendo de susto. Crane também estava alterado. Pelo braço que lhe apertava o pescoço corriam estremecimentos. E exalava o fétido aroma do medo.

Além disso, do fator tempo, havia outra coisa que punha Crane nervoso. Harriet pressentiu que o homem se debatia contra o terror que lhe inspiravam as cavernas. Isso não era estranho. Tal como tinha explicado a Gideon, muitas pessoas sentiam pânico ao entrar nas cavernas.

Ao olhar para baixo viu que a espuma do mar já começava a lhe lambear as botas. Isso lhe deu uma ideia.

- Não há tempo, senhor Crane. Ficaré preso na caverna. Se não for embora agora, terá que passar a noite nessa caverna escura. Duvido muito que essa lanterna se mantenha acesa por

muito tempo. Imagine que lhe esmague a escuridão, senhor Crane. Será mesmo como o inferno.

- Cale a boca! – gritou Crane.

- As autoridades terão que esperar a manhã. Quando se retirar a maré, você correrá diretamente aos seus braços. A menos que antes fique perdido ali dentro. Sempre existe a possibilidade. Há quem tenha se perdido nessas cavernas e jamais voltaram a aparecer, senhor Crane. Imagine a sensação de estar preso na escuridão?

- Posso entrar nessa caverna e sair em dez minutos. Tenho um mapa. Caminhe, mulher.

Harriet percebeu a crescente tensão da sua voz. O homem estava muito assustado. Sabia tão bem como ela que sobrava muito pouco tempo.

Esse nervosismo, cada vez maior, tinha que lhe proporcionar uma oportunidade. Harriet tratou de pensar rapidamente. No primeiro salão da caverna a escuridão seria total. Crane teria que parar para acender a lanterna, com os dedos torpes pela ansiedade. E enquanto acendia não poderia manter a faca contra seu pescoço.

Se ela se movesse com celeridade poderia entrar no corredor da parte de trás antes que o homem extraísse a pistola do bolso para disparar.

Deu um último olhar pela praia, envolta pela noite, e soube desesperada que Gideon e os outros já estavam muito longe e a distância crescia segundo a segundo.

Se gritasse com todo pulmão, possivelmente Gideon a ouvisse por cima do ruído da maré crescente, mas Harriet não estava segura de que pudesse compreender o que acontecia.

Teria que escapar sozinha.

Harriet tomou sua decisão no momento em que Crane a empurrava para a entrada da caverna.

- Depois de tudo, senhorita Pomeroy, parece que não vou necessitar reféns. Eles se foram. Posso me desfazer de você agora mesmo. Pelos pregos de Cristo, como é escuro! Como podiam suportar?

Harriet tropeçou deliberadamente e caiu de joelhos, enquanto Crane manobrava com a lanterna. Esse movimento a liberou momentaneamente do braço que a segurava.

- Gideon! – Seu grito encheu a caverna, mas não havia modo de saber se ouviria lá fora, na praia. Deu um chute na lamparina, mas falhou.

- Cale a boca, sua cadela. Por todos os diabos!

Crane se interpunha entre Harriet e a entrada. Jamais poderia passar por ali. Só poderia girar e fugir às cegas para as negras profundidades da caverna, com as mãos estendidas, procurando com os dedos a parede de pedra. Atrás dela Crane, entre maldições, lutava por acender a lamparina.

- Volte imediatamente! – gritou.

Nesse momento a lamparina cobrou vida, banhando a caverna com um fulgor dourado. Vendo que estava a menos de um metro da entrada do túnel, Harriet se lançou diretamente para ali.

Um disparo retumbou em toda a caverna, despertando ecos horríveis. Mas, Harriet não olhou para trás. Já estava dentro do túnel, correndo para a nova escuridão.

- Maldita seja! – gritava Crane, furioso - Maldita seja!

Harriet se agachou no túnel, em um lugar aonde não chegava à luz da lamparina. O administrador se aproximava a grandes passos. Ela esperava que o pânico o obrigasse a desistir de levar parte do tesouro. Por desgraça, sua cobiça parecia mais forte que o medo das cavernas ou a perspectiva de ser apanhado.

A jovem se escondeu um pouco mais pelo negro corredor, medindo o caminho com as mãos enluvadas. Um raio de luz lhe advertiu que Crane não tinha abandonado a perseguição. Seus passos ressoavam no chão de pedra, igual a seu fôlego.

Ela retrocedeu pelo túnel. Algo cruzou sobre a ponteira de sua botina. Um caranguejo, sem dúvida.

Esse mortífero jogo de esconde-esconde se prolongou por um tempo que parecia interminável, enquanto Harriet retrocedia mais e mais pelo corredor. O rugido do mar se fazia

cada vez mais potente. A jovem compreendeu que as ondas começavam a alagar a caverna exterior, cortando toda saída pouco a pouco, mas sem pausa. Em poucos minutos mais, seria muito perigoso tentar a saída. Possivelmente já fosse muito tarde.

- Condenada estúpida! – gritou Crane. - Onde diabos está você?

Imediatamente deu um grito. Foi um espantoso ruído de puro terror animal, que reverberou pelos corredores.

O fulgor longínquo e vacilante de sua lamparina desapareceu de súbito, afundando Harriet na total escuridão. As botas de seu perseguidor retrocederam ruidosamente para a primeira caverna. Em Crane o medo acabava de impor-se à cobiça.

Harriet aspirou fundo para acalmar os nervos e lenta e penosamente, iniciou a tarefa de retornar para a entrada. Quase imediatamente compreendeu que já era muito tarde. O som do mar na primeira caverna chegava com toda clareza. Então parou para pensar.

Embora soubesse nadar, não tinha força necessária para lutar contra esse fluxo sem que se fizesse em pedaços contra as paredes da caverna.

A ideia de passar a noite sozinha nessa imensa escuridão não lhe resultava mais atraente que ao senhor Crane. Estremeceu ao se dar conta de que podia ficar presa ali por várias horas.

- Harriet! Harriet! Você está aqui? Onde está você?

- Gideon. – O alívio correu por ela como uma onda. Já não estava sozinha nesse interminável negrume. - Estou aqui, Gideon. No túnel. Não vejo nada. Não tenho lanterna.

- Não se mova. Estarei aí em um momento.

Viu primeiro uma luz que ondulava. Pouco depois apareceu Gideon, encolhendo seus ombros para virar em uma curva do túnel. Estava sem chapéu e sem casaco; levava um pesado objeto enroscado ao pescoço, como se fosse uma gravata sem atar ou um cachecol. Harriet notou que tinha as calças e as botas empapadas; sem dúvida tinha sido obrigado a entrar na caverna com a água até as coxas. Ela compreendeu que havia tirado o casaco para mantê-lo fora da água.

Ele se deteve com a lamparina no alto, para vê-la melhor. A luz recortava asperamente suas feições, mas Harriet se disse que nunca tinha visto ninguém tão belo como Gideon nesse momento, tão corpulento, tão forte e sólido. Tinha querido jogar-se em seus braços, mas conseguiu dominar-se.

- Você está bem? – perguntou Gideon, brusco.

- Sim, estou bem, sim. – Não pôde deixar de dar uma olhada atrás dele. - O que aconteceu ao senhor Crane?

- Arriscou-se a voltar nadando. Se não morreu afogado, já está em poder de Dobbs. O que sei é que, por esta noite, já não poderemos sair desta caverna. Ao que parece, teremos que esperar a manhã neste maldito lugar, senhorita Pomeroy.

- Temia isso. Graças a Deus, você tem uma lanterna.

- Sim, e na caverna há outras que foram deixadas pelos ladrões, junto com os objetos roubados. Venha, saiamos deste condenado túnel. Abrace meu corpo, como uma jaqueta de bom corte.

Harriet, sem discutir, virou em direção da caverna dos bandidos. Gideon a seguiu, lançando uma leve exclamação de alívio ao sair à ampla câmara.

- Não é exatamente um agradável quarto de estalagem, verdade? – pendurou a lanterna em uma cunha metálica, cravada na parede por um dos ladrões. - O serviço é ruim. E suponho que este chão de pedra nos será muito incômodo antes que chegue a manhã. Me recorde que não deixe gorjeta para a gerência.

Harriet mordeu os lábios, invadida pelo remorso.

- Sei que tudo isto é minha culpa, milord. Lamento muito estes incômodos.

- Incômodos? – Gideon arqueou uma sobrancelha. - Você não sabe o que significa essa palavra, Harriet. Amanhã descobrirá quão incômoda poderá resultar esta situação.

Ela franziu o cenho.

- Não compreendo senhor. O que está tentando me dizer?

- Não importa. Mais adiante teremos tempo de sobra para discutir sobre isso. – Gideon se sentou em uma parte de rocha para tirar as botas molhadas. - Por sorte, você tem um capote e eu, um casaco seco. Neste quarto faz muito frio.

- Sim, é verdade. – Harriet se agachou sob o manto, dando um olhar intranquilo a seu redor. Começava a compreender que devia passar a noite ali, com Gideon. Em toda sua vida nunca havia passado a noite com um homem na mesma habitação. - Como me encontrou? Ouviu minha voz? Ou foi o disparo do senhor Crane?

- Ambos. – Uma bota caiu no chão de pedra. Gideon se dedicou a lutar com a outra. - Estava alerta por seu relato sobre o terceiro homem que você dizia ter visto. Supus que estaria montando guarda. Mas não esperava vê-lo descer pelo escarpado com você. – A segunda bota caiu ao chão.

- Compreendo. – Harriet deu uma olhada às botas e umedeceu os lábios, subitamente secos.

- Se não lhe incomodar, senhorita Pomeroy, eu gostaria que me desse uma explicação. – Gideon levantou-se para manobrar com os botões de sua calça.

Harriet dilatou os olhos de espanto. Esse homem ia tirar a roupa molhada! Dadas as circunstâncias, não havia outro remédio. Se tentasse dormir com essas roupas úmidas pegaria uma pneumonia. Não obstante, ela nunca tinha visto um homem sem roupas. Voltou-lhe as costas e começou a falar apressadamente, para dissimular seu nervosismo.

- Não podia dormir – disse - Da janela vi que havia homens na praia e me dei conta de que os ladrões estavam aqui. Sabia que o senhor Dobbs daria o sinal para que o plano entrasse em ação. A princípio me senti muito excitada. Queria ver o que ocorria. Mas logo me alarmei.

- Teve medo de seus condenados fósseis?

- Tive medo por você. – sussurrou ela, muito consciente do ruído que fazia Gideon ao tirar as calças molhadas.

- Por mim? – Houve um breve silêncio – Por que diabo tinha que preocupar-se comigo?

- Bom, é que você não tem muita experiência em caçar ladrões, milord. – Harriet retorceu as mãos sob o capote - Quer dizer, não é sua ocupação normal. Pensei que os ladrões estariam armados, que eram perigosos e... Bem... – calou a voz. Não podia confessar que sua aflição era muito mais pessoal. Ela mesma acabava de descobrir.

- Compreendo. – disse Gideon, com voz fria.

- Não quis ofendê-lo, milord. Só me preocupava com o perigo que você pudesse correr.

- E o que você corria senhorita Pomeroy?

Ela se preparou para resistir ao sarcasmo.

- Não pensei que corresse nenhum perigo ali, no alto dos escarpados.

- Quase não a ouço senhorita Pomeroy.

Harriet pigarreou.

- Disse que eu não acreditava correr nenhum risco ali, no alto dos escarpados.

- Bem, enganou-se, não é? E agora corre um perigo muito maior do que poderia ter imaginado.

Harriet voltou-se ante essa suave ameaça. Foi um alívio ver que Gideon havia colocado o casaco; chegava-lhe até as panturrilhas nuas. O homem estava atarefado com um dos sacos.

- O que você está fazendo, senhor?

- Preparando uma cama para que passemos a noite. Ou você pensa em dormir de pé? – Gideon abriu o saco e o voltou para baixo, deixando cair uma fortuna em prata e pedras preciosas.

- Duvido de que esta noite eu possa dormir. – murmurou Harriet, enquanto Gideon esvaziava outra das bolsas de lona - Compreendo que esteja aborrecido comigo, milord, e lamento muito. Mas você deve compreender que o que aconteceu foi puro acidente.

- Fatalidade, senhorita Pomeroy. Acredito que podemos rotulá-lo como fatalidade. O que ocorreu esta noite tem todo o peso detestável e assustador da mais pura e condenada fatalidade. Você é do tipo filosófico?

- Não pensei muito em filosofia, embora tenha lido alguns dos clássicos, é claro. Sempre me interessaram mais os fósseis.

Gideon lhe deu um estranho olhar enviesado.

- Pois se prepare senhorita Pomeroy. Diante seus olhos está por abrir-se todo um mundo novo.

Harriet enrugou a testa.

- Você esta noite, milord, tem um humor muito estranho, não é verdade?

- Pode atribuir meu humor ao fato de que, diferentemente de você, sinto um saudável respeito pelo poder da fatalidade. – Gideon esvaziou o último dos sacos. Logo os abriu ao longo, um a um, e acabou por empilhá-los em uma espécie de colchão.

Atrás dele, a lamparina cintilava nos objetos valiosos amontoados no chão de pedra. Candelabros de ouro, anéis de rubis e caixas para rapé faiscavam em um fogo resplandecente, que não proporcionava nenhum calor.

Harriet deu uma olhada nos sacos de lona.

- Você está pensando em dormir aí, milord?

- Minha intenção é que nós dois durmamos aqui. – Gideon acomodou os sacos ao seu gosto. - A lona nos protegerá um pouco do frio da pedra; como manta temos seu capote e meu casaco. Assim sobreviveremos a esta noite.

- Sim, é obvio. – Queria que ela dormisse a seu lado. Pelas costas de Harriet correu uma desconcertante emoção, seguida por um brilho de medo que também a inquietou. Deu uma olhada em volta, procurando alguma alternativa. - Suponho que é uma decisão muito sensata.

Gideon olhou para as botas molhadas de Harriet.

- Seria melhor que ficasse descalça.

Ela seguiu a direção de seus olhos.

- Sim. Sim, é claro.

Sentou-se junto ao bloco de rocha onde tinha descoberto seu dente, na visita anterior. Depois de um olhar melancólico ao fóssil, inclinou-se para desatar as botas.

Um momento depois de tirar as botas sentiu-se mortificada. Não tinha tido tempo de colocar um par de meias, antes de sair. Estava ficando vermelha; era de se esperar que Gideon não percebesse.

- Tranquelize-se, Harriet. O que está feito, está feito. Já não podemos fazer nada, a não ser tratar de descansarmos um pouco. Do resto nos encarregaremos pela manhã. – Os olhos sombrios de Gideon pareceram suavizar-se um pouco ao apreciar o aspecto desalinhado e inseguro da moça. - Venha querida. Se compartilharmos estes sacos, estaremos mais abrigados e correremos menos perigo de contrair uma pneumonia.

Harriet se levantou, movendo os dedos dos pés contra a pedra fria. Logo, levantou os ombros. Gideon tinha muita razão: era o mais sensato.

Sem poder olhá-lo nos olhos, caminhou com passo vacilante até o montão de lona e parou junto à cama improvisada, sem saber como agir.

Gideon se acomodou nos sacos, com uma revoada de casaco. Logo abriu o pesado capote de Harriet e tomou com firmeza sua mão para fazê-la sentar a seu lado, com jeito suave, mas implacável.

Com grande força de vontade, Harriet se compôs para manter algum aspecto exterior de serenidade, mas seus dedos tremiam na mão de Gideon. Tinha certeza de que ele havia notado, embora tivesse a amabilidade de não embará-la, comportando-se como se estivesse acontecendo nada demais.

Um momento depois a fez aconchegar-se a seu lado, coberta com o manto do pescoço até os pés, com o capuz como travesseiro. O calor desse poderoso corpo a envolvia transpassando as dobras do grosso casaco; era reconfortante. Harriet permaneceu muito quieta, observando as sombras que a lamparina jogava contra as paredes da caverna.

- Lamento muitíssimo esse incomodo milord – murmurou uma vez mais.

- Durma Harriet.

- Sim, milord. – Ela ficou em silêncio por um momento. - Em casa se preocuparão muito quando descobrirem, amanhã pela manhã, que não estou em minha cama.

- Não duvido nem um pouco.

- O senhor Dobbs vai informar-lhes que estamos nas cavernas?

- Estou certo que sua família vai se inteirar-se muito em breve de tudo. – assegurou Gideon, com secura.

- Poderemos sair bem cedo. – afiançou Harriet, com uma nota otimista.

- Não tanto para deter as rodas da fatalidade, senhorita Pomeroy. – Gideon ficou de lado para curvar-se a seu redor, rodeando-lhe audazmente a cintura com um braço. - Nem tanto... Nem tanto.

Harriet suspirou bruscamente ao sentir o peso do braço, mas se tranquilizou um pouco ao se dar conta de que ele só tratava de lhe proporcionar um pouco mais de calor.

- Encontramo-nos em uma situação muito estranha, verdade, milord?

- Muito estranha, sim. Trate de dormir, Harriet.

Ela fechou os olhos, convencida de que não poderia pregar um olho. Com um bocejo, chegou mais perto do calor de Gideon e imediatamente se perdeu no esquecimento.

Ao despertar, um longo momento depois, tinha frio. Sentiu que a perna de Gideon se movia ao longo da sua e por instinto, aproximou-se mais a ele, procurando seu calor. Dormente pela posição lateral no chão duro virou para o lado contrário e se encontrou cara a cara com Gideon.

Imediatamente, viu que ele tinha os olhos abertos e a observava com surpreendente intensidade. Seus olhos cintilavam nas sombras bruxuleantes da lamparina. Seu braço lhe rodeou a cintura.

- Gideon? – Sorriu trêmula e ainda aturdida pelo sonho, abrindo a mão para lhe tocar a mandíbula desfigurada - Eu já lhe agradei por vir em meu socorro?

Ele calou por um momento. Logo se equilibrou sobre um cotovelo para inclinar-se para ela.

- Não sei se pela manhã ainda vai querer me agradecer.

Ela ia assegurar-lhe que sim, mas não teve oportunidade de falar. Gideon baixou a cabeça e lhe cobriu a boca com a sua.

Harriet, sem vacilar, o rodeou com os braços para aproximá-lo mais, adorava seu calor e sua força, necessitava mais de ambas as coisas. Por um lado, sabia que deveria mostrar-se horrorizada ou, quando menos, profundamente ofendida. Uma parte dela sabia que era necessário resistir.

Mas a outra parte reconhecia ter estado esperando que Gideon voltasse a beijá-la desde o primeiro abraço, nessa mesma caverna.

- Na verdade acredito que você é minha fatalidade. – sussurrou Gideon contra sua boca. - Para o bem ou para o mau, parece que estamos ligados um ao outro. Vai resistir a mim, Harriet?

Ela não compreendeu.

- Por que tenho que resistir?

- Os vizinhos me chamam de a Besta de Blackthorne Hall.

- Você não é nenhuma besta. – Harriet voltou a lhe tocar o rosto, saboreando as fortes e audazes linhas de sua mandíbula - É um homem, o homem mais fascinante de todos que conheci.

- Apostaria que não conheceu muitos homens. – Com um murmúrio de lamento, Gideon lhe abriu o capote para beijá-la no pescoço. - Isso não muda as coisas.

Harriet estremeceu ao sentir sua boca contra a pele.

- Não há outro homem como você no mundo inteiro. Tenho certeza. Na outra noite, quando dancei com você na reunião, me surpreendi desejando que a valsa não acabasse nunca.

- Você gostou da valsa? – roçando-lhe a boca com a sua.

- Muito.

- Acreditei que sim. O prazer aparecia em seus olhos. Você é uma criatura muito sensual, Harriet Pomeroy. A valsa foi feita a sua medida.

- Eu gostaria muito que voltássemos a dançá-la algum dia – disse ela, subitamente sufocada.

- Tomarei nota. – Gideon retirou outro pouquinho de capote e lhe cravou nos olhos o olhar sombrio, enquanto continha na mão na curva de um seio. Esperando sua reação.

Harriet afogou uma exclamação frente a essa chocante intimidade. Era preciso lhe dizer que cessasse já com essas coisas. Mas afinal de contas, ela tinha quase vinte e cinco anos e essa era a primeira vez que conhecia o contato de um homem. Provavelmente fosse a sua única experiência. E se tratava de Gideon.

- E então, Harriet? – A mão de Gideon se movia com tentadora ternura, contendo-a, lhe dando forma, acariciando suavemente.

A língua de Harriet tocou o canto da boca. Não achava palavras para responder. Tinha o pulso acelerado e um calor pesado, líquido, fluía de algum lugar, bem dentro dela. Rodeou-lhe o pescoço com os braços para beijá-lo, com uma paixão que pareceu explodir do nada.

Gideon não necessitou de mais incentivo. O sereno domínio que tinha caracterizado seus atos até então se dissolveu em um instante. Afastou bruscamente o manto para desatar as fitas do vestido.

- Harriet, minha doce e atrevida Harriet – murmurou contra seu pescoço, enrouquecido, enquanto deslizava o sutiã até a cintura. – Você acaba de selar o seu destino.

Ela não compreendeu essas graves palavras; estava muito atarefada em lutar com uma verdadeira inundação de sensações novas para lhe perguntar o que significavam. Só sabia que o que estava ocorrendo estava predeterminado, de algum jeito. Era algo que ela desejava, algo que não podia evitar. Algo que desejava... Não... Que precisava experimentar.

Sentiu frio onde o ar lhe tocava a pele nua, mas imediatamente sentiu calor outra vez, porque Gideon estava sobre ela. Mais que calor. Ardia. Jamais tinha ardido assim em sua vida. O peso desse homem a excitava de um modo incrível. Todos seus sentidos respondiam a ele.

Gideon tirou o casaco, impaciente, deixando descoberta à larga camisa branca que usava como roupa de baixo. No peito largo e duro, o pêlo castanho e ondulado, formando um tapete que se afunilava abaixo. Harriet viu um flash de seu membro viril, tenso e duro, e ficou petrificada.

- Gideon?

- Deve confiar em mim – disse ele, com uma voz rouca e sombria que revelava seu desejo com tanta intensidade como o seu corpo. Acomodou o casaco sobre ambos, ocultando à vista a carne excitada. – Já não tem mais alternativa que confiar em mim. Olhe-me, minha doce Harriet.

Ela o olhou nos olhos e notou neles a nua necessidade. Nunca antes tinha visto o desejo desperto no olhar de um homem, mas o reconheceu imediatamente. E viu algo mais: uma profunda cautela e uma carregada determinação. Era como se se preparasse para experimentar novas dores.

Harriet sorriu suavemente.

- Confio em você, Gideon.

Com outro resmungo, ele inclinou a cabeça para lhe beijar os seios com reverente carinho. Cravou-lhe os dedos nos ombros. A sensação superava tudo. Sentiu que a mão de Gideon deslizava para baixo, levantando seu vestido por cima dos quadris até tirá-lo por completo, liberando o tato. Estremeceu sob a potente suavidade de seus dedos.

A palma de Gideon estava agora na parte interior de suas coxas, acariciando para cima, dirigindo-se para o centro de fogo líquido que parecia arder dentro dela. Mas quando ele afundou um longo dedo nesse fogo, abrindo-a, Harriet lançou um grito de espanto.

- Já está pronta para mim. – Gideon retirou brandamente o dedo e voltou a afundá-lo com mais lentidão.

Todo o corpo da moça ficou tenso em resposta a essa assombrosa intromissão. Apertou os olhos com força e permaneceu imóvel, tentando determinar se gostava ou não. Era muito estranho. Deliciosamente estranho.

Logo Gideon moveu o dedo uma vez mais e Harriet chegou a uma decisão. Adorava senti-lo dentro de si. Levantou os quadris contra essa mão que ela comprimia cautelosamente e agarrou seus ombros.

- Deseja-me. – Gideon capturou um mamilo entre os dentes, puxando um pouquinho. – Diga.

- Desejo você. – Harriet só podia respirar. Suas palavras eram um arquejo abafado. – Desejo você, Gideon.

- Diga-o outra vez. Preciso ouvir dizer isso, minha doce e temerária Harriet. Preciso ouvir dizer isso. – Sua mão seguia em movimento fazendo pequenos círculos em seu úmido calor.

Para Harriet pareceu impossível que o fogo interior pudesse aumentar. Retorceu-se debaixo dele, procurando alguma coisa que não podia determinar.

- Por favor. Por favor, Gideon.

- Sim – murmurou ele - Sim, querida.

Um segundo depois lhe separava as pernas para instalar-se entre suas coxas. Harriet sentiu que baixava uma mão para guiar-se até essa parte que tinha estado acariciando. Sentiu-o molhar em seu úmido calor. E logo sentiu que a penetrava.

Muito tensa, se deu conta que essa parte em especial de Gideon estava construída na mesma escala que o resto de sua enorme pessoa. Seus dedos lhe unham os ombros, enquanto abria subitamente os olhos. Encontrou-se olhando diretamente a feroz fogueira desses olhos dourados.

-Estou lhe machucando. – disse ele, apertando os dentes em um rígido autodomínio - Não queria machucá-la. É tão apertada... Tão pequena, linda e apertada... E eu sou um bruto muito grande que não tem por que forçá-la assim.

- Não diga isso. Não está me forçando. – Harriet olhou no fundo desses olhos leoninos e viu entre as chamas, tristeza e dor. - Não volte a dizer isso. Não está certo.

-Claro que sim. Ensinei deliberadamente a você a experimentar sensações que desconhece. E estou me aproveitando dessas emoções.

- Não sou uma menina. Posso decidir por conta própria. – assegurou ela.

- Você acha? Eu acredito que não. Pela manhã, terá muito que lamentar, do jeito que estão às coisas. Não quero adicionar isto ao problema.

Ela soube instintivamente que ia retirar-se; soube também que não podia permitir. E adivinhou que Gideon precisava saber que era desejado com tanto desespero, como ele parecia desejá-la.

- Não! – Afundou-lhe as unhas nas potentes costas, arqueando a parte inferior do corpo em um gesto de convite. - Não, Gideon. Por favor, não afaste de mim agora. Desejo-te. Desejo-te.

Ele vacilou ainda parado na suave e úmida entrada de seu corpo. O suor lhe cobria a testa.

- Que Deus me perdoe, mas desejo você como nunca desejei ninguém em minha vida. – As palavras pareceram arrancadas em um murmúrio estrangulado, enquanto se afundava lenta e pesadamente nela.

Harriet exalou um grito, apesar de sua resolução de não fazê-lo. Gideon se apressou a lhe cobrir a boca com a própria, bebendo sua exclamação incoerente.

Um entusiasmo apaixonado, uma mistura de dor e prazer, correu pelo corpo de Harriet. Sentiu-se distendida e cheia até o intolerável, mas ao mesmo tempo teve consciência de que procurava uma excitação fulgente que parecia estar quase à mão.

Soube que estava próxima de um grande descobrimento. Com um pouco de tempo chegaria agarrar esse prazer indefinido. Tinha certeza.

Mas não teve tempo. Gideon escorreu lentamente. Logo voltou a afundar-se, até o fundo. Com um grito rouco, cheio de crua satisfação masculina, arqueou o corpo por cima dela, com os músculos duros como aço.

E logo se derrubou ao longo de seu corpo, aspirando o ar em grandes baforadas, enquanto a esmagava entre seu volume e o duro chão da caverna.

Capítulo 7

Gideon despertou apenas uma vez durante a noite, para acender a segunda lamparina. Harriet não se moveu. Depois de voltar para a cama improvisada, ele a aproximou novamente de seu corpo e ficou dormindo.

Quando despertou pela segunda vez soube que estava amanhecendo. Na caverna não havia modo de distinguir a noite do dia, mas seus sentidos indicavam que tinha chegado à manhã. A manhã é o momento da cobrança.

Tinha previsto o que ia ocorrer no instante em que, ao interceptar Crane à entrada da cova, percebeu que Harriet ainda estava lá dentro. Enquanto lutava para abrir passagem na correnteza, cada vez mais forte, compreendeu que não teria tempo de achar a jovem e sair com ela, antes que a primeira caverna alagasse.

Isso significava que deveria passar a noite com ela. Significava que, até o amanhecer, Harriet teria sua honra muito comprometida. E não havia nada que ele pudesse fazer para evitar o inevitável.

Mesmo assim, não tinha intenções de piorar o problema fazendo amor com Harriet.

Agora compreendia que, uma vez que havia sorrido, uma vez que estendeu a mão para tocá-lo e se deu a ele por própria vontade, todas suas boas intenções se esfumçaram.

Fazer amor com Harriet se tornou assim, tão inevitável como a alvorada.

Alongou-se com cuidado, fazendo uma careta de dor ao esticar os músculos que a dureza da pedra tinha entorpecido durante a noite. Sentiu que Harriet se movia a seu lado, aconchegando-se contra seu calor, sem abrir os olhos.

Olhou-a, sorrindo interiormente. A moça descansava na curva de seu braço como se fosse o lugar mais adequado do mundo. Os cabelos rebeldes e elásticos cobriam seu rosto pela metade. Gideon tocou aqueles fios castanhos com dedos curiosos e os sentiu admiravelmente suaves. Apertou um pouco o punho e o soltou. Como se tivesse vida própria, o punhado de

cabelo escorreu livremente assim que ele abriu os dedos. O cabelo de Harriet era como o resto dela: suave, perfumado e cheio de uma vitalidade inteiramente feminina.

A noite anterior se perdeu nessa mulher. A noite anterior tinha descoberto em toda sua extensão o muito que a desejava. E ela tinha se entregado com um abandono selvagem e inocente, imensamente mais valioso que o tesouro acumulado na caverna.

“Entregou-se à Besta de Blackthorne Hall, apesar da deformidade de seu rosto e do seu passado.”

O corpo de Gideon começou a endurecer frente às ardentes lembranças. Moveu uma perna contra a panturrilha nua de Harriet e deslizou a mão sobre a generosa curva das nádegas. Mais que tudo no mundo, teria desejado que esse mágico momento não tivesse fim.

Nunca antes tinha tido medo de enfrentar a realidade. Pelo contrário, enfrentava há muito tempo. Mas essa manhã Gideon teria dado a alma para ter uma varinha mágica que pudesse utilizar nessa caverna, para convertê-la em um mundo onde ele e Harriet pudessem viver para sempre.

Harriet abriu os olhos, piscando para afastar o sono. Por alguns segundos o contemplou com sonhadora lassidão; logo a consciência limpou os olhos turquesa.

- Valha-me Deus! – exclamou, sentando-se abruptamente - que horas são?

- Já é dia, acredito. – Gideon viu que puxava o capote para cobrir-se pudicamente e notou que evitava olhá-lo. Ruborizava-se visivelmente. - Acalme-se, Harriet.

- Em casa devem estar muito preocupadas.

- Sem dúvida.

- Temos que sair daqui e lhes dizer que estou bem.

- E você está bem? – Gideon ficou de pé, sem prestar atenção a sua própria nudez até ver que ela desviava imediatamente o olhar. Isso o divertiu por um instante. A moça não parecia reparar em sua cicatriz, mas o espetáculo de sua virilidade a obrigava a desviar os olhos. - Será melhor que se vista Harriet. Devemos estar na maré baixa; Dobbs virá nos buscar a qualquer momento.

- Sim. Sim, é claro. – ela se levantou, sempre se escondendo sob o capote. Logo se inclinou para recolher o vestido. Obviamente, não sabia como colocá-lo sem deixar de segurar o manto.

- Espere um segundo, vou ajudá-la – ofereceu Gideon.

- Não é necessário, milord.

- Como queira. – Ele esticou-se novamente antes de ir à procura de suas próprias roupas. Colocou a camisa e as calças, feliz ao comprovar que já estavam secos. As botas tinham ficado duras por causa da água salgada.

- Gideon?

- Sim, querida?

Harriet vacilou.

- Com respeito à ontem à noite, milord, não gostaria... Quer dizer, não pense você na obrigação de...

- Pode dizer a sua tia que irei vê-la esta tarde as três – Gideon calçou uma bota. Não era fácil. O couro parecia haver encolhido.

- Para que? – perguntou ela, sem rodeios.

Gideon arqueou uma sobrancelha em um olhar especulativo, enquanto calçava a outra bota. Harriet o olhava com excessivo alarme. Ele se perguntou se por fim começava a entender a importância do ocorrido.

- Dadas as circunstâncias, devo lhe apresentar meus respeitos, é obvio – disse.

- Seus respeitos? Isso é tudo?

Ele se encolheu de ombros.

- E apresentar uma proposta formal de casamento.

- Já sabia. – Harriet o fulminou com a vista. - Sabia que você estaria pensando nisso. Bom, não vou permitir milord. Você compreende? Não vou permitir-lhe que faça isso.

- Não vai permitir? – Gideon a olhou, pensativo.

- Absolutamente. Oh, já sei o que está pensando. Acredita que, pelo que aconteceu ontem à noite entre nós, está obrigado por honra a me pedir em casamento. Mas lhe asseguro que é totalmente desnecessário senhor.

- Tem certeza?

- Tenho certeza. – Harriet se ergueu com orgulho. - O que aconteceu ontem à noite não foi sua culpa. Foi totalmente minha. Se eu não tivesse cometido a tolice de sair aos escarpados para presenciar os acontecimentos, o resto não teria ocorrido.

- Mas você saiu aos escarpados, Harriet. E o resto aconteceu.

- Mesmo assim, não quero que você se sinta obrigado a casar-se. – Parecia muito decidida.

- Você está nervosa, Harriet. Quando estiver mais calma compreenderá que não tem nenhuma alternativa a não ser aceitar minha proposta matrimonial. Na verdade, sua tia e sua irmã insistirão para que aceite.

- Não me interessa muito que elas insistam. Eu o digo por minha conta, milord, como o fiz ontem à noite. E me faço inteiramente responsável pelas consequências.

- Eu também digo por minha conta, Harriet – afirmou ele, aborrecido por essa atitude rebelde. - E também me faço responsável pelas consequências. Nessa mesma tarde, estaremos comprometidos.

- Não, senhor. Não nos comprometeremos esta tarde. Maldito seja Gideon, não vou casar-me só por ter me encontrado em uma situação delicada.

Gideon já estava colérico.

- E eu não permitirei que se torne a dizer que a Besta de Blackthorne Hall manchou e abandonou outra filha de pároco!

Harriet ficou pálida. Olhou-o com olhos enormes de horror.

- Por Deus, Gideon, não tinha pensado no que diriam de você.

- Por tudo de mais sagrado, você não pensa em nada. – Gideon deu três largos passos pela caverna e a segurou pelos ombros. Tinha querido sacudi-la, mas se limitou a imobilizá-la

assim, obrigando-a a olhá-lo nos olhos. - Não faz mais que ceder a seus ingênuos e emotivos caprichos, sem pensar na realidade que enfrentaremos ao sair daqui, quando chegasse o dia.

Observou seu rosto.

- Você, em troca, soube desde o princípio o que se veria obrigado a fazer hoje. Referia-se a isso, ontem à noite, ao falar de fatalidade.

- Naturalmente, conhecia o resultado final. E você também.

Ela sacudiu freneticamente a cabeça.

- Não. Na realidade, não pensei nisso até esse momento, ao despertar; só então percebi que você se sentiria obrigado a me propor casamento. E me disse que não havia necessidade, pois eu podia suportar os rumores da aldeia. Como não vou apresentar-me em sociedade, nem penso em me casar, não acreditei que importasse a opinião das pessoas.

- E se estiver grávida? Como pensa resolver isso?

Harriet baixou o olhar, com as bochechas vermelhas.

- Não é provável, milord. Afinal de contas, foi só uma vez.

- Basta apenas uma vez, Harriet.

Ela apertou os lábios.

- De qualquer modo, dentro de uns poucos dias saberei com certeza.

- Uns poucos dias? Esses poucos dias se farão eternos, Harriet. Você é uma mulher inteligente. Sugiro-lhe que deixe de agir como uma criança caprichosa e malcriada.

Ela apertou as dobras de seu capote.

- Sim, milord.

Em Gideon a ira desapareceu tão rapidamente como tinha surgido. Estreitou-a contra si, obrigando-a a apoiar a cabeça em seu ombro. A tensão que lhe endurecia as costas era evidente.

- É tão desagradável casar-se comigo, Harriet? Ontem à noite não parecia me achar repulsivo.

- Absolutamente, milord, você não é repulsivo. – As palavras soavam abafadas contra a camisa - Não se trata disso. É que não quero me casar por obrigação.

- Compreendo. Você é uma mulher muito teimosa. – Sorriu ironicamente contra a cabeleira da moça. - Está habituada a fazer sua vontade sem restrições. Sem dúvida teme perder parte dessa preciosa independência.

- Não penso perder um pinga de minha independência. – murmurou ela.

- Com o tempo se adaptará à vida de casada.

- Um momento, Gideon. O que é isso de adaptar-se?

- Não importa – disse ele, suave - Mais adiante nos ocuparemos disso. Enquanto isso me permita informar a sua tia que estamos comprometidos.

- Mas Gideon...

- Diz você que dentro de alguns dias saberá se vai ter meu filho ou não. Se resultar que sim, conseguirei uma licença especial para que nos casemos imediatamente. Do contrário faremos as coisas com mais formalidade, fixando a data depois de um período mais adequado.

Harriet levantou a cabeça, com os olhos brilhantes de súbita compreensão.

- Eu prefiro esperar, se for possível, não é milord?

- Se for possível. Se deixarmos ver que não há pressa, sossegaremos um pouco os rumores. Bem, isso já está decidido e acredito que é melhor nos apressarmos. Logo estarão nos procurando. - Soltou-a para recolher a lamparina.

Harriet o seguiu sem dizer nada. Gideon a sentia caminhar a pouca distância, com os lábios apertados em um silêncio infeliz, mas sem protestos. Compreendeu que a moça se sentia prisioneira e cheia de angústia, mas não sabia como levantar-lhe o ânimo. Muito pior ia sentir-se caso ele não impusesse sua decisão de desposá-la.

Harriet podia assegurar que não necessitava o amparo de um compromisso formal pelo que tinha ocorrido durante a noite, mas Gideon estava melhor informado. A vida em Upper Biddleton se converteria em um inferno. E ele não queria vê-la arruinada por culpa dele.

Era claro que não lhe agradava a perspectiva de casar-se com ele, pior não havia outra opção. No momento a moça estava muito aturdida para pensar com lucidez. O que aconteceria quando percebesse que havia perspectivas mais horríveis que casar-se a força?

Não passaria muito tempo sem que algum bisbilhoteiro tivesse o trabalho de lhe advertir que o verdadeiro perigo estava em não casar-se. Cedo ou tarde, alguém lhe recordaria a reputação de Gideon, segundo a qual nenhuma jovem poderia esperar que ele fizesse o correto. A Besta de Blackthorne Hall não tinha honra quando se tratava de jovens inocentes.

Dobbs os estava esperando à entrada da caverna, acompanhado por Owl, o versátil mordomo de Gideon. O visconde tinha escolhido Owl tal como escolhia seus cavalos: não por seu aspecto, nem por seu caráter amável, mas sim por sua lealdade, força e resistência. Quando se conheceram, o homem ganhava a vida como pugilista. Nunca tinha sido um campeão famoso, com academia própria, mas conseguia sobreviver oferecendo combates de exibição e ganhava algum dinheiro permitindo que os jovens da nobreza lhe pagassem para enfrentar-se com ele. Os nobrezinhos não gostavam de perder e Owl conhecia bem esse simples detalhe.

Seu rosto trazia as marcas de sua carreira: um nariz várias vezes fraturado, orelhas maltratadas e vários dentes faltando. Tinha a constituição robusta dos boxeadores e a jaqueta de mordomo não lhe assentava bem, mas a Gideon não importava. Owl era uma das poucas pessoas em quem confiava e o único com quem podia falar livremente.

- Ah, há, vejo que ambos sobreviveram a esta noite. – Dobbs levantou o lampião ao vê-los - Estão sãos e salvos?

- Estamos perfeitamente. – Gideon deu uma olhada em Owl. - Tudo bem?

- É claro, milord. – O mordomo deu a Harriet um triste olhar. - Suponho que esta dama é a senhorita Pomeroy? Sua família está muito aflita. Falei com a senhora Stone, a governanta, que pareceu compreender imediatamente a gravidade da situação.

- Isso não me surpreende – replicou Gideon, com serenidade - Permita-me lhe apresentar a meu mordomo, senhorita Pomeroy. Chama-se Owl e é extremamente útil em certas ocasiões,

mas não tem o menor senso de humor. A senhorita Pomeroy e eu nos casaremos em um futuro próximo, Owl.

O olhar com que o pugilista estudou Harriet foi digno de um energúmeno.

- Muito bem, milord.

Harriet inclinou a cabeça.

- Lhe disse que a ideia não lhe parece muito boa, Owl.

- Não sou eu quem deve decidir isso, senhorita. Milord tem sua vontade. Como sempre o tem feito e como sempre o fará, sem dúvida.

- Não preste atenção a ele. – aconselhou Gideon a Harriet, discretamente. - Você vai se acostumar a seu modo de ser. Dobbs conseguiu pegar Crane?

- Com efeito, senhor – disse o detetive, alegremente - Owl e eu o apanhamos. Foi pescado da correnteza um segundo antes que se afundasse pela última vez. Mas já era tarde para entrar na caverna em busca de você e a senhorita Pomeroy. Imaginei que vocês iriam à grande caverna para passar a noite em um lugar seco.

- Assim foi. – Gideon olhou Harriet, que permanecia a seu lado, muito calada. – Vamos levar a senhorita a sua casa. Passou por uma experiência exaustiva. E eu preciso discutir com você alguns detalhes da situação, Dobbs.

- Compreendo senhor, compreendo.

O pequeno grupo saiu da caverna e percorreu a praia até o atalho que levava a velha casa paroquial. No alto dos escarpados Gideon tomou Harriet pelo braço e se despediu de seus companheiros com uma seca inclinação de cabeça.

- Venha, Harriet – convidou em voz baixa – Vou acompanhá-la até sua porta.

- Não é necessário. – murmurou ela. - Posso ir sozinha.

Ele reprimiu uma resposta irritada. A jovem estava alterada pelos acontecimentos e em sua natural independência procurava qualquer caminho para expressar-se. Gideon compreendeu que lhe cabia esperar muito pouca colaboração dela, em um futuro imediato. O importante era que aceitasse o compromisso como única alternativa.

A porta da casa paroquial se abriu antes que Gideon e Harriet chegassem ao primeiro degrau. Era claro que Felicity tinha ficado de olho pela janela, entre a ansiedade e o alívio.

- Estávamos preocupadíssimas, Harriet. Você está bem?

- Estou perfeitamente bem. – a tranquilizou Harriet. - Como está tia Effie?

- Preparando-se para um funeral, conforme acredito. Ontem à noite, quando o senhor Owl veio tarde da noite nos explicar o que tinha ocorrido, a senhora Stone desmaiou. Faz horas que a estou ressuscitando com frequência. – Felicity olhou Gideon com ar carrancudo. – E então, senhor, você tem algo a dizer?

O visconde sorriu friamente diante dessa provocação.

- Temo que, neste momento, não tenho tempo, nem vontade para dizer grande coisa. Não obstante, retornarei às três da tarde para falar com sua tia. Por favor, lhe anuncie minha visita para essa hora. – voltou-se para Harriet. - Me despeço por agora, querida. Até à tarde. Trate de não ficar muito nervosa. Depois de um bom banho quente se sentirá muito melhor.

Harriet se ergueu desdenhosamente.

- Não tenho intenção de ficar nervosa como você diz. Mas a ideia do banho me parece boa.

E entrou na casa, fechando-lhe a porta na cara, com muita firmeza. Gideon desceu os degraus para reunir-se com Dobbs e Owl.

- A senhorita Pomeroy não parece estar com muito bom aspecto, esta manhã. – observou o policial. –É compreensível, depois do que passou. Uma senhorita de boa criação, como ela! Você tem sorte de que não tenha ficado histérica, senhor.

- Minha prometida não é das que ficam histéricas. Não se preocupe com o aspecto da senhorita Pomeroy, Dobbs. Temos questões mais importantes que analisar.

- Claro senhor. Do que se trata?

Gideon deu um olhar pensativo aos escarpados.

- É possível que nem todos os ladrões tenham sido presos.

Dobbs enrugou seu rosto de gnomo em um gesto curioso.

- Você acredita que possa haver outros?

- Nessa caverna há uma impressionante coleção de objetos valiosos – observou Gideon, em voz baixa. - Acredito que foram escolhidos por uma pessoa experiente, não ao azar, durante uma incursão apressada.

-Ora, ora. – Agora Dobbs estava intrigado - Você acha que há um cérebro por trás desses roubos? Que alguém tenha organizado as coisas para que os ladrões levassem só os objetos mais valiosos?

- Acredito que valeria a pena interrogar Crane e os outros dois que detivemos ontem à noite.

- Estou de acordo – assegurou o detetive, esfregando as mãos. Quanto mais, melhor. Para falar a verdade, ter resolvido este caso fará maravilhas com minha reputação. Sim, senhor as “*peessoas distintas*” farão filas para contratar um certo J. William Dobbs.

- Sem dúvida. – Gideon se voltou para Owl. - Enquanto eu acompanho Dobbs à magistratura para efetuar os interrogatórios, você volta para Blackthorne Hall e ordena a meu valete que prepare minha roupa para ir esta tarde à casa paroquial. Assegure-se de que tudo esteja em perfeita ordem, Owl. Vou pedir a mão de uma senhorita e quero causar boa impressão.

- Nesse caso convém vestir-se de negro, milord. Como para um enterro.

Effie serviu-se de outra xícara de chá. Era a quarta desde que Harriet tinha descido, depois do banho. Felicity passeava diante da janela da sala, muito séria. A senhora Stone desmaiou novamente ao ver Harriet. Assim que a puseram de pé se apressou a fechar as cortinas, como se alguém tivesse morrido na casa.

O relógio de pé batia melancolicamente, assinalando a proximidade das três horas. A cada diminuto movimento dos ponteiros do relógio, Effie, parecia afundar-se mais na depressão. Em resumo, reinava na casa uma atmosfera de profundo pessimismo.

No que dizia respeito à Harriet, isso estava chegando muito longe. A princípio a consumiram os remorsos por ter afligido a todos, mas já começava a impacientar-se pela atitude desesperada que reinava sobre todas.

- Não entendo por que agem como se eu tivesse morrido nessa caverna – murmurou, enquanto se servia uma xícara de chá.

Ao ignorar que tipo de roupa é adequado para receber a proposta matrimonial de um visconde, tinha optado por seu vestido mais novo: um de musselina originalmente branca, que Harriet tinha tingido de amarelo fazia pouco, ao notar que o tecido começava a tomar por si só essa cor. Tinha mangas compridas, franzidas no punho e o decote coberto com um modesto corpete plissado. Harriet tinha prendido o cabelo com uma touca de renda branca e limpa. Sempre se sentia meio nua sem touca.

Depois de examinar-se no espelho decidiu que seu aspecto era o de sempre. Bastante comum, na realidade. Qualquer um teria pensado que, depois do ocorrido na noite anterior, estava um pouco diferente. Mais interessante, talvez. Teria sido divertido se descobrir convertida em uma mulher misteriosa. Mas era a singela Harriet de sempre.

- Agradeço ao céu que não tenha morrido. – assegurou Felicity - Francamente, Harriet, nunca entendi como pode entrar nessas cavernas em pleno dia. Nem pensar que pudesse passar a noite toda ali! Deve ter sido uma experiência espantosa.

- Bom, não foi muito horrível; só incômoda. Por outro lado, não tinha escolha. – Harriet tomou um gole de chá. - Uma vez lá dentro não havia maneira de sair até que a maré baixasse. Foi um acidente e não me cansarei de repeti-lo.

- Foi um desastre – afirmou Effie, desanimada. - Só Deus sabe o que acontecerá agora.

- O que acontecerá é que logo serei uma mulher comprometida – suspirou Harriet.

- Com um futuro conde – assinalou Felicity, com seu pertinaz pragmatismo. - Não me parece tão má sorte, se me permite opinar.

- Não seria tão má sorte se ele se casasse comigo por estar desesperado, apaixonadamente enamorado – aduziu Harriet. - O problema é que só se casa comigo por uma questão de honra.

- É o que se deve fazer! – protestou Effie, carrancuda. - Arruinou você completamente. Harriet franziu o cenho.

- Não me sinto arruinada absolutamente.

A senhora Stone entrou na habitação com outra bandeja de chá e percorreu ao pequeno grupo com o olhar. Tinha o ar de quem está a ponto de anunciar uma sentença fatídica.

- Não haverá compromisso, nem casamento. Lembrem-se do que digo. Já verão. A Besta de Blackthorne Hall desafogou seus maus instintos com a senhorita Harriet e agora a jogará de lado, como se fosse lixo.

- Deus nos ampare. – Effie retorceu o lenço no colo, reclinando-se na cadeira com um gemido.

Harriet enrugou o nariz.

- Francamente, senhora Stone, preferiria que não falasse de lixo quando referir-se a mim. Poderia lembrá-la que sou eu quem paga o seu salário.

- Não é nada pessoal, senhorita Harriet. – A mulher deixou ruidosamente a bandeja. - É que conheço o caráter da Besta. Já passei por tudo isto. Já conseguiu o que queria. A esta hora deve estar bem longe.

Felicity olhou sua irmã com ar especulativo.

- É certo que conseguiu o que queria Harriet? Você não foi muito clara a esse respeito.

- Pelo amor de Deus – murmurou Effie, antes que ocorresse a Harriet alguma resposta. - Pouco importa que tenha feito ou não. O dano permanecerá.

Harriet sorriu meigamente à moça.

- Ouça Felicity. Pouco importa o que tenha acontecido na realidade. O que importa são as aparências.

- Sim, eu sei. – confirmou a mais nova. - Mas sou terrivelmente curiosa, como bem sabe.

- Oh, ultrajou-a, claro que sim – interveio a senhora Stone, seca. - Podem estar bem seguras. Nenhuma jovem inocente pode passar a noite com a Besta de Blackthorne Hall sem ser ultrajada.

Harriet sentiu que ficava vermelha e levou a mão para um dos pasteizinhos.

- Obrigado por sua opinião, senhora Stone. Acredito que já escutamos o bastante. Por que não procura algo que fazer na cozinha? Estou certa de que sua senhoria chegará a qualquer momento e necessitaremos mais chá.

A senhora Stone ergueu as costas.

- Acabo de trazer mais chá. E não tenha ilusões, senhorita Harriet, St. Justin não aparecerá aqui esta tarde. Faria bem em resignar-se ao inevitável. E ore ao bom Deus que não se encontre em mal estado, como minha pobre Deirdre.

Harriet apertou os lábios, irritada.

- Mesmo que tivesse que enfrentar esse destino, posso assegurar-lhe que não tenho intenção de aumentar o drama tirando minha vida, senhora Stone.

- Por favor, Harriet. – interveio Effie, desesperando-se - não podemos falar de outra coisa? Deprimo-me ouvindo falar de ultrajes e suicídios.

Um ruído de cascos do lado de fora pôs um misericordioso fim à conversa. Felicity voou para olhar por entre as cortinas.

- É ele – exclamou triunfante. - Montado em um cavalo enorme. Harriet tinha razão: St. Justin deve pedir sua mão.

- Graças aos céus! – murmurou Effie, erguendo-se instantaneamente na cadeira. - Estamos salvas. Ouça Harriet, ou tira esse pastelzinho da boca ou o engula imediatamente.

- Estou com fome – protestou Harriet com a boca cheia. - Se por acaso não lembra, não tomei o café da manhã.

- Supõe-se que uma senhorita a ponto de receber uma proposta matrimonial está muito emocionada para comer. Sobre tudo se a proposta chega em circunstâncias como esta.

Senhora Stone, prepare-se para atender a porta. Não convém ter sua senhoria esperando, justamente hoje. Felicity, saia. Isto não lhe diz respeito.

- Oh, muito bem, tia Effie. – a moça olhou Harriet revirando os olhos e abandonou a sala. – Mas, mais tarde terão que me apresentar um relatório completo – anunciou do corredor.

Apesar do ar irônico que tinha conseguido assumir frente às outras, Harriet tinha o estômago agitado. Ali estava em jogo todo seu futuro e nada saía como ela tinha planejado. Ao ouvir o abrupto e autoritário toque de Gideon na porta da rua, lamentou-se de ter mordido esse pastelzinho.

Aguardou tensa, que a senhora Stone abrisse a porta.

- Anuncie à senhora Ashecombe que St. Justin deseja vê-la – informou Gideon, muito frio. – Está me esperando.

- Que crueldade a sua, iludir a pobre senhorita Pomeroy com a ideia de casar-se – disse a mulher, enérgica. - Que horrível crueldade!

- Afaste-se, senhora Stone – Gideon resmungou. - Entrarei sozinho.

Suas botas ressoaram no chão do vestíbulo. Esse ruído tinha que ser deliberado, porque Gideon podia caminhar com muita suavidade quando assim o desejava. Harriet fez uma careta.

- Oh, meu Deus, temo que não começamos bem, tia Effie. A senhora Stone conseguiu ofendê-lo antes que cruzasse nossa soleira.

- Silêncio – ordenou a tia. - Eu me encarrego disto.

Gideon entrou em grandes passos e Harriet engasgou ao vê-lo. Sua estatura e sua corpulência, combinadas com a roupa de bom corte e as botas bem lustradas, davam-lhe sempre um aspecto impressionante. Mas, essa tarde, a deslumbrou como nunca. Possivelmente, era o fato de conhecê-lo agora muito intimamente o que acrescentava essa reação adicional.

Quando Gideon a olhou nos olhos, ela soube sem dúvida nenhuma que estava lembrando o que tinha acontecido na noite passada. Sentiu que ruborizava violentamente e isso deixou

Harriet aborrecida. Em um esforço instintivo para disfarçar, apoderou-se de outro pastelzinho e deu uma dentada, enquanto Gideon cumprimentava Effie com uma inclinação de cabeça.

- Boa tarde, senhora Ashecombe. Obrigado por me receber. Suponho que você esteja inteirada do motivo de minha visita.

- Tenho ideia dos motivos que o trazem a esta casa, senhor. Sente-se, por favor. Harriet lhe servirá o chá. – Effie dirigiu um gesto mal-encarado a sua sobrinha.

Enquanto lutava por engolir esse condenado pastel, Harriet se apoderou do bule para encher uma xícara, que entregou a Gideon sem dizer uma palavra.

- Obrigado, senhorita Pomeroy. - o visconde tomou a xícara e se sentou frente a ela. – Você parece muito bem esta tarde. Totalmente recuperada do mau momento, suponho?

Por alguma razão, possivelmente porque estivesse caminhando em uma corda bamba ou talvez por causa de seus nervos tensos, a jovem se ofendeu por esse comentário. Engoliu o pastel, que tinha sabor de serragem na boca, e conseguiu esboçar um sorriso sereno.

- Sim, milord, totalmente recuperada. Na realidade, tenho boa resistência para os maus momentos. Eis-me aqui, poucas horas depois de descobrir-me desonrada, sem experimentar absolutamente o remorso e o desespero que alguém deveria sentir depois de ter sacrificado a preciosa virgindade à Besta de Blackthorne Hall.

Effie ficou horrorizada.

- Harriet!

Ela sorriu com doçura.

- Afinal de contas, não pensava fazer nada muito interessante com ela, assim a sua perda não me preocupa muito.

A tia lhe cravou seu olhar mais sério.

- Comporte-se, menina, pelo amor de Deus! Sua senhoria veio pedir sua mão. - E virou rapidamente para Gideon. - Temo que hoje não seja a mesma pessoa de sempre. Por sua delicada sensibilidade, como você pode imaginar. Toda esta experiência a alterou completamente.

Gideon deu um sorriso leonino.

- Compreendo senhora Ashecombe. Sua delicada sensibilidade, claro que sim. O que se espera de toda senhorita bem educada. Seria melhor que você e eu discutíssemos a sós este assunto. Algo me diz que sua sobrinha não contribuirá com nada importante para esta conversa.

Capítulo 8

O misterioso dente saiu da rocha com assombrosa facilidade, junto com uma pequena parte de mandíbula fossilizada. Harriet aplicou a massa e o cinzel com a delicada precisão aprendida de seu pai e em muito pouco tempo teve o fóssil na mão.

Era um dente muito grande, em forma de espátula; não estava simplesmente junto à cavidade da mandíbula, mas montado no alvéolo correspondente. Um dente de carnívoro decidiu Harriet. De um carnívoro muito grande.

Examinou-o à luz do lampião que tinha pendurado no suporte apropriado, na parede da caverna. Não podia estar segura enquanto não tivesse investigado um pouco, mas tinha a certeza de não ter achado nada parecido. Tampouco existia nada igual na coleção de seu pai.

Com um pouco de sorte seria o resto de alguma espécie até então desconhecida. Se não o identificasse, ela poderia escrever um artigo para apresentá-lo ao mundo.

Tinham passado dois dias desde aquela fatídica noite dividida com Gideon. Com o fóssil entre as mãos, Harriet passeou o olhar pela caverna que havia mudado sua vida. Os bens roubados tinham sido retirados pelo senhor Dobbs, sob a supervisão de Gideon e o magistrado da área. Tampouco estavam ali os sacos de lona que lhes serviram de cama.

Sem soltar o dente fóssil, Harriet se aproximou do lugar onde tinha passado a noite, entre os braços de Gideon. As ardentes lembranças estiveram a ponto de afligi-la uma vez mais. Recordou o desejo nu em seus olhos, o suor de sua testa e os músculos que abraçavam seus ombros. Essa noite ela o tinha visto no limite de seu autodomínio.

Mas sua principal preocupação era a dor que lhe estava causando. Fez todo o possível para reduzir seu desconforto, embora fosse claro que a paixão o impulsionava.

Harriet estremeceu ao recordar a sensação de receber Gideon dentro de si. Preenchia-a tão completamente que era quase parte dela. Por um momento atemporal estiveram mais unidos do que ela acreditava ser possível. Essa intimidade inquietante não era simplesmente

algo físico. Harriet tinha a sensação de haver tocado a alma de Gideon. E sabia que ele tinha chegado até a dela.

Esse incomum voo poético a sobressaltou.

- Tolices. – murmurou em voz alta. Provavelmente, todas as moças pensavam essas coisas depois de ter cometido a loucura de entregar a virgindade antes do casamento. Era preciso justificar de algum modo a temeridade.

Mas talvez essas inclinações poéticas fossem perdoáveis. Afinal de contas, estava decididamente apaixonada.

Tinha certeza desde aquela noite. Na realidade, sabia mesmo antes de fazer amor com Gideon. O que machucava seu coração e dava nós em seu estômago era saber que Gideon só se casava com ela por uma questão de honra.

Não havia modo de dissuadi-lo. Seu bom nome já estava muito maltratado. Não permitiria que isso voltasse a ocorrer muito menos em circunstâncias tão similares. Seu orgulho era uma ferida aberta e estava disposto a agir contra qualquer coisa que o ameaçasse.

Harriet recolheu seu lampião e saiu lentamente da caverna, o lugar onde tinha descoberto que o amor não era tão simples, nem tão doce como ela supunha.

Era muito mais fácil lutar com enigmas sepultados na pedra, como esse belo dente fóssil, que compreender o caráter complexo de um homem como Gideon. Um homem como Gideon só tinha que aceitá-lo e amá-lo.

Era muito orgulhoso para explicar-se ou para pedir compreensão.

Felicity entrou saltando na biblioteca, justo quando Harriet se dispunha a desenhar o dente encontrado na caverna.

- Ah, estava aqui. Já imaginava. – A moça fechou a porta e se sentou. - Como pode trabalhar com esses horrendos ossos velhos com tudo o que está acontecendo?

Harriet levantou os olhos.

- Se quer saber a verdade, nesses dias o trabalho me serve de refúgio.

-Ora! Em seu lugar estaria muito ocupada planejando meu guarda-roupa. Pense Harriet! Vai ser condessa!

- Viscondessa.

- Oh, bom, só por enquanto. Mas algum dia, quando morrer o pai de St. Justin será convertida em condessa de Hardcastle. Imagine! As mudanças que isso vai provocar em minha vida!

Harriet arqueou as sobrancelhas.

- Em sua vida?

- Pois claro. Já não tenho tanta necessidade de me casar bem. Quando chegar a Londres, se acaso chegar, poderei desfrutar um pouco em vez de me lançar à caça de um marido adequado. Que alívio!

A mais velha das irmãs deixou a pluma para encostar-se na cadeira.

- Não tinha imaginado que se sentisse pressionada, Felicity.

- Oh, é claro que sim. Sabia que você e tia Effie contavam com que eu assegurasse o futuro com um bom casamento. – Felicity sorriu com alegria - E teria feito a minha obrigação, é obvio. Depois de tudo, não quero ser uma carga. Mas agora estou livre.

Harriet massageou as têmporas.

- Me perdoe. Não sabia que pensava assim de nossos planos. Só acreditávamos que, se a levávamos a Londres, atrairia a muitos candidatos excelentes e poderia se apaixonar por algum deles.

- Duvido seriamente de que o amor e o prático vão no mesmo sentido com muita frequência. – apontou Felicity, seca.

- Suponho que tem razão. Olhe em que situação eu me encontro.

- O que tem de mau, sua situação? No meu modo de ver, é muito agradável, certamente, você gosta muito de St. Justin. Não o pode negar. Vi a expressão de seus olhos quando você fala dele.

- Eu gosto, sim. – murmurou Harriet, pensando que era uma frase muito descolorida para expressar seus sentimentos por Gideon. - Mas o fato é que só está se casando comigo por questões de honra.

Felicity franziu as sobrancelhas.

- Por Deus, Harriet, é obvio que deve casar-se contigo, embora a senhora Stone siga predizendo que não o fará. Afinal de contas, ultrajou você. – Fez uma pausa significativa - Porque lhe ultrajou, não é? Oh, bem, o fato em si não tem importância, como diz tia Effie. O que importa são as aparências.

Harriet entreabriu os olhos para olhar sua irmã.

- Como fez para chegar a sua idade tão sem polidez, querida irmã?

- Provavelmente porque tenho você como irmã e, até agora, você sempre foi muito franca com respeito a quase tudo. Não tem trato social, como sempre diz tia Effie.

Harriet concordou com sombria resignação.

- Suspeitava que, de algum modo, tudo acabaria sendo minha culpa. Ultimamente tudo nesta casa parece ser minha culpa.

- Culpando-se, não é?

- Sim – murmurou a mais velha - Se quer saber a verdade, sinto um pouco de lástima por mim mesma.

- Em seu lugar, minha querida e ultrajada irmã, daria graças a minha boa estrela por me casar com o responsável por meu ultraje. Sabe o que se diz na aldeia?

- Não, e duvido que queira sabê-lo.

- Bom, fala-se muito sobre a captura dos ladrões, é obvio, mas sua situação desperta muito mais interesse.

Harriet gemeu:

- Explica-se.

- Dizem que a história se repete – revelou Felicity, com alegre dramatismo - Asseguram que a Besta de Blackthorne Hall desonrou outra jovem e inocente filha de pároco, que se descobrirá abandonada.

Harriet franziu o cenho.

- Sabem que St. Justin e eu estamos comprometidos?

- Sim, é obvio, mas não acreditam que ele chegue ao casamento. Estão convencidos de que ocorrerá a mesma coisa que a da pobre Deirdre.

- Tolices! – Harriet recolheu sua pluma e se dedicou ao trabalho. – Se existe algo de que posso estar certa, nesta desventurada situação, é de que vou casar-me. Todas as forças do inferno não conseguiriam impedir que St. Justin se comporte como um cavalheiro.

- Oxalá. Se não o fizer nos encontraremos em uma situação muito incômoda.

O ruído de uns cascos no caminho de entrada impediu que Harriet respondesse. Felicity se levantou precipitadamente para olhar pela janela.

- St. Justin. – anunciou - Onde compra esses cavalos? São verdadeiros monstros. A que será agora, com essa cara tão carrancuda?

- Isso não quer dizer nada. Quase sempre está carrancudo.

Felicity deu uma volta para dar uma olhada ao aspecto de sua irmã.

- Ao menos poderia tirar esse horrível avental e endireitar a touca, Harriet. Depressa. Logo, será viscondessa. Deve aprender a vestir-se adequadamente.

- Não acredito que St. Justin preste atenção a minha roupa. – Mesmo assim, Harriet tirou o avental e começou a lutar com seu cabelo.

No vestíbulo ressoou a voz da senhora Stone.

- Vou anunciar sua visita à senhorita Pomeroy, senhor.

- Não se incomode. Tenho pressa. Direi eu mesmo.

Harriet virou para a porta do estúdio no momento em que se abria.

- Bom dia, milord – saudou, com um sorriso brilhante - Não o esperávamos.

- Sei. – Gideon não se incomodou em lhe devolver o sorriso. Vestia roupa de montar e sua expressão confirmava o que disse Felicity: estava carrancudo, ainda mais que de costume - Sinto muito, Harriet, mas devia vir eu mesmo, sem me anunciar ou enviar um mensageiro. E me pareceu melhor vir eu mesmo explicar.

Harriet o olhou com crescente alarme.

- Do que se trata milord? Aconteceu algo ruim?

- Recebi uma mensagem de meu pai, que piorou e quer ver-me. Parto imediatamente para Hardcastle House. Não sei quando poderei retornar.

- Oh, Gideon, sinto muito. Espero que melhore.

A expressão do visconde não suavizou.

- Está acostumado a melhorar assim que chego. Não é a primeira vez que me chama a seu leito de morte. Mas, como nunca se sabe quando ocorrerá de verdade, devo ampará-lo.

- Compreendo.

- Vou deixar meu endereço de Hampshire. – Ele tirou uma luva e a afastou para aproximar-se da mesa. Tomando a pluma, rabiscou algumas linhas no papel que ela pensava utilizar para o desenho do dente. Ao terminar endireitou as costas e lhe pôs o papel na mão, olhando-a nos olhos com muda intenção - Se houver algo que eu deva saber, me envie um comunicado imediatamente, entendido?

Ela engoliu em seco; estava dizendo-lhe que se comunicasse imediatamente com ele caso descobrisse que estava grávida.

- Sim, milord. Vou mantê-lo informado.

- Perfeito. Já vou, então. – Gideon voltou a colocar a luva e lhe assentou as mãos nos ombros. Logo a atraiu para si para beijá-la com áspera urgência.

Pela extremidade do olho, Harriet viu que sua irmã os observava cheia de assombro. Adivinhou o que estaria pensando; os cavalheiros de boa criação nunca beijavam as damas em público. Era uma conduta escandalosa, própria da Besta de Blackthorne Hall.

Antes que Harriet pudesse reagir, Gideon saiu do gabinete. Um momento, depois se fechou a porta da rua e o matraqueio dos cascos se afastou pelo caminho.

Felicity olhou Harriet com os olhos arregalados de interesse.

- Valha-me Deus! Foi dessa forma que a beijou ao ultrajá-la? Reconheço que me pareceu apaixonante.

A irmã mais velha se deixou cair na cadeira.

- Se disser uma palavra mais sobre essa noite, Felicity, juro que vou enforcá-la. Aconselho que seja prudente. Agora que abandonou a sua decisão de casar bem, já não é tão valiosa como antes para esta família.

Felicity riu como uma garotinha.

- Levarei isso em conta. De qualquer modo, foi uma grande sorte que tia Effie não presenciasse essa despedida.

Nesse momento se abriu a porta de par em par e Effie entrou no estúdio, com os olhos cheios de espanto.

- O que significa isto? – acusou – Quer dizer que St. Justin esteve aqui? A senhora Stone assegura que veio romper o compromisso.

Harriet soltou um suspiro.

- Fique calma, tia Effie. Veio dizer que vai à casa de seu pai; ao que parece, está morrendo.

- Mas o compromisso não se anunciou formalmente! Não publicamos a notícia nos jornais!

- Quando retornar haverá tempo de sobra para as formalidades – assegurou Harriet, sem alterar-se.

A senhora Stone apareceu na soleira, com os olhos acesos pela vitória.

- Não voltará. – sussurrou lúgubre - Já esperava. Disse isso. Mas vocês não prestaram atenção. Agora se foi. Não voltarão a vê-lo. A pobre senhorita Harriet ficará abandonada a sua horrível sorte.

Harriet olhou-a alarmada.

- Não desmaie senhora Stone. Não estou com humor para isso.

Mas já era muito tarde. A senhora Stone revirou os olhos e caiu.

À manhã seguinte chegou à carta de tia Adelaide. Effie abriu a carta durante o café da manhã para lê-la em voz alta diante de Felicity e Harriet, com crescente entusiasmo.

Queridíssimas irmã e sobrinhas:

Eu estou feliz em poder lhes dizer que terminou o duelo entre mim e os procuradores. Por fim tenho à minha disposição a fortuna que o avarento do meu marido conseguiu acumular e penso em gastá-la às mãos cheias. O bom Deus sabe que mereci cada centavo.

Aluguei uma casa em Londres pelo que resta da temporada e quero que as três venham reunir-se comigo imediatamente. Não percam um minuto, em breve a temporada estará no auge. Deixem tudo. Aqui, todas faremos novos guarda-roupas.

Em meu novo testamento me ocupei de que Harriet e Felicity recebam ao casarem-se respeitáveis porções de minha herança. Além disso, o que sobrar de minha fortuna, se não puder gastá-la toda antes de abandonar esta terra, será para minhas duas encantadoras sobrinhas.

Sua,

Adelaide

Effie elevou os olhos ao céu, estreitando a carta contra o peito.

- Estamos salvas. Esta é a resposta as minhas preces.

- Que maravilha, a velha tia Addie! – disse Felicity. - Manteve-se firme acima de tudo e por fim colocou a mão no dinheiro. Nosso passe de ouro! Quando partimos?

- Em seguida – decidiu Effie, enérgica - Não perderemos um segundo. Imaginem! As duas são herdeiras!

- Nem tanto – assinalou Harriet - Tia Addie diz que tratará de gastar o que puder de sua fortuna. Quem sabe quanto deixará?

- Em Londres ninguém sabe – aduziu Effie, prática – Mas, não temos dúvidas que ambas receberão respeitáveis porções dessa herança. Isso é o que conta. - deu uma olhada ao relógio - Faremos que a senhora Stone vá à aldeia e nos reserve assentos no carro do correio. Devemos preparar a bagagem imediatamente. Quero que as duas estejam prontas para partir na primeira hora de amanhã.

- Um momento, tia Effie, por favor. – Harriet deixou sua colher - Para Felicity esta é uma estupenda oportunidade, por certo, mas eu não preciso ir a Londres. Tampouco o desejo. Hoje comecei a trabalhar em um descobrimento muito interessante. Até agora só tirei um dente, mas tenho muitas esperanças de encontrar mais restos desse animal.

Effie deixou sua xícara de café, com súbita paixão nos olhos verde azulados.

- Você nos acompanhará Harriet, e não se fala mais no assunto.

- Mas acabo de dizer que não tenho desejo de ir à capital. Vá com Felicity. Vocês irão se divertir a rodo. Eu estou muito satisfeita aqui, em Upper Biddleton.

Effie insistiu com muita firmeza:

- Acredito que não compreenda Harriet. Esta é uma oportunidade dourada, não só para Felicity, mas também para você.

- Por quê? – inquiriu Harriet, aborrecida - Se já estou comprometida em matrimônio! Indo à capital não conseguiria nada.

A expressão da tia se tornou ardilosa.

- Já que você vai ser viscondessa logo e condessa algum dia, deveria aprender a comportar-se em sociedade. Afinal de contas, não vai querer que seu marido sinta vergonha de você no futuro, verdade?

Harriet ficou atônita. Não tinha levado em conta esse aspecto da situação.

- A última coisa que desejo é que St. Justin passe vergonha por minha culpa – reconheceu lentamente - Deus sabe que já sofreu muitas humilhações nesta vida.

Effie sorriu com satisfação.

- Pois bem, aqui tem a oportunidade de preparar-se devidamente para a nova posição que vai ocupar.

Felicity sorriu de orelha a orelha.

- É uma oportunidade perfeita para que adquira um trato social, Harriet.

- Mas, e meu dente? – aduziu a jovem, desesperando-se - O que acontecerá com meus fósseis?

- Esses fósseis estiveram sepultados na pedra desde antes do dilúvio – recordou Effie, despreocupada - Poderão esperar alguns meses mais para que você os examine.

Felicity se pôs a rir.

- A titia tem razão, Harriet. E você vai uma ser viscondessa. Realmente, deveria aprender a mover-se um pouco entre as pessoas de bem. Não só em favor de St. Justin, mas também por sua família. Deve desejar a aprovação de seus pais, não?

- Bom, sim, é claro. – Harriet franziu o cenho. Logo lhe ocorreu uma ideia: em Londres teria a possibilidade de investigar sobre seu dente. Possivelmente pudesse averiguar se era realmente uma peça única - Suponho que posso dispor de algumas semanas para ir à capital e adquirir um pouco de etiqueta social.

- Excelente! – aprovou tia Effie, com um sorriso.

Harriet assentiu com a cabeça.

- Muito bem. Vou escrever a St. Justin para lhe contar o que aconteceu. – Sua expressão se iluminou - Talvez, quando passar a crise de seu pai, possa reunir-se lá conosco.

- Talvez. Mas eu não contaria com isso. – A expressão de Effie era mais calculadora que nunca - Na realidade, querida, seria melhor que não mencionássemos muito o seu... Bem... Compromisso.

A sobrinha a olhou, espantada.

- Que não mencionemos isso? O que quer dizer, tia Effie?

A tia pigarreou, limpando delicadamente os lábios com o guardanapo.

- O certo é que não há nenhum anúncio oficial, minha querida. Pelo que sabemos St. Justin não se incomodou sequer em fazer publicar a notícia nos jornais. E seria muito presunçoso de nossa parte anunciá-lo. Assim, enquanto ele não se ocupe do assunto...

Harriet levantou o queixo.

- Acredito que começo a compreender tia Effie. A senhora Stone colocou algumas dúvidas em sua cabeça, não é? Não está de todo segura de que eu tenha sido ultrajada e abandonada.

- Não apenas pela senhora Stone tenho essas preocupações – admitiu Effie, com tristeza - Na aldeia não se fala de outra coisa, a não ser do perigo que você está correndo. Os vizinhos, que dizem conhecer St. Justin estão convencidos de que você é objeto de uma brincadeira cruel. Deve reconhecer que não caiu muito bem o fato de que tenha abandonado a aldeia repentinamente.

- Por Deus, o pai dele está muito doente. – replicou Harriet.

- Isso foi o que ele disse. – murmurou Effie, vendo entrar à senhora Stone com um prato de torradas. - Mas o que sabemos de verdade?

Harriet a fulminou com um olhar furioso.

- St. Justin não mentiria sobre algo assim. Começo a ver para onde aponta tia Effie. Não está convencida de que St. Justin se comporte como um cavalheiro.

- Bom...

- Tem esperanças de ir a Londres como se nada tivesse acontecido. O que quer ocultar é meu compromisso ou os rumores sobre o que aconteceu nessas cavernas?

Effie lhe cravou um olhar de aço.

- Agora que você é uma herdeira, Harriet, podem ser silenciadas muitas coisas. Mais ainda: é possível que os rumores de sua desonra não nos sigam até Londres. Upper Biddleton está muito longe das pessoas de bem.

- Não vou permitir que se cale sobre o meu compromisso – declarou Harriet - É um fato, creia ou não. Irei a Londres para aprender a me movimentar em sociedade e por outros motivos que eu sei. Mas não porei um pé fora de Upper Biddleton para que me ponha no

mercado matrimonial como se fosse uma jovem herdeira inocente. Embora não esteja comprometida, já tenho muita idade para esse papel.

- Bravo! – exclamou Felicity - Bem dito, Harriet! Eu serei a jovem herdeira inocente e você pode ser a mulher misteriosa. E o melhor de tudo isto é que não precisaremos nos esforçar para conseguir marido. Divertiremo-nos, simplesmente. A questão está decidida! Vamos as três à capital.

Effie cravou em sua sobrinha mais nova um olhar significativo.

- Espero não ter que enfrentar nenhum outro incidente desastroso como o que aconteceu aqui, em Upper Biddleton. Basta uma mulher desonrada na família.

Assim que Gideon entrou na sala de jantar de Hardcastle House viu a carta dirigida a ele na bandeja de prata que continha a correspondência da manhã. Até antes de romper o lacre adivinhou que a carta era de Harriet. Sua letra era como tudo seu: algo cheio de energia, muito original e obviamente feminino.

Ocorreu-lhe imediatamente que só havia um motivo para que Harriet lhe escrevesse tão cedo: para informar-lhe que acreditava estar grávida. A perspectiva lhe provocou uma onda profunda de satisfação e possessividade. Imaginou uma imagem de Harriet, arredondada e meiga pela gravidez, e outra com o bebê nos braços. Ambos os quadros eram muito agradáveis.

E, não lhe custava imaginar Harriet desenhando um fóssil com a mão direita enquanto sustentava uma criança contra o peito, com o braço esquerdo.

A princípio Gideon tinha preferido que ela não estivesse grávida. Com a perspectiva do casamento, a moça já tinha problemas bastantes; para ela era uma ideia perturbadora. Por seu lado, ele queria aplacar um pouco as intrigas em Upper Biddleton, pelo bem de Harriet. Teria sido interessante deixar bem claro, diante de todos os interessados, que não tinham pressa em chegar ao altar.

Afinal de contas, a moça era filha de um pároco.

Mas decidiu que um casamento apressado, sob licença especial, era muito aceitável. Tinha uma inegável vantagem: a possibilidade de pôr Harriet diretamente em seu leito. A ideia fez correr uma onda de calor pelas veias.

- Bom dia, Gideon.

O visconde levantou os olhos da carta em direção à sua mãe. Margaret, condessa de Hardcastle, entrou pela porta como se flutuasse. Essa pequena mulher, de aspecto frágil era muito mais forte do que parecia, e Gideon não o ignorava, mas ela sempre dava a impressão de estar suspensa a dois ou três centímetros do chão. Havia nela algo etéreo e delicado, que combinava bem com seu cabelo de prata e as cores pastéis a que acostumava usar.

- Bom dia, senhora. – Gideon esperou que o mordomo tivesse aproximado a cadeira para sua mãe sentar-se à mesa. Pôs a carta de Harriet junto à sua faca, para lê-la depois. Ainda não tinha informado a seus pais do compromisso.

Como de costume, o pai de Gideon, recuperou-se estupendamente pouco depois da chegada do filho, já em hora tardia, na noite anterior. Sem dúvida se apresentaria para tomar o café da manhã.

- Vejo que recebeu uma carta, querido. – Lady Hardcastle fez um gesto ao lacaio, para que lhe servisse o café - Alguém que eu conheça?

- Vai conhecê-la brevemente.

- É uma mulher? – Lady Hardcastle deteve a colher sobre a xícara, cravando em Gideon um inquisitivo olhar de pássaro.

- Ainda não tive tempo para dizer-lhe que me comprometi. – Gideon lhe dedicou um breve sorriso - Mas como meu pai parece ter superado completamente sua crise recente, acredito que devo mencionar a novidade.

-Comprometeu-se! Fala a sério, Gideon? – Os olhos de lady Hardcastle perderam em parte seu ar de ave, substituído por um brilho de surpresa, incerteza e possivelmente de esperança.

- Muito a sério.

- É um grande alívio sabê-lo, embora não a conheça. Começava a temer que sua experiência passada o fizesse abandonar definitivamente a ideia do casamento. E como seu querido irmão já não está conosco...

-... Sou o único que pode proporcionar um herdeiro a Hardcastle – concluiu Gideon, sem rodeios - Não há necessidade de você me lembrar disso senhora. Tenho perfeita consciência de que meu pai está preocupado ao ver que não cumpro com meu dever nesse aspecto.

- É preciso que sempre interprete os comentários de seu pai da pior forma possível, Gideon?

- Por que não, se ele faz o mesmo comigo?

Nesse momento se produziu uma comoção à porta. O conde de Hardcastle fez sua aparição, escoltado por um dos lacaios, que o levava pelo braço; de qualquer modo, era óbvio que sua senhoria estava muito melhor. Só o fato de que se incomodasse em descer a escada para tomar o café da manhã era prova de sobra: já não sentia as dores no peito, motivo pelo qual, tinha chamado Gideon.

- O que é isto? – acusou Hardcastle. Seus olhos dourados tão parecidos com os do filho mostravam a leve opacidade dos anos, mas ainda eram notáveis por sua ferocidade. O conde tinha sessenta e nove anos, mas mantinha o porte atlético de sua juventude. Era corpulento, quase tanto como Gideon. O cabelo escasso se tornou prata, como o de sua esposa. A idade não abrandava muito seu rosto largo, de ossos fortes - O que é isso de que você se comprometeu?

- Assim é, senhor. – Gideon se levantou da mesa para servir-se de comida quente no aparador.

- Já era hora. – Hardcastle ocupou seu assento, à cabeceira da mesa. - Que inferno homem, poderia ter se incomodado em mencioná-lo antes. Você não é insignificante, compreende? É o último da sua estirpe; sua mãe e eu começávamos a nos perguntar quando faria algo a respeito.

- Já está feito. – Gideon se decidiu por uns embutidos com ovos e voltou para sua cadeira - Farei que minha prometida lhes visite assim que seja possível.

- Deveria ter feito isso antes de pedir sua mão. – reprovou lady Hardcastle.

- Não houve tempo. – Gideon trespassou uma salsicha com o garfo - O compromisso se produziu por necessidade, sem aviso prévio. E é possível que o casamento seja igualmente apressado.

Os olhos do conde se encheram de fúria.

- Por Deus, homem! Não me diga que arruinou a reputação de outra mulher?

- Sei que nenhum de vocês me acreditaria, mas eu não arruinei a reputação da primeira jovem. Mas, em troca, sim, sou responsável pelo ocorrido à segunda. – Gideon sentiu o espanto de sua mãe e a irritação do conde, que se vertia em feitas ondas para ele. Concentrou-se em seus embutidos - Foi por acidente, mas está feito. E vou casar-me.

- Não posso acreditar. - espetou o conde, tenso - Por Deus como testemunha: não posso acreditar que tenha arruinado outra moça.

Gideon apertou a faca entre os dedos, mas manteve a boca fechada. Embora tivesse prometido a si mesmo, não brigar com seu pai nessa visita, não existia nenhuma esperança de evitar essa cena. Ele e seu pai não podiam ficar juntos por mais de cinco minutos sem explodirem.

Lady Hardcastle cravou-lhe um olhar apaziguador e logo se voltou para seu exasperado marido.

- Acalme-se, querido. Se continuar assim terá outro ataque.

- Se cair nesta mesa, será culpa dele. – O conde assinalou Gideon com o garfo - Agora chega! Dê-nos os detalhes e nos economize este suspense.

- Não há muito que dizer – manifestou Gideon, sem elevar a voz. - Chama-se Harriet Pomeroy.

- Pomeroy? Pomeroy? Assim era o nome do último pároco que designei para Upper Biddleton. – O conde jogava faíscas pelos olhos - Há algum parentesco?

- É sua filha.

- Oh, meu Deus – sussurrou lady Hardcastle - Outra filha de pároco! O que fez Gideon?

Com um frio sorriso, o filho rompeu o lacre de sua carta e abriu.

- Terá que perguntar a minha noiva como ocorreu tudo isto. Ela assume plena responsabilidade por tudo. E agora, me desculpem enquanto leio sua nota. Logo, poderei lhes dizer se será preciso uma licença especial para nos casarmos.

- Deixou essa pobre menina grávida? – gemeu o conde.

- Deus do céu! – murmurou lady Hardcastle.

Gideon franziu o cenho, consagrado a ler rapidamente a carta de Harriet.

Estimado senhor:

Quando você receber estas linhas estarei em Londres, aprendendo a ser uma digna esposa. Minha tia Adelaide (possivelmente recorde que a mencionei) recebeu, por fim, o dinheiro de seu defunto marido e nos chama, a todas, para a capital. Assim apresentaremos Felicity à sociedade e, conforme me informa tia Effie, eu receberei um polimento social que me permita não lhe causar mal estar no futuro. É motivo principal, pelo qual aceitei esta viagem. Para lhe ser completamente sincera, teria preferido ficar em Upper Biddleton. Estou muito entusiasmada pelo dente descoberto em nossa caverna. (Quero lhe recordar novamente que você não deve falar com ninguém sobre ele; há ladrões de fósseis por toda parte.) Mas compreendo que, como filha de pároco, é muito o que ignoro sobre a boa sociedade. Como diz tia Effie, você necessita uma esposa que conheça essas coisas. Confio que consiga aprender rapidamente para voltar logo para os meus fósseis.

Tenho a esperança de aproveitar minha estadia em Londres para fazer investigações que me permitam identificar esse dente. A perspectiva me anima e faz que seja mais agradável a ideia da viagem.

Partimos pela manhã. Se você desejar ficar em contato comigo, pode fazê-lo por intermédio de minha tia Adelaide, cuja direção deixo em anexo. Peço a Deus que seu pai esteja melhor. Apresente minhas saudações a senhora sua mãe.

A propósito. Com respeito ao outro assunto que tanto o preocupava me permita lhe dizer que pode ficar tranquilo. Não haverá necessidade de apressar as bodas.

Sua,

Harriet.

“Maldição” pensou Gideon, enquanto dobrava rapidamente a carta. Só agora percebia o quanto o seduzia a possibilidade de umas bodas apressada.

- Não. Minha prometida não está grávida. Infelizmente. Aconteceu algo muito mais desastroso.

Lady Hardcastle piscou.

- Deus bendito, o que pode haver de pior?

- Levaram-na para Londres para que pudesse adquirir traquejo social. – Gideon devorou o resto de seus embutidos e ficou de pé - Já que não vai morrer milord – disse a seu pai - devo me pôr a caminho imediatamente.

- Maldito seja, Gideon, volta aqui – rugiu Hardcastle - O que acontece? Por que quer ir agora à capital?

Gideon se deteve no vão da porta, impaciente.

- Não posso me demorar, senhor. Fico nervoso só de imaginar Harriet em Londres.

- Tolices. – Lady Hardcastle franziu o cenho - Não há nada que altere seus nervos, Gideon.

- Você não conhece Harriet, senhora.

Capítulo 9

Gideon não desfrutava de seus clubes como faziam quase todos os cavalheiros. Para ele não era um refúgio nem um lar fora do lar. Sabia que, assim que cruzasse a porta, reviveria imediatamente histórias de seis anos atrás que falavam de donzelas ultrajadas, suicídios e mortes misteriosas. Por isso, não apreciava a vida do clube.

Em verdade, ninguém nunca havia dado a Gideon a satisfação de enfrentá-lo com essas acusações frente a frente. Consideravam-no muito perigoso para algo dessa natureza. Havia quem lembrasse bem o duelo de espadas onde adquiriu sua cicatriz. O fato tinha ocorrido há mais de dez anos, mas as testemunhas estavam prontas para lembrar a todos o quão perto tinha estado St. Justin de assassinar seu adversário.

Conforme assinalavam essas testemunhas, Bryce Morland era amigo de St. Justin desde a infância; o duelo em si, foi apenas um encontro esportivo entre dois jovens de boa família, não um verdadeiro desafio.

Só o diabo sabia do que era capaz St. Justin em um duelo de verdade. Não vacilaria, sem dúvida nenhuma, em matar o desafiante.

Gideon também recordava com muita clareza o acontecido nesse duelo com Morland. Não foi o sangue que lhe jorrava da ferida aberta no rosto, não foi à dor, nem a presença de testemunhas que detiveram sua mão no último momento quando conseguiu desarmar Morland. Foi o grito do seu adversário pedindo misericórdia.

Ainda recordava as palavras: *“Por Deus, homem, foi um acidente!”*

No calor desse encontro, que tinha se convertido em um verdadeiro duelo. Gideon não estava seguro de que a estocada que lhe tinha destroçado o rosto fosse um acidente. Mas todos os outros o asseguravam que sim. Depois de tudo, que motivos teria Morland para matar St. Justin? Nenhum.

No final, o dano estava feito e Morland gritava pedindo piedade. Gideon compreendeu então, que não podia matar a sangue frio. Quando afastou sua espada do pescoço de Morland, todos lançaram um suspiro de alívio coletivo.

Três anos depois, quando a notícia do ultraje e o suicídio de Deirdre percorriam toda Londres, reviveu-se a história do duelo, que assim adquiria contornos tenebrosos. Também os detalhes da morte de Randal foram analisados e levantaram-se muitas questões.

Mas tudo que se dizia era sempre pelas costas de Gideon.

Quando estava em Londres, Gideon entrava em seus clubes por um único motivo: eram excelentes lugares para reunir informação. E ele tinha várias questões que esclarecer antes de visitar Harriet.

Em sua primeira noite na capital, Gideon subiu a escadaria e atravessou a porta de um dos clubes mais exclusivos da Rua St. James. Não se surpreendeu diante do frenesi de interesse e curiosidade que percorreu o salão principal do estabelecimento assim que os membros detectaram sua chegada. Sempre era da mesma forma.

Saudando friamente com a cabeça alguns dos cavalheiros mais velhos, amigos pessoais de seu pai, Gideon se instalou perto do fogo, pediu vinho do Reno e pegou um jornal. Não teve que esperar muito tempo para que alguém se aproximasse.

- Eu estava dizendo, que faz muito tempo que não o víamos por aqui, St. Justin. Dizem que está comprometido para casar-se. Há algo de concreto nisso?

Gideon levantou os olhos do jornal. O cavalheiro calvo e corpulento que tinha diante si era lorde Fry, um barão que tinha imóveis em Hampshire. Fry era um dos velhos conhecidos de seu pai, do tempo em que o conde colecionava fósseis.

- Boa noite, senhor. – Gideon deu a sua voz um tom sereno e cortês - Pode acreditar que esses rumores sobre meu compromisso são muito verdadeiros. A notícia aparecerá nos matutinos de amanhã.

- Eu digo... – Fry franziu o cenho em um gesto marcial – Então, é verdade?

Gideon sorriu com frieza.

- Acabo de dizer que sim.

- Bom, então, digo eu... Temia isso. – Fry parecia carrancudo - A senhorita Pomeroy o dizia com muita segurança, mas nunca se sabe. Quando não há um anúncio formal... A família dela não quer falar.

- Sente-se, Fry, e se sirva uma taça de vinho.

O ancião se deixou cair na poltrona de couro, em frente à Gideon. Logo tirou um grande lenço branco para secar a testa.

- Digo... Faz bastante calor aqui, tão perto do fogo, não é? De minha parte, não estou acostumado a sentar-me tão perto.

Gideon afastou o jornal para cravar no teimoso barão um olhar decidido.

- Quer dizer que você conhece minha prometida?

- Sim, por certo. – de repente Fry pareceu conceber esperanças - Se for da senhorita Harriet Pomeroy de quem falamos. Tenho esse prazer, sim. Incorporou-se recentemente à Sociedade de Fósseis e Antiguidades.

- Isso explica tudo. – Gideon relaxou um pouco - E lhe asseguro que se trata da mesma Harriet Pomeroy.

- Uma lástima, digo... – Fry voltou a enxugar a testa - Pobre moça – murmurou, com voz quase inaudível.

- Como diz você?

- O quê? Oh, nada, nada, digo. Uma jovem encantadora. Muito inteligente. Muito inteligente, sim. Um pouco equivocada em alguns aspectos, por certo. Tem algumas ideias estranhas sobre os substratos, os fósseis e os princípios gerais da geologia, mas de resto é brilhante.

- É verdade sim.

Fry cravou em Gideon um olhar especulativo.

- A jovem irmã está causando sensação, nesta temporada.

- Seriamente? – Gideon encheu-lha uma taça com vinho do Reno.

- Sim, por certo. Uma linda menina. E com um dote respeitável. Tem o mundo a seus pés, é obvio. – O ancião tomou um grande gole de vinho. - Digo eu... Na sociedade, alguns custavam acreditar que nossa senhorita Harriet Pomeroy estivesse comprometida com você.

- Por que o inquieta isso, Fry? – perguntou Gideon, com muita suavidade.

- Bom, digo... Ela não parece desse tipo, não sei se me entende.

- Não, não acredito entender. Por que não se explica melhor?

Fry moveu-se na poltrona, incômodo.

- Uma jovem tão inteligente...

- Você acredita que uma jovem inteligente não poderia cometer o engano de comprometer-se comigo? – insistiu Gideon, suavizando sua voz ainda mais.

- Não, não, nada disso. – Fry bebeu outro longo gole do vinho - É que, tendo tanto interesse nos fósseis, na geologia e esse tipo de coisas, caberia esperar que procurasse um marido que compartilhasse suas afeições. Sem intenção de ofendê-lo, senhor.

- Não me ofendo com facilidade, Fry. Mas você pode tentar, se quiser.

Fry ficou vermelho.

- Sim, bom. Ela diz que a trouxeram para a capital para adquirir experiência social, já que vai casar com você

- Escutei isso

- Digo... – Fry lhe brindou um olhar belicoso – Pelo que a mim concerne, a senhorita Pomeroy não precisa de experiência. Está perfeitamente bem assim.

- Nisso estamos de acordo, Fry.

O outro pareceu desconcertado e procurou inseguro outro tema.

- Bom, digo... Como está seu pai?

- Tão bem como se pode esperar

- Bem, bem, me alegro. – E prosseguiu, alegremente: - Nos velhos tempos, estava muito interessado em fósseis. Hardcastle e eu tivemos muitas discussões sobre o tema das

antiguidades marinhas. Se bem me lembro, era a sua especialidade: conchas, peixes fossilizados e coisas parecidas. Ainda as coleciona?

- Não. Faz alguns anos perdeu o interesse. – “Foi quando abandonou Upper Biddleton”, refletiu Gideon em silêncio. Seu pai não havia tornado a entusiasmar-se por mais nada depois dos acontecimentos de seis anos antes. Nem sequer por seus próprios imóveis. Agora ao conde só lhe interessava ter um neto.

- Uma lástima, digo eu... Foi um bom colecionador, em outros tempos. – Fry se levantou com brutalidade - Bom, estou indo.

Gideon arqueou as sobrancelhas.

- Não vai me felicitar por meu compromisso, Fry?

- O que? – o ancião tomou sua taça para tomar o resto do vinho - Sim, claro, que o felicito. – E olhou Gideon jogando farpas pelos olhos - Mas insisto: em minha opinião, essa senhorita não precisa adquirir trato social.

Gideon o seguiu com um olhar pensativo. Uma das questões que tinha querido averiguar já estava esclarecida: Harriet não mantinha o compromisso em segredo.

Experimentou uma profunda satisfação. Ao que parecia, a jovem não se preocupava absolutamente diante da possibilidade de ser ultrajada e abandonada pela notória Besta de Blackthorne Hall. Estava convencida de que iriam se casar.

Entretanto, a julgar pela reação de Fry, outros temiam pela sorte de Harriet. Ao se deter para revisar o livro de apostas do clube, Gideon viu várias notas sobre o tema de seu compromisso. Todas se pareciam muito com a que fechava a página do dia: “lorde R. aposta com lorde T. que certa jovem encontrará descomprometida com certo monstro em menos de duas semanas.”

Enquanto Harriet discutia apaixonadamente sobre o caráter das rochas ígneas com vários membros da Sociedade de Fósseis e Antiguidades, fez furor no salão de baile a notícia de que Gideon estava na cidade.

Momentos depois Effie apareceu a seu lado, com cara de grande preocupação. O primeiro pensamento de Harriet foi que Felicity ou tia Adelaide tinham sofrido alguma desgraça.

- Eu gostaria de falar um momento com você, Harriet, se não incomodo – murmurou a tia com discrição, enquanto sorria graciosamente à pequena multidão reunida ao redor da jovem.

- É claro, tia Effie. – Harriet pediu desculpas para retirar-se da conversa. - Ocorre algo de mau?

- St. Justin está na capital. Acabo de saber.

- Oh, muito bem – exclamou Harriet, com o coração pulando de alegria, embora tratasse de não iludir-se muito. Era muito improvável que Gideon se descobrisse apaixonado por ela durante essa breve separação. - Seu pai deve estar melhor.

Effie suspirou.

- É tão ingênua, querida... Não compreende o possível desastre que agora iremos enfrentar. Vêm comigo. Seus amigos da Sociedade de Fósseis podem esperar. Devemos nos consultar com Adelaide.

- Oh, tia Effie, estava em meio de uma interessantíssima conversa sobre o significado da rocha ígnea. Esta consulta não pode esperar?

- Não, não pode. – Effie encabeçou a marcha para sua irmã - Todo seu futuro está em jogo e devemos nos preparar para o pior. Estamos caminhando pela corda bamba, Harriet.

- Na verdade, tia Effie acredito que está exagerando. – Mas Harriet se deixou arrastar para Adelaide. Era melhor terminar logo com isso para retornar junto a seus novos amigos o mais rápido possível.

A irmã de Effie, lady Adelaide Buxton, era uma mulher imponente. As pessoas pouco amáveis preferiam dizer que era gorda. Effie tinha explicado a suas sobrinhas que grande parte desse volume era diretamente atribuído ao fato de que tenha se consolado comendo coisas doces ao longo de seu desventurado matrimônio.

Do momento que havia emergido do período de luto observado pela recente morte de seu marido, Adelaide tinha começado a perder peso com muita rapidez. Essa noite estava muito chamativa com seu vestido púrpura.

- Já sabe a notícia, Harriet? – perguntou com impaciência em voz baixa, enquanto dedicava um encantador sorriso a uma dama de turbante verde, que a tinha saudado com a cabeça.

- Entendi que meu noivo está na cidade – admitiu Harriet.

- Disso se trata, querida. Não estamos certas de que siga sendo seu noivo; não sei se me entende. Afinal de contas, não houve nenhum anúncio oficial. Nenhuma palavra nos jornais. E como ele preferiu não publicar a notícia, não podemos conhecer suas intenções.

Harriet deu um olhar nostálgico ao grupo de entusiastas arqueólogos que a esperavam. Queria voltar o quanto antes para essa fascinante conversa. Todo esse nervosismo por seu compromisso com Gideon começava a chateá-la. Effie e Adelaide não deixavam de preocuparem-se com o assunto desde sua chegada à cidade, vários dias antes.

- Estou certa de que o publicará no seu devido tempo, tia Adelaide. St. Justin teve ultimamente, muitas coisas com que ocupar-se, entre a captura dos ladrões e seu pai doente. Provavelmente ainda não teve oportunidade de enviar o anúncio aos jornais.

Effie deu um olhar de compaixão.

- Não compreendo como pode ter tanta fé em um homem que a tratou tão abominavelmente.

Diante disso Harriet perdeu a paciência completamente.

- St. Justin não me tratou abominavelmente. Como pode dizer isso, se vai casar-se comigo pelo que ocorreu na caverna?

- Por favor, Harriet. – Tia Effie olhou ao seu redor, intranquila - Não levante a voz.

Harriet não lhe prestou atenção.

- Não foi culpa dele que ficássemos presos ali dentro. Entrou por mim, para me resgatar, e o pobre homem não pôde voltar a sair.

- Por tudo de mais sagrado, Harriet, cale-se. – Adelaide moveu o leque, agitada - Não sei o que faremos se alguém ouvi-la por acaso ou se divulgar-se este assunto de sua reputação. Até agora conseguimos ocultar os detalhes, criando a seu redor uma aura de mistério. Não pense agora, anunciar a todos e sua voz.

- Que importância teria? St. Justin vai casar-se comigo. Com isso, tudo ficará de acordo aos olhos das pessoas de bem.

Effie e Adelaide trocaram um olhar sombrio. Logo a primeira suspirou.

- Não podemos estar tranquilas até nos assegurar de que St. Justin vai agir como se deve.

- Tolices. – Harriet sorriu a suas tias aflitas - St. Justin fará o que se deve, é claro. E agora, se me desculparem, devo voltar para minha conversa.

Adelaide sacudiu a cabeça.

- Você e seus fósseis! Corre querida, mas lembre-se: seja cautelosa com respeito a seu compromisso.

- Sim, tia Adelaide – disse Harriet, obediente. Logo mergulhou de volta na multidão, decidida a retornar ao pequeno grupo.

Havia trilhado a metade do caminho para o seu destino quando alguém interpôs seu caminho. Harriet reconheceu imediatamente Bryce Morland, que durante a última semana tinha aparecido nos mesmos bailes que as irmãs Pomeroy. Dançava sempre com ambas, mas nos últimos dias, para espanto de todos, começava a mostrar uma forte preferência por Harriet.

Ela estava ciente que as atenções de Morland deviam lisonjeá-la. Além de tudo, era muito bonito: magro e elegante, de mãos finas, quase delicadas, feições belamente esculpidas, curiosamente ascéticas, cabelo loiro claro e olhos azul acinzentados; Bryce tinha em torno de trinta e cinco anos e era viúvo. De uma maneira geral, poderia ter servido como modelo para a pintura de um arcanjo.

- Senhorita Pomeroy, – sorriu o homem - eu a estava procurando por todo o salão. Espero que me conceda a próxima dança.

Harriet sufocou um pequeno suspiro. Nos primeiros bailes Bryce mostrou-se muito galante, tanto com ela como com Felicity; assegurava-se de que ambas dançassem e as apresentava a outros amigos. Effie e Adelaide estavam muito agradecidas a ele. Harriet compreendeu que seria muito grosseiro lhe negar uma só dança. Sua discussão sobre as rochas ígneas poderia esperar mais alguns minutos.

- Obrigado, senhor Morland. – Conseguiu sorrir, enquanto se deixava conduzir à lotada pista de dança - Você foi muito amável em vir me buscar.

- Absolutamente. – Bryce a arrastou para uma valsa - O favor foi para mim mesmo. A noite não estaria completa se não dançasse com você pelo menos uma vez. Está arrebatadora com esse vestido, senhorita Pomeroy. Absolutamente irresistível.

Harriet se ruborizou, pois ainda não estava habituada a floreada conversa da pista de dança. Estava segura de parecer melhor do que nunca, pois Effie e Adelaide se encarregaram disso. A seda turquesa do vestido combinava com seus olhos. O corpete, de corte alto, era muito mais decotado do que aquele que costumava usar; tinha que lutar contra o impulso de puxá-lo mais para cima. Por desgraça, ninguém tinha podido fazer grande coisa com seu cabelo, que formava um halo fofo ao redor de sua cabeça, meio fora de moda.

- Realmente, senhor Morland, sinto-me lisonjeada, mas não deveria me dizer essas coisas – protestou afetada.

- Por que você acredita estar comprometida com St. Justin? Prefiro passar por cima disso.

- Não acredito estar comprometida: Estou. E isso não é algo que se possa passar por cima, senhor Morland.

- Não me conformo em acreditar que se ligou irrevogavelmente à Besta de Blackthorne Hall – disse Bryce, mal humorado.

Harriet tropeçou, espantada por ouvir esse epíteto em plena cidade de Londres. Sabia que todos o sussurravam as suas costas, mas era a primeira vez que alguém nomeava Gideon desse modo em sua presença.

Um arrebatamento colérico a deteve no meio da pista, obrigando Morland a deter-se também. Várias cabeças se voltaram, curiosas. Harriet, sem lhes prestar atenção, cravou em Morland um olhar glacial.

- Não volte a referir-se a meu prometido nesses termos, senhor Morland. Falei claramente?

Bryce baixou seus cílios dourados, ocultando pela metade seus olhos claros.

- Perdoe-me, senhorita Pomeroy. Deixei-me levar pela preocupação que sinto por você.

- Não precisa preocupar-se comigo, senhor. Tudo o que lhe disseram sobre meu noivo é pura fofoca de desocupados.

- Por desgracia temo que não seja assim. Conheço muito bem St. Justin, senhorita Pomeroy. Harriet o olhou com um sobressalto de surpresa.

- Verdade?

- Oh, sim. Em outros tempos, ele e eu fomos amigos.

- Amigos?

- Sim. Criamo-nos juntos em Upper Biddleton. Eu lhe dei o meu apoio quando sua prometida morreu. Na realidade, fui o único. Não porque aprovasse o que fez, se você me compreende. Mas eu não volto às costas a meus amigos, façam o que façam. Ainda seguíramos sendo amigos, caso St. Justin não tivesse decidido me ignorar, como ignora a todas as pessoas de bem.

Harriet franziu o cenho.

- Não sabia disso, senhor.

Bryce voltou a tomá-la em seus braços para reatar a dança, sem que ela resistisse. Agora estava curiosa. Em Upper Biddleton ou em Londres, não havia conhecido ninguém que afirmasse ser amigo de Gideon.

- Você diz que conhece St. Justin há muitos anos?

- Sim. – Bryce esboçou seu sorriso angelical, com uma tristeza antiga refletida nos olhos – Nesse tempo fazíamos tudo juntos. Não vou negar que passamos várias temporadas nos

divertindo. Em algumas noites, jogávamos por dinheiro até o amanhecer e em seguida íamos às corridas ou ao boxe sem nem ao menos nos deitarmos. Não havia nada que deixássemos sem aproveitar pelo menos uma vez. Então apareceu Deirdre Rushton para sua apresentação em sociedade. E tudo mudou.

Harriet mordeu os lábios.

- Seria melhor que não continuássemos com este tema, senhor.

Bryce sorriu compreensivo.

- Só Deus sabe quanto eu gostaria de esquecer o que aconteceu nessa temporada. Às vezes lembro-me desses episódios e me pergunto se eu não poderia ter feito algo para evitar a tragédia.

- Faz muito mal em sentir-se culpado, senhor Morland – apontou Harriet, depressa.

- Mas eu era o melhor amigo de Gideon – alegou Bryce - Ninguém o conhecia como eu. Estava afoito e decidido a fugir com ela. E sabia que Deirdre era tão inocente como linda. Gideon a desejou assim que a viu.

Harriet enrugou a testa.

- Eram ambos de Upper Biddleton. Deveriam conhecer-se antes que Deirdre Rushton fosse apresentada em sociedade.

- Embora vivessem na mesma aldeia não se conheciam muito. Eu tampouco a conhecia bem. Você precisa levar em conta que Deirdre era ainda uma estudante quando seu pai se propôs a apresentá-la em sociedade. E Gideon era mais velho, é claro. Quando Deirdre ficou mais velha, ele estava no colégio e depois, em Londres.

- Me disseram que era encantadora. – disse Harriet, em voz baixa.

-E era. E vou ser-lhe muito franco: não estava apaixonada por Gideon. Como poderia apaixonar-se por ele?

- Com muita facilidade, suponho – replicou Harriet.

- Tolices. Era uma bela criatura, a quem, naturalmente, lhe atraía a beleza alheia. Uma vez me confessou que lhe resultava quase impossível olhar Gideon no rosto, por causa de sua cicatriz. Só se dispunha a dançar com ele quando Gideon assim o exigia.

- Que tolice – revidou Harriet – O rosto de St. Justin não tem nada de ofensivo. E dança maravilhosamente bem.

Bryce sorriu.

- Você é muito generosa, querida minha. Mas o certo é que a maioria das pessoas tem dificuldades para olhá-lo. Faz mais de dez anos que tem essa cicatriz, sabe?

- Não, não sabia.

- Recebeu-a durante um duelo de espadas.

A jovem arregalou os olhos.

- Ignorava-o.

- Sou uma das poucas pessoas que conhecem a história completa. Já lhe disse que, nessa época, ele era meu melhor amigo.

Harriet inclinou pensativamente à cabeça para o lado.

- Se a Deirdre Rushton impressionava tanto o aspecto de Gideon... Digo de St. Justin, por que aceitou esse compromisso?

- Pelos motivos de sempre. – respondeu Bryce, com calma - Porque seu pai insistiu. Deirdre era uma filha obediente e o reverendo Rushton estava desejoso de relacioná-la com uma família de linhagem. Tinha o capricho de ver sua filha casada com o filho de um conde. Quando Gideon pediu sua mão, Rushton virtualmente a obrigou a aceitar. Isso não era segredo para ninguém.

Harriet lembrou que o mesmo havia sido dito pela senhora Stone. Ao que parece todos tinham chegado à mesma conclusão quanto aos motivos desse compromisso.

- Que horrível para Gideon – sussurrou.

Os olhos de Bryce se enfraqueceram com tristeza.

- Possivelmente, por isso fez o que fez.

- Do que você está falando?

-Custa-me dizer isto, senhorita Pomeroy, mas possivelmente você deva estar de sobreaviso. Tem que saber, sem dúvida, que se acusa St. Justin de ter ultrajado Deirdre Rushton, quando estavam comprometidos.

- Para abandoná-la depois. Sim, já haviam me dito e não acredito.

A expressão de Bryce era solene.

- Dói-me lhe esclarecer isto, mas é preciso que seja realista senhorita Pomeroy. Deirdre foi certamente, tomada à força. Asseguro-lhe que não teria se entregado a Gideon por sua própria vontade, enquanto não fosse absolutamente necessário, quer dizer, na noite de núpcias, nunca antes.

- Nego-me a acreditar que St. Justin violou sua prometida – Harriet estava horrorizada. Uma vez mais se deteve na pista de dança, liberando-se dos braços de Bryce - Isso é pura mentira e você não deveria repeti-la, senhor. Não quero seguir escutando.

Deu a volta e se afastou sem esperar que Bryce a acompanhasse. Foi seguida por um murmúrio de vozes intrigadas e divertidas. Ela, sem lhes prestar atenção, dirigiu-se para o grupo de colecionadores de fósseis.

Seus novos amigos a receberam com cordialidade e não demoraram a incluí-la novamente na conversa. Para Harriet foi um alívio voltar a encontrar-se com pessoas que se ocupavam de coisas importantes, não de velhas intrigas.

Lorde Oliver Applegate, um jovem e sério barão, três anos mais velho que ela, sorria-lhe sem dissimular sua admiração. Tinha assumido o título a pouco tempo e de vez em quando, em seu esforço para ficar à altura de sua nova posição, parecia um pouco pomposo. De resto, era bastante simpático e Harriet lhe tinha afeto.

- Ah, já a temos aqui, senhorita Pomeroy. – Applegate aproximou-se imediatamente, para lhe oferecer um copo de limonada que tinha procurado para ela - Você chegou a tempo para me ajudar a destruir os argumentos de lady Youngstreet. A senhora trata de nos convencer de

que os depósitos de blocos polidos e massas de pedregulho encontradas nos primeiros contrafortes das regiões alpinas são evidência da Grande Inundação.

-Corretamente. – declarou energicamente lady Youngstreet. Era uma mulher corpulenta e imponente, de idade madura, colecionadora muito ativa. Ao terminar a guerra contra Napoleão tinha passado algum tempo procurando fósseis no continente, e nunca descuidava de recordar esse fato aos outros membros - Que outra coisa poderia ter movido essas pedras enormes, fazendo-as rolar de modo tão extraordinário, digam? Só a água, grandes quantidades de água.

Harriet franziu o cenho, muito concentrada.

- Certa vez discuti esse ponto com meu pai. Ele mencionou outras causas possíveis para tão gigantesca movimentação. Erupções vulcânicas e terremotos, por exemplo. E até... – Hesitou - Até o gelo poderia fazer algo assim.

Os outros a olharam, estupefatos.

- O gelo? – inquiriu lady Youngstreet, subitamente intrigada. - Grandes blocos de gelo, você diz, como as geleiras?

- Bom, se as geleiras das montanhas fossem em outros tempos, muito maiores que agora – começou Harriet, cautelosa – poderiam muito bem, ter coberto todo essa área. Logo derreteram, deixando para trás as pedras e o pedregulho que foram levando pelo trajeto.

- Totalmente ridículo. – protestou lorde Fry, incorporando-se ao grupo. - Que loucura, imaginar uma camada de gelo que cobrisse uma parte tão grande do Continente.

Lady Youngstreet lhe sorriu com afeto. Ninguém ignorava que eram amantes.

- Tem você absoluta razão, meu querido. Estes jovens sempre estão procurando novas explicações para substituir as velhas teorias já comprovadas, que explicam tudo perfeitamente. Trouxe-me você outra taça de champanha?

- Por certo, querida. Como poderia me esquecer? – Fry lhe entregou a taça com uma galante reverência.

- Na realidade – disse Harriet, sempre reflexiva - A teoria do Grande Dilúvio tem um conflito: não explica como as águas puderam cobrir toda a terra ao mesmo tempo. Aonde teriam ido parar?

- Excelente argumento! – afirmou Applegate, com o entusiasmo que habitualmente despertavam as ideias de Harriet - Tem muito mais sentido falar de vulcões, terremotos e coisas do estilo. Isso explicaria o motivo de encontrarmos fósseis marinhos no topo das montanhas. E também – adicionou com um sorriso ardiloso – esclarece as rochas ígneas.

Harriet assentiu com seriedade.

- Essas forças elevadoras rebatem, obviamente, os efeitos da erosão e explicam que a terra não é apenas uma paisagem plana e sem relevo. Entretanto, isto de achar fósseis de animais muito antigos não encontra uma causa simples. Por que não há exemplares vivos desses animais?

- Porque morreram todos na Grande Inundação – declarou lady Youngstreet - É perfeitamente óbvio. Afogaram-se. Do primeiro ao último, pobrezinhos. – E bebeu todo o conteúdo de sua taça.

- Bom, mesmo assim não estou segura... – disse Harriet. E se interrompeu abruptamente, ao se dar conta de que ninguém no grupo estava prestando atenção.

Notou, tardiamente, que um murmúrio corria pela multidão. Todas as cabeças estavam voltadas para a elegante escada do outro extremo. Harriet seguiu a direção dos olhares.

No alto da escada estava Gideon, estudando a multidão com um olhar desdenhoso. Vestia completamente negro. A gravata e a camisa brancas só deixavam ainda mais destacado à escuridão de seu traje.

Enquanto Harriet o contemplava, seus olhares se cruzaram. A jovem custou acreditar que tivesse conseguido identificá-la entre a multidão que enchia o salão de baile. Mas o viu iniciar a descida pelo tapete vermelho. A fria arrogância de seus ombros dava a entender que não captava a plateia curiosa ou que, simplesmente, não se interessava por isso.

“Veio.” Harriet tratou de não se entusiasmar muito por algo tão simples. Gideon tinha que aparecer, cedo ou tarde. Isso não significava que morreria se não a visse; só que se considerava na obrigação de apresentar-se.

Os comentários em voz baixa seguiram Gideon pelo salão como uma onda que corresse para alguma costa distante. A multidão se abria diante ele, como um mar. Caminhou a grandes passos, sem olhar a direita, nem esquerda, sem saudar ninguém, até encontrar-se diante de Harriet.

- Boa noite, querida – disse serenamente, no meio do silêncio. E se inclinou para sua mão - Confio que tenha me reservado uma dança?

- É claro, milord. – Harriet sorriu em um amplo gesto de boas vinda e apoiou os dedos em um braço – Antes, porém, você conhece meus amigos?

Gideon deu uma olhada no círculo de rostos que os observavam, atrás da jovem.

- A alguns sim.

- Permita-me lhe apresentar aos outros. – Harriet fez apressadamente as apresentações.

- Quer dizer, então, que é verdade? – acusou lady Youngstreet com desaprovação - Estão comprometidos?

- Muito certo, sim – confirmou Gideon - A notícia aparecerá nos jornais de amanhã. – E se voltou para Harriet - Suponho que minha noiva conte com seus melhores desejos e felicitações, lady Youngstreet.

A mulher franziu os lábios.

- É obvio.

- Por certo. – murmurou Applegate, fazendo o possível para não olhar a cicatriz - Alegro-me com ambos, naturalmente.

Os outros integrantes do pequeno grupo murmuraram comentários apropriados.

- Obrigado – disse Gideon, com um brilho lacônico nos olhos - Esperava que dissessem isso. Venha querida. Faz muito tempo que não dançamos.

Enquanto levava Harriet para a pista de dança, os músicos iniciaram uma valsa. A jovem se esforçou por projetar o ar de altivo decoro que Effie e Adelaide lhe ensinavam há vários dias, mas quase imediatamente abandonou a intenção. Era muito emocionante estar de novo nos braços de Gideon, embora só fosse apenas para dançar.

Quase tinha esquecido quão enorme era. Sua mão cobria a maior parte de sua cintura. Esse peito, esses ombros largos, pareciam tão sólidos como um muro de tijolo. Harriet recordou o peso sobre ela àquela noite na caverna, e estremeceu de pela paixão rememorada.

- Suponho que seu pai tenha se recuperado, senhor? – disse enquanto Gideon a fazia girar com a valsa.

- Está muito melhor, obrigado. Ver a mim, tem sobre seu organismo o mesmo efeito que uma máquina de eletricidade. Sempre basta para estimulá-lo a recuperar-se – respondeu Gideon, seco.

- Por Deus, milord. Alegra-se tanto de vê-lo que se cura, diz você?

- Não exatamente. Ao ver-me lembra do que acontecerá quando se for, por fim, deste mundo. E pensar que vou herdar o condado, é suficiente para que fique em pé. Horroriza-o a perspectiva de que o nobre título de Hardcastle caia em mãos tão indignas.

- Oh, céus. – Harriet o olhou com simpatia - Estão tão mal às coisas entre você e seu pai, milord?

- Sim, querida, assim é. Mas, você não tem por que preocupar-se. Depois do casamento veremos meus pais o menos possível. E agora, se não lhe incomodar, preferiria falar de coisas muito mais interessantes que minha relação com meus pais.

- É claro. Do que você deseja falar?

Ele torceu a boca, dando uma olhada ao decote vestido.

- Você poderia me explicar que “*educação social*” está recebendo. Diverte-se aqui, na capital?

- Se tiver que lhe ser justa, a princípio não me diverti, absolutamente. Depois, por acaso, conheci lorde Fry.

- Ah, sim.

- Resultou que se interessava muito pelos fósseis e me convidou a participar da Sociedade de Fósseis e Antiguidades. Desde que comecei a assistir as suas reuniões me divirto muitíssimo. São pessoas muito interessantes e me tratam com muita bondade.

- Seriamente?

- Oh, sim. Constituem um grupo muito bem informado. – Harriet deu um olhar a ambos os lados, para assegurar-se de que ninguém estivesse escutando. Logo baixou a voz, aproximando-se mais de Gideon - Estou pensando em mostrar meu dente a um ou dois membros da Sociedade.

- Você não temia que outro colecionador pudesse roubá-lo ou partir em busca de outro igual, depois de descobrir a localização da caverna?

Harriet franziu o cenho, consternada.

- Isso me preocupa, é obvio. Mas começo a acreditar que na Sociedade há algumas pessoas de confiança. E até agora, não tive nenhum êxito em minhas tentativas de identificar esse dente, por mim mesma. Se tampouco, o identificarem os membros da Sociedade, terei a certeza de ter achado uma espécie completamente nova e escreverei um artigo.

A boca de Gideon se curvou apenas.

- Minha doce Harriet, – murmurou - eu adoro ver que continua você mesma, sem ter *traquejo social*.

Cravou-lhe um olhar carrancudo.

- Asseguro-lhe que estou trabalhando muito nesse projeto, senhor. Mas, confesso que não me resulta tão interessante como compilar fósseis.

- Compreendo.

Harriet se iluminou ao ver sua irmã entre os bailarinos, Felicity, deslumbrante com seu vestido de gaze rosada, sorriu-lhe alegremente antes que um jovem lorde, muito bonito, fizesse-a girar e desaparecer de vista.

- Isto de adquirir *finesse* pode ser uma obrigação para mim, – reconheceu Harriet – mas, me agrada dizer que Felicity está uma joia. Está fazendo furor, sabe? E agora que tia Adelaide lhe atribuiu uma respeitável porção de herança, não precisa apressar-se em conseguir marido. Suspeito que queira desfrutar de uma segunda temporada. Está aproveitando maravilhosamente. Adora viver na capital.

Gideon a observava.

- Você lamenta casar-se apressadamente, Harriet?

Ela cravou a vista na nívea gravata.

- Compreendo senhor, que você se sinta obrigado a acelerar este casamento e que não dispomos de tempo para analisar nossos sentimentos mútuos.

- Você está tentando me dizer que não sente nenhum afeto por mim?

Harriet levantou bruscamente os olhos surpresa, sentindo que ardiam as bochechas.

- Oh, não, Gideon, não quis dizer que não sentisse afeto por você.

- Alivia-me muito em sabê-lo. – A expressão de Gideon se abrandou. - Venha, que a dança está terminando. Vou devolvê-la a seus amigos. Acredito que estão todos muito preocupados com você. Não deixam de nos olhar.

- Não lhes preste atenção, senhor. Sentem-se protetores por mim, em consequência dos rumores. Não têm má intenção.

- Já o veremos – murmurou Gideon, enquanto a conduzia entre a multidão para os membros da Sociedade de Fósseis e Antiguidades - Ah, vejo que se incorporou outra pessoa ao pequeno grupo.

Harriet olhou para diante, mas não distinguia sequer lorde Applegate, nem lady Youngstreet.

- Em ocasiões como esta, ser alto é uma grande vantagem, milord.

- É certo.

Nesse momento se abriu o último setor da multidão e Harriet pôde ver o homem de rosto avermelhado que se reuniu com seus amigos. Havia nele um elemento forte e marcante, que

não lhe resultou muito agradável. Era corpulento, embora não tanto como Gideon. Entretanto, não era isso o que a chocava.

Seus apaixonados olhos escuros, fixos em Harriet, tinham uma qualidade aguda, penetrante, que despertava inquietação. Os lábios carnudos desenhavam uma curva amarga e colérica. O cabelo cinza, embora espaçado no alto da cabeça, estendia-se pelas grossas mandíbulas em largas costeletas crespas. Harriet pensou nos evangelistas, esses incansáveis reformadores da igreja que exortavam constantemente com tudo, da dança até os pós-faciais.

O recém-chegado não esperou que o apresentassem. Seu agudo olhar varreu Harriet dos pés a cabeça. Logo se voltou para Gideon.

- Bom senhor, vejo que encontrou outro cordeiro inocente para levar ao matadouro.

O pequeno grupo de colecionadores soltou uma exclamação coletiva. Só Gideon permaneceu sereno.

- Me permita lhe apresentar a minha prometida. – murmurou Gideon, como se não tivesse ouvido nada fora do comum - Senhorita Pomeroy, vou apresentar-lhe...

O desconhecido o interrompeu com uma áspera exclamação.

- Como se atreve, senhor? Não conhece a vergonha? Como se atreve a brincar com outra filha de pároco? Abandonará também esta com um filho nas vísceras? Quer ser a causa de que morra outra inocente e seu bebê?

O pequeno grupo emitiu outra exclamação de horror. Os olhos de Gideon se endureceram perigosamente.

Harriet elevou uma mão.

- Já basta! – disse seca - Não sei quem é você, senhor, mas lhe asseguro que está cansando muito estas acusações sobre o anterior compromisso de sua senhoria. Só estranho que não seja evidente para todos, mas só há um motivo pelo qual St. Justin anularia sua intenção de casar-se com Deirdre Rushton.

O desconhecido voltou para ela o colérico olhar.

- Seriamente, senhorita Pomeroy? – sussurrou - E qual seria esse motivo, por favor?

- Naturalmente que, essa pobre menina, estava grávida de outro homem – apontou Harriet, enérgica. Essas intrigas maliciosas a estavam deixando totalmente chateada - Céus não entendo por que ninguém tenha entendido isso desde o princípio. É a explicação mais lógica.

O silêncio se apoderou dos presentes. O apaixonado desconhecido fulminou Harriet com um olhar exasperado, obviamente destinado a condená-la à perdição.

- Se na verdade está convencida disso, senhorita Pomeroy, – sussurrou fanhoso - compadeço-a. Porque é uma estúpida.

Girou e se afastou tempestuosamente por entre a multidão. Com exceção de Gideon, todos olhavam Harriet boquiabertos de fascinação.

A expressão de Gideon refletia uma satisfação quase selvagem.

- Obrigado, querida minha – disse, com muita suavidade.

Harriet olhou com o cenho franzido à silhueta que se retirava.

- Quem era esse cavalheiro?

- O reverendo Clive Rushton – disse Gideon - O pai de Deirdre.

Capítulo 10

- Nunca vi nada parecido. – Adelaide, ainda com roupa de dormir, levantou sua xícara de chocolate quente - Me acredite, esta manhã não se falará de outra coisa em toda a cidade. Meio mundo estará comentando o modo que Harriet humilhou Rushton.

Effie fechou os olhos, com um gemido resignado.

- Não, não se falará de outra coisa, embora o anúncio do compromisso esteja nos jornais da manhã. Meu Deus, eu não sei o que dizer. Como pode uma jovem inocente falar sobre essas coisas em meio de um baile! Isso, não tem nome!

- Não pode considerar-me tão inocente, tia Effie. – Harriet, sentada em um canto da sala de refeições de sua tia Adelaide, afastou os olhos do último exemplar das *“Atas da Sociedade Real de Geologia.”*

- Pois estamos fazendo o possível para convencer a todos, de que sim. – assinalou Adelaide.

A sobrinha fez uma careta.

- Não sei por que tanta confusão. Limitei-me a expressar um fato muito óbvio, que todos parecem ter passado por cima.

- Você e seus enfoques lógicos! – reprovou Adelaide, carrancuda - Asseguro-lhe que a ninguém passou despercebido o fato de que Deirdre Rushton estava grávida quando morreu. Eu também ouvi muito sobre o assunto, desde que ficou público o compromisso de Deirdre com o St. Justin.

- Refiro-me à possibilidade de que o bebê fosse de outro homem. Com toda certeza, não era de Gideon. – Harriet voltou para as suas Atas.

- Como pode estar tão certa disso? – acusou Adelaide.

- Porque estou muito segura de que Gideon tem tanto sentido de honra como qualquer outro cavalheiro da alta sociedade. Até apostaria que o seu está mais desenvolvido que o da maioria. Se o bebê fosse dele, ele teria cumprido com o seu dever.

- Francamente, não sei como pode acreditar tanto nesse homem – disse Effie, com um suspiro - Esperemos que não se engane com respeito a sua honra.

- Não me engano. – Harriet tomou uma torrada e a mastigou com entusiasmo, enquanto seguia folheando as Atas - A propósito: ele virá esta tarde, às cinco horas, para me levar a um passeio pelo parque.

- Deveria esperar, pelo menos até que sossegassem as intrigas que provocou sua cena com Rushton – murmurou Effie - Todo mundo vai ao parque às cinco. Estará diante de todos os olhares.

- Em minha opinião, é disso que se trata. – Felicity, que entrava na sala de refeições, dedicou a sua irmã um sorriso sagaz - Acredito que St. Justin está decidido a exibir Harriet onde e quando for possível. Tal como uma mascote exótica que houvesse trazido de algum país longínquo.

- Uma mascote! – Effie parecia escandalizada.

- Por Deus, que ideia. – murmurou Adelaide.

Harriet levantou outra vez o olhar, consciente de que sua irmã não brincava.

- O que quer dizer, Felicity?

- Não é óbvio? – a moça serviu-se de ovos e torradas do aparador. Estava colorida e alegre com seu vestido amarelo - Só você, entre todas as pessoas que conhecemos, acredita na honra de St. Justin. Também é a única disposta a considerá-lo inocente de ultrajar e abandonar a pobre Deirdre Rushton.

- Na verdade, ele é inocente de ultrajá-la e abandoná-la – replicou Harriet automaticamente. Mas ficou pensativa ao recordar a expressão de Gideon ao vê-la discutir com Rushton - Entretanto, pode ser que tenha razão quando diz que ele quer me exibir.

- Seria difícil reprovar-lhe. Como resistir a tentação de mostrar a todos sua comovedora fé na Besta de Blackthorne Hall? – Felicity sorria.

- Já lhe disse que não o chame por esse termo horrível – disse Harriet. Mas, ela estava distraída. Sua mente dava voltas e voltas ao que a irmã acabava de dizer. Soava tristemente verdadeiro, e ela se reprovou por não havê-lo notado por si só.

Naturalmente, Gideon trataria de obter toda a satisfação possível desse casamento, que nunca tinha desejado. Quem poderia reprovar-lhe? Por certo, não apresentava sinais de haver-se apaixonado por ela. Não lhe havia dito uma só palavra de amor. Tampouco o pedia dela. A noite anterior, ao lhe perguntar se não sentia nenhum afeto por ele, parecia fazê-lo por simples curiosidade.

Indubitavelmente, o fato de que ela acreditava em sua honra seria muitíssimo mais importante que qualquer declaração de amor. Não lhe importava outra coisa, com toda certeza. Estava há muito tempo vivendo à sombra da desonra.

Harriet observou Felicity, que se sentava à mesa para comer com franco apetite. Ultimamente, depois de tantas noites de dança sem pausa, sua irmã mostrava um forte interesse pelo café da manhã.

Adelaide olhou Effie por cima da borda de sua xícara.

- Bem, não temos outra opção a não ser enfrentarmos tudo isto com elegância. Se St. Justin segue proclamando-se comprometido, estamos salvas. Com um pouco de sorte, conseguiremos chegar ao final da temporada sem que ocorra nada inesperado.

Harriet fechou seu jornal com uma careta.

- Asseguro que não acontecerá nada inesperado, tia Adelaide. St. Justin não o permitirá. – Deu uma olhada no relógio - Se me desculparem tenho que me vestir. Esta tarde há reunião da Sociedade de Fósseis e Antiguidades.

Effie lhe deu um olhar penetrante.

- Noto que você fez uma íntima amizade com alguns membros da Sociedade, querida. O jovem lorde Applegate me parece muito agradável. Está muito relacionado com o marquês de Asherton, como sabe. Recentemente recebeu uma considerável herança, junto com seu título.

Harriet sorriu ironicamente.

- Já estou comprometida, tia Effie, se por acaso não recorda. E com um conde, nada menos.

- Quem pode esquecer? – suspirou Effie.

- Em outros tempos, – lhe recordou Harriet - teria sido capaz de matar para conseguir que Felicity ou eu nos casássemos com um conde.

- É que não estou de toda segura de que você chegue a casar com o conde em questão – replicou Effie, pesarosa.

Assim que Harriet entrou no salão de lady Youngstreet captou a expressão especulativa e preocupada dos outros membros da Sociedade. Entretanto, ninguém mencionou o drama da noite anterior, por isso ela ficou profundamente agradecida.

Era uma reunião numerosa, como de costume, dado o crescente interesse pelos fósseis e a geologia. Quando todos estavam sentados, os membros se lançaram imediatamente a analisar certos fósseis falsificados expostos pouco antes, em uma pedreira do norte.

- Não me surpreende absolutamente – anunciou lady Youngstreet - Não é a primeira vez que acontece, nem será a última, com toda certeza. Sempre ocorre o mesmo: os trabalhadores da pedreira não demoram em descobrir que há um bom mercado para qualquer tipo de fóssil estranho que desenterrem por acaso no curso de seu trabalho. Quando já não encontram suficiente para satisfazer a demanda, dedicam-se a fabricá-los para os colecionadores.

- Disseram-me que na pedreira havia uma verdadeira oficina. – Lorde Fry meneou a cabeça - Utilizavam partes de peixes fossilizados, dos muitos que se encontram, e outros ossos velhos, com os quais construía esqueletos completamente novos e diferentes. Houve ofertas muito

altas pelas criações mais originais. Pelo menos dois museus compraram falsificações sem saber.

- Temo que essa ciência continue dando origem a muitos enganos, fraudes e falsificações – disse Harriet, enquanto sorvia seu chá - A fascinação do que jaz sepultado na rocha é tão forte que sempre atrairá os inescrupulosos.

- Por desgraça, isso é perfeitamente correto – concordou Applegate, com um experiente suspiro. Seu olhar caloroso demorou-se no seio de Harriet, pudicamente coberto – Como você é perceptiva, senhorita Pomeroy.

Harriet sorriu.

- Obrigado, milord.

Lorde Fry pigarreou significativamente.

- De minha parte, com toda segurança, teria posto em dúvida todas essas folhas e esses peixes falsificados que os trabalhadores estavam vendendo a todo mundo.

- E eu não teria me deixado enganar nem por um momento por esses animais que eram metade peixe, metade quadrúpede – declarou uma intelectual de idade amadurecida.

- Tampouco eu. – asseverou lady Youngstreet.

Circulou pelo salão um forte murmúrio de assentimento. A reunião caiu em uma desordem passageira, dividindo-se em pequenos grupos. Todos expressavam sua opinião sobre as falsificações, esclarecendo que eles não se deixariam enganar, nem por um momento.

Lorde Applegate moveu-se para se aproximar de Harriet e a olhou com tímida admiração.

- Hoje você está encantadora, senhorita Pomeroy – murmurou - O azul lhe assenta muito bem.

- Que amabilidade a sua, senhor Applegate. – Harriet puxou discretamente sua saia, cor turquesa, que tinha ficado sob a coxa do cavalheiro. Applegate ruborizou-se violentamente ao se dar conta de que estava sentado sobre uma dobra de musselina.

- Perdoe, por favor.

- Não se preocupe. – Harriet lhe dedicou um sorriso tranquilizador - Meu vestido não sofreu nenhum dano. Você leu o último número das Atas, senhor? Eu recebi o meu esta manhã; hoje, tem um artigo fascinante sobre a identificação de dentes fósseis.

- Ainda não tive oportunidade de ler o meu exemplar, mas, assim que voltar para casa me ocuparei disso. Se você diz que esse artigo vale à pena, deve ser apaixonante. Seu critério nestes assuntos é sempre exemplar, senhorita Pomeroy.

Harriet não pôde resistir às adulações e decidiu tatear delicadamente no tema dos dentes fósseis.

- Senhor, você é muito amável. Trabalhou muito com dentes?

- Um pouco, de vez em quando. Nada importante, em realidade. Devo admitir que, tratando-se de identificações, prefiro os dedos aos dentes. Os dedos revelam muitas coisas.

- Compreendo. – Harriet estava decepcionada. Gostaria de mostrar seu dente à lorde Applegate. Inspirava-lhe simpatia e tinha certeza em poder confiar nele. Mas não tinha sentido fazê-lo se ele não sabia nada de dentes.

- De minha parte, prefiro os dentes. Permitem diferenciar imediatamente, os carnívoros de todos os outros animais que se alimentavam de vegetais. E, ao saber disso é possível deduzir muitas outras coisas sobre o exemplar.

Applegate sorriu com afeto.

- Seria interessante que visitasse o museu do senhor Humboldt, senhorita Pomeroy. Tem uma assombrosa coleção de fósseis acumulados nessa velha mansão. Fica aberta ao público duas vezes por semana, nas terças e quintas feira. Fui uma ou duas vezes, procurando dedos e coisas assim. Tem gavetas cheias de dentes.

- Seriamente? – Harriet, entusiasmada, logo notou que o joelho de Applegate se aproximava perigosamente do seu. A saia de seu vestido voltava a correr perigo de ser amassada. - O senhor Humboldt é membro da Sociedade?

- Era, em outros tempos – disse o jovem – Mas, no final declarou que éramos todos entusiastas sem remédio e renunciou imediatamente. É um indivíduo muito estranho. Mantém seu trabalho em segredo e desconfia dos outros.

- Compreendo. – Harriet pensou que deveria visitar o museu do senhor Humboldt na primeira oportunidade.

Applegate tomou fôlego e a olhou com expressão muito séria.

- Senhorita Pomeroy, se incomodaria muito que trocássemos o tema desta conversa por outro que me parece muito mais urgente?

- Que assunto é esse? – Harriet estava se perguntando a que horas abriria o museu do senhor Humboldt. Talvez, tivesse anúncio nos jornais.

Applegate passou um dedo por baixo da gravata, como se quisesse afrouxá-la. Tinha um brilho úmido na testa.

- Temo que venha lhe parecer um pouco intrometido.

- Tolices. Pergunte milord. – Harriet passeou o olhar pelo salão, que zumbia. O assunto das falsificações estava despertando profundo interesse entre os membros da Sociedade.

- O caso é senhorita Pomeroy... Quer dizer... – Applegate afastou outra vez sua gravata e voltou a pigarrear; logo reduziu sua voz a um sussurro - Na verdade, não posso acreditar que você esteja comprometida com St. Justin.

Esse comentário lhe devolveu imediatamente a atenção de Harriet, que franziu o cenho.

- Por que lhe custa tanto acreditá-lo, senhor?

Applegate estava quase desesperado, mas continuou com coragem.

- Com seu perdão, senhorita Pomeroy, você está muito acima dele.

- Muito acima?

- Sim, senhorita, muito acima. É muito para esse homem. Só posso acreditar que ele a está obrigando a esta aliança.

- Perdeu o juízo, Applegate?

O jovem se inclinou para frente, atrevendo-se a lhe tocar a mão. A intensidade de suas emoções o fazia tremer os dedos.

- Você pode me contar a verdade, senhorita Pomeroy. Eu a ajudarei a escapar da Besta de Blackthorne Hall.

Harriet dilatou os olhos em um gesto de ira e se levantou, deixando sua xícara no pires, com um estalido.

- Está abusando de minha paciência, milord. Não penso tolerar essa maneira de falar. Se na verdade se considera meu amigo, terá que abster-se desses comentários.

E voltou às costas ao humilhado Applegate para cruzar a habitação com passo enérgico, a fim de unir-se a um pequeno grupo que estava analisando métodos para detectar falsificações.

Tudo isso a estava afligindo. Perguntou-se entristecida, como tinha feito Gideon para sobreviver à fofoca, durante seis longos anos. Ela já estava mais que desejosa para deixar a cidade e não voltar jamais, embora não fosse sua própria honra o que estava em dúvida.

A observação de Felicity, com respeito à exibição que Gideon estava fazendo de sua exótica noiva, ficou reafirmada nessa mesma tarde. Harriet esperava com ansiedade o passeio pelo parque. Na verdade, em outras circunstâncias o teria desfrutado muito. O dia era estupendo: seco, ensolarado e revigorante.

Felicity fiscalizou sua escolha de vestido e casaco.

- Decididamente, o de musselina amarela com o casaco turquesa – proclamou - E a touca turquesa, que faz ressaltar seus olhos. Não se esqueça das luvas.

Harriet se examinou no espelho.

- Não lhe parece muito colorido?

Felicity sorriu com ar entendido.

- É muito colorido. E você está estupenda. No parque chamará a atenção; isso é algo que St. Justin agradecerá, porque quer que todo mundo repare em você.

Diante disso Harriet fez um gesto irritado, mas não disse nada. Temia que sua irmã estivesse certa.

Gideon chegou à casa de tia Adelaide em um faetón amarelo intenso, puxado por duas enormes bestas de aspecto poderoso. Os cavalos não eram da mesma cor, como estava na moda. Um, era musculoso e castanho, o outro, um monstruoso ruço. Os dois pareciam extremamente difíceis de dominar, mas se comportavam perfeitamente. Harriet ficou muito impressionada.

- Que magníficos animais, milord! – comentou, enquanto Gideon ajudava Harriet a subir no alto assento do faetón - Apostaria que são capazes de galopar por horas inteiras. Parecem muito fortes.

-E são mesmo. – asseverou Gideon - E está você correta quanto à sua resistência. Mas lhe asseguro que Minotauro e Ciclope são quase indignos de puxarem esta carruagem, agora que você a ocupa. Esta tarde, você está encantadora.

Harriet percebeu a serena satisfação que se ocultava por trás da galanteria e lhe deu um rápido olhar. Mas não conseguiu ler nada nas linhas de seu rosto. O homem subiu agilmente ao assento e recolheu as rédeas.

Para ela não foi surpresa descobrir que Gideon dirigia a junta com sereno domínio. Guiou com maestria os cavalos pela concorrida rua e logo se viu no parque. Ali, se reuniram a uma multidão de pessoas bem vestidas, que circulavam em todo tipo de carruagem ou a cavalo, para verem e serem vistas.

Harriet notou imediatamente que ela e Gideon eram objeto de grande atenção. Todos os transeuntes olhavam o casal do faetón amarelo com diversos graus de cortesia e ávida curiosidade. Alguns se limitavam a observá-los audazmente. Outros os saudavam com um altivo gesto de cabeça, deslizando olhares avaliadores para Harriet. Havia quem não pudesse afastar os olhos da cicatriz de Gideon. E uns poucos arquearam as sobrancelhas ao ver esses cavalos tão fora de moda.

St. Justin parecia ignorar por completo a atenção que ele e sua noiva provocavam, mas Harriet se sentia cada vez mais inquieta. Provavelmente, teria se sentido incômoda, mesmo que Felicity não tivesse feito os comentários sobre mascotes exóticos.

- Pelo que soube, ontem à noite, você dançou uma valsa com Morland. – disse Gideon, depois de um momento de silêncio, como se fizesse algum comentário sobre o clima.

- Sim – admitiu Harriet - Tratou-nos com muita amabilidade, a Felicity e a mim, desde que chegamos à capital. Assegurou-me ser um antigo amigo seu, senhor.

- Isso foi há muito tempo – murmurou Gideon, concentrando sua atenção nos cavalos para guiá-los por um setor muito congestionado. - Mas seria melhor que você não voltasse a dançar com ele.

Harriet, já nervosa por todos esses olhares, reagiu com mais aspereza que o habitual.

- Isso quer dizer que você não gosta do senhor Morland, milord?

- Exatamente, querida. Se desejar dançar a valsa, eu a acompanharei, com muito prazer.

Harriet se mostrou irritada.

- Naturalmente, preferiria dançar com você, senhor. Isso é óbvio. Mas me disseram que as mulheres comprometidas e até as casadas devem dançar com outros homens, além de seus noivos e seus maridos. É o que se deve.

- Você não tem por que preocupar-se do que se deve Harriet. Pode impor seu estilo próprio.

- Digo que é você quem está tratando de me impor um estilo. – A jovem desviou o rosto para evitar o franco olhar de um cavaleiro. Teve a sensação de que o homem havia dito algo muito desagradável a seu amigo, quando ambos passaram junto no faetón. A brisa trouxe uma gargalhada antipática.

- Estou tratando de evitar problemas – disse Gideon, em voz baixa. - Você é uma mulher sensata, Harriet. - Confiou em mim até agora e deve seguir fazendo-o. Não se aproxime de Morland.

- Por quê? – interpelou ela com audácia.

Gideon apertou os dentes.

- Não me parece necessário entrar em detalhes.

- Mas a mim, sim. Não sou uma estudante inexperiente, milord. Se quiser que eu faça ou não faça algo, deve me explicar o porquê. – lhe ocorreu um pensamento que sufocou o incipiente desafio - Se sentir ciúmes do senhor Morland, – adicionou, com um sorriso trêmulo - asseguro-lhe que não tem por que. Dançar com ele não me diverte tanto como fazê-lo com você.

- Não se trata de ciúmes, mas sim de prudência. Preciso lhe recordar que, se nos encontramos nesta situação, é justamente porque você não seguiu minhas instruções em outra oportunidade?

Harriet fez uma careta, momentaneamente vencida pela culpa. Não podia negar que Gideon se viu obrigado a pedir sua mão só porque ela não soube ficar em lugar seguro na noite em que apanharam os ladrões. Tratou de levantar o ânimo.

- Admito que fosse minha culpa, milord. Mas se você me tivesse feito partícipe de seus planos, como eu lhe pedi nessa noite, eu teria atuado com mais cautela. Tende você a ser muito autocrático, senhor, se me permite dizê-lo. E esse é um costume muito desagradável.

Gideon lhe deu uma olhada, arqueando uma sobrancelha escura.

- Se esse for o único defeito que encontra em mim, acredito que nos sairemos muito bem, querida.

Ela o olhou de mau humor.

- Não me parece um defeito sem importância, senhor. É grave.

- Só aos seus olhos.

- E, meus olhos são o que importam. – replicou ela.

Um leve sorriso curvou a boca de Gideon.

- Reconheço que assim é. Seus olhos são, na verdade, a única coisa que importa. E são muito bonitos, Harriet. Já lhe disse?

Ela se serenou instantaneamente diante do elogio.

- Não, senhor.

- Nesse caso, me permita fazê-lo agora.

- Obrigado. – Harriet se ruborizou, pois não estava habituada a que elogiassem sua aparência. - Felicity me disse que a cor desta touca destacaria a cor dos meus olhos.

- E acertou. – Obviamente, Gideon se divertia.

- Mas não pense que com galanterias me fará esquecer sua odiosa tendência a dar ordens, senhor.

- Não o esquecerei querida.

Ela lhe deu um olhar avaliador.

- Tem certeza de não querer me dizer por que devo evitar o senhor Morland?

- Basta dizer que não é tão angelical como parece.

Harriet franziu o cenho.

- É curioso, mas eu pensei sobre isso ontem à noite. Parece um arcanjo saído de uma pintura antiga.

- Não vá você confundir as aparências com a realidade.

- Não, milord – disse ela, rígida. - Não sou tão tola.

- Sei. – reconheceu Gideon, com suavidade - Mas tende a mostrar-se obstinada e teimosa.

- Mas talvez seja justo que eu tenha um ou dois defeitos para compensar os seus – ressaltou Harriet, com doçura.

- Hum...

Estava decidida a continuar com o assunto de Bryce Morland, mas um rosto conhecido surgiu da multidão de cavaleiros, lhe provocando um sorriso de boas vindas. Era lorde Applegate, no lombo de um lustroso cavalo negro. O animal tinha toda a elegância que faltava aos de Gideon: ossos finos e andar grácil, que complementavam perfeitamente com o elegante traje de seu cavaleiro.

- Boa tarde, senhorita Pomeroy, St. Justin. – Applegate pôs seu cavalo junto ao faetón amarelo. Seus olhos se atrasaram melancolicamente no rosto de Harriet, emoldurado pela touca turquesa - Que elegante está hoje, senhorita Pomeroy, se me permite dizê-lo.

- Obrigado, senhor. – Harriet olhou de soslaio Gideon, que se mostrava claramente aborrecido. Logo voltou seus olhos a Applegate - Teve oportunidade de ler o artigo sobre a identificação de dentes?

- Sim, por certo – lhe assegurou Applegate, imediatamente - Fui diretamente para casa ler o artigo. Muito interessante.

- Apaixonou-me, sobre tudo, a parte sobre a identificação de dentes fósseis de répteis – esclareceu Harriet, cautelosa. Não queria dar nenhuma pista sobre seu precioso dente, mas estava ficando desesperada para analisá-lo com alguém.

O cavaleiro assumiu uma expressão séria e contemplativa.

- Um estudo fascinante. De minha parte, tenho sérias dúvidas de que se possa deduzir tanto de um dente. É uma peça muito pequena. Os dedos resultam muito mais úteis.

- Claro que ajuda muito ter algo mais que um dente, para se tratar de extrair conclusões – reconheceu Harriet, desejosa de cercar uma conversa cortês, posto que Gideon não estivesse colaborando.

Applegate sorriu com cálida admiração.

- Que exata e metódica é você quando examina esses assuntos, senhorita Pomeroy! Escutá-la é muito instrutivo.

Harriet sentiu que avermelhava outra vez.

- Quanta amabilidade a sua, senhor.

Por fim Gideon se dignou reparar no jovem.

- Incomodaria afastar um pouco seu cavalo, Applegate? Está pondo nervoso o meu ruço.

O outro ficou vermelho.

- Desculpe senhor. – E vibrou as rédeas.

Gideon deu um sinal a sua junta e os grandes animais partiram imediatamente em um trote ensurdecador. O faetón se afastou de Applegate, que logo se perdeu na multidão. Então Gideon afrouxou as rédeas uma vez mais.

- Ao que parece você tem um grande admirador no jovem Applegate – comentou.
- É muito simpático – disse Harriet - E temos muitas coisas em comum.
- O interesse pelos dentes fósseis?

Harriet enrugou a fronte.

- Bom na realidade, lorde Applegate interessa-se mais pelos dedos. Mas acredito que está equivocado. A partir de um dente se pode deduzir que tipo de pés tinha um animal. Por exemplo: os herbívoros revistam ter cascos. Os carnívoros, garras. Em minha opinião, os dentes são muito mais úteis que os dedos, tratando-se de fósseis.

- Você não sabe quanto me alivia saber que Applegate está equivocado. Por um momento temi ter um sério rival.

Harriet já estava farta.

- Está divertindo-se comigo, senhor.

Ele a olhou nos olhos, suavizando sua expressão.

- Absolutamente, senhorita Pomeroy. Só me divirto um pouco.
- Sei senhor. Mas é óbvio que se diverte as minhas custas e isso eu não gosto.

Desapareceu a suavidade nos olhos de Gideon.

- Seriamente?

- Seriamente. Entendo que não esteja muito satisfeito de encontrar-se comprometido em um matrimônio nestas circunstâncias. Por isso tenho que ser tolerante.

Ele entreabriu as pestanas.

- Tolerante?

- Tolerante, sim. Mas eu gostaria de lhe recordar que, tampouco eu adoro esta situação. Acredito que ambos devemos nos esforçar por tirar o melhor partido da situação. E seria muito útil que você evitasse brincar comigo e com meus amigos.

Gideon pareceu desconcertado.

- Asseguro-lhe, Harriet, que não tinha intenção alguma de embará-la.

- Agrada-me sabê-lo. Nesse caso, fará você o possível para não insultar meus amigos, nem debochar do meu interesse por dentes fósseis, suponho.

- Parece-me, Harriet, que você exagera. Foi apenas uma observação sem importância.

- É melhor começar da forma como vamos prosseguir – lhe informou Harriet - E lhe asseguro St. Justin, que não teremos nenhuma possibilidade de levar uma vida matrimonial aprazível se você continuar sendo tão sarcástico e autoritário. Não vou tolerar que resmungue cada vez que alguém se aproxime. Explica-se assim que seu círculo de amigos seja tão limitado.

Gideon franziu furiosamente o cenho.

- Que coragem a sua, Harriet! Acusar-me de ser autoritário, quando você está acostumada a mostrar-se como uma pequena tirana! Se na verdade deseja uma vida matrimonial aprazível, aconselho que não trate de ter sempre a última palavra frente a seu marido.

- Ora! Imagine querer dar conselhos sobre vida matrimonial, quando você nunca se casou!

- Tampouco você. E começo a pensar que essa é uma das causas de seu mau caráter. Viveu muito tempo sem a autoridade de um homem.

- Não tenho nenhum desejo de suportar a autoridade de um homem. E se acredita que é seu dever me pôr sob sua autoridade depois das bodas, terá que mudar de opinião sobre o papel dos maridos.

- Conheço perfeitamente meus deveres de marido – manifestou ele, apertando os dentes - É você quem deve aprender o que corresponde a uma esposa. E agora será melhor não seguir tagarelando sobre um tema que conhece muito pouco. As pessoas começam a nos olhar.

Harriet sorriu de orelha a orelha, consciente dos olhares curiosos que estava atraindo.

- Céus, não convém converter-se no centro da atenção, verdade?

- Já somos.

- É justamente o que digo senhor. O que é uma discussão em público, aqui ou lá? De qualquer modo, as pessoas nos olharão. É preferível brigar no meio do parque, para que todo mundo veja e desfrute.

St. Justin soltou uma exclamação sufocada, que podia ser uma risada ou um murmúrio de desespero.

- Você é impossível, Harriet. Se não estivéssemos no parque, sabe o que lhe faria?

Ela entreabriu os olhos.

- Nada violento, espero.

- Não, é obvio. – Gideon parecia totalmente aborrecido – Apesar de tudo o que possam dizer, eu não lhe faria mal, Harriet.

Ela mordeu os lábios, percebendo dor embaixo dessas palavras. Não conseguia imaginar Gideon utilizando sua imensa força contra ela. Cada vez que recordava a noite passada com ele na caverna, afligiam-na as lembranças do modo em que ele tinha dominado sua estupenda potência física.

- Me perdoe Gideon. Sei muito bem que você nunca seria violento comigo.

De repente se olharam nos olhos.

- Por que tem tanta certeza, Harriet? Confia tanto assim em mim, moça?

Ela sentiu que ruborizava e afastou o olhar para as orelhas dos cavalos.

- Você esquece que o conheço intimamente, St. Justin.

- Não esqueci nem por um instante, me acredite. Pelas noites me pego recordando quão intimamente nos conhecemos. Ultimamente não durmo nada bem, Harriet, e é por sua culpa. Você invade os meus sonhos.

- Oh... – A jovem não soube o que responder. Não estava segura de que Gideon gostasse dessa invasão. Pensou se seria correto mencionar que estava acontecendo o mesmo com ela.

- Lamento que você não durma bem, senhor. Às vezes também tenho esse problema.

Ele curvou a boca em um gesto irônico.

- Enquanto você dedica suas ocasionais insônias pensando em dentes fósseis, sem dúvida, eu preencho essas horas insones imaginando como farei amor com você, quando finalmente a tenha em meu leito.

- Gideon!

- E é amor o que eu lhe faria se não estivéssemos em meio de um parque público, sentados em uma carruagem descoberta.

- Cale-se, Gideon.

- Lembre-se que a próxima vez que sentir a tentação de mostrar-se respondona com seu futuro amo e senhor, senhorita Pomeroy. – Gideon sorriu em uma ameaça sem sutilezas - Cada vez que me desafie, tenha a certeza de que cobrarei, imaginando novas e diferentes maneiras de fazê-la palpitar de prazer entre meus braços.

Harriet ficou muda de estupefação, o que parecia satisfazer muito a Gideon.

Ao assistir à reunião especial da Sociedade de Fósseis e Antiguidades, organizada com precipitação, Harriet percebeu uma estranha tensão furtiva no salão de lady Youngstreet. Durante a sessão, o olhar de lorde Fry se fixou nela várias vezes; lorde Applegate a observava com ar curiosamente determinado. Lady Youngstreet parecia muito excitada, como se albergasse algum segredo.

A Sociedade tinha sido reunida inesperadamente por lady Youngstreet para escutar a conferência de um tal senhor Crispli. A entediante palestra estava destinada a demonstrar, sem sombras de dúvidas, que os animais fósseis não podiam ser os antepassados dos animais modernos. Segundo ele dizia, em tom detestável, a ideia era ridícula.

- Aceitar algo tão absurdo abriria a porta à teoria blasfema e cientificamente impossível, de que os seres humanos poderiam ter antepassados arcaicos, que eram muito diferentes do homem atual.

Naturalmente, ninguém poderia apoiar sugestão tão atroz, e muito menos em público. Quando o senhor Crispli terminou teve aplausos desinteressados. Quando a multidão se dividiu em pequenos grupos para conversar, lorde Fry se inclinou para Harriet, murmurando:

- Excelente apresentação, eu digo. Não é verdade, senhorita Pomeroy?

- Sim, verdade. – respondeu ela, cortês - Mas me desapontou um pouco, pois ele não falou de dentes fósseis.

- Sim, bem, possivelmente da próxima vez. – Lorde Fry deu uma sacudida - Agora que me lembro: depois da reunião, lady Youngstreet, Applegate e eu iremos visitar um amigo que tem uma assombrosa coleção de dentes fósseis. Gostaria de nos acompanhar?

Harriet se mostrou imediatamente entusiasmada.

- Eu adoraria. Seu amigo vive muito longe daqui?

- Nos subúrbios de Londres. Iremos na carruagem de lady Youngstreet.

- Muito obrigado pelo convite, senhor. Eu adoraria ver os dentes de seu amigo.

- Eu pensei sobre isso. – Fry sorria, satisfeito.

- Devo enviar uma nota a minha tia, para lhe fazer saber que chegarei mais tarde. Não quero que minha família se preocupe.

- Como quiser, como quiser – murmurou Fry - Lady Youngstreet a fará levar por algum servente.

Essa tarde, quando o último dos membros se retirou, Harriet subiu ao antiquado carro de lady Youngstreet. A proprietária da casa sorriu com benevolência ao vê-la sentada a seu lado.

- Sempre uso este carro quando devo percorrer uma distância mais ou menos longa – disse

- É muito mais cômodo que essas novas carruagens de cidade.

Fry e Applegate ocuparam o assento de frente, sobre almofadões de veludo pardo. Harriet notou que estavam muito tensos.

- Este será um passeio muito agradável. – disse a mulher.

- Não duvido. – manifestou Harriet - Casualmente trago na bolsa meu caderno de desenho.

Vocês acreditam que este cavalheiro me permitirá fazer alguns esboços de sua coleção?

- Suponho que podemos persuadi-lo – murmurou lorde Fry.

A velha e pesada carruagem iniciou sua lenta marcha pelas ruas congestionadas, mas não se deteve ao chegar aos subúrbios da cidade. Pelo contrário, o cocheiro manobrou os quatro cavalos, lhe impondo um trote sereno.

Harriet começava a inquietar-se. Ao olhar pelo guichê comprovou que tinham saído da capital e estavam a caminho do campo.

- Já estamos perto da casa de seu amigo, lorde Fry?

O ancião ficou quase arroxeadado e pigarreou.

- É, bem... É hora de lhe dizer o que ocorre, minha querida senhorita Pomeroy.

- Sim, por certo. – Lady Youngstreet lhe deu um tapinha consolador na mão, com os olhos brilhantes de entusiasmo - Pode ficar tranquila, Harriet. Como fiéis amigos que somos, assumimos a tarefa de resgatá-la, impedindo esse casamento com a Besta de Blackthorne Hall.

Harriet a olhou fixamente.

- O que disse?

Lorde Applegate afrouxou o colarinho, mais resolvido que nunca.

- Estamos indo à Gretna Green, senhorita Pomeroy.

- A Gretna Green? Isto é um sequestro?

Lorde Fry enrugou o cenho.

- Absolutamente, senhorita Pomeroy. Isto é um resgate. Trabalhamos neste plano desde que St. Justin chegou a Londres. É evidente que trata de utilizá-la para seus jogos sujos e não podemos permitir. Você é uma amiga, colecionadora de fósseis, como nós. Faremos o que seja necessário.

- Bom Deus! – sussurrou Harriet, estupefata – Mas, por que a Gretna Green?

Applegate aprumou seus fracos ombros.

- Porque ali terei o grande prazer de desposá-la, senhorita Pomeroy. Decidimos que não há outro modo de pôr fim às maquinações de St. Justin.

- Me desposar? Deus nos ampare. – Harriet não sabia se ria ou gritava - St. Justin ficará furioso.

- Não tenha medo. – assegurou Applegate - Eu a protegerei.

- Com minha ajuda – proclamou lorde Fry.

- E a minha. – Lady Youngstreet seguia lhe dando tapinhas na mão - Além disso, contamos com o cocheiro. Não tema, querida: está a salvo da Besta. Bom, trouxe algo para esquentar nossos ossos. Com um pequeno gole de conhaque, as viagens ficam menos exaustivas, não é verdade?

- Excelente ideia, digo eu. – Fry dedicou à senhora Youngstreet um sorriso de aprovação ao lhe ver tirar uma garrafa de sua grande bolsa.

- Deus nos ampare – repetiu Harriet. Então se deu conta de algo e enrugou o cenho - Isto significa lorde Fry, que você não tem nenhum amigo colecionador de dentes fósseis?

- Temo que não, querida – reconheceu o ancião, enquanto tomava a garrafa - Que desencanto!

A jovem se deixou cair contra o luxuoso assento do carro, resignada a esperar por Gideon.

Ele não demoraria muito em iniciar a perseguição. E quando alcançasse à carruagem não estaria de muito bom aspecto.

Harriet compreendeu que deveria proteger seus amigos da ira de Gideon.

Capítulo 11

Gideon recebeu Felicity Pomeroy e a sua tia na biblioteca, dissimulando a surpresa que lhe causava vê-las ali em tão avançada hora. Ao levantar-se para saudá-las notou que estavam preocupadas. Além do quê, Harriet não estava com elas. Parecia haver algum problema.

- Boa tarde, senhoras – disse enquanto elas tomavam assento frente à sua mesa - A que devo a honra desta inesperada visita?

Effie deu um olhar em Felicity, que lhe fez um de encorajamento. Logo se voltou para Gideon.

- Dou graças aos céus por tê-lo encontrado em sua casa, senhor.

- Esta noite vou jantar aqui – murmurou ele, a modo de explicação. E cruzou as mãos sobre a mesa, esperando com paciência que Effie chegasse ao âmago da questão.

- Isto é algo embaraçoso, milord. – Effie deu outro olhar inseguro à sobrinha, que voltou a animá-la - Não estou segura de ter feito o correto ao incomodá-lo. Não sei como explicar isto, você sabe? Mas, se realmente aconteceu o que tememos, enfrentamos outro desastre de proporções monumentais.

- Outro desastre? – Gideon arqueou uma sobrancelha inquisitiva, dirigindo-se a Felicity - Isso significa que se trata de Harriet?

- Sim, milord – disse a moça, com firmeza - É óbvio que minha tia resiste a explicar o assunto, mas eu não ficarei com rodeios. O fato é que minha irmã desapareceu senhor.

- Como assim, desapareceu?

- Acreditamos que pode ter sido raptada e que neste momento está sendo levada à Gretna Green.

Gideon teve a sensação de ter dado um passo para o abismo. Era a última coisa que esperava ouvir dessas duas mulheres. Gretna Green! Só havia um motivo pelo qual se ia para Gretna Green.

- Por todos os diabos do que está você falando? – interpelou, em voz muito baixa.

Effie se acovardou diante da aspereza desse tom.

- Não estamos seguras de que a tenham raptado – se apressou a esclarecer - Quer dizer, existe uma possibilidade de que tenha acontecido algo assim. Mas, mesmo que ela tivesse partido para o norte, poderia ser que o fizesse por sua própria vontade.

- Tolices – assegurou Felicity - Não pode ter sido por sua própria vontade. Está decidida a casar-se com St. Justin, embora ele a exiba diante das pessoas como se fosse um animal raro.

Gideon cravou na moça um olhar carrancudo.

- Um animal raro? Que demônios significa animal raro?

Effie virou para sua sobrinha sem lhe dar tempo para responder.

- Está com lady Youngstreet, Felicity. E embora a senhora seja célebre por sua excentricidade, nunca soube que sequestrasse ninguém.

Gideon levantou a mão.

- Preciso de uma explicação clara e sucinta, por favor. Acredito que poderia começar por você, senhorita Pomeroy.

- De nada serve fingir, nem tratar de dissimular. – A moça o olhava de frente - Acredito que Harriet foi raptada por certos membros da Sociedade de Fósseis e Antiguidades que se excederam em seu zelo.

- Bom Deus. – A mente de Gideon lembrou imediatamente dos olhares de adoração que Applegate dava à Harriet. Quantos outros teriam sucumbido a seus encantos? - Por que você pensa que esse grupo a sequestrou?

Felicity o olhou com objetividade.

- Esta tarde minha irmã foi a uma reunião da Sociedade. Pouco depois recebemos uma nota dela, dizendo que alguns amigos a levariam para visitar um colecionador de dentes fósseis, mas tenho motivos para pensar que não é verdade.

Gideon ignorou Effie, que murmurava suas dúvidas, e se concentrou na sobrinha.

- O que lhe faz pensar que Harriet não está vendo uma coleção de fósseis, senhorita Pomeroy?

- Interroguei o jovem laçao que nos trouxe a nota. Disse que Harriet, lady Youngstreet, lorde Fry e lorde Applegate tinham subido no carro de viagem, não na carruagem que se usa na cidade. Mais ainda: Insistindo com minhas perguntas descobri que antes de partir, carregaram-se várias bolsas no veículo.

Gideon tinha o punho apertado. Obrigou-se a afrouxar os dedos, um a um.

- Compreendo. Por que você suspeita que fossem para Gretna Green?

Felicity apertou sombriamente à encantadora boca.

- Tia Effie e eu acabamos de visitar a casa de lady Youngstreet. Interrogamos o mordomo e um par de criadas. Ao que parece, o cocheiro revelou a uma das criadas, pouco antes de partir, que lhe tinham dado instruções de preparar-se para uma rápida viagem ao norte.

Effie suspirou.

- Ultimamente, lorde Applegate esteve murmurando certas coisas sobre salvar minha sobrinha de casar-se com você, senhor. Isso nos faz suspeitar que pudesse ter querido tomar a questão em suas mãos. E parece que lady Youngstreet e lorde Fry o ajudaram.

As vísceras de Gideon estavam convertendo-se em gelo.

- Não sabia que Applegate estava interessado em resgatar minha noiva.

- Bom, dificilmente teria mencionado a ideia em sua presença, milord – apontou Felicity, tranquilamente - Mas o certo é que falou muito do assunto, pelo menos o suficiente para provocar grandes rumores.

- Compreendo. – Gideon se deu conta de que ninguém lhe tinha repetido esses rumores. Dirigiu-se à tia – Concluo que é interessante que você me procure diretamente, senhora Ashecombe. Deduzo com isto, que lhe pareço melhor marido, para sua sobrinha, que Applegate?

- Não de todo. – disse Effie, sem rodeios – Porém, já é muito tarde para mudar as coisas. Applegate, com esta louca ideia de fugir com ela, vai provocar mais escândalos do que os que já existem.

- Concluo que sou o menor dos males, então. – observou Gideon.

- Justamente, senhor.

- Alegra-me ver que minha proposta matrimonial mereça sua preferência por motivos tão práticos.

Effie entreabriu os olhos.

- A situação é pior do que você imagina St. Justin. Acredito que chegou à cidade a notícia de que você e Harriet passaram uma noite nessa horrível caverna. Ontem à noite, na reunião dos Wraxham, houve uma indireta muito leve. Portanto, acrescentando isto às outras intrigas, as pessoas não demorarão a imaginar que você comprometeu o bom nome de minha sobrinha. E a reputação de Harriet não resistirá ao assunto deste rapto.

- Não nos preocuparíamos tanto se Harriet aceitasse casar-se com o Applegate – explicou Felicity, pragmática.

- Ah, claro. – Gideon apertou entre os dedos uma estatueta de pássaro que tinha sobre a mesa.

- Mas sabemos que, mesmo que a levem à Gretna Green, minha irmã não se casará com ele.

Gideon deslizou o polegar pela asa da ave.

- Não?

- Considera-se comprometida com você, milord e Harriet não é capaz de faltar com sua palavra. Quando retornarem do norte sem estarem casados, a cidade inteira murmurará. E já enfrentamos muitas especulações sobre suas iminentes bodas com você.

Effie lançou um gemido.

- Todos dirão que a pobre Harriet fugiu à Gretna Green para escapar das garras da Besta de Blackthorne Hall, mas que ao chegar lá Applegate voltou atrás. Minha querida menina ficará desonrada duas vezes.

Gideon se levantou para chamar seu mordomo com um toque de campainha.

- Têm razão. Já correm muitos boatos. Vou me encarregar imediatamente disto.

Felicity olhou Owl, que acabava de abrir a porta.

- Irá atrás deles, milord?

- É obvio. Se viajarem no antiquado carro de lady Youngstreet, tenha a certeza de que os alcançarei em muito pouco tempo. Essa carruagem tem vinte anos, quando menos; é pesada e tem péssima suspensão. E os cavalos são quase tão velhos como o veículo. Não poderão manter um bom passo.

- Sim, milord? – inquiriu Owl, com sua voz de cemitério.

- Peça que atrelem Ciclope e Minotauro ao faetón e que o tragam imediatamente, Owl.

- Muito bem, milord. Mas me permita advertir-lhe que a noite não está boa para sair.

Aproxima-se uma tormenta.

- Correrei o risco, Owl. Não demore a cumprir minhas ordens.

- Como quiser senhor. Mas não diga depois que não lhe avisei - Owl se retirou, fechando suavemente a porta.

- Bem. – Effie se levantou, ajustando as fitas de sua touca - Suponho que devemos voltar para casa, Felicity. Fizemos tudo que foi possível.

- Sim, tia Effie. – A moça ficou de pé, cravando em Gideon um olhar penetrante - Milord, se os alcançar...

- Tenha certeza de que os alcançarei senhorita Pomeroy.

Ela estudou sua expressão por alguns segundos. Logo aspirou fundo.

- Quando o fizer senhor, espero que trate bem minha irmã. Tenho certeza de que ela poderá explicar satisfatoriamente tudo isto.

- Ela explicará, sem dúvida. – Gideon abriu a porta às duas mulheres - A Harriet nunca faltam explicações. Satisfatórias ou não, isso é outra história.

Felicity franziu o cenho.

- Você deve me dar a sua palavra de que não a tratará com dureza, senhor. Se eu desconfiasse que se aborreceria com ela, não teria insistido em recorrer a você.

Essa preocupação despertou a impaciência de Gideon.

- Não se preocupe senhorita. Sua irmã e eu nos entendemos muito bem.

- Isso é o que ela diz. – murmurou a moça, enquanto saía atrás da tia - Espero que ambos estejam certos.

- Mais uma coisa, – disse Gideon - assim que cheguem a sua casa, prepare uma bolsa para minha noiva. Passarei por lá, ao sair da cidade.

Effie o olhou com súbita desconfiança.

- Você acredita que não poderá trazê-la sã e salva, antes do amanhecer?

Foi Felicity quem respondeu a isso.

- É óbvio que não nos trará Harriet, esta noite, tia Effie. Quem sabe que distância terá percorrido Harriet e seus amigos? De qualquer modo, suponho que Harriet estará casada quando voltarmos a vê-la, não é certo, milord?

- Você tem toda razão. – assegurou Gideon - É hora de pôr fim a todas essas tolices. Não posso permitir que meio mundo trate de resgatar minha noiva da Besta de Blackthorne Hall. Este tipo de coisa pode converter-se em um terrível incômodo.

Owl tinha se equivocado em seu prognóstico meteorológico. O céu estava coberto, mas não choveu e o caminho estava seco. Gideon pode avançar a bom passo pelas ruas da cidade e, assim que se viu livre do trânsito, deu aos seus cavalos o sinal para aumentar a velocidade. Ciclope e Minotauro explodiram em ação, golpeando o chão com a implacável e rítmica potência de seus grandes cascos.

Não escureceria totalmente por mais duas horas. Tinha tempo de sobra para alcançar o pesado carro de viagem de lady Youngstreet.

Tempo de sobra para pensar. Talvez demais.

Ia em busca de uma noiva raptada ou de uma noiva que fugia da Besta de Blackthorne Hall?

Ansiava por acreditar que Felicity não se equivocava ao assegurar que Harriet se considerava comprometida com ele. Mas Gideon não podia ignorar a possibilidade de que a jovem tivesse corrido voluntariamente para os braços do apaixonado Applegate. No dia anterior, durante o passeio pelo parque, mostrou-se muito aborrecida. Recordou o pequeno sermão sobre sua suposta tendência ditatorial. Ela tinha deixado bem claro que não estava habituada a receber ordens, mesmo que fossem proferidas com as melhores intenções.

Gideon apertou os dentes. Pelo visto, ela tinha estado pensando muito sobre o que significava o casamento. Queria especificar que não estava disposta a renunciar a sua independência depois das bodas.

O problema, tal como ele o via, era que Harriet tinha desfrutado dessa independência por muito tempo, obrigada a tomar decisões por ela e por outros, durante vários anos. Estava habituada a perambular sozinha pelas cavernas.

Estava habituada à liberdade.

Gideon contemplava o caminho, distraído e sentindo apenas o conjunto das rédeas em suas mãos. Havia escolhido Ciclope e Minotauro da mesma forma como escolhia tudo no mundo: por sua força e sua resistência, não por seu aspecto. Sabia desde sempre que a beleza superficial valia muito pouco nos cavalos, mulheres e amigos.

Um homem obrigado a enfrentar o mundo com as feições desfiguradas e a reputação arruinada, ao ver-se avaliado sobre essa base, logo aprendia a olhar sob a superfície.

Harriet era como seus cavalos, refletiu. Era feita de material resistente. Mas tinha vontade própria.

Possivelmente tinha decidido que a vida seria mais agradável caso se casasse com alguém como Applegate, que jamais sonharia em lhe dar ordens. Applegate tinha muito que oferecer, incluindo um título e uma fortuna. Além disso, compartilhava seu interesse pelos fósseis. Harriet bem poderia ter descoberto um irresistível atrativo no cérebro do moço.

Casar-se com Applegate ofereceria muitas vantagens e nenhum dos muitos inconvenientes que acompanhariam, com certeza, à vida matrimonial com a Besta de Blackthorne Hall. Gideon pensou que, se ele fosse um autêntico cavalheiro, lhe teria permitido fugir com Applegate.

Logo a imaginou nos braços desse jovem e, de repente, sentiu-se aborrecido. Imaginou Applegate tocando aqueles doces seios, beijando a boca suave, entrando em seu calor estreito e acolhedor. Então lhe percorreram uma angústia e uma enlouquecedora sensação de perda.

Era impossível. Compreendeu que nunca poderia renunciar a ela. A vida sem Harriet era muito sombria.

Recordou algo que Felicity havia dito: que ele exibia sua irmã diante das pessoas de bem como se fosse um estranho animalzinho das regiões remotas. Apertando as rédeas entre as mãos reconheceu para si mesmo que isso era muito provável.

“A única mulher da terra que não tem medo de casar-se com a Besta.”

Afrouxou as rédeas, instando os cavalos a acelerar a marcha. Só cabia rezar a esse deus que o tinha abandonado seis anos antes, pedindo que Harriet não tivesse fugido por própria vontade.

Os vapores do conhaque enchiam o interior do enorme carro, que bamboleava na rota para o norte.

Harriet abriu uma janela, enquanto lady Youngstreet acompanhava lorde Fry em uma animada interpretação de outra canção de botequim; na verdade se perguntava onde a senhora teria aprendido esses versos.

Havia uma moça nascida na Maladeta

Que oferecia por dote duas magníficas tetas.

Do outro lado, lorde Applegate pediu perdão a Harriet com o olhar. E se inclinou, para fazer-se ouvir por cima da atrevida canção.

- Espero que isto não a ofenda muito, senhorita Pomeroy. São de outra geração, menos refinada você compreende? Mas não têm más intenções.

- Sei – disse Harriet, com um sorriso melancólico - Pelo menos estão se divertindo.

-Pareceu-me melhor que nos acompanhassem. A presença deles emprestará respeitabilidade à nossa fuga – explicou Applegate, com seriedade.

- Já tentei explicar-lhe milord, que não tenho intenções de me casar com você, mesmo que cheguemos a Gretna Green, o que me parece muito improvável.

Applegate lhe deu um olhar esperançoso.

- Tenho a expectativa de lhe fazer mudar de ideia, querida. Temos várias horas para que pense melhor. Asseguro-lhe que serei um marido devoto. Além disso, temos muitas coisas em comum. Imagine explorarmos juntos em busca de fósseis!

-Parece maravilhoso, senhor, mas insisto em lhe recordar que já estou comprometida. Não posso quebrar meu compromisso com St. Justin.

Os olhos de Applegate se encheram de admiração.

- Seu sentido de honra é admirável, querida, mas ninguém pretende que você permaneça fiel a esse homem. Afinal de contas, trata-se de St. Justin. Com sua reputação não tem direito de exigir lealdade e respeito a uma pessoa tão doce, encantadora e inocente como você.

Harriet, cansada de dar explicações, decidiu procurar outra tática.

- E se eu lhe dissesse que não sou tão inocente, senhor?

O jovem ficou rígido.

- Não acreditaria senhorita Pomeroy. Basta olhá-la para saber o quão inocente e virtuosa que é.

- Basta me olhar?

- É obvio. Além disso, lembre-se de que tenho a vantagem de ter estabelecido um contato intelectual íntimo com você. Uma mente tão culta como a sua seria incapaz de rebaixar-se a pensamentos impuros, muito mais de levá-los a cabo.

- É uma conclusão interessante – murmurou Harriet. Quando já ia rebater o argumento, notou que o carro diminuía a marcha.

- Digo eu... – lorde Fry interrompeu a canção para colocar mais um trago para dentro - Detemo-nos para comer algo, verdade? Excelente ideia. Não nos viria mal visitar Jericho já que estamos por aqui.

- Caramba, Fry. – Lady Youngstreet lhe deu um golpe brincalhão com o leque e lhe deu um olhar divertido - Não seja tão pouco delicado diante dos jovens.

- Certo, certo. – Fry fez uma profunda reverência a Harriet - Mil perdões, senhorita Pomeroy – adicionou, fanhoso - Não sei o que deu em mim.

- Eu sim, sei: – declarou lady Youngstreet, alegre - uma garrafa de meu melhor conhaque. Devolva-me isso senhor. Afinal de contas é minha e quero beber o resto.

Do lado de fora soou um grito. Harriet ouviu um trovejar de cascos no caminho. Outra carruagem se aproximava a toda velocidade vindo de trás. Já estava quase escuro, mas reconheceu o faetón amarelo e os grandes cavalos que de súbito, instalaram-se junto ao carro de lady Youngstreet.

O novo veículo, mais leve e rápido, passou como um raio. Harriet pôde ver o condutor: usava um casaco pesado e um chapéu encasquetado até os olhos, mas teria reconhecido em qualquer parte esses grandes ombros.

Gideon acabava de alcançá-los.

Outro grito respondeu da boleia, seguido por uma fileira de furiosas maldições; o carro de viagem seguia diminuindo a marcha.

- Maldição – protestou Applegate, carrancudo - Algum estúpido obrigou a nos afastar para beira do caminho.

Lady Youngstreet dilatou os olhos lacrimosos.

- Pode ser que um assaltante de estradas tenha nos obrigado a parar.

Fry a olhou com fúria.

- Nunca soube que os assaltantes usassem faétons.

- É St. Justin – anunciou Harriet, com calma – Eu avisei que ele viria assim que soubesse o que estava acontecendo.

- St. Justin? – Fry parecia atônito - Por todos os diabos! Fomos descobertos?

- Tolices. Ninguém está informado do que íamos fazer esta noite. Não pode nos haver descoberto. – A senhora tomou um bom gole de conhaque e piscou os olhos astutamente.

- Pois veio – disse Harriet - tal como eu disse.

Applegate estava pálido, mas enquadrou os ombros, com decisão.

- Não tenha medo, Harriet. Eu a protegerei.

A jovem se alarmou diante dessa audaz declaração. A última coisa que precisava era um desdobramento heróico de seu apaixonado. Sabia que Gideon não reagiria bem diante disso.

O carro parou por completo. Harriet ouviu que o condutor falava em tom azedo com Gideon, perguntando o que ocorria.

- Não vou detê-lo por muito tempo. – disse o visconde - Acredito que leva alguém que me pertence.

Harriet ouviu o som de suas botas na pavimentação, sinal seguro de que não estava de bom humor. Então lançou a seus companheiros um olhar de advertência.

- Escutem bem, por favor. – disse - Deixem que seja eu quem fale com St. Justin entenderam?

Applegate a olhou com horror.

- Não permitirei que você enfrente sozinha a Besta, por certo. Por que espécie de homem me toma?

A portinhola se abriu de par em par.

- Boa pergunta, Applegate – comentou Gideon, com voz sombria e ameaçadora. Seu aspecto era totalmente perigoso. O casaco negro flutuava a seu redor como a capa de um feiticeiro. Os lampiões internos do carro iluminaram seu rosto desfigurado.

-Você chegou St. Justin. – disse Harriet, com suavidade – Perguntava-me se demoraria muito em nos alcançar. Asseguro-lhe que o passeio foi muito agradável. Que noite encantadora, não é verdade?

Os olhos de Gideon percorreram os ocupantes do carro, um a um, até pousarem nela.

- Você já tomou ar suficiente, querida? – perguntou.

- Certamente, obrigado. – Harriet recolheu sua bolsa e fez gesto de apear-se.

- Não se mova senhorita Pomeroy. – ordenou Applegate, com coragem - Não vou permitir que este bandido a toque. Antes a defenderei até minha última gota de sangue.

- E eu terei o prazer de assistir meu companheiro, querida. – anunciou Fry, em voz alta - Ambos a defenderemos até a última gota de sangue de Applegate.

- Um par de ébrios tolos – murmurou Gideon. E fechou as grandes mãos em volta da cintura de Harriet, tirando-a do carro com toda facilidade.

- Detenha-se! Detenha-se imediatamente! Não vou permitir. – lady Youngstreet jogou sua bolsa contra o peito de Gideon, só para que caísse no chão do veículo - Deixe-a onde estava, monstro. Não vai levá-la.

- Eu digo... Queremos salvá-la de você – explicou Fry.

Harriet lançou um lamento.

- Oh, céus, já temia que isso fosse difícil.

- Será algo mais que difícil Harriet. – Gideon quis fechar a portinhola, mas Applegate a abriu de um tranco, balbuciando:

- Um momento. Não pode levá-la!

- Quem vai impedir? - Gideon perguntou, suave - Você, talvez?

Applegate parecia muito nobre.

- Com toda certeza. Meu maior interesse é o bem-estar da senhorita Pomeroy. Assumi a responsabilidade de protegê-la e assim o farei.

- Escute, escute. Vá em frente rapaz! – rugiu lorde Fry, com voz alcoolizada - Não deixe que a Besta ponha as garras sobre essa moça. Proteja-a com seu sangue, Applegate. Eu estarei bem atrás de você.

- E eu, também! – declarou lady Youngstreet com voz ressonante, embora um pouco fanhosa.

- Oh, inferno. – murmurou Gideon.

Applegate, sem prestar atenção à dupla de ébrios, inclinou-se para dizer pela portinhola aberta.

- Falo sério, St. Justin. Não permitirei que leve a senhorita Pomeroy desse modo. Exijo-lhe que desista imediatamente.

Gideon esboçou seu sorriso lento e frio, o que punha seus dentes descobertos e torcia a cicatriz.

- Fique tranquilo, Applegate. Terá ocasião de sobra para protestar quando eu exigir satisfação por este episódio.

Applegate piscou várias vezes conforme ia compreendendo. Logo avermelhou com um tom escuro. Não por isso voltou atrás.

- Com prazer, senhor. Estou disposto a aceitar sua provocação. A honra da senhorita Pomeroy é mais preciosa que a vida.

- Melhor assim, – replicou Gideon - porque é disso que estamos falando: de sua vida. Suponho que prefere duelo em pistola? Ou é você do tipo antiquado? Faz muito tempo que não uso espadas, mas lembro com clareza que na última ocasião, resultei vencedor.

Os olhos de Applegate voaram à cicatriz. Tragou saliva com dificuldade.

- Estou de acordo com a pistola.

- Excelente. – murmurou Gideon – Terei que procurar um par de padrinhos. Sempre existem alguns cavalheiros nos clubes a quem encanta este tipo de coisas.

- Por Deus! – Fry se encontrava de repente muito sóbrio - Estamos falando de duelo? Digo eu... Isso é levar as coisas muito longe.

- O que é isto? Uma provocação? – Lady Youngstreet olhava Gideon com os olhos entreabertos - Vamos, vamos. Não ocorreu nada. Só tratávamos de salvar a moça.

Applegate manteve uma expressão estóica.

- Não tenho medo de você, St. Justin.

- Assim que eu gosto. Possivelmente você mude de ideia quando nos encontrarmos ao amanhecer, dentro de alguns dias.

Harriet compreendeu que essa tolice estava tornando-se perigosa; adiantou-se imediatamente, apoiou a mão no braço de Gideon para contê-lo.

-Já basta, St. Justin. – disse seca - Não quero que aterrorize meus amigos, entendido?

Gideon lhe deu um olhar de soslaio.

- Seus amigos?

- São meus amigos, é óbvio. Do contrário não estaria com eles. Suas intenções eram boas. E agora, basta de tolices. Não haverá nenhum duelo por algo que não passa de um mal-entendido.

- Mal-entendido! – espetou-lhe Gideon - Não acredito que um sequestro seja um simples mal-entendido.

- Não houve nenhum sequestro – lhe assegurou a jovem - E não tolerarei nenhum duelo, me entendeu?

Applegate levantou o queixo.

- Não se aflija senhorita Pomeroy. Não me importa morrer por você.

- Mas a mim importa, sim – disse ela, sorrindo-lhe pela janela - Você é muito amável, lorde Applegate, e muito valente. Mas não posso permitir que ninguém se bata em duelo por algo que, para mim, foi só um passeio pelo campo.

Lady Youngstreet reanimou-se.

- Exatamente. Um passeio pelo campo. Isso foi tudo.

Fry parecia duvidar.

- Algo mais que isso, querida. Você lembra que íamos casar a moça.

Harriet, sem lhe prestar atenção, olhou o rosto carrancudo de Gideon.

- Vamos, St. Justin, que se faz tarde. Devemos permitir que meus amigos iniciem a viagem de volta à cidade.

- Sim, por certo, – manifestou apressadamente lady Youngstreet - temos que retornar. – E se apoderou do bastão de Fry para dar uns golpes no teto do veículo, ordenando em voz alta: - Voltemos homem. E, dê-se pressa.

O cocheiro, que tinha escutado a troca de palavras com ar de aborrecimento, bebeu um último gole de sua própria garrafa, antes de recolher as rédeas. Fez com que os cavalos descrevessem uma ampla volta e o pesado carro se afastou ponderosamente para Londres.

Applegate permaneceu diante da janela, olhando com tristeza Harriet, até que o veículo desapareceu, depois de uma curva.

- Pois bem, – disse alegremente a jovem, endireitando a touca - isto terminou. Acredito que nós também devemos empreender a volta, milord. A viagem à cidade será muito longa.

Gideon lhe segurou o queixo para obrigá-la a levantar o rosto, lhe impedindo de ocultar os olhos sob a aba do chapéu. Já era quase noite fechada, mas Harriet viu com limpidez sua expressão carrancuda.

- Não pense que este assunto está terminado, Harriet, nem por um minuto.

Ela mordeu o lábio.

- Oh, céus, já temia que você ficasse aborrecido.

- Isso é muito pouco a se dizer.

- O certo é que só houve um incômodo para todos os envolvidos. – assegurou ela - Meus amigos não tinham má intenção. Admito que você tenha se aborrecido demais e na verdade sinto muito, mas apesar do que ocorreu, nada justifica que você ameace Applegate de uma maneira tão detestável.

- Diabos, mulher, esse homem tentou fugir com você!

- Mas teve todo cuidado em trazer consigo um par de acompanhantes. Quando se trata de observar o decoro, o homem é perfeito.

- Mas por Deus, Harriet...

- Mesmo que tivesse conseguido me levar até Gretna Green, coisa muito improvável, não teria acontecido nada horrendo. Simplesmente teríamos voltado para Londres sem novidade.

- Parece-me incrível estar discutindo com você no meio do caminho. – Gideon a colocou nos braços para conduzi-la ao faetón - Esse homem tinha toda a intenção de levar a cabo um casamento de fugitivos.

E depositou Harriet no assento como se não pesasse nada. Enquanto ela acomodava as saias, subiu de um salto e recolheu as rédeas.

- Não pense você que eu teria me casado com Applegate, milord. Estou comprometida com você.

Gideon deu-lhe um olhar enviesado. Os cavalos fizeram um giro e partiu para Londres, sem pressa.

- Isso não invalida o fato de que seus amigos tenham tratado de resgatá-la de minhas garras.

- Bom, eles não compreendem que eu gosto de estar entre suas garras, milord.

Isso não obteve resposta. Gideon calou por um momento, como se estivesse perdido em seus pensamentos. Harriet aspirava profundamente o ar gelado da noite. As nuvens começavam a abrir-se, deixando aparecer às estrelas.

O caminho, em plena noite, resultava muito romântico. Nada parecia real. Era como estar presa em um mundo de sonhos com Gideon e os cavalos, galopando para a noite por uma misteriosa rota que poderia levar a qualquer parte.

O faetón virou em uma curva. À distância apareceram as luzes de uma estalagem.

- Harriet? – murmurou Gideon.

- Sim, milord?

- Não quero voltar a passar por este tipo de loucura.

- Compreendo milord. Sei que você sofreu um grande aborrecimento.

- Não me refiro a isso. – Gideon mantinha a vista fixa nas luzes da estalagem - O que quero dizer é que eu gostaria de pôr fim ao compromisso.

Harriet ficou aturdida pelo golpe. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

- Pôr fim ao compromisso, milord? Por que cometi a tolice de me deixar levar para o norte?

- Não. Porque temo que haja mais incidentes como este. Reconheço que desta vez não houve dano algum, mas quem sabe o que acontecerá da próxima vez?

- Mas, milord...

- É possível que algum outro admirador tente meios mais drásticos para salvá-la da Besta de Blackthorne Hall. – disse Gideon, sem olhá-la, concentrado como estava em conduzir a carruagem.

Harriet cravou um olhar brilhante em seu duro perfil.

- Não quero que você volte a chamar-se com esse apelido horrível, St. Justin, entendeu-me?

- Sim, senhorita Pomeroy, entendi. Casar-se-á comigo assim que eu consiga a licença especial?

Harriet apertou sua bolsinha.

- Casar-nos? Imediatamente?

- Sim.

Sentia-se estupefata.

- Você não queria pôr fim ao compromisso?

- Sim, o quanto antes. Por meio do casamento.

Ela tragou saliva, alagada de alívio, e ordenou seus pensamentos dispersos.

- Compreendo. Bom, quanto ao casamento, esperava que tivéssemos mais tempo para nos conhecer melhor, milord.

- Sei, mas não acredito que isso mude muito as coisas. Você já conhece o pior e isso não parece deprimi-la indevidamente. Sua tia opina que depois do incidente desta noite, haverá mais intrigas que nunca. O casamento os sossegará um pouco.

- Compreendo – repetiu Harriet, ainda incapacitada de pensar com clareza e lógica - Muito bem, milord, se isso for o que você deseja.

- É o que desejo. Bem, já que estamos de acordo. Acredito que seria melhor pararmos esta noite aqui, em vez de continuar até a cidade. Desse modo poderemos nos casar antes de chegar à Londres.

Harriet olhava fixamente a estalagem.

- Passaremos a noite aqui?

- Sim. – Gideon guiou os cavalos para o pátio. Os grandes cascos repicaram na pavimentação - Isto será mais eficiente. Pela manhã conseguirei a licença. Depois do casamento, suponho que o melhor será ir diretamente a Hardcastle House para apresentá-la a meus pais. Há coisas inevitáveis.

A porta da estalagem se abriu antes que Harriet pudesse responder. Um menino correu a ocupar-se dos animais. Gideon desembarcou do faetón.

- E minha família, senhor? Devem estar preocupadas comigo.

- Enviaremos uma mensagem daqui, dizendo que você está sã e salva e que vamos a Hardcastle House. Quando voltarmos à capital, os rumores já devem estar mais sossegados. E eu a terei bem presa em minhas garras.

Capítulo 12

Gideon estudou o pequeno quarto da estalagem. Era o melhor que o proprietário podia lhes oferecer, mas isso não significava muito. Havia uma só cama, bastante pequena.

- Confio em não havê-la ofendido muito ao dizer ao hospedeiro que somos marido e mulher. – Gideon ficou sobre um joelho para revolver as brasas da lareira. Não precisava olhar para trás para sentir a tensão de Harriet.

- Não, não me incomodo. – disse ela, com suavidade.

- Em breve o será.

- Sim.

Essa noite, por algum motivo, Gideon tinha muita consciência de seu próprio tamanho. Sentia-se torpe e incômodo nessa reduzida habitação. Temia quebrar algo ao mover-se ou ao tocar em alguma coisa. A seu redor tudo parecia pequeno e frágil, inclusive Harriet.

- Não me pareceu boa ideia que você passasse a noite sozinha em um quarto. – explicou, sem olhá-la - Se a acompanhassem sua irmã ou sua donzela seria diferente.

- Compreendo.

- Uma mulher, sozinha em uma estalagem, sempre corre perigo. No salão de baixo há vários vadios ébrios. Qualquer deles poderia ter a ideia de subir e forçar as portas.

- Uma perspectiva muito desagradável.

- E se fosse divulgado que não somos marido e mulher, as pessoas duvidariam de sua reputação. – O fogo já estava aceso. Gideon se levantou para observar as chamas, que fluíam em uma alegre fogueira. -Não faltariam as hipóteses desagradáveis.

- Compreendo. Não me importa Gideon. Não se preocupe, por favor. – Harriet caminhou para o fogo, esticando as mãos para esquentá-las. -Como você disse, muito em breve seremos marido e mulher.

Olhou seu perfil e sentiu que todo seu corpo reagia com tensão. O fulgor das chamas lhe dourava o rosto, rodeado de cabelo suave e fofo. Gideon teve a sensação de que o ouvia crepitar de vitalidade. A enxergava tão doce e vulnerável...

- Céus Harriet, esta noite não vou exigir-lhe privilégios conjugais. – murmurou - Você tem direito a que me domine e é o que penso fazer.

- Compreendo. – Não o olhava.

- Posso ter perdido a cabeça na caverna, aquela noite, mas isso não significa que seja incapaz de me dominar.

Harriet lhe deu um olhar breve e curioso.

- Nunca pensei que você fosse incapaz de dominar-se, milord. Pelo contrário: parece-me o homem mais controlado de todos que conheço. Às vezes me preocupa. Para falar a verdade, é a sua única característica que me inquieta de vez em quando.

Ele a observou com incredulidade.

- Parece-lhe que me controlo muito?

- Suponho que se deve aos rumores selvagens que você teve que suportar durante esses anos. – comentou Harriet, sem rodeios - Aprendeu a reservar sentimentos, possivelmente demais. Às vezes não estou muito segura do que você pensa.

Gideon puxou sua gravata, tirando-a depressa.

- Muitas vezes penso o mesmo de você, Harriet.

- De mim? – Ela dilatou os olhos - Mas se nem me incomodo em dissimular, sequer, minhas emoções!

- Seriamente? – Ele se dirigiu à única cadeira do quarto e deixou cair a gravata sobre as costas. Logo tirou a jaqueta - Possivelmente lhe surpreenda saber que não tenho ideia de quais são seus sentimentos por mim, senhorita Pomeroy. – Começou a desabotoar a camisa - Não sei se lhe pareço divertido, detestável ou horivelmente enfadonho.

- Por Deus, Gideon...

- Principalmente por isso, alarmou-me demais saber que a tinham tirado da cidade e a levavam à Gretna Green. – com a camisa aberta e solta, sentou-se na beira da cama para tirar uma bota – Poderia estar pensando que merecia algo melhor que um visconde azedo e de má reputação.

Harriet o estudou por um momento.

- Às vezes se mostra azedo, St. Justin reconheço. E também teimoso.

- E tenho tendências autoritárias – lhe recordou ele - Coisa muito lamentável, sem dúvida. - Ele tirou a outra bota e a deixou cair no chão. - Não sei muito de fósseis, nem de geologia e ignoro as teorias sobre a formação da terra.

- Muito certo, embora pareça muito inteligente. Suponho que poderia aprender.

Gideon lhe deu um olhar agressivo, se por acaso o estivesse provocando.

- Não posso trocar de rosto, nem de passado.

- Não me lembro de haver pedido.

- Me diga mulher: – espetou ele, com aspereza - por que demônios está tão desejosa de casar-se comigo?

Ela inclinou a cabeça a um lado, pensativa.

- Possivelmente porque temos muitas coisas em comum.

- Não diga tolices. Não temos nada em comum, salvo uma noite passada em uma caverna.

- Eu também tendo a ser algo teimosa, de vez em quando – comentou ela, pensativa - Você mesmo disse que era tirânica, quando nos conhecemos.

Gideon resmungou:

- Muito certo senhorita Pomeroy, muito certo.

- E me apaixono por dentes e ossos antigos ao ponto de esquecer os bons costumes...

Conforme me disseram, às vezes chego à grosseria.

- Sua fascinação pelos fósseis não é tão ofensiva – corrigiu Gideon, magnânimo.

- Obrigado, senhor. Entretanto, devo adicionar que, assim como você, tampouco posso mudar de rosto, nem de passado – continuou Harriet, como se estivesse fazendo uma lista de artigos levemente danificados que desejasse vender.

Gideon estremeceu.

- Nem seu rosto, nem seu passado têm nada de mau.

- Pelo contrário. É impossível negar que não tenho a beleza de minha irmã. Nem a minha idade... Já tenho quase vinte e cinco anos; não sou exatamente uma doce e dócil colegial.

Gideon viu a insinuação de um sorriso em sua boca suave. Algo, bem dentro dele, começava a abrandar.

- Bom, é certo. – reconheceu, lentamente - Sem dúvida, seria mais fácil adestrar uma pombinha sem miolo, que não tivesse aprendido a pensar por sua conta. Mas, como eu tampouco sou um pombinho recém-emplumado, não me atrevo a me queixar muito dessa idade avançada.

Harriet sorriu de orelha a orelha.

- Muito generoso de sua parte, milord.

Gideon a olhou fixamente, consciente do apetite que lhe esquentava o sangue. Aquela seria uma noite longa.

- Há só um detalhe que eu gostaria de esclarecer.

- Qual milord?

- Que você é a mulher mais bela de todas que conheci. – sussurrou ele, com dificuldade.

Harriet ficou boquiaberta.

- Que tolices, Gideon. Como pode dizer semelhante coisa?

Ele encolheu os ombros.

- Não é nada mais que a mais pura verdade.

- Oh, Gideon. – Harriet piscou depressa. Tremiam-lhe os lábios - Oh, Gideon...

E voou para jogar-se em seus braços.

Agradavelmente surpreso diante dessa inesperada reação, Gideon se deixou jogar de costas na cama e rodeou Harriet contra seu peito.

- Você é o homem mais atraente, elegante e magnífico que eu já vi. – murmurou ela, timidamente, contra seu pescoço.

- Além de seus pequenos defeitos, vejo que você tem péssima visão. – Gideon embrenhou os dedos na densa cabeleira - Mas dada à situação, trata-se de uma falta muito leve e, sem dúvida, extremamente útil.

- Se for verdade que me vê bonita, sua vista deve ser tão doente como a minha. – Harriet riu como uma garotinha - E bem, milord: temos os mesmo defeitos. É óbvio que formamos o par ideal.

- É óbvio. – Gideon lhe segurou o rosto entre as mãos para baixar a boca para a sua.

Ela respondeu ao beijo com uma urgência doce e generosa que lhe pôs o sangue a palpitar nas veias. Seus seios pareciam incrivelmente suaves através do casaco e do vestido. Os dedos de Gideon se esticaram em seu cabelo.

- Gideon? – Harriet levantou um pouco a cabeça para olhá-lo com olhos atônitos.

- Deus, como a desejo. – Olhou seu rosto procurando desesperadamente algum sinal que o autorizasse a não agir cavalheirescamente em vésperas do casamento - Não imagina como.

Os cílios velaram o olhar de turquesa. Gideon viu um rubor em suas bochechas.

- Eu também o desejo, milord. Sonhei muitas vezes com a noite que passamos juntos.

- A partir de manhã, estaremos casados e passaremos todas as noites juntos. – jurou ele.

- Gideon, sei que nosso casamento se baseia na necessidade. Compreendo que você se sinta obrigado a salvar minha reputação. Mas me pergunto...

- O que? – o inquietava que Harriet racionalizasse a situação, mas não sabia como ajustar suas conclusões. Afinal de contas, tinha razão: tinha proposto casamento para liberá-la de uma situação comprometedora.

- Você acredita – perguntou ela, com lentidão – que algum dia, poderá chegar a apaixonar-se por mim?

Gideon ficou petrificado. Logo fechou os olhos por um instante, negando esperança que via nessas pupilas.

- Quero que haja muita sinceridade entre nós, Harriet.

- Sim, milord?

Ele abriu os olhos, sentindo uma dor muito profunda em seu interior.

- Faz seis anos esqueci tudo o que sabia sobre o amor. Essa parte de mim já não existe. Mas lhe dou minha solene palavra de que serei um bom marido. Cuidarei de você e a protegerei com minha vida. Não lhe faltará nada que eu possa lhe dar. E serei fiel.

Nos olhos de Harriet apareceu um brilho de umidade, mas ela o apagou com uma rápida piscada. Tremia-lhe a boca em um tímido sorriso de feminina acolhida.

- Bem, milord: posto que já estejamos em uma situação totalmente comprometida, não vejo por que devemos adiar mais uma noite o inevitável. Para mim você não necessita provar quão honradas são suas intenções.

O corpo de Gideon estava duro de desejo. O resplandecente convite nos olhos de Harriet o deixava sem fôlego.

- O inevitável? – acusou, com voz rouca – É assim que você vê o ato de amor comigo? Como um dever inevitável?

- Não foi desagradável – lhe assegurou ela, depressa - Não quis insultá-lo. De certa forma, foi excitante. Teve seus bons momentos, sem dúvida.

- Obrigado – murmurou Gideon, seco - Fiz o possível.

- Sei. Suponho que é preciso ter em conta o desconforto de nossa cama. Não acredito que um chão de pedra seja muito bom para fazer amor.

- Não.

- E seu tamanho, milord, é um fator a adicionar. Você é um homem muito grande. – Pigarreou discretamente - E as diversas partes de seu corpo guardam proporção com seu contexto geral, tal como ocorre com os descobrimentos de fósseis. Você sabia que um dente permite, com frequência, deduzir o tamanho de um animal?

Gideon lançou um ruído queixoso.

- Harriet...

- Bom, não posso dizer que tenha ficado surpresa, claro – assegurou ela - depois de tudo, tenho bastante experiência no cálculo de tamanhos e formas, apoiando-me no estudo detalhado de uns poucos ossos e dentes incrustados na rocha. Você era tal como devia esperar, proporcionalmente falando.

- Compreendo – conseguiu dizer Gideon, com voz quase estrangulada.

- E na verdade, ao recordar o incidente me espanto que tenhamos nos desempenhado tão bem nessa primeira vez. Tenho grandes esperanças de que, no futuro, essas questões se desenvolvam com facilidade.

- Basta, Harriet. – Gideon colocou contra a boca a palma suave, mas firme - Não suporto mais. Em algo tem razão; no futuro se desenvolverão com muita mais facilidade.

Os olhos da jovem se dilataram por sobre os dedos de Gideon, enquanto ele a punha de costas. Quando começou a lhe desatar o casaco jogou os braços ao pescoço.

Gideon deixou escapar um gemido e lhe descobriu a boca para beijá-la profundamente, invadido pela ansiedade. Nunca tinha precisado de uma mulher como precisava de Harriet.

Mas essa noite dominaria seus desejos até que Harriet tivesse descoberto a potência de sua própria paixão. Já que se entregava a ele como um presente, estava decidido a lhe pagar do único modo possível.

Conseguiu lhe tirar o casaco e o vestido sem afastar-se dela. Quando a teve só em camisa e meias, separou-se suavemente dela para pô-la de pé. Logo retirou o acolchoado.

Graças a Deus, os lençóis pareciam razoavelmente limpos. Não era sempre que acontecia isso nas estalagens. E a ideia de possuir sua doce Harriet em um leito infestado de piolhos lhe parecia insuportável. Já era bastante ruim tê-la possuído pela primeira vez, no chão rochoso de uma caverna. Ela merecia o melhor.

Em realidade, a ela não parecia se importar. Olhava-o com olhos sonhadores, os lábios entreabertos. Quando sorria apareciam apenas esses lindos dentinhos sobrepostos.

Aparentemente, não lhe incomodava que a fina camisa deixasse transparecendo os mamilos rosáceos.

Gideon se deu conta de que, estando com Harriet, sentia-se bem. Ela conseguia fazê-lo sentir heróico, nobre e orgulhoso com sua óbvia fé. Pela primeira vez compreendeu que tê-la encontrado compensava o que tinha perdido seis longos anos antes aos olhos de seu pai e da alta sociedade.

Harriet acreditava nele. Isso lhe bastava.

- Você é encantadora. – sussurrou, agarrando-a pela cintura para levantá-la contra seu torso. Beijou-lhe os peitos, usando a língua para molhar o delicado tecido da camisa até torná-la transparente. Harriet lhe apertou a carne entre as mãos, jogando a cabeça para trás, e gemeu docemente ao sentir que lhe mordiscava um duro mamilo.

- Oh, Gideon.

- Você gosta disso, querida?

- Oh, sim, sim. Eu gosto muito. – Esticou os dedos contra o ombro do visconde e deixou estremecida, que mordesse o outro mamilo.

Gideon levantou-a gradualmente, até pô-la, uma vez mais, de pé frente a ele, com os braços lhe rodeando o pescoço. Logo tirou a camisa por cima da cabeça e se ajoelhou para tirar as meias, sentindo-a estremecer diante desse íntimo contato.

Levantou-se para contemplar ansiosamente as doces curvas desse corpo, o contorno das nádegas cheias, a graciosa coluna, banhadas pela luz do fogo. Com muito cuidado, afundou os dedos no triângulo de cabelo escuro que coroava os músculos e sentiu o estremecimento que a percorria.

Deslizou uma coxa entre as pernas de Harriet e a beijou, enquanto procurava entre os cachos apertados a suave flor, escudo de segredos. Acariciou-a com lentidão, apartando as pétalas.

Harriet murmurou seu nome com voz apagada e desejosa, lhe afastando a camisa desabotoada para lhe beijar o peito. Sua boca era como uma mariposa contra a pele tensa.

Roçou-lhe os ombros com a ponta dos dedos, jogando a camisa para trás para seguir depositando pequenos beijos nessa carne aquecida pelo fogo.

Tratava-o com tanto cuidado como a seus fósseis estranhos, conforme pensou Gideon, um pouco divertido e totalmente arrebatado pela experiência. Nenhuma outra mulher o havia tocado como a um frágil e exclusivo tesouro.

- Não tem ideia do que me faz Harriet.

- Eu adoro tocar você. – Seus olhos estavam maravilhados - É incrível. Tão forte e poderoso, tão frágil.

-Frágil? – Gideon deixou escapar uma risada afogada - É a primeira vez que me dizem isso.

- Pois o é. Move-se como os leões. É um prazer olhar você.

- Ah, Harriet. Tem pouca visão, sim, mas quem sou eu para me queixar?

Uma vez mais baixou a boca para a dela. Quando afastou a mão, tinha os dedos molhados em sua essência; o perfume de sua excitação sexual lhe subiu à cabeça. Sua virilidade palpitava, cheia.

Levantou-a para depositá-la na cama. Ela, sem mover-se, contemplou-o enquanto ele acabava de despir-se. Gideon lhe voltou às costas por um momento, para jogar as calças e a camisa na cadeira. Logo, viu que ela observava com fascinação os sinais de seu corpo excitado.

- Toque-me. – propôs, deitando-se junto a ela - Quero sentir suas mãos, meu doce. Tem mãos tão suaves...

Ela obedeceu; a princípio, movia os dedos com acanhamento, mas foi ganhando confiança. Depois de explorar os contornos do peito, deslizou a palma até a coxa e ali se deteve.

- Quer me tocar ali? – Mal conseguiu pronunciar as palavras de maneira coerente. O desejo o invadia até sufocá-lo.

- Eu gostaria de tocá-lo como você me faz. – Olhava-o com olhos luminosos - É tão lindo, Gideon...

- Lindo! – sussurrou ele - Dificilmente, meu doce.

- Sua beleza masculina é a beleza do poder e da força – sussurrou Harriet.

- Não conheço essa beleza masculina da qual você fala. – murmurou ele - Mas eu gostaria muito que me tocasse nessa parte, que logo estará dentro de você.

Sentiu que ela deslizava os dedos ao longo de sua extensão erguida. Dançavam com delicadeza sobre ele, aprendendo sua forma e sua textura. Isso foi quase muito. Gideon fechou os olhos, reunindo todo seu autodomínio.

- Basta querida. – ordenou, lhe afastando a mão com aflição - Esta noite é para você.

Colocou-a novamente de costas, separando com uma perna as coxas suaves e lustrosas. Logo procurou com a mão o pequeno e sensível botão do desejo feminino.

Quando o achou, Harriet deixou escapar uma exclamação afogada e arqueou o corpo contra ele.

- Por favor, Gideon. Oh, sim... Por favor!

Ele levantou a cabeça para contemplar seu rosto, sem deixar de acariciá-la com um dedo. Era tão bela na paixão... Vê-la retorcer entre seus braços o enchia de um respeito comovido.

Ficou um longo momento, dominando-se para acalorar, lenta e seguramente, as fogueiras interiores. Ela respondia imediatamente. Tanta sorte parecia impossível: ela o desejava.

Acreditava que ele era belo.

Beijou-a no pescoço e nos seios. Harriet se aferrou dele, tratando de aproximá-lo mais, e não compreendeu que se afastava para lhe deixar uma fileira de beijos ardentes no ventre. Retorcendo os dedos em seu cabelo, tratou de atraí-lo para cima.

Mas Gideon tinha uma meta fixa. Resistindo a doce tentação de afundar-se nela imediatamente, afastou-lhe as pernas um pouco mais e substituiu o dedo molhado pela boca.

Harriet vibrou em um grito sufocado, arqueando violentamente o corpo inteiro.

- Gideon! O que me fez? – gemeu.

E logo se pôs a tremer. Gideon adivinhou o momento do clímax e não esperou mais. Afundou lenta e profundamente em seu interior, no momento em que a estremeciam as pequenas convulsões. Essa bainha, suave e úmida, resistiu por um momento à invasão, mas logo se fechou em torno dele, envolvendo-o.

Penetrá-la nesse momento foi uma das experiências mais gloriosas de Gideon. Encontrou-a tão estreita, tão quente e suave como aquela primeira vez, na caverna, mas teve a satisfação de saber que já tinha alcançado seu próprio alívio. Se nessa oportunidade sofria alguma dor, não parecia notá-lo.

- Harriet... Oh, meu Deus, Harriet, sim!

Mal conseguiu engolir o grito de triunfo. Ela fechou ferozmente os dedos entre seu cabelo e levantou os joelhos para abrir-se ainda mais.

Gideon se perdeu uma vez mais nesse fogo. A sensação era indescritível. Harriet era dele, parte dele. Em toda a terra não havia outra coisa que importasse. Nem sequer sua honra perdida.

Quando Gideon despertou, por fim, de um sono ligeiro, o fogo da lareira estava reduzido a brasas alaranjadas. Ao sentir que Harriet lhe deslizava o pé ao longo da panturrilha compreendeu o que o tinha despertado.

- Acreditei que já tivesse dormido. – resmungou, estreitando-a contra si.

- Estava pensando no que aconteceu. – murmurou Harriet.

Ele sorriu, sentindo-se despreocupado pela primeira vez em anos.

- Ah, senhorita Pomeroy, quem teria pensado que você teria uma mente tão precoce? Que sujos pensamentos esteve concebendo? Descreva-me isso em detalhe.

Cutucou suas costelas.

- Referia-me ao que aconteceu quando você deteve o veículo de lady Youngstreet.

Gideon apagou o sorriso.

- O que há com isso?

- Gideon, quero sua palavra de que não desafiará Applegate a um duelo.

- Não se preocupe com isso, Harriet. – Beijou um seio quente e suave.

Ela se levantou sobre um cotovelo para inclinar-se para ele, com expressão muito apaixonada.

- Falo sério, milord. Quero sua palavra.

- Não é assunto seu. – Com um sorriso, Gideon apoiou uma mão na doce curva do ventre. Imaginava sua semente plantada ali, possivelmente brotando já. A ideia voltou a excitá-lo.

- Claro que é meu assunto! – insistiu Harriet - Não vou permitir que você desafie o pobre Applegate só porque ele e seus companheiros saíram para passear comigo.

- Por Deus, Harriet, sequestraram-na!

- Tolices. Ninguém pediu resgate.

Gideon franziu as sobrancelhas.

- Isso não vem ao caso. Applegate tratou de fugir com você e eu vou ajustar as contas com ele. Não há mais o que dizer.

- Há muito mais que dizer. Você não disparará contra ele, Gideon, entende-me?

Ele estava ficando impaciente. Já tinha o corpo tenso de desejo renovado.

- Não penso matá-lo, se for isso o que a preocupa. Não tenho nenhum desejo de ver-me obrigado a abandonar o país.

- Abandonar o país! – repetiu ela, horrorizada - É isso o que acontece quando se mata alguém em um duelo?

- Por desgraça, as autoridades estão dispostas a fazer vista grossa diante certos aspectos do duelo, mas não passam por cima uma trivialidade, tal como matar o adversário. – Gideon fez uma careta - Por muito que o mereça.

A jovem se sentou na cama.

- Isso já é demais. Não vou tolerar que você corra nenhum risco.

Apoiou uma mão em sua perna.

- Não quer ver-me abandonar o país?

- Não, é obvio – murmurou ela.

- Você está exagerando, Harriet. Dei-lhe minha palavra de não matar Applegate. Mas tem que compreender que não posso deixar passar sem castigo sua atuação de hoje. Se houver rumores de que alguém me fez semelhante ofensa sem castigo, o mais provável é que algum outro tente algo parecido. Ou pior.

- Tolices. É muito difícil que eu volte a entrar em um carro em companhia de um desconhecido. – Harriet abandonou a cama em busca de sua camisa.

- Pode não ser um desconhecido o próximo que a induza a entrar em um carro – observou Gideon, em voz baixa – Poderia ser alguém de sua confiança.

- Impossível. Estarei em guarda. – Harriet começou a andar na frente do fogo moribundo. O resplendor das brasas atravessava o fino tecido da camisa, revelando as curvas de peitos e coxas - Me prometa que não duelará com Applegate, Gideon.

- Você me pede demais. Não falemos mais no assunto.

Ela o fulminou com um olhar furioso, sem deixar de andar.

- Não pode me pedir que abandone o assunto, simplesmente!

- Por que não? – inquiriu ele, mansamente, sem afastar o olhar dessas curvas tentadoras. Parecia-lhe impossível fartar-se dessa mulher.

- Falo muito a sério, milord. Não vou tolerar nenhum duelo por minha causa. Em todo caso, é por completo desnecessário. Não aconteceu nada e lorde Applegate não tinha más intenções. A seu modo, ele e seus companheiros tratavam de me proteger.

- Veja Harriet...!

- Mais ainda: ele se dedicou ao estudo da geologia e dos fósseis. Apostaria que não sabe absolutamente nada de duelos.

- Esse não é meu problema.

- Disparar contra ele não servirá de nada.

- Já lhe expliquei que o faço com um propósito.

Ela se voltou como uma pequena tigresa.

- Esta mesma noite, Gideon, deve me prometer que não levará a cabo esse desafio.

- Não vou prometer-lhe nada, meu doce. E agora, volte para a cama e deixe de afligir-se por algo que não lhe diz respeito.

Ela plantou aos pés da cama, muito erguida e cheia de decisão, com os braços cruzados sob o busto.

- Se não me der sua palavra de honra a respeito, senhor, não consentirei em me casar amanhã com você.

Gideon reagiu como diante um chute no ventre. Por um instante ficou sem respiração.

- Interessa-se tanto assim por Applegate? – acusou com aspereza.

- Não me interessa por Applegate – impacientou-se Harriet - Interesso-me por você, homem teimoso, obstinado e arrogante. Não compreende? Não quero que você arrisque seu nome e talvez até sua vida por um incidente que se reduziu a um passeio pelo campo.

Gideon levantou o acolchoado para sair da cama e caminhar para ela, com os braços nos quadris. Harriet não retrocedeu um centímetro. Muito provavelmente, era a única mulher da terra que não lhe tinha medo.

- Ousa ameaçar-me? – perguntou Gideon, em voz muito baixa.

- Com efeito, senhor. Se mostrar-se tão ridiculamente teimoso, não tenho outro remédio que recorrer às ameaças. – Sua expressão se abrandou - Basta já, Gideon; seja sensato.

- Sou sensato, sim! – rugiu ele - Extremamente sensato. Minha intenção é evitar outros incidentes como o de hoje.

- Para isso não há necessidade de desafiar Applegate, que é só um jovem empenhado em se fazer de cavalheiro galante. É tão difícil para você, compreender e perdoar?

- Por Deus, Harriet. – Gideon passou os dedos pelo cabelo, frustrado por essa lógica. Sabia que o jovem Applegate não representava nenhuma ameaça. Mas devia agir por princípio.

- Diga-me, nessa mesma idade, nunca tentou fazer-se de cavalheiro galante?

Gideon soltou um palavrão, ainda mais violento porque já se reconhecia derrotado. Ela tinha razão. Claro que tinha procurado esse papel na idade de Applegate! Como quase todos os jovens.

Era óbvio que Harriet não estava apaixonada pelo rapaz. Esse não era o problema.

Possivelmente pudesse deixar passar o episódio. De repente se deu conta de que não queria seguir discutindo. No momento só podia concentrar-se no adorável corpo de Harriet,

iluminado pelo fogo as suas costas. Morria por ela. Fervia-lhe o sangue. E era tão generosa com sua paixão...

Talvez houvesse questões mais importantes que dar uma lição em Applegate.

- Muito bem – murmurou, por fim.

- Gideon! – Os olhos da jovem soltavam faíscas.

- Por esta vez, que seja. Lembre-se que eu não gosto da ideia de deixar Applegate sem castigo. Mas peça que o dano não seja grande.

O sorriso de Harriet brilhou mais que as brasas da lareira.

- Obrigado, Gideon.

- Tome-o como presente de bodas – anunciou Gideon.

- Muito bem, milord. Será seu presente de bodas.

Ele segurou Harriet pela cintura e a levantou no ar.

- E meu presente? Qual é? –perguntou com um sorriso insinuante.

- O que for do seu agrado, milord. – Harriet se apoiou contra seus ombros, rindo de prazer, e deixou que a fizesse girar em círculos - Não precisa outra coisa que expressar seu desejo.

Gideon a levou de novo à cama.

- Tenho intenção de passar o resto da noite me dedicado justamente a isso. Cada um de meus desejos. E você os satisfará um a um.

Capítulo 13

Para o conde de Hardcastle não agradava absolutamente que lhe apresentassem uma nora, da noite para o dia. A condessa fazia esforços por mostrar-se cortês, mas notava-se estar tão desconcertada como seu marido pelo súbito casamento de seu filho. Harriet supôs que estava um pouco aborrecida por essa aliança com uma desconhecida de Upper Biddleton.

De sua parte, Gideon dispunha-se a desfrutar dos fogos de artifício que tinha disparado ao chegar, sem aviso, à casa paterna levando sua brilhante esposa.

Não eram as boas vindas mais reconfortantes que uma recém-casada poderia pedir, mas Harriet se consolava pensando que provavelmente, não era tampouco a pior. Mesmo com essa filosófica postura, era inegável que o jantar se desenvolvia em um ambiente muito tenso.

O conde ocupava muito rígido, uma das cabeceiras da longa mesa. Sua esposa, a outra. Gideon, em frente à Harriet, estava tenso como um enorme felino selvagem. Em seus olhos faiscava uma vigilante diversão, que bem podia converter-se em fria cólera de um momento para outro.

- Quer dizer que você esteve em Londres até recentemente, Harriet? – murmurou lady Hardcastle.

- Perfeitamente, senhora. – a jovem serviu-se de uma pequena porção de língua com molho de groselha vermelha que oferecia o mordomo. A língua não era um de seus pratos favoritos - Minha tia levou-me à capital para que adquirisse polimento. Persuadiu-me de que era necessário para não passar vergonha quando fosse viscondessa.

- Compreendo – disse lady Hardcastle - E o adquiriu? Refiro-me ao polimento.

- Bom, não. – admitiu Harriet, adicionando ao seu prato algumas batatas. Em verdade tinha muita fome, depois de tantos afazeres: o casamento, a longa viagem até Hardcastle House - Não muito, pelo menos. Mas decidi que não tinha importância. Afinal de contas, St. Justin não é muito refinado.

Lady Hardcastle fez uma careta e olhou vacilante o conde, que murmurou algo baixinho.

Gideon sorriu por um instante, levantando a taça de vinho.

- Angustia-me, senhora esposa que você tenha tão pobre opinião de meu desempenho social.

Harriet o olhou enrugando a testa.

- Mas, é verdade! Você deve admitir que gosta de provocar as pessoas de bem. E está sempre disposto a brigar por questões mínimas. Não acredita que me esqueci da absurda provocação ao pobre Applegate.

O conde levantou imediatamente a vista.

- Que provocação é essa?

Lady Hardcastle movimentou suas mãos como asas no ar.

- Valha-me Deus! Não provocou uma rixa com Applegate, Gideon?

O filho fez cara de aborrecido, mas seus olhos faiscavam cravados em Harriet.

- Foi Applegate quem começou.

O conde estava arrepiado.

- Como diabos pode o jovem Applegate começar algo que pudesse levar a um duelo?

- Raptou Harriet. E tentou levá-la à Gretna Green. Alcancei-os ontem à noite, no caminho para o norte – explicou Gideon, tranquilamente.

Produziu-se um silêncio atônito.

- Raptou Harriet? Deus bendito! – Os olhos de lady Hardcastle voavam entre Gideon e Harriet - Não posso acreditar.

- Faz você muito bem! – aprovou Harriet - Porque não foi um rapto, certamente. Mas St. Justin, teimoso como ele só, nega-se a compreender que houve, apenas, um mal-entendido. De qualquer forma, não há por que preocupar-se. Tudo isso já passou. Não haverá nenhum duelo, verdade, milord?

Gideon encolheu os ombros.

- Verdade. Aceitei não desafiar Applegate.

- Isto é muito confuso – se queixou lady Hardcastle.

Harriet assentiu com energia.

- Sei. As pessoas estão acostumadas confundir-se com respeito a St. Justin. Mas a culpa é dele, se me permite opinar. Nunca se esforça por esclarecer as coisas. É muito compreensível, é obvio.

O conde cravou-lhe um olhar marcial.

- Como assim, compreensível? Por que demônio não se explica este rapaz?

Harriet mastigou um bocado de batatas e engoliu com educação, antes de responder.

- Suponho que está cansado que todo mundo pense sempre o pior dele. Acabou por fomentar ativamente essas más opiniões. Trata-se de uma destorcida maneira de divertir-se, não?

Gideon sorriu vagamente, afundando a faca no coelho ao curry.

- Que ridículo. – sussurrou lady Hardcastle, cravando um olhar atento em seu filho.

Harriet tomou um gole de vinho.

- Não tão ridículo. Acabou por adquirir esse costume. É muito teimoso. E arrogante. E tende a ser muito reservado quanto aos seus planos. Isso complica as coisas, de vez em quando.

- Encantadora descrição, senhora. – Gideon inclinou a cabeça em uma saudação satírica - Ah, benditos sejam estes primeiros dias da vida conjugal, em que a recém-casada só vê em seu marido as melhores qualidades! Não sei o que pensará você de mim dentro de um ano.

O conde não lhe prestava atenção. Mantinha o olhar fixo em Harriet.

- Tenho entendido que você se comprometeu com meu filho em circunstâncias um pouco estranhas. Isso também foi um equívoco intencional?

- Céus, Hardcastle. – admoestou a condessa, com expressão inquieta - Não me parece um assunto adequado para a hora do jantar.

Harriet descartou a preocupação da anfitriã com um gesto alegre.

- Não me incomoda absolutamente comentar as circunstâncias de meu compromisso. Tudo se deveu a uma desventurada cadeia de acontecimentos que eu mesma precipitei. Meu bom nome ficou muito comprometido e o pobre St. Justin não teve alternativa mais honrosa que me desposar. Planejamos tirar o melhor partido da situação, verdade, milord? – concluiu, dedicando a Gideon um sorriso consolador.

- Sim – confirmou ele - Essa é nossa intenção, certamente. E, é preciso dizer que não é pouca coisa, pelo menos no momento. Tenho a certeza de que, com o tempo, Harriet acabará por adaptar-se ao matrimônio.

- Ora! – replicou Harriet - Será você quem deve adaptar-se, senhor.

Gideon arqueou as sobrancelhas em um calado desafio.

- Mas quais foram esses acontecimentos que a levaram ao compromisso? – inquiriu o conde, detestável.

- Bem, – explicou Harriet - St. Justin tinha articulado uma armadilha a certo bando de ladrões que estavam utilizando minhas cavernas para esconder objetos roubados.

- As cavernas de Hardcastle. – corrigiu Gideon, seco.

- Ladrões? – A condessa parecia estupefata - Que papel teve os ladrões em tudo isto?

- O que significa isto? – O ancião cravou em Gideon um olhar fulminante - Não me informou que tinha ladrões em terras de Hardcastle.

O filho encolheu um largo ombro em um gesto completamente despreocupado.

- Faz já tempo que você não se interessa pelo que acontece em seus imóveis, senhor, e não me pareceu necessário incomodá-lo com estes detalhes.

Os olhos do pai resplandeciam de irritação.

- Que maldita arrogância a sua, Gideon!

- Isso é o que eu digo. – Harriet olhava o conde aprovando sua penetrante observação - Tem essa má tendência senhor. É muito arrogante, sim.

- Continuemos com isso dos ladrões – trovejou Hardcastle. Sua voz se parecia muito a de Gideon quando estava de mau humor.

- Já sei de onde herdou essa tendência – murmurou à jovem.

Gideon sorriu de orelha a orelha.

- Conte-lhe o resto da história, minha querida.

- Certo. – obedeceu Harriet – Na noite da armadilha eu fui tomada como refém por um dos elementos do bando. Admito que fosse por minha culpa. Mas esse problema não teria existido se St. Justin tivesse me informado de seus planos com antecipação, como eu lhe pedi.

- Deus, me ampare. – Lady Hardcastle estava obviamente aturdida - Como refém?

- Sim. St. Justin entrou heroicamente na caverna para me resgatar, mas quando chegou até mim, à maré já tinha invadido a entrada. – Harriet olhou as sombrias feições de seu sogro - Suponho que você conhece as marés de Upper Biddleton, senhor.

- Conheço-as. – as enormes sobrelhas de Hardcastle formavam uma linha maciça - Essas cavernas são perigosas.

- Concordo com essa opinião, senhor – observou Gideon, sem alterar-se – Mas, até agora, não pude convencer disso a minha esposa.

- Tolices – protestou Harriet - Não são perigosas, sempre que se preste muita atenção às marés e saiba marcar seu trajeto dentro dos escarpados. Mas como dizia: nessa noite St. Justin e eu ficamos presos dentro da caverna e nos vimos obrigados a passar a noite ali. Naturalmente, no dia seguinte, ele se considerou obrigado a pedir minha mão.

- Compreendo. – Lady Hardcastle levou para a taça de vinho os dedos trêmulos.

- Fiz o possível por dissuadi-lo – continuou Harriet, já entusiasmada com o assunto - Nada me impedia de representar o papel de mulher desonrada até o fim de meus dias. Afinal de contas, isso não me impediria de seguir compilando fósseis. Mas, St. Justin insistiu muito.

Lady Hardcastle esteve a ponto de engasgar-se com o vinho. O mordomo aproximou-se, alarmado, mas ela o rechaçou com um gesto.

- Não é nada, Hawkins.

O olhar do conde seguia colado em Harriet.

- Você coleciona fósseis?

- Assim é. – Harriet acreditou reconhecer uma faísca de interesse nos olhos de Hardcastle -
Interessa-lhe os assuntos geológicos, senhor?

- Interessavam-me em outros tempos. Quando vivia em Upper Biddleton, exatamente. Ali encontrei vários espécimes interessantes.

Isso despertou a imediata curiosidade de Harriet.

- Ainda os conserva, milord?

- Oh, sim. Estão guardados em alguma parte. Faz anos que não os vejo. Poderia fazê-los buscar por Hawkins ou pela governanta. Você quer vê-los?

A jovem borbilhava de entusiasmo. Decidiu que podia revelar ao conde o segredo de seu dente. Afinal de contas, já era da família.

- Eu adoraria senhor. De minha parte, descobri um dente muito interessante. Você conhece um pouco de dentes, milord?

- Um pouco, sim. – a expressão do conde se tornou pensativa - Que tipo de dente é esse?

- Uma peça muito fora do comum. Ainda não consegui identificá-la. Parece pertencer a um lagarto grande, mas não está aderido ao osso da mandíbula em si, como ocorre no caso desses animais, a não ser dentro de uma concavidade. E parece corresponder a um carnívoro. Um carnívoro de grande tamanho.

- Dentro de uma concavidade? E grande? – O conde fez uma pausa - De crocodilo, possivelmente?

- Não, senhor. Estou segura de que não se trata de crocodilo. Mas sim de um réptil. Um réptil. Um réptil gigantesco.

- Muito interessante – murmurou o conde - Muito interessante, por certo. Teremos que revisar minha coleção, para ver se existe algo que se relacione com seu dente. Já esqueci o que há nessas caixas.

- Poderíamos fazê-lo depois de jantar, milord? – sugeriu Harriet imediatamente.

- Bom, por que não...

- Obrigado, senhor. – sussurrou a jovem - Casualmente trouxe o dente comigo. Eu o tinha em minha bolsa quando me sequestraram. Quer dizer, quando meus amigos me levaram a passear pelo campo.

Gideon olhou sua mãe um olhar irreverente.

- E aqui se acabam todas as conversas amáveis da noite, a menos que você intervenha energeticamente, senhora. Uma vez que minha esposa embarca no tema dos fósseis, resulta muito difícil desviá-la.

Lady Hardcastle captou a indireta.

- Acredito que o estudo dos fósseis pode ficar para amanhã – disse com firmeza.

Harriet tratou de dissimular seu desencanto.

- É claro, senhora.

- Hawkins e a governanta demorarão um bom tempo para encontrar as gavetas com os velhos achados de sua senhoria. – a consolou lady Hardcastle - Não podemos pretender que iniciem a busca a estas horas da noite.

- Não, suponho que não. – admitiu Harriet. Mas em seu íntimo não encontrava motivos para não enviar o pessoal da casa em busca das gavetas de fósseis. Depois de tudo, não era tão tarde.

- E agora, deve nos contar como caminha a temporada, Harriet, - insistiu-a lady Hardcastle - Faz anos que não passo a temporada em Londres. Não vamos desde que... – interrompeu-se precipitadamente - Bem, faz tempo.

A jovem tratou de cercar uma conversa cortês, mas lhe resultava difícil; teria preferido mil vezes continuar seu diálogo sobre fósseis com o conde.

- Suponho que a temporada é apaixonante caso alguém goste desse tipo de coisas. Minha irmã se diverte a valer e quer voltar no próximo ano.

- Mas você não se diverte? – deduziu a condessa.

- Não. – Harriet iluminou a expressão - Só quando danço a valsa. Eu adoro dançar a valsa com St. Justin.

Gideon levantou a taça em um brinde silencioso, lhe dedicando um sorriso por cima da mesa.

- O prazer é mútuo, senhora.

Ela ficou agradecida com a galanteria.

- Obrigado, senhor. – E se voltou para lady Hardcastle - O que eu mais gosto em Londres, senhora, é haver-me incorporado à Sociedade de Fósseis e Antiguidades.

Hardcastle interveio da longínqua cabeceira.

- Eu era um membro dessa sociedade. Mas faz anos que não assisto a nenhuma reunião.

Harriet se voltou para ele, ansiosa.

- Agora se trata de um grupo muito numeroso. Às reuniões são assistidas por pessoas muito bem preparadas. Por infelicidade, não me relacionei com ninguém que saiba de dentes.

- Aí vem outra vez – advertiu Gideon a sua mãe - Detenha-a imediatamente, se não quiser que a conversa volte para os fósseis.

A jovem ruborizou.

- Perdoe senhora. Sempre dizem que me entusiasmo muito com o tema.

- Não se preocupe Harriet – disse graciosamente lady Hardcastle. E deu uma olhada para seu marido. - Lembro-me que sua senhoria também se entusiasmava, em outros tempos. Faz muito que não o escuto falar de fósseis. Não obstante, o certo é que isso limita a conversa. Pode nos contar algo interessante sobre Londres?

Ela estudou atentamente a pergunta.

- Em realidade, não – admitiu por fim - Se tiver que ser sincera, prefiro a vida campestre. Não vejo à hora de voltar para Upper Biddleton para trabalhar em minha caverna.

Gideon a olhou com indulgência.

- Como vocês veem, encontrei a esposa perfeita para o homem que prefere dedicar-se às terras familiares.

- Será um grande prazer viajar com Gideon, quando fiscalizar os imóveis de Hardcastle. – disse Harriet, com satisfação - Assim poderei explorar todo tipo de novos terrenos em busca de fósseis.

- Alivia-me saber que tenho algo valioso para oferecer neste matrimônio – manifestou Gideon - Começava a me perguntar se você obteria algo proveitoso desta relação. Sei perfeitamente que ninharias, tais como um antigo título mobiliário e vários imóveis produtivos não tem muita importância para os colecionadores de fósseis.

Quando acabou o jantar Gideon se respaldou na cadeira, divertido, enquanto sua mãe insistia com Harriet para abandonar a mesa e acompanhá-la ao salão, murmurando:

- Deixamos os cavalheiros com o porto?

- Não me incomoda que bebam em minha frente. – declarou Harriet.

Gideon sorriu.

- É óbvio que seu polimento é insuficiente, querida. Minha mãe está lhe fazendo uma gentil sugestão. Supõe-se que as damas devem abandonar a mesa para que os cavalheiros possam beber até o estupor da embriaguez, mas em privado.

Harriet enrugou a testa.

- Confio que não você tenha o hábito da bebida, milord. Meu pai nunca aceitou o alcoolismo e eu tampouco.

- Farei o possível para conservar a cabeça fresca, a fim de cumprir mais tarde meus deveres de marido, querida. Afinal de contas, não podemos esquecer que esta é a nossa noite de bodas.

Do outro lado da mesa, Harriet registrou o pouco sutil comentário com um delicioso rubor. A mãe de Gideon, em troca, não expressou o menor prazer.

- Gideon! Como pode dizer algo tão escandaloso! – protestou, fulminando-o com o olhar - Esta é uma casa decente e não se fala dessas coisas à mesa. Sabe perfeitamente. Nesses últimos anos você perdeu completamente a boa educação.

- Apoiado, meu Deus! – murmurou Hardcastle – Você envergonhou a menina. Desculpe-se imediatamente com sua esposa.

Harriet olhou Gideon com um sorriso cínico.

- Isso, St. Justin. Faça-o imediatamente. Nunca o ouvi pedir desculpas e morro para escutar essa novidade.

Gideon se levantou para lhe dedicar uma cortês reverência, com os olhos faiscantes.

- Peço-lhe mil desculpas, senhora. Não tive intenção de ofender sua delicada sensibilidade.

- Que bonito! – Harriet se voltou para os sogros – E, não é que ele fez direitinho? Tenho grandes esperanças de que com o tempo, aprenda a agir na alta sociedade sem causar nenhum caos.

A mãe de Gideon levantou-se abruptamente, com a boca apertada em uma dura linha.

- Acredito que Harriet e eu nos retiraremos ao salão.

A jovem se levantou obediente.

- Sim, será melhor que nos retiremos antes que St. Justin diga algum outro disparate. Comporte-se bem durante minha ausência, milord.

- Farei o possível – prometeu Gideon. E seguiu com a vista Harriet, que saía da sala de jantar. Ao fechar a porta voltou a sentar-se.

Fez-se um profundo silêncio. Hawkins se adiantou com o porto e serviu as taças para o visconde e seu pai. Logo se retirou.

O silêncio se dilatava entre ambos. Gideon não tratou de quebrá-lo. Era a primeira vez em muito tempo que se encontrava a sós com seu pai. E se ele desejava lhe falar, teria que ser ele quem fizesse o esforço.

- É uma mulher interessante – disse o conde, por fim - Reconheço. Muito fora do comum.

- Certo. É um de seus maiores atrativos.

O silêncio voltou a encher a habitação.

- Muito diferente do que eu teria suposto. – comentou Hardcastle.

- Depois do que ocorreu com Deirdre? – Gideon provou o rico porto, estudando os elegantes candelabros de prata - Agora tenho seis anos a mais, senhor. E, apesar de todos os meus defeitos, dificilmente, cometo duas vezes o mesmo engano.

Hardcastle resmungou.

- Quer dizer que desta vez teve a decência de agir como corresponde a um cavalheiro?

Gideon apertou os dedos ao pé da taça.

- Não, senhor. Quero dizer que desta vez encontrei uma mulher em que posso confiar.

Na sala de jantar voltou a reinar o silêncio.

- Sua senhora confia em você, por certo – murmurou Hardcastle.

- Sim, e é uma experiência muito agradável. Fazia muito tempo que ninguém confiava em mim.

- Bom, e que diabos esperava, depois do que aconteceu com Deirdre? – espetou-lhe o pai.

- Confiança.

Hardcastle descarregou a palma contra a mesa, fazendo saltar as taças.

- Quando a moça morreu estava grávida. Você rompeu o compromisso justamente antes que se matasse. E ela disse a seu pai que a tinha rechaçado depois de violá-la. O que podíamos pensar?

- Que talvez ela mentisse.

- Por que mentir se pensava em matar-se, santo Deus? Não tinha nada a perder.

- Não sei o que pensou. Quando veio ver-me não agia racionalmente. Ela...

Gideon se interrompeu. De nada serviria tratar de explicar como se apresentou Deirdre, aquela noite, tratando subitamente de seduzi-lo. Era óbvio que lhe ocorria algo.

Depois de passar meses inteiros sem mostrar a menor resposta aos beijos de Gideon, vacilantes e castos por completo, de repente jogava-se em seus braços, com um louco ar de desespero. De algum modo ele compreendeu que tinha estado com outro homem. Quando a enfrentou com suas suspeitas, Deirdre estalou de ódio. Suas palavras ainda lhe ressonavam nos ouvidos:

“Sim, há outro. E me alegro que não tenha posto em mim essas mãos horrorosas, sua besta monstruosa. Duvido que eu pudesse suportar. Nunca suportaria ver essa cara horrenda sobre mim. Acaso acreditou que eu desejava fazer amor com você? Me casar contigo? Foi meu pai quem me obrigou a aceitar sua proposta!”

O conde tomou um grande gole do porto.

- Se esteve com outro, por que não o confessou? Pode ter deixado uma nota ou algo assim. Homem! Tem ideia dos esforços que fez sua pobre mãe para convencer-se de que Deirdre se deixou seduzir por outro? Mas os fatos falam por si só.

- Seria melhor que falássemos de outra coisa – sugeriu Gideon.

- Meu único neto morreu com Deirdre Rushton, que diabos...!

Então Gideon perdeu o domínio de si.

- Não, maldita seja! Aquele que morreu com Deirdre não era seu neto! Era de outro! Esse bebê não era meu!

- Gideon, por Deus, tome cuidado com essa taça.

- Pela última vez: – rugiu Gideon, com o rosto furioso - juro por minha honra, embora você não me acredite honrado. Não violei Deirdre Rushton. Nunca a toquei. Se quiser saber a verdade, ela não suportava que a tocasse. Disse-o com toda clareza.

Com um tremendo esforço de vontade, voltou a dominar-se e depositou com muito cuidado a taça na mesa. O pai o observava com desconfiança.

- Pode ser que tenha razão, – disse - é melhor falarmos de outra coisa.

- Sim. – Gideon aspirou fundo para acalmar-se – Perdoe-me pelo dramatismo, senhor. Depois de tantos anos já deveria saber que estas táticas são inúteis. A culpa é de minha esposa. Passou o dia queixando-se que não me explico. – Sorriu sombriamente - Mas veja o que ocorre quando o faço. Ninguém acredita em mim.

- Com exceção de sua esposa? – sugeriu Hardcastle, sem alterar-se.

- Ela acreditou em minha inocência sem que eu me incomodasse em lhe dar explicações. – disse Gideon, não sem um arrebatamento de profunda satisfação - Em realidade, nunca lhe

contei a história completa. Entretanto, de pé, em meio de um salão lotado, anunciou a todas as pessoas de bem que, obviamente, o bebê de Deirdre tinha outro homem como pai.

- Não estranho que tenha se casado com ela. - observou secamente o conde.

- Suponho que não. De que outro assunto deseja falar, senhor?

Hardcastle o olhou por um longo momento.

- Dos ladrões, suponho. Fale-me desses vilões que usavam as cavernas para esconder bens roubados.

Gideon fez um esforço para concentrar-se na questão.

- Não há muito que dizer. Estendi-lhes uma armadilha utilizando um detetive e apanhamos aos que escondiam o botim.

- Como se inteirou do que acontecia?

Gideon sorriu com ironia.

- Foi Harriet quem descobriu a caverna cheia de coisas roubadas, enquanto procurava fósseis. Escreveu-me para fosse para Upper Biddleton e me ordenou que solucionasse a questão o quanto antes, pois desejava continuar explorando essa caverna. Se por acaso não notou, devo dizer que Harriet tem uma tendência tirânica.

- Compreendo. Então apanhou os bandidos. E no processo casou-se com Harriet.

- Sim. – Gideon fez girar a taça de porto entre as palmas, contemplando os brilhos de rubi - Há só um detalhe que ainda me preocupa: acredito que havia um quarto homem que não apanhamos.

- Por que pensa isso?

- Primeiro: ao interrogar os ladrões, todos asseguraram ter recebido instruções de um homem misterioso, que nunca viram a cara. Inclino-me a acreditar neles.

- Por quê?

- Os artigos escondidos na caverna eram de excelente qualidade e fino artesanato. Nenhum provinha da zona de Upper Biddleton. Os homens capturados não eram do tipo

conhecedor dessas coisas, explico-me? Eram dos que, ao ver uma casa luxuosa, quebram o vidro para entrar e apoderar-se da primeira coisa que lhes pareça valiosa.

- Compreendo. – disse Hardcastle, lentamente.

- Mais ainda: quando o detetive devolveu algum desses objetos roubados a seus proprietários, todos de Londres inteiraram-se de que ninguém tinha descoberto a incursão dos ladrões; só notaram a falta de um objeto.

O conde estremeceu.

- Quer dizer que os ladrões entraram sem que ninguém notasse imediatamente?

Gideon meneou lentamente a cabeça.

- Não houve vidros quebrados, nem fechaduras violadas que alertassem os proprietários. Pense em quão grande é esta casa ou a de Blackthorne Hall. A que tinha em Londres também era imensa. Se alguém entrasse sem forçar portas, nem janelas, como você saberia do roubo? Somente ao sentir falta de alguma peça.

- Bem, suponho que tem razão. Mas o que me diz do pessoal doméstico?

- Conforme me disse Dobbs, o detetive de Bow Street, eram os serventes quem detectavam a falta.

O pai o olhou com intensa curiosidade.

- E que conclusões você tirou disso?

- Que alguém estudava previamente as casas, para detectar que objetos valiosos havia e onde se encontravam – disse Gideon - Logo, essa mesma pessoa dispunha as coisas de modo que as peças fossem roubadas de uma maneira limpa e eficiente, sem necessidade de forçar janelas, nem fechaduras.

- E você acredita que essa pessoa pode estar ainda em atividade?

- Sei que não foi presa. – Gideon bebeu o resto de seu porto - Sabemos que tem vista de conhecedor e que pode entrar nas melhores casas. E mais um detalhe, muito interessante.

- Que está familiarizado com as cavernas de Upper Biddleton – assinalou o conde.

- Sim. Conhece-as muito bem.

- Não deve haver muitas pessoas que se enquadrem em todas essas características.

- Pelo contrário. – Gideon esboçou um sorriso lúgubre - Com o correr dos anos houve muitos homens procurando fósseis nas cavernas de Upper Biddleton. E uma boa proporção deles são cavalheiros que atuam na alta sociedade. Você mesmo, senhor.

- Eu?

- Enquadra-se perfeitamente no perfil. É um cavalheiro especialista, que se move nos melhores salões e também é perito nas cavernas de Upper Biddleton.

O conde ficou estupefato. Logo seus olhos se acenderam de ira.

- Como se atreve a sugerir semelhante coisa de seu próprio pai?

Gideon levantou-se imediatamente, inclinando a cabeça em uma fria reverência.

- Peço-lhe perdão, senhor. Não quis sugerir nada. Nunca suspeitei que você fosse um ladrão, é obvio. Sua honra está acima de qualquer censura.

- Assim espero!

- Mais ainda: como administrador de seus imóveis conheço bem a magnitude de sua fortuna. Você não precisa recorrer ao roubo. Portanto, não o incluo em minha lista de suspeitos.

- Por Deus! – bramou o conde - Que coisa tão desrespeitosa e suja! Insinuar sequer que eu possa ser um suspeito! Isso está além do tolerável, meu senhor.

Gideon se encaminhou para a porta.

- Achou a sensação interessante?

- Do que você está falando? – espetou-lhe o pai.

- Da sensação que experimentamos quando a pessoa que mais deveria nos respeitar duvida de nossa honra, sobretudo se for impossível demonstrar nossa inocência.

Sem esperar resposta, Gideon saiu da sala de jantar, fechando a porta atrás de si.

Capítulo 14

Harriet observava o palco iluminado, por cima do corrimão do camarote. Em frente ao espaço que compartilhava com suas tias e Felicity, ficavam outros repletos de pessoas bem vestidas e disputando atenção geral. Cada camarote era um pequeno cenário por si só, uma plataforma em que se exibiam os espectadores com suas joias e seus amantes do momento.

Abaixo, na plateia, representava seu próprio espetáculo uma multidão inquieta e criativa, que pouco antes do intervalo tinha estado a ponto de sufocar os artistas. Os almofadinhas se pavoneavam, contando histórias grosseiras e dando tapinhas nas costas e, em geral, provocavam uma alegre perturbação tão interessante como o que acontecia no palco.

A princípio, Harriet tinha sentido interesse pela obra, mas logo se aborreceu. Teria preferido mil vezes estar em sua casa, estudando dentes fósseis. Mas essa era apenas a segunda noite que passava em Londres como viscondessa St. Justin e Gideon tinha insistido em que aceitasse o convite de sua família para ir ao teatro.

Harriet não compreendeu o porquê dessa insistência até que percebeu uma constante torrente de visitas que chegavam ao camarote de Adelaide: Gideon tinha sua flamejante esposa em exibição.

- Está se divertindo? – perguntou-lhe Felicity, durante uma breve pausa entre as visitas. Estava radiante com seu vestido de musselina rosada, debruado de fitas e babados - Como o teatro está cheio hoje!

- Sim, é verdade. E faz muito calor. – Harriet utilizou vigorosamente o leque, mas se deteve de repente ao ver que sua irmã meneava a cabeça, em um gesto de zombador desespero.

Suspirou. Nunca tinha adquirido a habilidade de utilizar o leque para paquerar ou seduzir, tal como era o verdadeiro propósito do leque. Pelo menos, ninguém poderia queixar-se de seu vestido: um atraente modelo de musselina turquesa, com babados no decote e fitas brancas, escolhido por Felicity.

Abriu-se a cortina da entrada e por ali ingressaram dois elegantes jovens, vestidos com imaculados trajes de gala.

- Chegaram os gêmeos Adonis – murmurou Harriet.

- Já vi. – Felicity sorriu; desfrutava plenamente de seu papel de diamante de primeira água.

Os dois jovens aos quais Harriet tinha rebatizado “os gêmeos Adonis” não eram nem parentes, mas tinham a mesma estatura e idêntica coloração, gostavam do mesmo alfaiate e cortejavam às mesmas mulheres. Por esse motivo estavam aos pés de Felicity.

Ambos saudaram cortesmente às tias. Logo se voltaram para a moça ofegantes. Felicity os deslumbrou imediatamente com um sorriso.

- Boa noite, cavalheiros. É um prazer vê-los aqui. Vocês conhecem minha irmã, a brilhante viscondessa St. Justin?

- É um prazer tê-la de novo na capital, senhora – saudou o primeiro Adonis com uma graciosa reverência. Uma breve crítica lhe encheu os olhos.

- Um prazer. Felicito-a por seu recente casamento. – O segundo Adonis imitou a cortês reverência de seu companheiro. Logo os dois depositaram sua atenção em Felicity.

Na parte traseira do camarote, Adelaide e Effie conversavam com uma duquesa viúva, já idosa e vestida de negro. Harriet a ouviu comentar com Effie, que toda a família devia estar muito aliviada pela concretização desse casamento.

- Nós adoramos, é obvio – confirmou a tia, serena. E logo adicionou, mentindo descaradamente - Naturalmente, foi uma desilusão que estes jovens não pudessem esperar que organizássemos umas bodas formais. Mas o amor sempre foge ao controle, não é verdade?

- Alguém fugiu ao controle, sim. – murmurou a viúva - E em minha opinião foi St. Justin.

Muito consciente de ser objeto de vários olhares curiosos de outros camarotes, Harriet se inclinou no corrimão para contemplar uma disputa iniciada abaixo, na plateia. Só soube que havia um novo visitante no camarote quando ouviu uma voz masculina familiar que saudava as tias.

- OH, boa noite, senhor Morland – exclamou Effie - Quanto me alegro de vê-lo!
- Vim apresentar meus respeitos a brilhante viscondessa St. Justin – disse Bryce.
- É claro, é claro.

Harriet virou em seu assento e viu Bryce de pé, junto a ela. Seu cabelo dourado resplandecia a luz; em seu sorriso havia uma grande dose de encanto. Então recordou a advertência de Gideon: “Não é tão angelical como parece”.

- Boa noite, senhor Morland – saudou, com um sorriso cortês.
- Senhora... – Bryce tomou assento em uma cadeira forrada de veludo, a seu lado, e a olhou nos olhos, baixando a voz – Você está encantadora.
- Obrigado, senhor.
- Acabo de me inteirar esta manhã de que estava outra vez na cidade – continuou Bryce - E casada, além disso.

Harriet inclinou a cabeça. Geralmente, as pessoas a felicitavam apenas pelo seu compromisso.

- Sim.
- Depois de sua inesperada partida há alguns dias, houve diversos rumores alarmantes.
- Verdade? – Harriet encolheu de ombros - A mim, os fatos não alarmaram. Não posso entender por que tenha alarmado aos outros.
- Alguns temiam por sua segurança. – explicou Bryce, em voz baixa.
- Tolices. Não corri perigo em nenhum momento. Não imagino de onde tiraram essa ideia. Bryce sorriu com tristeza.
- Os que se interessam por você acreditaram ter motivos para temer quando soubemos que St. Justin tinha ido atrás de você e seus amigos.
- Bem, agora todos sabem que não havia absolutamente nada a temer – disse Harriet, com firmeza.
- Você é uma dama muito valente, senhora. – Bryce inclinou a cabeça como forma de tributo - Admiro-a profundamente.

Harriet o fulminou com o olhar.

- Posso saber do que está falando?

- Não tem importância. E a coisa está feita. – Bryce assinalou a multidão com a cabeça - Incomodam-na os olhares e os comentários? Você é a última curiosidade do cenário social, lady St. Justin. A noiva da Besta de Blackthorne Hall.

Harriet recostou-se, aborrecida.

- Pedi-lhe com toda clareza que não volte a chamar meu marido por esse apelido horrível. Faça o favor de abandonar este camarote, senhor Morland.

- Não quis ofendê-la, senhora. Limito-me a repetir o que todos dizem. Você mataria o portador das más notícias?

- Sim, se fosse necessário fazê-lo para evitar que as repetisse. – E o despediu com um gesto do leque - E agora, senhor, tenha a bem retirar-se. Não estou com humor para essas tolices.

- Como você desejar. – Bryce ficou de pé e lhe segurou a mão antes que ela captasse sua intenção. Logo se inclinou sobre seus dedos - Me permita lhe repetir que conta com minha total admiração.

- Na verdade, senhor Morland, já é suficiente.

Ele baixou a voz para que só Harriet pudesse escutá-lo.

- Sua valentia se está fazendo legendária entre as pessoas de bom tom. São poucas as mulheres que poderiam enfrentar a perspectiva de compartilhar o leito conjugal com um monstro como St. Justin.

Harriet lhe arrebatou a mão no momento exato em que as cortinas de veludo voltavam a separar-se. Gideon apareceu no camarote e seus olhos se fixaram imediatamente em Bryce.

- St. Justin. – Bryce lhe dedicou um sorriso lacônico - Estava felicitando sua flamejante esposa.

- Verdade? – Gideon lhe voltou às costas para saudar Effie, Adelaide e Felicity. Logo olhou Harriet, estudando serenamente sua expressão.

Harriet as compôs para sorrir imediatamente, tratando de evitar qualquer motivo de provocação entre Gideon e Bryce. Applegate tinha se salvado por um triz. Não tinha sido fácil convencer Gideon de que retirasse o desafio...

- Você veio milord – disse, com desenvoltura - Já duvidava de vê-lo por aqui.

Gideon se aproximou dela, roçando em Bryce como se fosse um fantasma invisível, e se inclinou para ela para lhe beijar a mão.

- Não prometi me reunir com você aqui? – lembrou-lhe, gentilmente.

- Sim, é claro. – Harriet estava inquieta. Percebia a hostilidade entre esses dois homens e não queria distúrbios – Sente-se, senhor, que vai começar o segundo ato. – E dirigiu uma altiva inclinação de cabeça à Bryce, que observava Gideon com olhos tristes e pensativos - Boa noite, senhor Morland. Obrigado por vir felicitar-me.

- Boa noite, senhora. – Bryce desapareceu entre as cortinas de veludo.

- Incomodou-a, por ventura? – perguntou Gideon em voz baixa, ao sentar-se junto à Harriet.

- Não, por Deus. – A jovem desdobrou seu leque e começou a movê-lo rapidamente - Não fez mais que mostrar-se cortês.

E surpreendeu um olhar inquisitivo de sua irmã, que lhe perguntava se tudo estava bem. Ela tratou de lhe transmitir sempre em silêncio que tinha tudo sob controle.

- Me alegro. – Gideon se reclinou na cadeira vizinha com uma arrogante atitude de proprietário, para que todo o teatro visse - Está gostando da representação?

- Não muito. – confessou Harriet - Para começar, não se escuta nada. Hoje o público está muito barulhento. E pouco antes do intervalo alguns espectadores da plateia começaram a jogar cascas de laranja no palco.

Adelaide riu entre dentes.

- Harriet acredita na ideia de que se vai ao teatro para ver e escutar a representação, St. Justin. Explicamos-lhe que esse é o menos importante dos objetivos.

Gideon curvou levemente a boca e observou à multidão com óbvia satisfação.

- Muito certo.

Harriet moveu-se na cadeira por puro desassossego. Estava farta de que a exibissem como flamejante esposa da Besta de Blackthorne Hall.

Já avançava a noite, quando sua donzela saiu do quarto e a deixou finalmente sozinha, Harriet decidiu que tinha chegado o momento de enfrentar Gideon. Dirigiu-se à porta que comunicava seu dormitório com o de Gideon e apoiou a orelha contra ela, a tempo para ouvir se o ajudante de câmara já havia saído. Então abriu a porta e entrou sem rodeios.

- Quero falar com você, milord – anunciou.

Gideon, vestido com uma bata negra, estava se servindo de uma taça de conhaque. Levantou os olhos com uma sobrancelha levemente arqueada.

- É claro, querida minha. Ia para o seu quarto, mas já que você veio, podemos compartilhar uma taça de conhaque.

- Não, obrigado. Não gosto.

- Detecto certa irritação em sua voz. – Gideon tomou um gole de sua bebida e a olhou com atenção - Está chateada comigo por algum motivo, Harriet?

- Com efeito, Gideon. Esta noite, eu não queria ir ao teatro. Fui porque você insistiu.

- Supus que gostaria de estar com sua família e lhes demonstrar que estava bem casada. Já não deve preocupá-las com a possibilidade de que eu a abandone depois de havê-la ultrajado. Agora é a viscondessa St. Justin, para sempre.

- Não foi por isso que você insistiu, bem sabe. Gideon, minha irmã diz que você me exhibe como se fosse uma estranha espécie de mascote. É certo? Porque, se for assim, eu não gosto. Já estou farta.

- Você é de uma espécie muito estranha, querida minha – ele confirmou, com olhos resplandecentes - Muito estranha, por certo.

- Isso não é verdade, milord. Sou uma mulher perfeitamente comum que, por acaso, encontra-se casada com você. E não quero seguir em exibição, Gideon. Não demonstrou você o que desejava demonstrar à alta sociedade, fosse o que fosse?

- Sua irmã pode dizer o que quiser, mas não a enviei ao teatro para exibi-la, Harriet.

- Tem certeza, milord? – perguntou ela, com suavidade.

- É claro, que demônios. Que pergunta ridícula! Supus que gostaria de estar com seus parentes e ver a representação. Isso era tudo.

- Muito bem – disse Harriet - A próxima vez que você me sugerir ir a um lugar e eu não quiser estarei com direito a me negar.

Deu-lhe um olhar de aborrecimento.

- Agora é uma mulher casada, Harriet, e deve obedecer.

- Ora vejam! Quer dizer que pretende ordenar que eu vá a lugares onde não tenho desejos de ir?

- Harriet.

- Se começar a me dar esse tipo de ordens, devo chegar à conclusão de que seu objetivo não é me agradar – disse Harriet - E até agora, o único motivo que vejo é sua vontade de me exhibir.

- Não a estou exibindo! – Gideon bebeu o conhaque com expressão irritada.

- Nesse caso, voltemos para Upper Biddleton – sugeriu Harriet, imediatamente - Nenhum dos dois gosta muito da vida na capital. Vamos para casa.

- Tão ansiosa está para voltar aos seus fósseis?

- Naturalmente. Você já sabe quanto me preocupa a possibilidade de que alguma outra pessoa encontre os ossos que acompanham o meu dente. E você desfruta da alta sociedade tão pouco como eu. Portanto, não vejo motivos para seguir aqui em vez de retornar à Upper Biddleton.

- Você e seus malditos fósseis! – resmungou Gideon - Não pode pensar em outra coisa?

De repente Harriet se deu conta de que ele não estava simplesmente abatido, mas crescentemente furioso.

- Você sabe que isso não é certo, milord.

- Não? Diga-me, querida: que posto ocupo em relação com seus fósseis? Outros maridos têm que competir com homens como Morland. Eu me encontro competindo com um punhado de ossos e dentes velhos.

- Esta discussão está ficando idiota. Esta noite não o compreendo, milord.

Gideon sussurrou.

- Nem eu mesmo estou seguro de me compreender. Não estou de muito bom humor, Harriet. Faria melhor em deitar-se.

Harriet aproximou-se para apoiar a mão em seu braço e olhar em seu rosto.

- O que aconteceu, Gideon?

- Nada.

- Não me ponha de lado desse modo. Algo deve ter ocorrido para azedá-lo assim.

- Você não costuma dizer que sou azedo por natureza?

- Nem sempre – replicou ela - Me diga o que o aborreceu, Gideon. Foi encontrar o senhor Morland em nosso camarote?

Gideon se separou dela para servir-se outra taça de conhaque.

- Eu me encarregarei de Morland.

- Gideon! – Harriet estava espantada - O que diz?

- Digo que eu me encarregarei dele.

- Escute-me, St. Justin: – lhe espetou Harriet - não se atreva sequer a pensar em desafiar em duelo o senhor Morland. Nem por um momento, entende-me? Não vou tolerar isto.

- O quê! Está apaixonada por ele? – grasnou ele.

- Gideon, por Deus! Você sabe muito bem que isso não é verdade. O que é o que ocorre?

- Já lhe disse: seria melhor que se deitasse senhora.

- Não vou permitir que mande me deitar como a um menino travesso, enquanto você dá voltas e voltas como uma grande... Uma grande...

- Besta?

- Não, como uma besta, não! – chiou Harriet - Como uma pessoa temperamental e difícil, como um marido insensível que não confia em sua mulher.

Isso o deteve em seco. Gideon a olhou.

- Sim, eu confio em você, Harriet.

Ela leu em seus olhos essa simples verdade; uma parte dela, que tinha se posto muito fria, enfraqueceu intensamente.

- Bom, – murmurou – por sua maneira de agir, não me parece.

Os olhos castanhos eram quase de ouro à luz do fogo.

- Não há na face da terra outra pessoa em que eu confie tão absolutamente como em você. Não esqueça jamais.

Harriet experimentou um embriagador arrebatamento de felicidade.

- Fala sério?

- Nunca digo nada que não pense antes.

- Oh, Gideon, isso é a coisa mais bonita que já me disse até agora. – E cruzou o quarto correndo para jogar-se em seus braços.

- Meu Deus, como pôde pensar que não lhe tinha confiança? – Ele deixou sua taça de conhaque para estreitá-la contra si - Não duvide disso nunca, meu doce.

- Mas se confia em mim, – sussurrou ela contra seu peito - por que o preocupa o senhor Morland?

- Porque é perigoso – respondeu ele, com simplicidade.

- Como sabe?

- Conheço-o a fundo. Em outros tempos se dizia meu amigo. Afinal de contas, tínhamos passado juntos uma parte da infância. Quando éramos meninos sua família passou alguns anos perto de Blackthorne Hall, antes de mudar-se. Voltamos a nos encontrar em Londres,

quando viajei para estudar na universidade. E ele seguia considerando-se meu amigo, até depois de me cortar o rosto com um estoque de esgrima.

Harriet ficou muito quieta. Levantou a cabeça com os olhos muito abertos e tocou a cicatriz com dedos suaves.

- Morland fez isto em você?

- Foi um acidente. Ao menos, isso, disse ele. Éramos bem mais jovens e possivelmente, um pouco loucos. O caso é que uma noite, depois de muito beber, Morland me desafiou a um encontro de esgrima e eu aceitei.

- Valha-me Deus!— sussurrou Harriet.

- Não tínhamos máscaras, mas sim botões na ponta dos estoques. Nossos amigos nos abriram espaço e começaram a apostar. Acordamos que o vitorioso seria quem primeiro conseguisse transpassar a guarda do adversário.

- E o que ocorreu?

Gideon encolheu os ombros.

- Tudo acabou em alguns minutos. Morland não era muito bom esgrimista. Eu ganhei ao lhe fazer voar o estoque. Logo, deu um passo atrás e baixei a guarda. Mas ele recolheu a arma e arremeteu sem prévio aviso. O botão de seu aço se desprende de algum modo, e a ponta me abriu a mandíbula.

- Gideon! Poderia tê-lo matado!

- Sim. Muitas vezes me perguntei se não era essa sua intenção. Vi algo em seus olhos, durante esses poucos segundos, enquanto arremetia contra mim. Nesse momento me odiava, pior não sei o motivo.

- Como explicou o fato de ter arremetido contra você depois de vencido?

- Mais tarde me disse que não havia se dado conta de que me considerava ganhador. Supôs que a briga ainda não tinha terminado, que eu me limitava a retroceder.

- E a falta de botão no estoque? Como a justificou?

- Como acidente. – Gideon encolheu os ombros - No calor do combate não tinha notado que lhe faltava o dispositivo. A explicação era lógica, pois acontece com frequência.

- E você, o que fez?

Houve um momento de silêncio.

- Ao ver a fúria em seus olhos reagi por instinto. Lutei como se o combate, de repente, tivesse se tornado real. Morland se viu tomado de surpresa e caiu. Então deixei cair minha espada e recolhi a sua. Apoiei-lhe a ponta nua contra o pescoço. Ele gritou que tudo tinha sido um acidente.

- E você acreditou nele?

- Que outra explicação havia? Nós dois estávamos ébrios. Disse-me que devia ser um acidente, que Morland era meu amigo. Mas nunca pude esquecer a expressão de seus olhos ao arremeter contra mim.

- Seguiram sendo amigos?

- De certo modo. Mais adiante me apresentou desculpas e eu as aceitei. Disse-me que tudo tinha terminado. A cicatriz não se apagaria jamais, mas eu reconheci que era minha culpa, por aceitar essa estúpida provocação.

- Ele assegura ter sido o único que apoiou você quando lhe acusaram de abandonar Deirdre.

Gideon sorriu sem humor.

- É verdade. Mas, como foi ele quem a seduziu e lhe fez o filho, embora na época estivesse casado, provavelmente supôs que lhe convinha adotar o papel de meu amigo. Desse modo parecia inocente por completo.

Harriet levantou a cabeça, com os olhos dilatados de espanto.

- Foi Morland quem a seduziu?

- Sim. Deirdre assim o admitiu naquela noite, quando veio ver-me. Mas depois de sua morte não havia maneira de prová-lo. – Gideon torceu a boca - Teria sido muito útil que a

moça tivesse deixado um bilhete antes de matar-se. Mas Deirdre nunca foi muito atenta com o próximo. Provavelmente lhe importava muito pouco que me culpassem de seu suicídio.

Harriet estremeceu diante da dor e da frustração que expressava aquela voz.

- Não me diga que ainda a ama, Gideon?

- Não, por Deus. – Olhou-a com assombro - Quando pedi sua mão, estava convencido de amá-la. Agora acredito que estava simplesmente deslumbrado por sua beleza e pelo fato de que uma criatura tão bela pudesse me aceitar. Mas o que sentia por Deirdre Rushton morreu na noite em que ela veio para mim. Disse-me que só tinha concordado com minha corte por ordens de seu pai e que esperava um filho de outro homem. E que não suportava sequer verme.

- OH, Gideon... – Harriet lhe rodeou a cintura com os braços - Parece ter estado muito desesperada. Era muito jovem; sem dúvida acreditou que estivesse apaixonada por Morland. Sabia que era impossível casar-se com ele e lhe doía ver-se obrigada a casar-se com um homem a quem não amava. Culpou você por seus problemas.

- Não precisa buscar desculpas para Deirdre. – murmurou Gideon.

- Só quero fazê-lo compreender que provavelmente não odiava você. Simplesmente não achou saída e descarregou em você seu medo e sua frustração.

- Se o que procurava era vingar-se de mim, conseguiu, por certo.

- Sei. Faz seis longos anos que vive em um inferno particular.

- É uma maneira muito dramática de expressá-lo, mas se aproxima bastante à verdade – disse Gideon, seco - Reconheço que, nestes seis anos, tenho me sentido muito sozinho.

Harriet sorriu trêmula.

- Mas, agora não. Agora, você tem a mim.

- Agora tenho você. – Gideon levantou as mãos para lhe tocar o cabelo - E juro que cuidarei muito bem de você, Harriet.

- Obrigado, milord. Eu também prometo cuidá-lo bem.

- Seriamente? – Nos olhos castanhos resplandecia um fogo ardente.

- Oh, sim. Engana-se ao pensar que eu gosto mais dos fósseis do que de você, milord. –
ergueu-se em pontas dos pés para lhe roçar os lábios com os seus - É certo que estou muito
afeiçoada a eles, mas estou muito mais a você, senhor.

Ele sorriu lentamente.

- Agrada-me sabê-lo.

E a elevou em braços, como se fosse uma pluma. Com Gideon se sentia como a delicada
princesa de um conto de fadas.

Depositou-a no centro de sua cama e se deitou junto a ela.

- Poderia você me mostrar que partes de minha anatomia a impressionam tanto ou mais
que seus ossos antigos, senhora?

Harriet sorriu.

- A lista seria muito longa.

- Nesse caso, comece da ponta dos pés para cima.

- Com prazer.

Empurrou-o um pouquinho. Gideon, para dar-lhe gosto, estendeu-se de costas. Logo ela se
ajoelhou a seu lado, estudando seus grandes pés com expressão séria.

- Devo reconhecer que dificilmente encontrei metatarsos fósseis de semelhante tamanho.

- Sinto-me adulado. – Gideon a observava à luz do fogo.

- E poucas vezes se encontram tíbias destas proporções. – Harriet deslizou lentamente um
dedo para cima, pelo lado interior da perna - Impressionante.

- Alivia-me saber que pareço favorecido nessa parte de minha anatomia.

- Decididamente – lhe assegurou ela. Deslizou os dedos pelo joelho e pelo lado interior da
coxa - Certa vez tive o privilégio de examinar o fêmur de um elefante, mas nunca mais pude
ver outro tão magnífico.

Gideon conteve o fôlego, pois aquela palma continuava subindo e afastando a bata de
seda negra.

- Me alegro de que saiba apreciá-lo.

- Por certo, milord. – Ela inclinou a cabeça para deixar cair um beijo úmido na perna. O pêlo duro e encaracolado fez cócegas no nariz. Seu aroma masculino a fez tomar profunda consciência de sua própria excitação. Tocou a grossa virilidade - E agora chegamos a um descobrimento muito interessante.

- Não me diga que achou fósseis dessa parte anatômica em especial.

- Não, – admitiu Harriet - mas é tão duro como qualquer fóssil que eu tenha escavado.

- Ah... – Gideon aspirou fundo diante das carícias.

Harriet notou que lhe esticavam rapidamente os músculos das pernas e o torso. Acariciá-lo era como tocar aço. Sua potência era hipnótica.

- Se tivesse descoberto algo similar a isto – murmurou Harriet, circundando-a com a ponta dos dedos – não teria deixado de descrevê-lo em um artigo para Atas.

A risada de Gideon pareceu um grunhido de frustração.

- Não acredito sobreviver a esta lição. Venha, senhora, que devo sepultar certa fração de minha anatomia em seus estratos, antes que se solidifique por pura frustração e fique convertido em um fóssil.

Harriet, sorrindo, deixou-se atrair contra esse corpo. De repente se encontrou escarranchada sobre ele. Excitava-a sentir as fortes coxas entre as suas, a virilidade de Gideon palpitando abaixo. Isso a fazia reconhecer a vívida consciência de seus próprios poderes de mulher.

Inclinou-se para frente, lhe afastando a bata para estender os dedos ao longo do torso. Logo baixou a cabeça para lhe roçar os mamilos com a língua.

- Bom - sussurrou Gideon – muito bom...

Ele colocou as mãos sobre os joelhos, olhando lentamente a intimidade de Harriete, entre suas coxas. Ao encontrar a parte suave procurou o calor líquido. Logo afundou pouco a pouco um dedo para ver se estava preparada.

- Gideon! – Harriet arqueou as costas para trás, reagindo diante da deliciosa invasão com todo seu corpo tenso.

- Leve-me para dentro – sussurrou ele, com um grunhido grave – Me tome e me leve dentro.

Ela alargou os dedos trêmulos, buscando-o. Logo se levantou sobre os joelhos e desceu com muita lentidão. Ele deixou que ela marcasse o ritmo.

Harriet se sentiu distendida e completa. A sensação foi deliciosa, como sempre. Guiou-o sem pressa, para saboreá-lo centímetro a centímetro.

E, de repente, Gideon a penetrou profundamente. Encontraram-se unidos como só podem estar um homem e uma mulher. Ela se rendeu uma vez mais ao prazer inigualável de estar nos fortes braços de Gideon.

Por um momento muito longo não pensou em Bryce Morland, nem nas coisas terríveis que tinha feito a Gideon. Quando recordou o espantoso relato, ao despertar, descobriu que Gideon dormia profundamente ao seu lado.

Pensou despertá-lo para lhe recordar que não devia provocar deliberadamente Bryce. Mas ele dormia tão pacificamente, que lhe pareceu melhor esperar até a manhã.

Pela manhã, quando voltou a despertar, Gideon já tinha partido.

Capítulo 15

Nessa manhã, quando Gideon entrou no Tattersall's, o pátio já estava lotado. Claro que o estabelecimento era muito concorrido, sobre tudo quando havia vendas como a desse dia. Já que eram os leiloeiros exclusivos dos melhores cavalos de raça de Londres, atraíam aos cavalheiros de bom tom como as guloseimas aos meninos. Todos os que podiam pagar as montarias mais espetaculares (e alguns que não podiam) competiam entre si para consegu-las.

Parte do pátio estava coberto por um telhado sustentado por uma coluna clássica. Gideon apoiou um ombro contra um desses pilares e contemplou ociosamente um cavalo de caça que passava frente à multidão de possíveis compradores. Ele não estava ali em busca de um cavalo de caça.

A seguir exibiram uma formosa junta de baios de corrida, ambos da mesma cor, mas Gideon percebeu que os peitos dos animais eram estreitos. A beleza não tem importância quando se trata de cavalos de corrida; o importante é a resistência e a força. Além disso, tampouco eram cavalos de corrida o que procurava.

Perdido o interesse pelos baios, Gideon estudou a multidão. Estava quase certo de achar sua presa ali. Algumas sutis averiguações no clube, feitas a noite anterior, tinham-lhe revelado que Bryce Morland assistiria pela manhã a esse leilão.

Um momento depois Gideon o distinguiu entre a multidão, de pé no extremo da coluna, falando com um homem gordinho, vestido com uma jaqueta mal feita.

Separando-se da coluna, o visconde pôs-se a andar em direção ao Morland.

Nesse momento apareceu um cavalição com a seguinte oferta: uma formosa égua árabe cinza. Gideon vacilou; de repente lhe veio à mente uma imagem de Harriet no lombo desse bonito animal.

Deteve-se para olhá-lo melhor. A égua tinha uma textura fibrosa e compacta, que prometia força e resistência. As pequenas orelhas pareciam sensíveis e atentas. Os olhos, cheios de inteligência, guardavam boa distância na cabeça esculpida. Harriet saberia apreciar um animal inteligente.

Enquanto Gideon estudava os melindrosos cascos da égua, Morland falou às suas costas.

- Não parece corresponder ao seu estilo, St. Justin. Assenta-se melhor um desses grandes brutos que utiliza habitualmente. Algo que não se faça em pedacinhos quando você montá-lo.

Gideon não o olhou. Mantinha toda sua atenção concentrada na égua.

- Agrada-me encontrá-lo aqui, Morland. Queria falar contigo.

- Seriamente? Que estranho! – o tom de Morland era provocador - Faz seis anos que quase não me dirige a palavra.

- Não tivemos nada sobre o que falar.

- E, agora sim?

- Por desgraça, sim. Quero fazer uma advertência a você, Morland. Espero que preste atenção.

- E se não?

- Se não, terá ver-se comigo. – Gideon gostou do arco atrevido do rabo e o porte orgulhoso da égua. Algo em sua vitalidade e seu entusiasmo lhe fazia pensar em Harriet.

- Está tentando me ameaçar, por ventura? – perguntou Morland, zombador.

- Sim. – Gideon estudou os fortes quartos traseiros e decidiu que ali havia força em abundância. Poderia percorrer boas distâncias - Não quero que se aproxime de minha esposa.

- Maldito filho de puta. – A voz de Bryce perdeu seu tom de sarcasmo. Agora fervia de ira - Quem diabos é você para me fazer advertências?

- Sou St. Justin – respondeu Gideon, com suavidade - a Besta de Blackthorne Hall. E como devo em parte esse título a você, seria prudente que o respeitasse.

- Ameaça-me porque sabe que se eu me empenhar a tirar-lhe a pequena Harriet, posso fazê-lo. Sabe muito bem que bastaria lhe fazer um gesto com o dedo mindinho para que me seguisse.

- Não, – disse Gideon, sem afastar os olhos da égua - não te seguiria.

- Se está tão seguro, por que se incomoda em ameaçar-me?

- Porque não quero que a importune, Morland. – Gideon chamou por gestos ao cavaleiro que conduzia à árabe. - Agora, com licença. Vou comprar um cavalo.

Afastou-se de Morland sem o haver olhado sequer uma vez. Sabia perfeitamente que esse silencioso insulto o irritaria mais que a ameaça em si.

Essa tarde, Gideon voltou para casa ansioso para contar a Harriet sobre a égua só para descobrir que ela havia saído; pensava em ir ao museu do senhor Humboldt. O anúncio de seu presente teria que esperar. Isso o incomodou. Então se deu conta de que esperava ansioso a reação de sua esposa.

Olhou para Owl carrancudo. Owl devolveu.

- Ao museu do senhor Humboldt? – repetiu o senhor.

- Sim, milord. Parecia muito entusiasmada, saberá Deus por que. Não vejo o que pode ter de interessante numa coleção de ossos mofados.

- Terá que acostumar-se ao entusiasmo que essas coisas despertam em lady St. Justin, Owl.

- Assim parece.

Gideon caminhou para a biblioteca, mas se deteve.

- Teve o cuidado de fazer-se acompanhar por sua donzela ou por um dos lacaios?

- Não, mas eu me ocupei disso, senhor. Acompanha-a sua donzela.

- Excelente. É muito digno de confiança, Owl. – Gideon continuou até a porta da biblioteca

- Esta tarde me visitará o senhor Dobbs. Quando chegar faça-o entrar, por favor.

- Sim, milord.

Quinze minutos depois chegou Dobbs, elegante como sempre. Depois de tirar o chapéu achatado, sentou-se frente à Gideon com sua excessiva familiaridade de costume.

- Boa tarde senhor. Trago as listas de convidados que me pediu. – Oferecia-lhe uma pilha de papéis - Não foi possível conseguir todas. Algumas se perderam ou foram jogadas no lixo. Mas obtive umas tantas.

- Bem, vejamos o que há aqui. – Gideon espalhou as folhas pela mesa, para inspecionar as longas listas de convidados das diversas casas que haviam sofrido roubos durante a temporada.

- Não será fácil selecionar os nomes de pessoas que tenham sido hóspedes dessas mansões e que também conheçam essas cavernas, senhor. – Dobbs assinalou as páginas - São centenas de nomes. Os ricos dão festas grandes.

- Já vejo que levará algum tempo. – Gideon deslizou um dedo pela primeira lista - Tenho a intuição de que nosso homem é colecionador de fósseis.

- Não tem por que sê-lo, milord – assinalou Dobbs - Poderia ser uma pessoa criada no distrito de Upper Biddleton ou que tivesse estado de visita lá.

Gideon meneou a cabeça.

- Um simples visitante não estaria tão familiarizado com essas cavernas, principalmente para saber da caverna em que encontramos o saque. Quem escolheu essa caverna conhece bem o lugar. E o único motivo pelo que alguém entra ali é para procurar fósseis.

- Se você diz... Bom, deixo isso em suas mãos, estarei esperando ordens.

- Obrigado, Dobbs. Você me foi muito útil. – Gideon levantou os olhos para o homenzinho, que se levantava - Como conseguiu tantas listas?

A cara de gnomo se enrugou em um grande sorriso.

- Eu disse que as queria como parte da recompensa por devolver os bens roubados. Mostraram-se muito dispostos a me entregar.

Gideon sorriu.

- Era muito mais barato que pagar uma recompensa em espécie, é claro.

- A classe alta está disposta a pagar uma fortuna por uma joia ou um bom cavalo, mas tendem a ser mesquinhos quando se trata de pagar os serviços de pessoas como eu. – Dobbs colocou o chapéu pressionado na cabeça - Mas como desta vez trabalho para você, espero receber minha recompensa. Fiz averiguações. Nesse aspecto, sua reputação é boa. Todo mundo diz que você paga suas contas e não tenta se esquivar dos comerciantes.

Gideon arqueou as sobrancelhas.

- Sempre é um prazer saber que alguém tem boa reputação em algum aspecto.

- No meu bairro, a única reputação que conta é a de ser correto com as contas.

O museu do senhor Humboldt era assombroso e bem valia o custo da entrada. Sua coleção de fósseis, esqueletos, animais embalsamados e plantas exóticas enchia toda a casa, do teto ao porão. Não se tinha salvado um único quarto. Até o seu dormitório continha vitrines e gavetas cheias de esqueletos poeirentos, fósseis marinhos e outros artigos.

Harriet ficou entusiasmada ao ver o tamanho desse museu.

- Olhe isto, Beth – disse a sua criada, observando a fila de quartos do primeiro andar, repletos de tesouros. Os visitantes vagavam em liberdade, examinando crânios de rinocerontes e serpentes embalsamadas, entre exclamações de admiração - É estupendo, absolutamente estupendo.

Beth deu um olhar cauteloso ao primeiro quarto e se estremeceu ao ver o esqueleto de um grande tubarão.

- Tenho que acompanhá-la, senhora? Este tipo de coisas me dá calafrios.

- Bom, pode me esperar no vestíbulo. Eu percorrerei sozinha o museu.

- Obrigado, senhora. – Beth dedicou sua atenção ao jovem que cobrava os ingressos aos escassos visitantes. Dedicou-lhe um sorriso coquete e o jovem respondeu com uma risada audaz.

Harriet não encontrou peças falsificadas.

- O que há nesse quarto? – perguntou, indicando uma porta fechada junto à escada.

O rapaz deu-lhe uma olhada.

- Esse é o estúdio privativo do senhor Humboldt, senhora. Aí não entra ninguém além dele. É a única habitação da casa fechada aos visitantes.

- Compreendo. – Harriet se dirigiu à escada - Muito bem, acredito que começarei pelo andar mais alto e irei descendo até o porão.

Subiu até o segundo andar e se jogou de cabeça no primeiro quarto cheio de vitrines.

Aquilo era o paraíso.

No museu havia poucos visitantes, de modo que ninguém lhe estorvava o passo. O tempo passou rapidamente, enquanto ela ia descendo do último andar da mansão até o subsolo. A princípio, procurava dentes fósseis, mas constantemente a distraía peças fascinantes.

Encontrou um ouriço do mar bem conservado, diferente de tudo o que tinha visto até então. Na mesma vitrine havia outros fósseis marinhos muito interessantes. Em outra, uma variedade de fragmentos que a distraíram por um momento.

Demorou uma eternidade em revisar todas as gavetas dos armários, mas não queria perder nada. Cada vez que dava uma olhada pensava que estava a ponto de descobrir um dente como o achado em Upper Biddleton. Com um pouco de sorte estaria etiquetado. Isso lhe permitiria saber se já tinha sido identificado por outra pessoa.

Harriet reservou para o final o andar mais baixo. Nos lares normais, a parte subterrânea se utilizava para a cozinha e as habitações de serviço, mas Humboldt as tinha transformado em depósitos para o museu. Ao baixar a escada Harriet se encontrou completamente sozinha.

Isso não lhe desgostou; justamente o contrário.

Em dois dos escuros quartos não viu mais que gavetas, mas depois da última porta, no extremo do corredor, descobriu uma habitação em penumbra, cheia de grandes esqueletos montados, alguns de grande porte.

A iluminação era escassa. No corredor ardiam duas velas vacilantes. Harriet tomou uma delas para levá-la para dentro e a utilizou para acender as velas meio consumidas da parte interior. Era óbvio que ninguém entrava ali com frequência.

Além da escuridão fazia frio. Uma grossa camada de pó cobria tudo, mas Harriet não prestou atenção. Todo colecionador de fósseis estava familiarizado com a sujeira e o pó.

Imediatamente viu que havia várias fileiras de armários altos. Cada armário continha dúzias de gavetas. Decidiu alegremente que existia uma boa possibilidade de achar alguns dentes em gavetas desse tamanho. Mas, antes de iniciar a investigação dos armários, deteve-se examinando algumas estranhas relíquias espalhadas pela habitação. Na parte alta de um móvel, no extremo de um corredor, via-se um grande bloco de pedra. Ao observá-lo com atenção, Harriet viu o delicado contorno de um estranho peixe espinhoso encravado em seu interior.

Um pouco mais à frente encontrou os ossos poeirentos de vários animais estranhos, que tinham aletas e patas. Estudou-as com muitas dúvidas, pois nunca tinha visto nada parecido.

Em um canto havia uma cadeira que ela aproximou do armário dos fósseis estranhos, a fim de subir para olhá-los melhor. Levantou uma nuvem de pó ao inclinar-se para tocar uma aleta de forma estranha. Então detectou os pequenos alfinetes que seguravam a aleta ao esqueleto.

- Ora, ora... – murmurou, satisfeita - Uma falsificação. Eu sabia. Não estranho que o senhor Humboldt o tenha enviado ao andar inferior – disse a pobre peça - Provavelmente pagou uma fortuna por você, só para descobrir que tinha sido enganado.

Ao descer da cadeira notou que seu casaco amarelo estava manchado de pó e se lamentou tardiamente de não ter levado um avental. A próxima vez não se esqueceria disso.

Quando estava nas pontas dos pés, examinando o esqueleto de um peixe muito estranho, ouviu que a porta se abria atrás dela e voltava a fechar-se com muita suavidade. Outro visitante tinha achado o último depósito de Humboldt. Harriet não prestou atenção até que o recém-chegado aproximou-se pelo corredor.

- Boa tarde, Harriet – disse Bryce Morland, de um extremo do corredor aberto entre os altos armários.

A jovem ficou petrificada, não só porque era a última voz que esperava ouvir ali, mas sim pelo seu tom de ameaça. Virou para enfrentá-lo.

- Senhor Morland! O que faz você aqui, no museu do senhor Humboldt? Não sabia que lhe interessassem os fósseis.

- Não me interessam. – Morland sorriu, mas o gesto foi, entre as sombras, uma áspera imitação da benigna expressão de anjo - O que me interessa muito é você, minha pequena Harriet.

Um fio de medo percorreu as costas da jovem.

- Não compreendo.

- Não? Não se preocupe. Já compreenderá. – E pôs-se a andar pelo corredor para ela. A pouca luz da vela lhe dourava o cabelo loiro, mas deixava à sombra sua formosa cara.

Harriet, por instinto, deu um passo atrás. De repente se sentia muito assustada.

- Você terá que me desculpar senhor, mas é muito tarde e devo voltar para casa.

- Muito tarde, na verdade. O museu fechou há dez minutos.

Harriet dilatou os olhos.

- Por Deus, como voa o tempo! Minha donzela me espera.

- Sua donzela está muito ocupada em paquerar com o rapaz que vende os ingressos. Passará um momento antes que notem nossa falta.

- De qualquer modo, já vou. – Harriet levantou o queixo - Faça o favor de afastar-se, senhor.

Morland seguiu caminhando sem pressa para ela pelo estreito corredor.

- Ainda não, pequena Harriet. Ainda não. Devo mencionar que hoje vi seu marido.

- Ah, sim? – Harriet retrocedia pouco a pouco.

- Mantivemos uma agradável conversa, durante a qual me disse que não me aproximasse de você. – Os olhos de Morland cintilavam de fúria - Obviamente, sabe que a atraio.

- Não. – Ela retrocedeu um passo mais - Isso não é verdade e você sabe senhor Morland.

- Oh, claro que sim. Você é igual à Deirdre. Ela tampouco pôde resistir.

- Está louco? De que fala?

- De você e Deirdre, é obvio. St. Justin perdeu a primeira e vai perder a segunda. Desta vez, seu orgulho ficará completamente destruído. Sempre foi muito arrogante, o condenado, mesmo que toda Londres murmurasse à suas costas. Mas desta vez não poderá suportar as intrigas como o fez antes.

- O que você vai fazer? – inquiriu Harriet.

- Plantar minha semente em você, tal como a plantei em Deirdre – disse Bryce, com serenidade - Deirdre se deixou seduzir de muito bom grado. Você, pelo contrário, requererá um pouco de persuasão, ou me engano?

Harriet o olhou fixamente.

- Jamais me entregarei a você. Como pode imaginar semelhante coisa?

Morland assentiu obviamente satisfeito.

- Algo mais que persuasão, então. Precisaré de um pouco de força. Excelente. Na realidade, prefiro assim, mas dificilmente encontro uma mulher que me agrade e que apresente resistência. Todas caem em meu leito com muita facilidade.

- Como se atreve? – sussurrou Harriet.

- Foi fácil. Faz vários dias que espero esta oportunidade. Depois de minha desagradável conversa com seu marido, fui procurar por você. Decidi que tinha chegado a hora de fazê-la minha. Porque St. Justin me deixou furioso, sabe?

- Seguiu-me?

- É claro. Quando a vi entrar, decidi ver se a casa me proporcionaria à oportunidade procurada. A chave deste quarto estava na fechadura. Tirei-a ao entrar e fechei quando entrei. – Morland tirou do bolso uma pesada chave metálica, que exibiu rindo entre dentes. Logo voltou a deixá-la cair dentro de seu casaco.

- Vou gritar.

- Ninguém a ouvirá. Os muros deste quarto são de pedra e muito grossos. E não haverá ninguém que desça a escada a essa hora, porque o museu já está fechado.

Harriet retrocedeu alguns passos mais. Em um momento poderia contornar o canto do último armário e correr pelo corredor vizinho. Não sabia o que fazer depois, mas lhe ocorreria algo. Enquanto isso era preciso tratar de atrasar o ataque de Morland.

- Por que está tão decidido a vingar-se de St. Justin? – perguntou - O que lhe tem feito ele?

- O que me tem feito? – na formosa cara de Bryce se acendeu um relâmpago de fúria - Como tantos outros de sua classe, ele tinha tudo. Sempre teve tudo. E eu, nada, nada! Minha família e a dele foram vizinhas por vários anos. Eu me criei vendo tudo o que tinham, ele e seu irmão mais velho: cavalos, carruagens, roupas, boas escolas.

- Me escute senhor Morland.

- Sabe o que era isso? Não, é claro. Todas as visitas importantes iam à Blackthorne Hall. Todo mundo procurava congar-se com o conde de Hardcastle. Eu devia ficar agradecido só porque me convidavam para um baile nessa casa. Podia me considerar afortunado se me chamavam para participar da caçada local. Meus pais pertenciam simplesmente à pequena nobreza rural, que se humilha diante do conde de Hardcastle. Mas eu nunca me humilhei diante dele, nem diante de seus filhos. Coloquei-me em pé de igualdade.

- Como pode você dizer que St. Justin tinha tudo? – acusou Harriet.

- Ele é herdeiro de um condado e de uma vasta fortuna. Eu, em troca, vi-me obrigado a me casar com a filha de um comerciante a fim de ter o dinheiro que necessitava. Isso não foi justo.

- Mas você se dizia amigo de Gideon.

Morland encolheu os ombros com elegância.

- Ter amigos nesse círculo é muito útil para um homem de minha posição. Com amigos como St. Justin alguém consegue entrar nos melhores clubes, nos melhores salões e nos melhores leitos. Tomei o costume de cercar amizade com gente como ele. Mas St. Justin já não me é útil e me ofendeu.

Harriet seguia olhando-o.

- Você quer convencer-se de que é superior a ele, verdade? Pensa que, se ele tem fortuna e um título, você é muito mais sagaz, mais formoso e mais atraente para as mulheres.

- E, é verdade.

- Mas o odeia porque no fundo, sabe que ele é muito superior, e não por sua fortuna, nem por seu título, a não ser por algo um pouco mais profundo, algo que você jamais possuirá. Não é assim, senhor Morland?

- Se você o diz querida.

- E me fazendo sua, o que pensa provar?

Os olhos de Bryce cintilaram.

- Provarei, uma vez mais, que posso roubar de St. Justin suas mulheres. Depois de possuí-la, Harriet, terei a satisfação de ter feito minhas as duas mulheres que St. Justin quis para si. É pouco, mas eu gosto do jogo.

- Não seja tolo, senhor Morland. Já sabe o que fará St. Justin quando descobrir que você me atacou.

- Oh, não acredito que se inteire de nossa pequena aventura, senhora. – Bryce lhe cravou um olhar audacioso - Geralmente, as mulheres nunca confessam ter sido de outro homem, mesmo que tenha acontecido à força. Acredito que é por temor que pensem que elas são culpadas. E uma mulher casada com a Besta de Blackthorne Hall jamais admitiria lhe haver sido infiel. Teria muito medo. A Besta, com toda certeza, se voltaria contra ela.

Os dedos de Harriet encontraram a extremidade do último armário.

- Eu não teria medo de contar tudo a St. Justin. Ele acreditaria em mim. E não deixaria de vingar-me, sem dúvida.

- É muito mais provável que a assassinasse. – assegurou Bryce, enquanto diminuía a distância entre ambos - E você sabe, porque é inteligente. Ele não toleraria saber que sua flamejante esposa, a mulher que exhibe diante das pessoas de bom tom, com tanto orgulho, lhe foi infiel.

- Você não o conhece. – Sem prévio aviso, Harriet virou no final do corredor. Bryce a seguia de perto. Em dois passos mais conseguiria alcançá-la.

Ela viu a cadeira que tinha usado para examinar o fóssil falsificado. Estava no meio do corredor, tal como ela a tinha deixado. Subiu rapidamente ao assento e foi até o alto dos armários, enquanto Bryce dava um tapa em suas saias.

Falhou.

Harriet correu por cima dos armários, jogando no corredor crânios, fêmures e vértebras. Bryce avançava aos pulos pelo corredor, com óbvia intenção de apanhá-la no extremo oposto quando ela tentasse alcançar a porta.

- Será melhor que desça agora mesmo, putinha. Isto só pode terminar de uma maneira. – na voz de Bryce já havia uma terrível excitação sexual.

Harriet não prestou atenção. Seu objetivo era o bloco de pedra posto sobre o último armário do corredor, que continha a impressão fóssil de um grande peixe espinhoso. Rezou pedindo que a pedra não fosse muito pesada.

Bryce não adivinhou suas intenções. Provavelmente não lhe ocorreu que uma mulher pudesse recorrer a esse meio de defesa, nem que tivesse forças suficientes, no caso de tentar.

Mas Harriet levava anos escavando fósseis na rocha viva. Tinha passado muitas horas com a maça e o cinzel. Sabia que não era uma pessoa fraquinha.

Agarrou o bloco de pedra e o jogou na loira cabeça de Bryce, no momento em que esticava a mão para seu tornozelo.

No último instante o homem compreendeu o que estava fazendo.

- Não, maldita seja! – o grito foi cortado no último minuto de sua tentativa de saltar para o lado.

Mas já era muito tarde. Só conseguiu evitar o pior do impacto. A pesada pedra lhe roçou a cabeça e ricocheteou pesadamente contra seu ombro, antes de cair estrondosamente no chão.

Bryce cambaleou e caiu ao chão. Ficou muito quieto, com os olhos fechados. Um fio de sangue aparecia por baixo de um cacho loiro.

Um terrível silêncio encheu esse quarto na penumbra e cheio de ossos.

Harriet, de pé no topo dos armários, respirava ofegante, com o coração palpitando e as mãos trêmulas. Olhou Bryce, sem poder pensar com lucidez.

Logo se obrigou a descer. Tinha medo de aproximar-se de Bryce. Não sabia se estava morto ou não e preferia não inteirar-se.

Mas necessitava da chave para sair do quarto.

Respirou fundo várias vezes antes de aproximar-se da imóvel silhueta de Bryce, com muita cautela. Como ele seguia imóvel, caiu de joelhos a seu lado e procurou a chave no bolso.

Seus dedos se fecharam em volta do pesado objeto de ferro. Retirou-o precipitadamente, apertou-a em sua mão. Bryce não se moveu. Não se notava sequer sua respiração.

Sem esperar mais, Harriet correu para porta, inseriu a chave na fechadura e abriu.

Estava livre.

Correu pela escada até o primeiro andar, onde tudo estava em sombras. Os grossos cortinados das janelas ocultavam já o sol do entardecer.

De repente se abriu a porta do estúdio particular. Uma figura encurvada, de espessas costeletas, ergueu-se no vão da porta como uma grande aranha, olhando-a com um cenho feroz.

- Ouça você não é a cozinheira que me traz o jantar. Que diabos está fazendo aqui? A estas horas todos os visitantes já se retiraram.

- Já vou.

- O que? Levante a voz, mulher. – O cavalheiro colocou a mão atrás da orelha, em concha.

- Disse que já vou. – repetiu Harriet, com mais vigor.

Ele fez um gesto de impaciência.

- Anda, anda. Tenho trabalho importante. É muito tarde para que sigam aqui esses condenados visitantes. Se não fosse porque necessito dinheiro para comprar mais fósseis, não

permitiria que ninguém pisasse nesta casa. Montões de aficionados e curiosos, todos estúpidos.

Humboldt deu uma volta e entrou ruidosamente em seu estúdio, que fechou com uma portada.

Harriet se deu conta de que estava tremendo. Sacudiu como pode o pó de suas saias e abriu a porta principal para sair à rua. Beth a esperava perto da carruagem, festejando com risadas algo que o cocheiro acabava de dizer. Acompanhava-os o rapaz que cobrava os ingressos. Os três se voltaram para olhá-la.

- Pronta para partir, senhora? – perguntou cortesmente o cocheiro.

- Sim, vamos. – Harriet partiu para a carruagem - A estas horas já deveria estar em casa.

Beth dilatou os olhos ao ver o pó que cobria o vestido amarelo e o casaco.

- Caramba, senhora, como arruinou esse formoso vestido com tanto pó de ossos velhos! Eu deveria ter trazido um avental.

- Não importa Beth. – Harriet se instalou no assento – Apresse-se. Estou desejosa de chegar em casa.

- Sim, senhora.

O jovem que vendia os ingressos a olhou desconfiado.

- Onde está o outro cavalheiro? Que desejava estudar os fósseis sem que ninguém o incomodasse.

Harriet sorriu serenamente.

- Não tenho ideia. Quando saí não havia ninguém.

O moço coçou a cabeça.

- Deve ter saído enquanto eu não olhava.

- Suponho que sim. – Harriet deu ao cocheiro o sinal de partida - Mas isso não é nosso assunto.

Vinte minutos depois descia da carruagem frente à casa de Gideon. Ainda não sabia quanto do episódio devia contar a seu marido.

O que desejava era jogar-se em seus braços e contar tudo. Precisava confiar a alguém os horríveis acontecimentos do museu.

Por outro lado, tinha um medo terrível do que Gideon decidiria. Não deixaria passar a afronta a sua esposa sem uma vingança.

Quando Harriet entrou no vestíbulo, Gideon estava de pé à porta da biblioteca. Ao ver o poeirento de suas roupas sorriu.

- Pelo pó de seu vestido, senhora, parece que desfrutou muito do museu do senhor Humboldt.

- Foi uma experiência muito interessante, milord. Não vejo a hora de lhe falar sobre isso. – Harriet tirou as luvas; tremiam-lhe os dedos.

Compreendeu que sofria uma espécie de reação física aos horríveis acontecimentos vividos no museu. Todo seu corpo parecia estranho. Não conseguia dominar os estremecimentos quase invisíveis que a percorriam.

Passou junto a Gideon para entrar na biblioteca. Os olhos perceptivos do visconde se posaram em seu rosto pensativos, perdia já o sorriso indulgente. Depois de fechar a porta da biblioteca, voltou-se para ela.

- O que aconteceu, Harriet? – A jovem se voltou para ele, lutando por falar. Sentia-se rasgada pela reação de seu corpo. Já não podia dominar-se.

Com uma suave exclamação, correu para Gideon e se jogou contra sua sólida estrutura, procurando o consolo dessa força reconfortante.

- Oh, Gideon, aconteceu algo espantoso! Acho que matei o senhor Morland.

Capítulo 16

Não foi fácil para Harriet contar tudo. Gideon reuniu toda sua paciência e a estreitou contra si, enquanto Harriet lhe dava uma inarticulada explicação que incluiu fósseis falsificados, uma pedra com um peixe encravado e Bryce Morland.

Foi esse nome que despertou a fria cólera de Gideon.

- Assim que atirei a pedra. – Harriet separou a cabeça do ombro de Gideon - E o golpeei. Escorria sangue, Gideon, muito sangue. Caiu no chão e não estou segura, mas pode ter batido a cabeça contra os armários. Quando tirei a chave do bolso dele, não se moveu. O que vamos fazer Gideon? Vão me enforcar por assassinar o senhor Morland?

Gideon dominou sua fúria com um grande esforço de vontade.

- Não. – disse - Não a enforcarão, com toda certeza. Eu não o permitirei.

Harriet encurvou os ombros de puro alívio.

- Obrigado, milord. Isso me tranquiliza muito. Estava tão aflita... – Pegou o enorme lenço branco que ele oferecia para secar os olhos - Teremos que emigrar ao estrangeiro para evitar o escândalo? O que você pensa?

- Não, não acredito que seja necessário. – Em Gideon lhe retorciam as vísceras. Desta vez Morland tinha chegado muito longe.

- Graças a Deus. – Harriet soluçou dentro do lenço - Detestaria ter que viajar ao estrangeiro neste momento. Estou tão desejosa de voltar para Upper Biddleton para continuar com meu trabalho... E suponho que lhe seria muito difícil fiscalizar as propriedades de sua família de tão longe.

- Sem dúvida. – Lhe segurou os ombros com firmeza – Tem certeza de que não se machucou Harriet?

Ela sacudiu a cabeça com impaciência, assuando o nariz uma vez mais.

- Não, não, milord, estou bem. O único dano é o que sofreu este vestido, que está arruinado. Mas a culpa não é toda do senhor Morland. A verdade, é que já estava muito sujo quando ele apareceu.

Ela estava bem, sim. Gideon se esforçou para não esquecer. Morland não tinha podido tocá-la com suas mãos indecentes. Muito próprio de Harriet salvar-se com um peixe antigo encravado em um pedaço de pedra. Gideon flexionou suavemente as mãos apoiadas nos ombros de sua mulher. Não tinha sabido protegê-la.

- Minha valente e habilidosa Harriet... Estou muito, mas muito orgulhoso de você, senhora. Ela sorriu trêmula.

- Oh, obrigado, Gideon.

- Mas, também muito aborrecido comigo mesmo por ter cuidado tão mal de você. – adicionou Gideon, carrancudo – Você nunca deveria encontrar-se em perigo, como ocorreu hoje.

- Mas isso não é culpa sua, Gideon. Ninguém poderia adivinhar que o senhor Morland iria ao museu do senhor Humboldt. – Harriet fez uma pausa. Logo continuou muito séria - Na realidade, o museu é excelente, senhor. Não acredito ter tido a oportunidade de descrever-lhe, já que estive ocupada demais em explicar que posso ter matado o senhor Morland. Mas, não achei nenhum dente que fosse parecido com o meu.

Gideon sorriu com ironia. Só Harriet podia mostrar-se mais interessada por seu gigantesco dente de réptil que por seu grave perigo. Colocou um dedo em seus lábios para sossegá-la.

- Depois me falará disso. Agora seria melhor que eu fosse averiguar com o que nos enfrentamos, exatamente.

Harriet pareceu alarmar-se.

- O que quer dizer?

- Irei ao museu do senhor Humboldt para ver se Morland está vivo ou morto. – Gideon a beijou na testa - Quando souber seu real estado, poderei fazer planos.

- Claro, é obvio. – Harriet mordiscou o lábio inferior - E se por acaso estiver vivo? Você acredita que me acusará de tentar assassiná-lo?

Gideon respondeu com suavidade;

- A última coisa que Morland fará será acusá-la de assassinato. “Porque estará muito ocupado em tratar de salvar sua própria pele”, pensou Gideon.

- Não estou tão segura. – Harriet franziu o cenho, pensativa. - Não é boa pessoa, senhor. Você tinha muita razão quando me disse que não é tão anjo como parece.

- Sim. – Gideon a soltou. Suba querida. Voltarei assim que tenha visto Morland.

Harriet lhe tocou o braço com olhos preocupados.

- Você terá muito cuidado, não é verdade, milord? Não gostaria que ninguém o visse perto do cadáver. Se estiver morto, é obvio. E, se estiver com vida, pode ser perigoso. Não se arrisque, por favor.

- Não me arriscarei. – Gideon foi abrir a porta - Possivelmente demore um pouco em retornar. Não se preocupe por mim.

Harriet parecia duvidar.

- Acredito que eu deveria acompanhá-lo, senhor. Posso lhe indicar com exatidão onde deixei o senhor Morland.

- Eu o encontrarei por minha conta.

- Mas se eu o acompanhar poderei montar guarda enquanto você se ocupa do cadáver – insistiu ela, obviamente entusiasmada por seu plano.

- Posso me arrumar muito bem sozinho. E agora, se a você não incomoda, quero me pôr em marcha. – Convidou-a com um gesto a sair ao vestíbulo.

Ela caminhou lentamente para a porta, dando voltas a várias ideias na mente.

- Quanto mais eu penso, milord, mais acredito que seria melhor acompanhá-lo.

- Hei dito que não, Harriet.

- Mas, você sabe que seus planos, às vezes, não saem muito bem. Lembre-se do que aconteceu aquela noite na caverna e tudo porque você não quis confiar em mim.

- Quando meus planos dão errado senhora, é porque você interfere – disse Gideon, sem alterar-se - Esta noite vai obedecer-me. Eu me encarregarei de Morland. Você subirá a seu quarto, tomará um banho, e beberá uma xícara de chá para recuperar-se desta dura prova. E não sairá de casa até eu voltar. Entendeu-me com clareza, querida?

- Mas, Gideon...

- Vejo que não está claro. Muito bem, vou ser direto: se não subir imediatamente a escada a levarei pela força. Entendemo-nos, senhora?

Harriet piscou.

- Se você vai ficar bem...

- Certamente.

Harriet se adiantou a contra gosto.

- Muito bem, milord. Mas tome cuidado, por favor.

- Tomarei cuidado – grunhiu Gideon – Mais uma coisa, Harriet...

Ela voltou a olhá-lo, inquisitiva.

- Sim, milord?

- Você pode estar certa de que cuidarei melhor de você no futuro.

- Oh, tolices. Você cuidou muito bem de mim.

Estava enganada. Pensou Gideon, enquanto a via subir a escada. Não cuidava bem dela; essa tarde ela tinha estado a ponto de pagar as consequências. Uma coisa era certa: tinha chegado a hora de desfazer-se de Morland, de uma vez por todas.

A menos que Harriet já tivesse se encarregado disso.

As ruas estavam muito cheias ao entardecer. Gideon foi caminhando ao museu do senhor Humboldt. Tinha decidido que chegaria antes sem o empecilho do cavalo ou da carruagem, mas caminhar tinha outra vantagem: a pé era mais fácil perder-se entre os veículos e os transeuntes que se moviam sem cessar por Londres.

Os cavalos de St. Justin nunca passavam despercebidos. Eram muito conhecidos e Gideon não queria chamar a atenção. Se por acaso detectasse um rosto familiar, poderia esconder-se em qualquer ruela próxima.

Quando chegou à rua onde estava o museu, esperou em um beco até que não houvesse ninguém nos arredores. Só então se aproximou da parte da frente, que tinha uma entrada sob o nível da rua, para proporcionar luz ao porão da casa. Seguindo o costume, tinha uma grade de ferro e um portão que protegia os degraus que ficavam entre a rua e a entrada.

Gideon experimentou o portão e o encontrou fechado com chave. Depois de dar outra olhada em torno para assegurar-se de que não havia ninguém à vista, saltou por cima da grade e se deixou cair sobre a escada.

Os degraus destinados a servir de entrada para o pessoal doméstico e os fornecedores, conduziam a uma porta que também estava fechada com chave. Gideon tratou de espiar pelos postigos que deviam iluminar o subsolo, mas estavam providos de grossas cortinas.

Perguntava-se se teria que quebrar o vidro quando viu que, ao que parecia alguém tinha se esquecido de fechar uma janela. Abriu-a e passou uma perna pelo parapeito. Um segundo depois estava em um quarto sem iluminação, cheio de armários, gavetas e ossos. Não demorou em notar que não se ajustava à descrição de Harriet.

Tomou uma das velas dispostas na parede e, depois de acendê-la, saiu do quarto poeirento a um corredor curto e escuro. No outro extremo havia uma porta aberta.

Assim que entrou nessa habitação soube que era ali onde Harriet tinha sido atacada. Revisou cada um dos corredores, ardendo de fúria fria. Morland a tinha apanhado ali para persegui-la e atacá-la, como se fosse uma gazela indefesa. Só por sua sagacidade tinha conseguido salvar-se.

Apertou com força a vela que levava quase tão furioso consigo mesmo como com Morland. Era sua responsabilidade cuidar de que Harriet não corresse esse tipo de perigo. Não tinha cumprido com seus deveres de marido quanto a cuidar dela.

Encontrou o corredor onde Harriet tinha jogado a pedra em Morland. A parte de rocha seguia no chão, com uma parte separada. Ao agachar-se para examinar o lugar, Gideon viu algumas gotas de sebo sobre a impressão da estranha criatura marinha. No chão havia manchas de sangue seco. St. Justin se levantou para inspecionar rapidamente o resto da habitação. Não havia sinais de Morland.

Seguindo as manchas escuras no pó, saiu do quarto e voltou a percorrer o corredor. Conduziram-no até a janela por onde ele mesmo tinha ingressado. Ao levantar a vela pôde ver o rastro de uns dedos ensanguentados no parapeito. Morland tinha saído da casa por ali. Isso explicava o motivo pelo qual a janela estava sem trava.

Apesar de seus temores, Harriet não tinha matado esse ordinário. Pelo visto, ao levantar-se do chão estava bem o bastante para escapulir.

Gideon sorriu friamente consigo mesmo e apagou a vela. Se Morland não tinha morrido, melhor. Isso lhe permitiria traçar outros planos.

Vinte minutos depois subia os degraus de entrada da casa de Morland e se anunciava à governanta. A mulher secou as mãos no avental, boquiaberta diante da cicatriz.

- Não recebe ninguém – murmurou - Disse-me isso pessoalmente ao chegar, faz apenas meia hora. Sofreu um acidente.

- Obrigado. – Gideon passou ao vestíbulo, afastando a sobressaltada mulher - Eu mesmo me anunciarei.

- Veja senhor, – grunhiu a governanta - eu tenho ordens a cumprir. Neste momento o senhor Morland não se sente bem. Descansa na biblioteca.

- Sentir-se-á muito pior quando eu acabar com ele. – Gideon abriu a primeira porta da esquerda e comprovou que tinha acertado. Era a biblioteca. Não havia sinais de sua presa até que Morland falou de uma grande poltrona posta em frente à lareira, cujo encosto o ocultava da vista.

- Saia daqui! – grunhiu, sem parecer ver quem tinha entrado - Maldita seja, senhora Heath, dei ordens para que ninguém me incomodasse.

- Mas isso é justamente o que penso fazer, Morland – observou Gideon, com muita suavidade - Incomodar-lhe. Muito.

Houve um silêncio, atônito. Logo Morland se levantou da poltrona, virando para enfrentar Gideon. A taça de conhaque que tinha na mão verteu seu conteúdo no tapete.

Morland já não parecia um arcanjo. Seu elegante cabelo loiro estava desgrenhado. Tinha sangue seco na testa e uma expressão febril nos olhos. Deixou a taça com dedos trêmulos.

- St. Justin, que demônios faz aqui?

- Não se incomode em agir como anfitrião elegante, Morland. Já vejo que não se sente nada bem. A propósito: que feio corte esse que tem na testa. – Gideon sorriu - Temo que deixe uma cicatriz.

- Saia, St. Justin.

- Ela estava com medo de tê-lo matado com a pedra, sabe? Harriet tem muita força, apesar de ser mulher. E a pedra era grande, não? Vi-a no chão do quarto onde tentou atacá-la.

Morland o olhava com olhos enlouquecidos.

- Não sei de que demônios fala, nem quero sabê-lo. Exijo que parta imediatamente.

- Partirei assim que você e eu tenhamos discutido um pequeno assunto.

- Que assunto?

Gideon arqueou uma sobrancelha.

- Não me expliquei? Quero que nomeie seus padrinhos, é obvio. Desse meu modo poderão visitá-lo para lembrar os detalhes do encontro.

Morland ficou sem fala por alguns segundos.

- Que padrinhos? Que encontro? Está louco? Do que fala?

- Estou desafiando você para um duelo, naturalmente. Deveria havê-lo previsto. Afinal de contas, insultou minha esposa. O que pode fazer um cavalheiro em minha situação, salvo exigir satisfações?

- Eu não toquei em sua esposa! Não sei do que fala! – protestou Morland, imediatamente - Se ela disse que a insultei, está mentindo. Mentindo, me ouviu?

Gideon meneou a cabeça.

- Caramba, insulta-a outra vez. Como se atreve a acusar minha mulher de mentirosa, Morland? Agora sim, devo exigir satisfações. Não posso deixar passar semelhante coisa.

- Digo-lhe a verdade, St. Justin! Nunca a toquei!

- Sim, sei – aceitou Gideon, com paciência - Sei perfeitamente que ela escapou, mas isso não anula o insulto. Como cavalheiro que é, compreenderá perfeitamente qual é meu dever nesta situação.

Morland o olhava; sua expressão era uma mescla de fúria e desespero.

- Digo que ela mente. Não sei por que, mas mente. Escute-me, St. Justin: em outros tempos fomos amigos. Pode confiar em mim.

Gideon o estudou.

- Sugere que aceite sua palavra antes que a de minha esposa?

- Sim, maldita seja sim! Por que tem que confiar nela? Casou-se com você por obrigação, porque comprometeu seu bom nome. Estou informado de tudo. Em sua ausência as intrigas correram por toda Londres.

- Verdade? Bom, as intrigas já não importam muito, não é? Casei-me com ela. Aos olhos da alta sociedade, isso ajeita tudo, como ambos sabemos.

- Mas não pode confiar nela. – disse Morland - Não ama você. Assim como Deridre. Como poderia uma mulher amá-lo com essa cara desfigurada? Sua esposa aceitou sua proposta por obrigação, igual à Deirdre.

- Surpreende-me que mencione o nome de Deirdre, – observou Gideon com suavidade - depois do que lhe fez.

Morland moveu os lábios por vários segundos, mas sem emitir som algum.

- Depois do que lhe fiz? Do que está falando?

- Na noite, em que veio ver-me, ela me revelou o nome de seu sedutor. Teve um ataque de fúria quando viu que eu não caí em sua armadilha. Pareceu-me muito estranho, sabe? Que de repente me achasse tão irresistível para não poder esperar até depois das bodas.

- Dava-lhe asco!

- Sim. Disse-o com toda clareza quando rechacei seu muito generoso oferecimento. Estava furiosa. E em sua ira me disse muitas coisas sobre você, Morland. Que a amava, mas não podia casar-se com ela porque já tinha uma esposa. E que, ao sabê-la grávida, tinha sugerido que me seduzisse. Que os dois planejavam continuar com seus amores depois que eu a desposasse.

Morland limpou a boca com o dorso da mão.

- Mentiu.

- Sim?

- É obvio. – uivou Morland - E você sabia. Tinha que saber. Do contrário haveria... Né...

- O teria desafiado a um duelo, seis anos atrás? Para quê? Ela escolheu você e entregou-se por vontade própria. Fez sua escolha. E deixou bem claro que não suportava sequer ver-me. Por que me incomodar em bater-me em duelo por ela? Matando você não resolveria nada.

- Mas ela mentiu! – Morland apertou o punho e o descarregou contra a poltrona, em um gesto de ira frustrada - As duas mentem condenadas!

- Minha esposa não mente. – advertiu Gideon, em voz baixa - E não tolero que a insulte. Escolha seus padrinhos.

- Não vou nomear nenhum padrinho. – advertiu Morland, com a língua entorpecida.

- Ah, vejo que está inquieto por essa ferida recente e não pode pensar em dois homens de confiança para resolver os detalhes do duelo. Bom, dar-te-ei algum tempo.

- Tempo? – de repente Morland prestava muita atenção.

-Claro. Por toda esta noite. A primeira hora de amanhã enviarei meus padrinhos. Até lá, então, terá pensado em um par de nomes. Boa noite, Morland. Espero o duelo com ansiedade.

Gideon se voltou para a porta.

- Espera. – Morland se adiantou com movimentos convulsos. Sua mão golpeou a taça de conhaque, jogando-a no tapete - Digo que espere maldito seja. Não pode me desafiar a duelo. Pense nos rumores.

Gideon sorriu.

- Pensar nos rumores não me preocupa, asseguro-lhe isso. Tive seis longos anos para me acostumar o quanto de pior pode oferecer a alta sociedade nesse aspecto. E isso me recorda algo que tinha omitido.

Morland se ergueu com renovado alarme ao ver que Gideon retornava para ele.

- O que acontece? Não se aproxime St. Justin.

- Acredito que, para fazer as coisas com estrita correção, devo golpear-lhe no rosto com uma luva, não? Permita-me.

Gideon fechou a mão em um punho apertado e o plantou diretamente contra a mandíbula de Morland. O loiro caiu ao chão com um gemido apagado. St. Justin ficou ao seu lado.

- Estive a ponto de omitir as formalidades, por isso me desculpo. Quando a gente fica tanto tempo longe da boa sociedade, de vez em quando esquece esses detalhes que todo cavalheiro deve respeitar.

Sua próxima visita seria aos clubes. Não só Morland estava obrigado a procurar dois homens que se encarregassem dos detalhes do duelo. Gideon também necessitava padrinhos. E como não tinha um só amigo entre a gente de bem, suas possibilidades eram limitadas.

Por sorte Harriet fez vários amigos.

No clube da Rua St. James, Gideon encontrou o jovem Applegate, sentado no salão principal. Acompanhava-o Fry. Ambos levantaram os olhos com desconfiança ao ver que Gideon caminhava para eles.

- Boa noite, cavalheiros. – O visconde tomou assento e encheu para si uma taça com o clarete de Fry - Me alegro de vê-los aqui. Necessito um favor.

Os olhos do ancião se dilataram de alarme. Na mão de Applegate, a taça tremia. Mas olhou Gideon com expressão altiva.

- Se você tiver vindo me desafiar, senhor, estou disposto.

Gideon sorriu.

- Tolices. Minha esposa me explicou esse pequeno assunto de seu sequestro. O que passou, passou. Estou disposto a esquecer.

- Digo eu... – Fry entortava os olhos - A esquecer?

- Por certo. Queria discutir com vocês algo bem diferente.

Applegate franziu o cenho, confuso.

- Do que se trata?

Gideon se encostou à poltrona, estudando seus companheiros.

- Não duvido de que será um forte desgosto para ambos saber que o senhor Bryce Morland insultou minha esposa.

Fry e Applegate trocaram um olhar. Logo voltaram sua atenção à Gideon. Applegate franziu as sobrancelhas.

- Nunca gostei desse fulano. O que lhe disse o bastardo?

- As palavras exatas não importam – murmurou Gideon - Basta dizer que foi uma grave ofensa e que quero exigir satisfação. Necessito dois homens de confiança para que me sirvam de padrinhos. Algum de vocês gostaria de oferecer-se?

Applegate, piscando, olhou Fry, que parecia igualmente desconcertado.

- Digo eu... – murmurou o ancião.

- Você desafiou Morland? – perguntou Applegate, reservado.

- Dadas as circunstâncias, não tive alternativa – explicou Gideon - Questão de honra, não é? Esse homem insultou minha esposa.

A testa de Applegate se enrugou um pouco mais.

- Não se pode permitir que Morland fique sem castigo depois de insultar lady St. Justin.

- Penso a mesma coisa. – asseverou Gideon.

Fry torceu os bigodes.

- Sempre me pareceu que Morland era um pouco desagradável. Muito empertigado. Não me surpreende saber que se excedeu.

Applegate assentiu com sobriedade.

- Sim, escutei comentários sobre ele. Em geral, referem-se às repudiáveis costumes que se permitem quando visita os bordéis. São meras hipóteses, é obvio, mas com esse tipo tem que tomar cuidado.

- Penso me assegurar de que não volte a incomodar minha esposa – disse Gideon - Posso contar com vocês?

Applegate ergueu as costas e enquadrrou os ombros. Parecia desconcertado, mas em seus olhos se via um nascente entusiasmo.

- É a primeira vez que faço algo assim. Até agora tinha me concentrado nos fósseis, mas acredito que posso atuar. Por certo, senhor. Será uma honra lhe servir de padrinho.

- O mesmo digo eu. – Nos olhos de Fry havia um brilho contido. Avermelhou com um tom escuro. - Digo eu... Uma honra, cavalheiro. Pode deixar todos os detalhes em nossas mãos. Visitaremos Morland a primeira hora da manhã.

- Excelente. – Gideon ficou de pé - Estou em dívida com vocês, senhores.

A ideia de que a Besta de Blackthorne Hall estivesse em dívida com eles parecia assombrosa para ambos. Gideon os deixou sentados ali, com caras de estupefação, e saiu à rua.

Depois de deter um carro que passava, deu-lhe sua própria direção e subiu ao veículo.

Enquanto contemplava as ruas escuras foi revisando seus preparativos. Não duvidava da lealdade de seus padrinhos. Applegate e Fry eram capazes de qualquer coisa por Harriet. Já o tinha demonstrado ao sequestrá-la, arriscando-se a enfrentar a ira da Besta de Blackthorne Hall.

Também estava seguro de que não poderiam desempenhar com discrição seu papel de padrinhos. O entusiasmo era visível em seus olhos. Nenhum deles tinha provado a viril arte do

duelo. Estavam acostumados a agir como homens de ciência, não como homens de ação, e participar de uma questão de honra lhes proporcionavam uma nova imagem de si mesmos.

Morland tinha muita razão: à hora do café da manhã os rumores do desafio para o duelo se saberiam em toda a cidade.

E isso era justamente o que Gideon desejava.

Poucos minutos depois desceu da carruagem e subiu os degraus de sua casa. Owl abriu a porta.

- Lady St. Justin requer sua imediata presença, senhor – disse, com cara de mau agouro.

- Obrigado, Owl. – Gideon lhe entregou o chapéu e as luvas - Onde está?

- Em seu quarto, conforme acredito.

Gideon assentiu com a cabeça e subiu a escada de dois em dois degraus. Ao chegar ao segundo andar se deteve frente à porta de Harriet e deu um toque.

- Entre. – respondeu ela, imediatamente.

Gideon abriu a porta e entrou serenamente. Harriet pulou para ele.

- Por fim está você em casa, graças a Deus! – sussurrou, abraçando-o fortemente - Estava muito aflita. Você achou o cadáver? O que fez com ele? Como vamos nos desfazer do corpo?

- Encontrei o corpo. – Gideon sorriu entre seu cabelo esponjoso - E estava muito vivo. Morland estava em sua casa, curando a ferida.

- Está vivo? – Harriet deu um passo atrás, cruzando as mãos diante do corpo. As sobrancelhas se uniram em uma linha séria por cima do nariz – Você tem certeza?

- Muita certeza. Você pode tranquilizar-se, querida. Não conseguiu matá-lo, infelizmente. Mas acredito que tudo está sob controle. A propósito: felicito-a por sua pontaria.

Harriet deixou escapar um suspiro.

- Por muito que me desagrade esse homem, me alegro que não tenha morrido. Poderia ter causado infinitas complicações.

- Duvido. – Gideon tirou a gravata e a jaqueta, enquanto se dirigia à porta intermediária - Embora tivesse parecido estar morto naquele quarto cheio de ossos, sua morte teria sido atribuída à queda accidental das pedras. – Abriu a porta e entrou em seu próprio quarto.

- Você acha? – Harriet o seguiu depressa - Pode ser que tenha razão, milord. Bom, é um grande alívio que isto tenha terminado, embora fosse interessante que houvesse algum modo de castigar o senhor Morland por sua repugnante conduta. Suponho que devo me contentar sabendo que o machuquei.

- Hum... – disse Gideon sem comprometer-se, enquanto jogava a gravata e a jaqueta de lado para tirar a camisa.

Harriet o olhou com atenção.

- Você diz que o viu em sua casa?

- Sim. – Gideon encheu o lavabo e começou a lavar o rosto. Provavelmente teria que fazer a barba antes de voltar a sair. Essa barba escura era um aborrecimento. - Você não vai vestir-se, querida? Esta noite devemos assistir ao baile dos Berkstone, conforme acredito.

- Sim, sei – disse Harriet, impaciente - Gideon. O que aconteceu quando visitou o senhor Morland? – depois de uma breve vacilação, adicionou com cautela – Por sorte, você não terá feito nada precipitado, não é?

- Nunca ajo com precipitação, querida. – Gideon tomou uma toalha para secar o rosto e as mãos. Logo estudou suas feições no espelho. - Parece que devo me barbear?

- Provavelmente. Olhe-me, Gideon.

Ele a olhou nos olhos pelo espelho, torcendo uma sobrancelha.

- O que acontece, Harriet?

- Tenho a clara impressão de que você trata de esconder alguma coisa.

- Só trato de me preparar para chegarmos ao baile a tempo. Já estamos elegantemente atrasados.

Ela o olhou com o cenho franzido.

- É a primeira vez que o preocupa chegar a tempo a um baile. O que aconteceu, Gideon?

- Nada que deva preocupá-la, querida.

- Maldito seja Gideon, quero saber a verdade.

Ele deu um olhar de esguelha.

- Que linguagem, querida!

- É que estou muito alterada, milord – replicou ela - Minha delicada sensibilidade, já sabe.

Ele sorriu de orelha a orelha.

- Já sei, sim.

- O que você fez você ao senhor Morland, Gideon?

- Muito pouco. Muito menos do que merece.

Harriet lhe apoiou uma mão no braço.

- Diga-me a verdade, milord.

Ele encolheu um ombro, sabendo perfeitamente que ela se inteiraria dos detalhes nessa mesma noite, no baile, ou no máximo amanhã pela manhã. Ninguém falaria de outra coisa. Os padrinhos escolhidos se encarregariam disso.

- Fiz o que devia fazer qualquer cavalheiro em minha situação: desafiá-lo a um duelo.

- Já sabia! – exclamou Harriet - Temia algo assim. Assim que você me disse que ele estava vivo, temi que tivesse feito algo idiota. Não vou permitir Gideon, está me escutando?

- Acalme-se, querida. Não me dissuadirá disto como da vez passada com o Applegate. – disse Gideon, sem levantar a voz.

- Claro que vou dissuadi-lo. Não duelará com Morland. O proíbo categoricamente. Poderia feri-lo, matá-lo. O senhor Morland não é honesto o bastante para lutar, obviamente.

- Meus estimados padrinhos se encarregarão de que tudo corra perfeitamente.

Harriet lhe apertou o braço.

- Que padrinhos?

- Applegate e Fry. É irônico, verdade? Os dois adoraram me ajudar.

-Valha-me Deus, não posso acreditar. Por favor, Gideon, não fale como se não houvesse uma alternativa. Não vou permitir que siga adiante com isto.

- Confie em mim, Harriet. Tudo sairá bem.

- Já passamos por isso quando você ameaçou ferir lorde Applegate. Não posso suportar esse tipo de conduta. Há muito perigo. Algo poderia sair errado e você acabaria gravemente ferido ou morto, ou teria que fugir das autoridades. – Harriet ergueu as costas, com o queixo em alto – Eu o proíbo.

- O desafio já está feito, querida. – Gideon dispôs os elementos para fazer a barba, mesclou a espuma e começou a aplicar-lhe no rosto. Barbear-se com água fria era desagradável, mas não tinha tempo para pedir água quente à cozinha – Você permita que eu dirija esta situação.

- Não. – declarou Harriet - Não vou permitir que siga adiante com esta tolice.

- Tudo sairá bem, Harriet. – Voltou a olhá-la através do espelho e viu medo e aflição em seus belos olhos de turquesa. O medo e a aflição eram por ele. Isso o reconfortou profundamente - Dou-lhe minha palavra de não me deixar matar.

- Mas disso não pode assegurar-se, Gideon. Não suportaria que lhe acontecesse alguma coisa. Amo você.

Gideon baixou lentamente a navalha e virou para ela com o rosto cheio de espuma.

- O que disse?

- Já me ouviu. Não sei por que essa cara de assombro. Faz tempo que o amo. Por que acha que permiti que fizéssemos amor naquela caverna?

Uma onda de felicidade o percorreu dos pés a cabeça. Por um momento não pôde pensar com lógica.

- Harriet!

- Sim, sim, sei, para você é um aborrecimento e bem sei que não está apaixonado por mim. – disse ela com precipitação - Isso não vem ao caso. O fato é que concordamos em dar uma oportunidade a este matrimônio. E para isso é necessário que você respeite meus desejos em certas questões.

- Harriet...

- Esta é uma dessas questões, milord – concluiu ela, com ferocidade. - Não vou permitir que você duele por mim. Cedo ou tarde alguém sairá ferido.

- Harriet, teria a bondade de calar por um momento?

- Sim, sim, calarei. Mais ainda: brindarei um silêncio perfeito, se isso for o que milord deseja.

- Excelente.

- Na verdade, senhor, não voltarei a lhe dirigir a palavra enquanto você não ponha um fim a esta loucura. Compreende-me, milord?

Gideon entreabriu os olhos.

- Não falar comigo? Você? Guardar silêncio por mais de quinze minutos? Seria divertido.

- Já me ouviu. Nenhuma palavra mais. A partir deste momento não voltarei a lhe falar, senhor.

Harriet virou sobre seus saltos e saiu do dormitório.

Gideon a seguiu com o olhar, indeciso entre o louco desejo de gritar de puro prazer ou outra, igualmente poderosa, de colocar essa pequena louca sobre o joelho.

Amava-o.

Gideon estreitou a certeza contra seu coração, tal como estreitava a própria Harriet, no meio da noite.

Capítulo 17

O desafio de Gideon a Morlans espalhou-se, mas foi suplantado quase que esmagadoramente pelos rumores sobre o que as pessoas de bem não demoraram a chamar de “A Rixa”.

Para grande desgosto de Harriet, toda a alta sociedade parecia fascinada por sua negativa em dirigir a palavra a seu marido. Essa noite, no baile, a notícia se pulverizou como rastilho de pólvora. A flamejante esposa da Besta de Blackthorne Hall estava empregando em seu marido o castigo do silêncio. Quanto à causa da Rixa, as hipóteses abundavam.

De qualquer forma, os motivos que Harriet tivesse para não falar com seu marido eram muito menos interessantes que a Rixa em si, pois esta proporcionava à sociedade um delicioso entretenimento.

Harriet descobriu rapidamente que era muito difícil ignorar Gideon quando ele decidia não deixar-se ignorar. E ao que parecia, adorava provocá-la em público.

No baile, enquanto ela mantinha uma apaixonada conversa com um grupo de entusiastas de fósseis, Gideon apareceu, que até então se manteve misericordiosamente longe. Mas, às onze horas, cruzou o vão da porta e caminhou diretamente para Harriet, sem incomodar-se em saudar ninguém no trajeto, como de costume.

- Boa noite, querida – disse com serenidade, ao deter-se frente a ela. - Acredito que vão tocar uma valsa. Você dançará comigo?

Harriet ergueu o queixo e virou as costas para mergulhar novamente na conversa, como se seu corpulento marido, em toda a sua estatura, não estivesse presente. O grupo de interlocutores fez um valente esforço para continuar com a análise dos fósseis marinhos, mas era claro que ninguém podia concentrar-se. A curiosidade era demais. Se Harriet conseguia ignorar à Besta, os outros não.

Gideon pareceu não reparar em seu desdém.

- Obrigado, querida. Estava certo de que você não se negaria a dançar a valsa.

Com um abafado grito de surpresa, Harriet sentiu que as enormes mãos de Gideon lhe rodeavam a cintura por trás. Levantou-a sem esforço para levá-la à pista de dança, entre uma corrente de risadas abafadas e exclamações de desaprovação. Logo a pôs de pé e a tomou em seus braços para fazê-la girar ao ritmo da valsa. Não havia modo de escapar da suave prisão de seus braços.

Harriet o fulminou com o olhar. Gideon se limitou a sorrir. Seus olhos castanhos refulgiam.

- Ficou sem palavras, querida?

Ela queria lhe passar um sermão, mas não pôde. Fazê-lo teria equivalido a quebrar seu voto de silêncio. Não havia mais remédio além de terminar essa maldita valsa, muito consciente da fascinação e dos comentários que a rodeavam.

Que deliciosa fofoca, ofereceria essa pequena cena para as intrigas da manhã! O salão já zumbia de interesse. Outro ato escandaloso da Besta de Blackthorne Hall.

Gideon conversava negligentemente, do clima, até da numerosa multidão que enchia o salão dos Berkstone. Harriet olhava fixamente um ponto qualquer por cima de seu ombro.

- Vejo que chegaram Fry e Applegate – murmurou Gideon, ao terminar a música - Terá que me desculpar, querida. Há questões que devo discutir com eles.

Harriet girou sobre seus saltos e partiu rígida, para reunir-se com seus amigos. Quando se voltou para dar uma olhada por cima do ombro viu que Fry e Applegate pareciam manter com Gideon uma conversa muito séria. Ela não era a única atenta ao trio. Todo o salão de baile fazia correr velozmente a notícia do que estava ocorrendo.

- Fala-se de um duelo – sussurrou obscuramente lady Youngstreet a Harriet, quando ela voltou para seus amigos - Fry disse que tudo foi em segredo, é claro. Ele e Applegate serão os padrinhos de St. Justin. Você tem certeza de não conhecer os detalhes?

- Muita certeza. – afirmou Harriet.

Poucos minutos depois se aproximou Effie.

- Todo mundo está boquiaberto. É verdade que St. Justin vai bater-se em duelo?

- Se eu puder evitar, não. – murmurou Harriet.

A tia a olhou com atenção.

- O que está ocorrendo, filha? E que coisa ridícula foi essa agora a pouco? St. Justin arrastou você para a pista de dança. É a fofoca de todos.

- Tratando-se de St. Justin, as pessoas sempre comentam. – murmurou à jovem - Necessito um copo de limonada. Ou possivelmente, algo um pouco mais forte.

Lady Youngstreet sorriu radiante.

- Aqui vem um lacaio com sua bandeja. Mande chamá-lo há um tempinho. Sirva-se, querida.

Harriet pegou a taça mais próxima; não lhe interessou que fosse champanha ou limonada. Bebeu o primeiro gole golpeando o chão com o pé calçado em cetim. Effie franziu o cenho.

- Por esta noite, trate de não provocar mais comentários, Harriet. Com isto basta e sobra.

- Sim, tia Effie.

A tia lhe deu um último olhar repressivo e desapareceu entre as pessoas.

O pequeno grupo de colecionadores tratou garbosamente de reiniciar a conversa, mas esses esforços se frustraram com a aparição de Clive Rushton, que abriu caminho até o pequeno grupo de Harriet e lhe cravou seu olhar inquietante. Fez-se silêncio.

- Bom – disse Rushton, com voz rouca - Você conseguiu que a Besta a desposasse. Felicidades, lady St. Justin, por haver se casado com um assassino.

Harriet o olhou com espanto.

- Como se atreve, senhor?

Rushton não prestou atenção à pergunta nem à reação horrorizada dos colecionadores.

- Por quanto tempo? – entoou o pároco - Por quanto tempo você poderá evitar fornicar com esse demônio? Por quanto tempo, antes que a Besta se volte contra você? Por quanto tempo você estará a salvo, lady St. Justin?

Harriet tremia em reação. Sua taça se bamboleava precariamente.

- Por favor, cavalheiro. É claro que você segue enlouquecido pela dor, até depois de tantos anos, e sou solidária em seu sentimento. Mas deveria retirar-se antes que St. Justin se inteire do que me está dizendo.

- É muito tarde. – disse Gideon serenamente, materializando-se junto a ela - Já ouvi.

Os olhos apaixonados de Rushton giraram para ele.

- Assassino! Você a matou! Matou minha filha! – sua voz se elevou em um grito a pleno pulmão, que sem dúvida tinha cultivado no púlpito. - Agora me escutem todos. A Besta de Blackthorne Hall logo cobrará outra vítima. Levará a morte sua inocente esposa, tal como levou a morte a minha inocente filha.

Antes que alguém captasse suas intenções, agarrou a taça de champanha que lady Youngstreet tinha na mão e jogou seu conteúdo no rosto de Gideon.

Harriet se sentiu arrebatada pela ira.

- Não se atreva a chamá-lo Besta, maldito seja!

E jogou o champanha de sua própria taça às feições surpreendidas de Rushton. Logo se lançou contra ele.

O pároco deu um passo atrás, estupefato, e levantou as mãos para proteger-se. Lady Youngstreet deu um grito. O mesmo fez outras mulheres que estavam presenciando os fatos. Os homens olhavam tudo impotentes, cheios de horror e confusão. Ninguém se movia.

Pelo visto, ninguém conhecia a maneira socialmente correta de encarar um escândalo de salão iniciada por uma dama.

Ninguém, salvo Gideon, que deu um passo atrás e segurou Harriet no momento em que começava a descarregar os punhos contra Rushton. Ria com tanta vontade que esteve a ponto de deixá-la cair.

- Já basta, senhora. – Ele colocou-a tranquilamente sobre o ombro e a sustentou ali, lhe rodeando as coxas com um braço - Defendeu minha honra com grande êxito. Pelo que acredito, que o bom reverendo está derrotado. Verdade, senhor?

Em sua posição, pendurada em um ombro, Harriet conseguia ver o que estava acontecendo. Conseguiu virar a cabeça o suficiente para distinguir as feições furiosas de Rushton. Este não respondeu aos sarcasmos de Gideon. Em troca, voltou-se e caminhou entre os atônitos presentes para a porta do salão.

Gideon deixou Harriet sobre seus pés. Ela acomodou as saias e, ao levantar a vista, viu que ele a olhava com um enorme sorriso. Seus olhos tinham a cor do ouro fundido.

- Outra valsa, senhora? – perguntou, inclinando-se com galanteria.

Harriet estava tão enervada pelo acontecido que se aproximou de seus braços sem dizer nada.

Essa noite, enquanto estava deitada, Gideon veio a seu dormitório como se entre eles estivesse tudo normal.

Com isso enfureceu Harriet, que já tinha tido tempo de recuperar-se, depois das cenas do baile. Ao ver que se aproximava do leito, voltou-lhe as costas.

- Você gostou da recepção, querida? – perguntou Gideon, depositando sua vela na mesinha.

Harriet ficou em um silêncio pétreo.

- Sim, foi um baile sem brilho, não é? Bastante aborrecido, por certo. – Gideon jogou sua bata em uma cadeira, retirou as mantas e deslizou a seu lado. Estava nu - Mas você estava adorável, como sempre.

Harriet sentiu que lhe rodeava a cintura por trás, lhe apoiando uma mão no peito. Tratou de não lhe prestar atenção.

- Harriet, você falou a sério, quando disse que me amava?

Isso foi demais. A jovem esqueceu seu voto de silêncio.

- Em nome de Deus, Gideon, este não é momento para me perguntar isso! Estou furiosa com você!

- Sim, sei. Não me dirige a palavra. – Beijou-a na nuca.

- Não.

- Mas falou a sério?

- Sim – admitiu ela totalmente zangada. Ele deslizou uma mão ao longo de seu quadril e introduziu uma perna entre as suas. Procurava sua parte mais branda. Embora Harriet seguisse de costas, isso não parecia dissuadi-lo.

- Me alegro. – disse Gideon, subindo a beira da camisola até a cintura. - No momento, só queria esclarecer isso. Você não precisa dizer nada mais, se não quiser. Eu compreenderei.

- Gideon...

- Chist... – inclinou-se para ela para lhe beijar o pescoço e essa parte sensível atrás da orelha. Logo moveu a mão sobre suas nádegas. Um dedo deslizou entre os dois globos suaves.

Harriet estremeceu; seu corpo reagia calidamente ao contato.

- Quando disse que não falaria Gideon, falei a sério.

- Acredito. – Aquele dedo desceu um pouco mais e penetrou lentamente. Trabalhava com suavidade, provocando o calor úmido, abrindo-a para prepará-la.

- Você está brincando comigo, Gideon?

- Não brincaria com você, meu doce. Mas às vezes me faz sorrir.

E de repente o dedo desapareceu, substituído por um falo grande e duro que empurrava com lenta suavidade.

Mesmo que Harriet quisesse manter uma conversa, nesse momento lhe teria resultado impossível. O prazer afogava qualquer palavra.

Na manhã seguinte Harriet devia reunir-se com Felicity e Effie para uma expedição de compras. A ideia não a entusiasmava. Sabia que Effie queria repreendê-la severamente pelo ocorrido no baile dos Berkstone.

Uma donzela bateu à porta para dizer que sua irmã e sua tia a estavam esperando abaixo. Harriet selou a carta que acabava de escrever e a entregou à moça.

- Encarregue-se de que isto saia com o correio de hoje, entende-me? – disse-lhe. A criada assentiu depressa e saiu em busca de um laçaio. Harriet, a contra gosto, pegou sua touca e desceu a escada. Entretanto, ao chegar ao vestíbulo não viu sinais de Felicity e de sua tia.

- Onde estão, Owl?

- Sua senhoria as fez passar à biblioteca para que a esperassem senhora. – Owl lhe abriu a porta.

- Obrigado. – Harriet entrou velozmente na habitação e viu sua irmã e Effie sentadas frente à Gideon. Isso lhe arrancou um gemido.

Seu marido se levantou, com os olhos brilhantes de diversão.

- Bom dia, querida. Vejo que já está pronta para sair. A que hora devemos esperar sua volta?

A campanha do silêncio estava ficando muito difícil. Mesmo assim, Harriet decidiu continuar com o esforço, posto que fosse sua única arma para devolver a Gideon o sentido comum.

Olhou Felicity, enquanto amarrava sua touca.

- Pode dizer a sua senhoria que, quando terminarmos as compras, assistirei a uma reunião da Sociedade de Fósseis e Antiguidades. Estarei em casa por volta das quatro.

Nos olhos de Felicity resplandecia a diversão. Pigarreando delicadamente, voltou-se para o cunhado.

- Diz sua esposa que voltará as quatro, milord.

- Excelente. Bem a tempo para um passeio pelo parque.

Harriet franziu o cenho.

- Por favor, Felicity, diga a Sua Senhoria que hoje não tenho vontade de passear pelo parque.

A moça olhou Gideon, dissimulando um sorriso.

- Diz minha irmã que...

- Já ouvi. – murmurou Gideon, sem afastar os olhos de Harriet. – Mesmo assim desejo passear esta tarde pelo parque e sei que ela vai querer me acompanhar. Desejo vê-la montada em sua égua nova.

- Que égua nova? – inquiriu Harriet. Então se deu conta de que tinha dirigido sua pergunta a Gideon e se apressou a virar para sua irmã. - Pergunte a sua senhoria que égua nova é a que mencionou.

- Por Deus! – murmurou Effie - Não posso acreditar. Isto é ridículo.

Felicity, em troca, desfrutava do jogo.

- Minha irmã sente curiosidade com respeito a essa égua, senhor.

- Sim, suponho que seja assim. Diga-lhe que é a égua que chegou ontem a nossos estábulos, e que a verá com seus próprios olhos esta tarde, quando sair comigo para passear pelo parque.

Harriet o fulminou com o olhar.

- Tenha a bondade de explicar a meu marido, Felicity, que não me deixo subornar.

A jovem abriu a boca para transmitir a advertência, mas Gideon levantou uma mão.

- Compreendo. Minha esposa teme que eu trate de lhe fazer romper o silêncio com um presente. Por favor, senhorita, lhe assegure que não são essas minhas intenções. Que os escrúpulos não lhe impeçam de montar essa égua, pois foi comprada antes que me retirasse à palavra.

Harriet o olhou com incerteza. Logo, Felicity:

- Diga a sua senhoria que agradeço a égua, mas hoje não me parece um bom momento para sair e cavalgar com ele. Ao não poder conversar, o passeio resultaria tedioso.

- Diz... – começou Felicity.

- Ouvi sim – a interrompeu Gideon - O fato é que, se for sozinho ao parque depois do ocorrido ontem à noite, as pessoas farão muitos comentários e serei o assunto de desagradáveis hipóteses. Alguns dirão inclusive que maltrato a minha esposa.

- Tolices. – espetou Harriet a sua irmã.

- Não estou tão certo. – aduziu Gideon, pensativo – As pessoas esperaram o pior da Besta de Blackthorne Hall. Pelos rumores que circulam sobre ele, seria bem capaz de golpear sua esposa. E depois das horríveis predições e acusações que Rushton fez, todo mundo espera que ocorra o pior. Não está você de acordo, senhora Ashecombe?

Effie lhe deu um olhar pensativo.

- Sim, com toda probabilidade. De uma coisa estou certa: hoje não faltarão rumores. Entre uma coisa e outra, vocês dois conseguiram concentrar toda atenção.

Harriet chiou os dentes, alarmada diante da possibilidade de que seu marido tivesse razão. As pessoas estavam dispostas a acreditar o pior de Gideon e ele não fazia nada para impedir. Durante o baile ela tinha avivado os escândalos que sempre formavam redemoinhos em torno dele. Se não os viam juntos, correriam rapidamente os rumores de uma separação.

- Muito bem. – Harriet levantou o queixo – Felicity pode informar a sua senhoria que esta tarde o acompanharei a passear pelo parque.

- Agrada-me sabê-lo, querida. – murmurou Gideon.

A tia revirou os olhos.

- Já basta desta conversa de loucos. Vamos, meninas.

- Por certo. – Harriet saiu primeiramente, negando-se a olhar Gideon, pois sabia que estava rindo dela.

Poucos minutos depois, quando Effie e Felicity se sentaram na carruagem frente a ela, a moça estalou em um ataque de risos.

- Não sei o que a diverte tanto. – resmungou Harriet.

- Por quanto tempo poderá manter essa posição de silêncio? – quis saber a irmã - Ontem à noite, vários dos rapazes com quem dancei me disseram que nos clubes estão aceitando apostas. Todo mundo trata de adivinhar quanto durará a Rixa.

- Isto não é assunto de ninguém – replicou Harriet.

Effie franziu o cenho com severidade.

- Nesse caso deveriam ter mantido sua “Rixa” em privado.

- Era impossível. – aduziu a sobrinha - Gideon insiste em me provocar a cada passo, tal como fez na biblioteca há alguns minutos. Nega-se a respeitar meu voto de silêncio.

Effie a olhou com curiosidade.

- Então, não se surpreenda que tudo isso fascine tanto a alta sociedade. Seu marido sempre foi uma fonte de rumores.

- Sei. – admitiu Harriet.

- E ao atacar Rushton, como fez ontem à noite, não fez mais a não ser adicionar outra medida de excitação às intrigas.

A sobrinha irritou-se.

- Rushton voltou a chamar meu marido de Besta. Não suporto que lhe apliquem essa alcunha horrenda.

- Esta é a primeira vez que temos oportunidade de vê-la a sós. – disse Felicity, inclinando-se para frente com paixão – Estou morrendo de curiosidade para saber por que não dirige a palavra a St. Justin. Tem algo a ver com esses rumores do duelo? O que está acontecendo Harriet?

A jovem olhou sua irmã e sua tia, com lágrimas nos olhos.

- Sabem do duelo?

- Todo mundo sabe. – assegurou Felicity – Valha-me Deus, se St. Justin escolheu Fry e Applegate como padrinhos! Nenhum dos dois pode calar a boca. Estão encantados com a ideia de atuarem como homens do mundo.

- É absolutamente ridículo. – se queixou a tia - Supõe-se que os duelos aconteçam mais ou menos em segredo.

- Sempre se fala deles. – aduziu Felicity.

- Sim, mas este caso se converteu virtualmente em um espetáculo público. Todo mundo sabe.

- Oh, meu Deus... – Harriet procurou por um lenço em sua bolsa - Que horrível. Tenho muito medo que St. Justin receba um disparo ou se veja obrigado a fugir do país. E tudo por

culpa do senhor Morland, que não vale à pena! Expliquei a St. Justin, mas ele se nega a retirar o desafio.

Effie a olhou, pensativa.

- É por isso que não fala com seu marido? Está zangada porque vai arriscar a pele em um duelo?

Harriet assentiu morosamente.

- Sim, e em certo modo, tudo é minha culpa.

Felicity encostou-se no assento.

- St. Justin desafiou Morland por algo que ele lhe disse? É isso o que aconteceu?

Harriet suspirou.

- Foi algo pior que um insulto, asseguro-lhe isso. Mesmo assim...

- Como pior que um insulto? – interpelou Effie.

- Se querem saber a verdade, o senhor Morland me atacou. – Harriet viu o horror nos olhos de sua tia e se apressou a tranquilizá-la - Mas não ocorreu nada de mau. Salvo a ele. Deixei-lhe cair na cabeça uma pedra muito grande. Mas St. Justin se nega a deixar as coisas assim.

- E tem razão – replicou a tia - Esta notícia muda tudo. Naturalmente, St. Justin deve fazer algo.

- Oh, Harriet – suspirou Felicity - St. Justin vai bater-se em duelo por sua honra! Parece-me tão romântico...

- Pois a mim, não – espetou Harriet - Tenho que achar uma forma de impedi-lo.

- Deve amá-la demais. – observou sua irmã, com os olhos maravilhados.

Harriet fez uma careta.

- Não é assim. Simplesmente, St. Justin toma muito a sério tudo que afete a sua honra.

- E como você é sua esposa, sua honra está ligada a dele. – observou a mais nova, brandamente.

- Por desgraça, sim. – Harriet ergueu as costas com decisão - Mas já procurarei a forma de impedir esse duelo estúpido. Já tomei certas medidas.

- Medidas?

- Esta manhã, antes que chegassem, procurei por ajuda.

Effie a olhou fixamente.

- Que tipo de ajuda?

- Os pais de St. Justin. – esclareceu Harriet, satisfeita - Enviei-lhes uma nota informando que ia ocorrer algo espantoso. Não duvido de que me ajudarão a procurar o modo de pôr fim a este assunto. Afinal, St. Justin é seu único filho e herdeiro. Opor-se-ão tanto como eu a que arrisque a pele em um duelo.

Não só as pessoas de bom tom estavam excitadas pelas questões do duelo, da “Rixa” e do ataque de Harriet contra Rushton. Essa tarde, a jovem descobriu que também eram a fofoca principal na Sociedade de Fósseis e Antiguidades.

Fry e Applegate, ambos solenes e com ar de atrevidos, incorporaram atitude de audazes homens de ação assim que entraram no salão de lady Youngstreet. Todo mundo se aproximou deles com a esperança de recolher alguma informação.

- Questão de honra. – declarou Fry, em tom grave - Não podemos dizer mais, é claro. Algo muito sério. Muito grave, certamente.

- Não podemos dizer uma palavra, absolutamente – confirmou Applegate - Não duvido de que vocês compreenderão. Basta dizer que St. Justin está encarando isto tudo como um cavalheiro. Temo não poder dizer o mesmo da outra parte envolvida. Nega-se a nos receber e a nomear seus padrinhos.

Harriet, que estava sentada no sofá, ouviu o comentário de Applegate e se reanimou um pouco. Perguntava-se desesperadamente, se Morland acharia um modo de anular o duelo. Talvez enviasse suas desculpas a Gideon. Inclinou-se para frente aguçando o ouvido para saber mais.

Por desgracia, lady Youngstreet escolheu esse momento para sentar-se ao seu lado e lhe dedicou uma pícara piscada. A jovem percebeu que já tinha estado sorvendo seu xerez da tarde.

- Bom, bom, bom, filha – murmurou à senhora, espalhafatosa - Que espetáculo pôs você em cena ontem à noite, jogando-se contra Rushton como uma pequena tigresa!

- É que chamou St. Justin de Besta – declarou Harriet, na defensiva.

Lady Youngstreet inclinou a cabeça com ar pensativo.

- Na verdade, até agora não tinha reparado nesse Rushton. Não acredito que frequentasse muitos os salões. Mas estes dias qualquer um o encontra por toda parte, não é?

- Sim. – murmurou Harriet - Por toda parte.

Quanto mais se falava do duelo, mais detestável e inevitável parecia. Harriet compreendeu que sua campanha de silêncio não estava dando resultado, pois Gideon se negava a mudar de ideia, e se perguntou sinceramente se não era melhor abandonar a tática.

Ele não parecia tomar conhecimento da sua irritação.

Essa tarde, quando a ajudou a montar sua formosa égua nova, manteve uma simpática conversa unilateral, como se Harriet lhe estivesse respondendo normalmente.

- E então, o que você achou dela? As duas formam um excelente conjunto. – Colocou Harriet na cadeira como se não pesasse nada e deu um passo atrás para admirar a cena. Logo assentiu, satisfeito. - Arrebatadoras, na verdade.

Harriet, vestida com um traje vermelho rubi e um audaz chapeuzinho da mesma cor na densa cabeleira, era muito difícil manter o silêncio. A pequena árabe era linda, na verdade. Em sua vida, jamais havia montado um cavalo tão elegante. Maravilhada, deu uns tapinhas no pescoço lustroso.

A égua suave, inteligente e bem educada, marchava alegremente junto ao enorme potro baio de Gideon. Era óbvio que o tamanho do macho não a intimidava.

Ao chegarem ao parque, Harriet teve a aguda consciência de quão olhares recolham. Ela e Gideon deviam formar um casal impressionante, não só pelas intrigas que os rodeavam, mas também pelo quadro que ofereciam a cavalo. “Um cavalheiro montado em seu corcel, passeando com a dama montada em sua égua árabe”, pensou caprichosamente.

A imagem a impressionou tanto que esteve a ponto de quebrar seu voto de silêncio com um comentário a Gideon. Entreabriu os lábios para fazê-lo, mas voltou a fechá-los com firmeza.

Gideon sorriu meigamente.

- Sei que isto de guardar silêncio deve ser muito difícil para você, querida. E completamente desnecessário. Você mesma já disse que sou incrivelmente pertinaz. Não é provável que me faça mudar de ideia por esse método.

Harriet o olhou jogando faíscas, mas compreendeu que era verdade. Esse homem era impossivelmente teimoso. Então abandonou a campanha de silêncio com uma mescla de alívio e irritação.

- Você está certo, milord – disse em tom seco – Você é extremamente teimoso, mas tem um gosto excelente em questão de cavalos. – E sorriu alegremente a sua formosa égua.

- Obrigado, querida – disse Gideon, humildemente - Sempre é bom saber que alguém cumpre algum propósito.

- Tenho muitos propósitos pensados para você, milord. Mas não poderá cumprir nenhum caso morra nesse duelo estúpido. – voltou-se para ele, seguindo um impulso - Não deve seguir adiante com isto, Gideon.

Seu marido curvou a boca.

- A senhora sim que é insistente. Repetirei uma vez mais que isto não é assunto seu. Tudo está sob controle. Tenha um pouco de confiança em seu pobre marido.

- Não é questão de confiança, mas sim de sentido comum. – Harriet olhava para frente, por cima das orelhas de sua égua - Me permita lhe dizer que, por agora, não demonstra o ter. – de

repente lhe ocorreu uma ideia - Acontece aqui algo que eu ignore Gideon? Por acaso, você está arquitetando algum de seus misteriosos planos?

- Tenho um plano, querida, como sempre. É tudo o que estou disposto a lhe dizer por agora.

- Explique-me. – exigiu ela.

- Não.

- Por quê? Sou sua esposa. Pode confiar em mim.

- Não é questão de confiança, – disse Gideon, sorrindo por um instante - mas sim, de sentido comum.

Harriet lhe deu um olhar carrancudo.

- Não acredita que eu seja capaz de guardar um segredo? Insulta-me, senhor.

- Não se trata disso, querida. Estou convencido de que, neste caso, o melhor é que só eu saiba desses planos.

- Mas confiou em Applegate e em Fry – protestou ela.

- Só em parte. Perdoe-me, meu doce, mas estou habituado a atender meus assuntos sozinho. É um velho costume.

- Agora você tem uma esposa. – lhe recordou Harriet.

- E acredite que eu não o esqueço.

Duas noites depois, quando Harriet entrou no salão dos Lambsdale, ouviu o zumbido de expectativa e soube que esperavam mais fofocas impressionantes. Ela estava ficando frenética com isso.

Os pais de Gideon ainda não tinham dado sinais de vida. Ela começava a pensar que sua mensagem podia haver-se perdido ou que a animosidade impedia o conde de vir em ajuda de seu filho, até em questões de vida ou morte. Ou possivelmente, seu estado de saúde não lhe permitia viajar.

Cabia todo tipo de explicações, mas o resultado final era que ela se encontrava sozinha diante o iminente desastre.

E não tinha avançado um centímetro em sua tentativa de quebrar a teimosa e autocrática decisão de Gideon de dirigir as coisas por sua conta.

Quando Felicity foi procurá-la, Harriet estava com um pequeno grupo da Sociedade de Fósseis e Antiguidades.

- Chegaram Applegate e Fry – anunciou – Eu os vi faz um momento. Acredito que procuram seu marido.

Os olhos de lady Youngstreet tomaram um ar de excitação.

- Então, há novidades. Fry disse que esta tarde rastrearão Morland de um modo ou de outro, para obrigá-lo a combinar o lugar e à hora.

- Oh, céus! – exclamou Harriet, indefesa.

- Atrevo-me a dizer que nunca se produziu um duelo tão divulgado. – murmurou outro membro do grupo - É muito curioso.

Sir George, perito em fêmures, mostrou-se grave.

- Terão que andar com cautela se não quiser que as autoridades se inteirem do lugar e hora. Do contrário haverá prisões.

- Bom Deus – sussurrou Harriet, momentaneamente aflita ao imaginar Gideon na prisão.

Felicity lhe deu um tapinha reconfortante no braço.

- Não se aflija Harriet. Não acredito que St. Justin teria iniciado isto se não soubesse como terminar devidamente.

- É o que ele assegura. – a jovem se ergueu nas pontas dos pés para ver se conseguia divisar Gideon. Sua estatura o fazia fácil de distinguir em uma multidão.

Estava de pé ao lado do calvo lorde Fry.

Um rumor de conversas rompeu na multidão. Iniciou no lado oposto do salão e cresceu como uma onda em direção a Harriet. O murmúrio de vozes se fazia mais audível ao aproximar-se.

- O que está acontecendo? – perguntou Harriet a sua irmã.

- Ainda não sei. Ocorreu algo. – Felicity esperava ansiosa.

Sir George assumiu um ar mundano.

- Suponho que se estabeleceu o lugar. Provavelmente concordaram bater-se a pistola.

Ninguém usa mais as espadas. São muito antiquadas.

- Tal como estão às coisas, isto poderia celebrar-se em pleno parque, convidando todas as pessoas de bom tom – comentou lady Youngstreet.

Harriet apertou o braço de sua irmã.

- O que vou fazer? Não posso permitir que St. Justin duele.

- Espere para ver o que acontece. – aconselhou Felicity.

O rugido da conversa estava cada vez mais perto, quase sobre elas. Já se ouviam com clareza algumas palavras.

- Partiu para o continente...

- Sem dizer uma palavra a ninguém...

- Nem seu pessoal doméstico estava informado...

- Miserável covarde...

- Sempre disse que era muito bonito. Pouco homem, obviamente...

Alguém se inclinou para o ouvido de lady Youngstreet, que escutou com atenção. Logo girou para fazer o anúncio ao pequeno grupo reunido em volta de Harriet. Todos esperavam contendo o fôlego.

- Morland fugiu para o continente – disse a senhora - Fez sua bagagem e desapareceu em meio da noite. Não informou sequer ao serviço doméstico. Pela manhã os credores irão bater à sua porta.

Todo mundo rompeu em excitados diálogos. Harriet, aturdida tratou de chamar a atenção de lady Youngstreet.

- Isso significa que não haverá duelo?

- Isso parece. Morland, acovardado, fugiu – foi à resposta - St. Justin o expulsou do país.

Sir George assentiu com ar sapiente.

- Sempre disse que St. Justin tinha audácia de sobra. De outro modo não teria podido superar todas as coisas que enfrentou nestes anos.

- Pelo visto, o que se dizia dele era mentira. – declarou lady Youngstreet. - Se não fosse um homem de grande caráter, nossa Harriet não se teria casado com ele.

Outros membros do grupo se manifestaram de acordo.

O alívio de Harriet era tão grande que mal ouvia o que estavam dizendo.

- Não haverá duelo, Felicity.

- Sei. – Sua irmã pôs-se a rir - Já pode esquecer sua “Rixa” com St. Justin. Tudo acabou. E se não me engano, seu marido compôs tudo de uma forma que apagou também a mancha que havia sobre a sua honra. É notável.

- Nunca houve manchas em sua honra. – assegurou Harriet, automaticamente – Somente rumores.

- Ao que parece isso é o que todo mundo acha. – Felicity sorriu - É assombrosa a velocidade com que as pessoas podem trocar de posição, não é? Todos preferem apadrinhar o atual ganhador. Amanhã, ao despertar, St. Justin saberá que se converteu no menino querido.

Mas Harriet já não escutava. A multidão estava se dividindo e Gideon caminhava para ela. Várias pessoas trataram de lhe falar, mas ele não olhava para os lados. Seus olhos cintilantes estavam fixos em Harriet sem vacilar. Deteve-se frente a ela tomando-lhe a mão.

- Acredito que vão tocar uma valsa, querida. Concede-me a honra desta dança?

- Oh, Gideon, sim – exclamou ela, com suavidade. E se precipitou a seus braços.

Com uma risada exultante, Gideon a fez girar para a pista de dança.

Um longo tempo depois, sentada na carruagem que os levava para casa, Harriet enfrentou seu marido. Era a primeira vez na noite que se encontravam a sós.

- Acabou de verdade, Gideon?

- Isso parece. Applegate e Fry tiveram alguma dificuldade para descobrir o que tinha ocorrido com Morland, mas esta noite, finalmente, averiguaram os fatos. Acredito que tiveram uma desilusão ao saber que ele tinha fugido do país. Estavam muito ansiosos por desempenhar seu papel de padrinhos.

Harriet o olhava com atenção.

- Me diga Gideon: você havia planejado isso desde o princípio? Sabia que Morland preferiria fugir antes de duelar com você?

St. Justin se encolheu de ombros.

- Era uma grande possibilidade. Eu sabia que ele é um covarde.

- Você deveria ter-me dito isso, Gideon. Estava tão aflita...

- Não estava seguro de que as coisas acabassem assim. Por esse motivo não disse nada, querida. Não queria lhe inspirar falsas esperanças. Existia a possibilidade de que fosse necessário duelar com ele.

Harriet não se decidia entre o alívio e o aborrecimento.

- Eu lamento muito que você não converse essas coisas comigo, milord. É muito enfadonho ficar sempre na escuridão.

- Fiz o que me pareceu melhor, Harriet.

- O que lhe parece melhor nem sempre coincide com o que me parece melhor – advertiu ela, enérgica - Está muito acostumado a agir sem incomodar-se em dar explicações, milord. Deve aprender a dominar essa tendência.

Gideon sorriu.

- Pensa passar o resto da noite brigando comigo, querida? Pessoalmente, há outras coisas que preferiria fazer.

Harriet suspirou. A carruagem estava parando em frente a casa.

- Se não fosse pelo imenso alívio por saber que está a salvo senhor, juro que brigaria toda a noite até o amanhecer.

- Mas estou a salvo – comentou Gideon em um ronrono suave, enquanto um laçao lhes abria a porta - E você sente alívio. De modo que podemos omitir os sermões e ir à cama, hum?

Harriet lhe deu um olhar irônico, aceitando a mão que lhe ofereciam para descer da carruagem. Gideon desceu atrás dela e a tomou pelo braço para subir os degraus. Ainda sorria.

Abriu-se a porta, mostrando Owl. Sua cara azeda parecia ainda mais carrancuda que de costume.

- Boa noite, milady, sua senhoria.

Harriet o olhou com desconfiança.

- Morreu alguém, Owl?

- Não, senhora. – O mordomo olhou Gideon - Temos hóspedes.

- Hóspedes? – Gideon deixou de sorrir - Quem diabos pode nos visitar a estas horas? Não convidei ninguém.

- Os seus pais chegaram senhor.

Harriet ficou encantada.

- Estupendo!

- Meus pais! – estalou Gideon, com os olhos escurecidos de fúria. - Por todos os diabos! Que demônios fazem aqui?

Owl desviou o olhar para Harriet.

- Dizem ter recebido convite de lady St. Justin, senhor.

- Sim, por certo. – Harriet ignorou o olhar de fúria que Gideon lhe dirigia - Convidei-os pensando que me ajudariam a impedir essa horrível loucura com o senhor Morland.

- Você os convidou? Sem me pedir permissão? – inquiriu Gideon, com voz ameaçadora.

- Fiz o que me pareceu melhor, milord. Se você não confiar em mim, não pode pretender que eu lhe confie qualquer trivialidade. – Harriet cruzou precipitadamente a soleira para saudar seus sogros.

Os condes de Hardcastle estavam sentados frente ao fogo na biblioteca, junto a um bule cheio. Ambos levantaram os olhos com expressão de alarme e preocupação ao verem Harriet entrar.

O conde olhou primeiro a sua nora; logo em seguida Gideon, que vinha atrás. Sua expressão se tornou carrancuda. O filho lhe devolveu o olhar com igual ferocidade.

- Recebemos uma carta. – resmungou Hardcastle - Algo sobre acontecimentos de natureza terrível, que ameaçavam terminar em escândalo, derramamento de sangue e possível assassinato.

- Demônios! – exclamou Gideon - Harriet tem habilidade para redigir suas notas.

Capítulo 18

Duas horas depois Gideon abria com um chute a porta que comunicava seu quarto com o de sua esposa. Vinha disposto a uma batalha.

Harriet encostou-se aos travesseiros. Estava mais ou menos preparada para essa confrontação, depois de ter notado que Gideon dominou sua cólera logo assim que encontrou seus pais esperando-os na biblioteca.

Mostrou-se bastante cortês com o conde e sua mãe. Até lhes brindou com um breve resumo de todos os fatos, o que pareceu deixá-los atônitos.

Em troca, era óbvio que não pensava empregar nenhuma cortesia com Harriet. Todos estavam muito nervosos a respeito, menos ela.

Gideon plantou a mão na coluna esculpida da cama. Não usava nada além de suas calças. A luz das velas, erguido nas sombras como estava lhe sublinhava os músculos largos do peito e dos ombros. Cintilavam-lhe os olhos.

- Não estou contente com você, senhora – disse carrancudo.

- Já notei milord.

- Como se atreve a convidar meus pais sem me consultar?

- Estava desesperada. Você andava por Londres fazendo planos para bater-se em duelo e se negava a me escutar. Era preciso achar um modo de detê-lo.

- Eu tinha tudo sob controle. – rugiu Gideon, soltando a coluna para aproximar-se - Tudo, menos você, pelo visto. Condenada mulher! Supõe-se que o homem é senhor em sua própria casa.

- Bem, você é senhor nesta... Em quase tudo. – Harriet tentou um sorriso pacificador – Mas, de vez em quando, surgem uma ou duas coisas que me obrigam a agir pela força. Você estava em uma de suas crises de teimosia e se recusou a me escutar.

- O Morland era meu assunto.

- Também me envolvia, Gideon. Se você o desafiou a um duelo foi por minha causa.

- Isso não vem ao caso.

- Claro que sim. – Harriet recolheu os joelhos e os rodeou com os braços - Eu estava tão envolvida como você. Por que está tão aborrecido?

- Já sabe por que. Porque não me consultou antes de chamar meus pais. – Gideon falava com voz áspera - Não os quero aqui. Apenas falo com eles, se por acaso não se deu conta. Não entendo o que você pensava conseguir chamando-os.

- Eles se interessam por você. Se se inteiravam de que planejava arriscar a pele em um duelo, não deixariam de preocupar-se.

- Preocupar-se comigo? Que droga... Se me matassem em um duelo só se preocupariam porque a estirpe acabar-se-ia comigo.

- Como pode dizer semelhante coisa? Não viu a cara de sua mãe quando entramos na biblioteca? Estava muito alarmada!

- Muito bem, reconheço que minha mãe ainda pode sentir algo por mim. Mas meu pai só quer um neto, e para isso me necessita com vida. Mas, você não se engane pensando que se importa com a minha sorte.

- Oh, Gideon, sei que isso não é verdade. – Harriet colocou-se sobre os joelhos e lhe tocou o braço - Seu pai o quer, mas é tão teimoso, arrogante e orgulhoso como você. E muito mais velho, além disso. Portanto tem que ter os hábitos mais arraigados.

- Eu não tenho tantos anos de experiência, – espetou Gideon - mas meus hábitos estão igualmente arraigados, acredite em mim.

- Tolices. Você é muito mais tolerante e flexível que ele.

Gideon arqueou as sobrancelhas.

- Parece-lhe?

- Por certo. Basta vendo tudo o que tolera de mim.

- Isso é certo. – murmurou ele - Já lhe tolerei muito, senhora.

- Estou tentando explicar algo, Gideon. Escute-me. Se você deseja estar em bons termos com seu pai, terá que lhe facilitar as coisas. Ele não sabe como derrubar as muralhas que se levantaram nestes seis anos.

- E por que tenho que me incomodar em estar em bons termos com ele, se me voltou às costas?

- Não totalmente, Gideon. Acaso não lhe confiou à administração de seus imóveis?

- Não tinha muitas alternativas. – replicou Gideon - Sou o único filho que lhe restou.

- E que não cortou totalmente a comunicação. – continuou Harriet - Você o visita com frequência. Recordo com que presteza foi vê-lo depois da noite que passamos na caverna.

- Meu pai só me ordena para visitá-lo quando acredita que vai morrer.

- Possivelmente, se vê obrigado a usar a saúde como desculpa para chamar seu filho.

Gideon a olhou.

- Bom Deus, como demônios você chegou a essa conclusão?

- Examinando os fatos de uma maneira lógica. Você notará que a má saúde não lhe impediu de correr a resgatá-lo. Veio porque estava preocupado com o que pudesse lhe ocorrer.

Gideon fechou as mãos sobre os ombros de sua esposa e se inclinou.

- Meu pai não correu para me resgatar. Está aqui porque você fez tudo para alarmar minha mãe e para lhes fazer pensar que eu ia terminar com a estirpe dos condes de Hardcastle. Só por isso veio. E já estou farto desta tolice.

- Eu também. Deve me prometer, Gideon, que será cortês com seu pai. Dê a ele a oportunidade de selar essa brecha aberta entre vocês dois.

- Não quero seguir falando de meu pai. Vim para discutir com você, senhora.

Harriet o olhou com expectativa.

- O que devemos discutir?

- Suas obrigações de esposa. A partir de agora em diante deverá me consultar antes de tomar decisões importantes, como a que tomou quando ficou em contato com meus pais. Está entendido?

- Proponho-lhe um trato, senhor. – Harriet esboçou um sorriso trêmulo - Prometo consultá-lo sempre que você faça o mesmo. Quero sua palavra de honra de que, no futuro, discutirá comigo certas questões, como essa loucura de desafiar para um duelo o senhor Morland.

- Não houve duelo! Por que diabo insiste em falar nisso?

- Porque o conheço, Gideon. Sei muito bem que, se o senhor Morland não se desonrasse convenientemente, com essa fuga para o continente, o duelo teria se realizado. E se algo tivesse saído errado, você poderia ter morrido. Não suporto essa ideia.

Nos olhos de Gideon apareceu um súbito brilho.

- Porque me ama?

- Sim! – asseverou Harriet, quase a gritos - Quantas vezes devo dizer-lhe? Eu o amo!
Gideon a empurrou até que ficasse de costas e deslizou sobre ela.

- Acredito que a obrigarei a me dizer isso muitas, muitíssimas vezes. Incontáveis vezes. E terá que seguir dizendo pelo resto de sua vida.

- Muito bem, milord. – Harriet jogou os braços no pescoço dele para aproximá-lo – Amo você.

- Demonstre-me isso. – mas suas mãos já se moviam sobre ela.

Harriet o fez.

Seis anos antes Gideon tinha esquecido como se amava. Mas Harriet concebeu a esperança de que estivesse voltando a aprender.

Na manhã seguinte Gideon se encerrou na biblioteca, assim que terminou o café da manhã. Não estava com humor para confraternizar com seus pais, mas eles estavam na casa e

então, não havia remédio. Não podia jogá-los para fora. Portanto, decidiu que Harriet teria que encarregar-se de entretê-los, já que havia sido ela quem os tinha convidado.

Ele tinha questões mais importantes para resolver.

Sentou-se diante de sua mesa para estudar a versão final de sua lista de suspeitos. Selecionar os nomes dos possíveis ladrões era um trabalho difícil e frustrante. Havia dezenas de pessoas que apareciam em todas as listas.

Isso não significava que todos eles tivessem aceitado os convites, é claro. Em qualquer temporada, havia momentos em que certas pessoas se convertiam em “*O Queridinho do Momento*” e recebiam convites, a todas as festas, mas em geral só assistiam às mais exclusivas. Ninguém esperava outra coisa.

Um dos problemas era que Gideon não sabia como determinar quem tinha aceitado o convite e aqueles que poderiam haver desdenhado, pois não tinha a menor ideia de quais pessoas faziam furor em determinados períodos. Depois de passar seis anos longe da alta sociedade, tudo se tornava muito complicado.

Quando a porta abriu, Gideon estava repassando a longa lista uma vez mais, em um esforço por refiná-la. O pai entrou em passo vacilante e se deteve.

- Sua esposa me disse que devia estar aqui. – disse.

- Você deseja alguma coisa, senhor?

- Uma palavrinha com você, se não for incomodá-lo.

Gideon encolheu os ombros.

- Sente-se, por favor.

O conde cruzou a habitação e foi sentar-se ao outro lado do escritório.

- Ocupado não é?

- É um projeto em que trabalho há vários dias.

- Compreendo. Bem... – Hardcastle passeou o olhar pela biblioteca e pigarreou um par de vezes - Ignorava que Harriet nos tivesse mandado chamar, verdade?

- Sim.

Hardcastle enrugou a frente.

- Sua senhora tinha boa intenção, já sabe.

- Reagiu exageradamente a uma situação que estava completamente controlada.

- Sim. Bom, espero que não tenha sido muito duro com ela ontem à noite. Sei que estava envergonhado.

Gideon arqueou uma sobrancelha.

- Harriet e eu discutimos o assunto. Você não precisa preocupar-se com ela.

- Droga, filho! A que se deve tudo isso? Um duelo com Morland? Por que ocorreu desafiar Morland?

- Porque atacou Harriet no museu do senhor Humboldt. Ela salvou-se o golpeando na cabeça com um grande bloco de pedra. Por desgraça, Morland sobreviveu à experiência, de modo que o desafiei. Na realidade, era tudo muito simples, mas Harriet se alarmou.

- Morland atacou Harriet? – Hardcastle estava obviamente escandalizado - Como pôde fazer isso?

Gideon estudou a lista de convidados que tinha diante de si.

- Provavelmente porque sabia que não poderia seduzi-la, como a Deirdre. – E marcou um dos nomes.

- Deirdre!

Houve um longo silêncio. Gideon, sem levantar os olhos, seguia revisando os nomes. Por fim Hardcastle perguntou:

- Está me dizendo que, faz seis anos, Morland seduziu Deirdre Rushton?

- Sim. Acredito tê-lo mencionado, uma ou duas vezes, que ela tinha um caso com outro homem e que eu nunca a havia tocado.

- Sim, mas...

- Mas você pensou que o filho era meu – concluiu Gideon – Lembro de haver negado em um par de ocasiões, mas ninguém prestou muita atenção.

- Era filha de um pároco... – Mas na voz do pai não havia nenhum calor defensivo; só uma grande tristeza - E ela disse que o menino era seu. Por que mentiu, se pensava matar-se?

- Perguntei-me isso muitas vezes. O certo é que Deirdre disse muitas mentiras nesse tempo. O que importava uma mais?

Hardcastle enrugou as sobrancelhas.

- Sabia então que Morland se deitava com ela?

- Ela mesma disse-me isso, na última noite. Mais adiante, quando tudo terminou, não tive como provar. Nessa época Morland estava casado e sua pobre esposa já tinha muitos problemas.

- Sua esposa? Sim, acredito lembrar vagamente dela. Uma criatura muito melancólica, sem fibra.

Gideon fez uma pausa para recordar.

- Dizem que ele a tratava muito mal. Não encontrei motivos para acusá-lo publicamente de seduzir Deirdre. Ninguém teria acreditado em mim. Só teria causado mais preocupações à triste senhora Morland.

- Compreendo. Percebi de que já não andava com Morland, mas supus que ele havia dado as costas a você, como todo mundo. Em troca foi você quem cortou a amizade.

- Sim.

- Foi uma época difícil para todos. – disse Hardcastle - Seu irmão tinha morrido meses antes. Sua mãe não se recuperava do golpe.

- Tampouco você. – observou Gideon, frio - Eu começava a compreender que não se recuperaria jamais.

- Era meu primogênito. – comentou o conde, lentamente - Por muito tempo foi meu único filho. Depois do nascimento de Randal, sua mãe passou vários anos sem poder conceber. Ele era o único filho que tínhamos, mas também era tudo o que alguém esperava de seu herdeiro. Era quase inevitável que fosse o preferido, até mesmo depois da sua chegada.

- Foi também inevitável que eu me esforçasse, em vão, por ocupar seu lugar diante de você, senhor. Isso era muito claro.

Hardcastle o olhou nos olhos.

- Como já disse perder Randal foi um grande golpe. E tão pouco tempo depois, ter que enfrentar o escândalo provocado pela morte de Deirdre... Necessitávamos tempo para nos adaptar, Gideon.

- Sem dúvida. – O filho seguiu estudando suas listas. Pelo menos estavam conversando sem gritar. Era a primeira vez que podiam discutir o passado em tom razoável - Há algo que eu gostaria de saber. Das outras coisas que se diziam, você acreditou em alguma?

Hardcastle franziu as sobrancelhas.

- Não seja estúpido. Nunca acreditamos, nem por um momento, que tivesse algo a ver com a morte de seu irmão. Admito ter pensado que tinha agido mal com Deirdre Rushton, mas nem sua mãe, nem eu pensamos por um só instante, que fosse um assassino.

Gideon enfrentou o firme olhar de seu pai, com visível alívio.

- Alegro-me. – Nunca soube com certeza o que acreditavam ou não seus pais. Seis anos antes, circulavam muitos rumores, cada um pior que o anterior.

- No que está trabalhando? – perguntou Hardcastle, depois de um momento.

Gideon, embora vacilante, decidiu explicar-lhe.

- Como disse, continuo procurando o cérebro por trás do bando de ladrões que usaram as cavernas.

- Disse que devia ser alguém aceito pela alta sociedade e também interessado em fósseis. E... Também mencionou que eu era um candidato possível – murmurou Hardcastle.

Gideon levantou os olhos e detectou um brilho irônico nos olhos de seu pai.

- O senhor ficaria tranquilo em saber que o retirei da lista de suspeitos?

- Baseado em quê?

- Baseado no fato de que você não esteve frequentando a alta sociedade. Seria necessário alguém se movendo livremente por Londres, assistindo às festas e às reuniões similares. –

disse Gideon - Você e minha mãe estão há anos vivendo em Hardcastle House como dois ermitões.

- Por causa de minha saúde, você sabe. – O conde lhe deu um olhar ardiloso.

- Tal como Harriet me fez ver ontem à noite, sua saúde não o impediu de correr à capital assim que recebeu a carta.

- Ultimamente me sinto um pouco melhor.

Gideon sorriu serenamente.

- Sem dúvida, pela esperança de ter logo um neto.

Hardcastle se encolheu de ombros.

- Já está mais que na hora... Mas essa lista parece muito longa.

- Estou custando descobrir quem pode conhecer as cavernas de Upper Biddleton. Sempre que faço averiguações em meu clube, descubro um membro ou outro que se interessa por fósseis. Não tinha ideia que houvesse tanta gente fascinada por ossos velhos.

- Possivelmente eu possa ajudá-lo. Na época em que compilava fósseis conheci muitos que tinham a mesma inclinação. Pode ser que eu reconheça alguns desses nomes.

Gideon vacilou por um momento. Logo passou a folha para que seu pai pudesse estudá-la.

- Interessante. – comentou Hardcastle distraído, enquanto a percorria com um dedo - Acredito que pode riscar o Donnelly e o Jenkins. Se não me falha a memória, dificilmente saem de Londres e não iriam, por certo, a um lugar tão pouco elegante como Upper Biddleton. Seu interesse pelos fósseis é limitado.

Gideon olhou seu pai e se inclinou para pôr uma marca junto a esses dois nomes.

- Muito bem. – disse rígido.

- Posso perguntar por que está tão decidido a prender esse homem misterioso?

- Assim que voltarmos para Upper Biddleton, Harriet irá diretamente a sua preciosa caverna. Devo me assegurar de que não corra perigo ali. E só estarei tranquilo quando souber que o chefe desse bando foi encarcerado. A próxima vez, minha esposa poderia encontrar-se diretamente com os malfeitores e não só com os produtos dos roubos.

Hardcastle o olhava com seriedade.

- Compreendo. Acredita que o chefe voltará às cavernas?

- Não há motivos para que não organize uma operação similar, assim que tenha passado o barulho. Deve saber que não posso passar o resto da vida em Upper Biddleton, vigiando a praia. E o plano em si funcionou muito bem até que Harriet entrou, por acaso, nessa caverna. Sim, acredito que pode tentar outra vez.

Hardcastle entreteceu as sobrancelhas.

- Nesse caso teremos que pôr mãos à obra. – Deu uma olhada aos dois nomes seguintes - Restonville e Shadwick fariam ruborizar ao Rei Midas com a fortuna que têm. Não precisam organizar um bando de ladrões.

- Muito bem. – Gideon marcou outros dois nomes.

Continuaram trabalhando por vários minutos ainda; a lista diminuía pouco a pouco. No meio da tarefa entraram Harriet e lady Hardcastle, vestidas para sair. Gideon e seu pai se levantaram cortesmente.

- Viemos avisar que vamos sair para as compras, milord – disse Harriet, alegremente - Sua mãe expressou o desejo de ver as últimas modas.

- Necessito desesperadamente de um novo chapéu e tecidos para um ou dois vestidos. – assegurou lady Hardcastle, dedicando a sua nora um sorriso vacilante.

A Gideon não passou despercebida essa expressão. Ao que parecia, sua esposa começava a conquistar sua mãe, assim como a todo mundo.

- Não há como uma expedição de compras para dar a duas mulheres a oportunidade de se conhecerem bem. – comentou a jovem, com energia. - Sua mãe e eu temos muito em comum, milord.

Gideon arqueou uma sobrancelha.

- Por exemplo?

- Você, é obvio. – Sorria de orelha a orelha.

Lady Hardcastle passeava um olhar nervoso entre o marido e o filho.

- Vejo que estão ocupados.

- Bastante. – disse o conde - Estamos revisando a lista de suspeitos.

- Que suspeitos? – inquiriu Harriet, com os olhos muito abertos.

Gideon lançou um grunhido.

- Queria lhe advertir que não dissesse nada, senhor. – murmurou a seu pai.

- De que suspeitos falam? – interpelou a jovem.

- Procuro alguém que possa ter organizado o bando de ladrões que invadiu as cavernas. – explicou Gideon, brevemente - Tenho motivos para acreditar que é uma pessoa recebida nos melhores salões. Além disso, deve ter tido oportunidade de conhecer as cavernas dos escarpados.

- Um colecionador de fósseis, possivelmente?

O visconde assentiu com pesar.

- Sim, muito possivelmente.

- Que ideia brilhante. Os colecionadores de fósseis costumam ser muito inescrupulosos, como lhe disse milord – comentou Harriet, com o entusiasmo nos olhos - Talvez eu possa ajudar. Conheço muitos colecionadores de Londres e vários deles me parecem tenebrosos.

Gideon sorriu tristemente.

- A grande maioria de seus colegas lhe parece indigna de confiança, Harriet. Acho que sua opinião não vai nos ajudar a diminuir muito a lista. Mesmo assim, pode me dar os nomes de quem compõe sua Sociedade de Fósseis e Antiguidades, para que eu possa confrontar com minha lista.

- Por certo. Ocupar-me-ei disso assim que voltemos.

Lady Hardcastle deu um olhar a seu marido.

- Quais figuram, até agora?

- Várias pessoas. É uma lista bastante longa – respondeu ele.

- Posso vê-la? – A condessa flutuou até o escritório.

Harriet a seguiu para olhar por cima de seu ombro.

- Meu Deus... Como pensam descobrir o culpado entre tantos suspeitos?

- Não será fácil. – reconheceu Gideon - Sugiro que se ponham a caminho, senhoras. Meu pai e eu temos muito trabalho.

Lady Hardcastle estudava a lista com o cenho franzido.

- Não vejo aqui o nome de Bryce Morland. Acredito que nunca se interessou pelos fósseis, mas conhecia bem os arredores de Upper Biddleton.

Gideon enfrentou o olhar interrogante de sua mãe.

- Estudei a possibilidade de que Morland estivesse por trás disto. Por certo, não teria escrúpulos em dedicar-se ao roubo. Mas, não acredito que fosse ele. Em todo caso, não temos por que nos preocupar: abandonou o país.

- Muito certo. – Lady Hardcastle seguia estudando a lista. - E Clive Rushton? Tampouco figura aqui, e em outros tempos foi um colecionador ávido. – Olhou seu marido - Se mal me lembro, foi ele quem familiarizou você com este passatempo, querido.

Houve um agudo silêncio. O conde se removia na cadeira, inquieto.

- Esse homem era meu pároco. Não é do tipo que poderia comandar um bando de ladrões.

Gideon se sentou com lentidão, contemplando sua mãe com ar pensativo.

- A princípio o incluí na lista, mas o retirei ao notar que não figurava nas listas de convidados de muitas casas onde se produziram roubos. Também por isso retirei Morland. O homem que procuro é convidado aos lares mais exclusivos da alta sociedade. Rushton e Morland não se moviam nesses círculos.

- Ora, isso não quer dizer nada. – assegurou lady Hardcastle, casualmente - Em noites de baile ou de grandes jantares, as melhores casas estão tão cheias que parecem transbordar. Se não fosse assim, a festa seria considerada um fracasso. Supõe-se que cada um deve apresentar seu convite à entrada, mas sabemos o que acontece; como as escadarias e os vestíbulos estão sempre lotados, qualquer um pode escapulir.

- Sua mãe tem razão, milord – assinalou Harriet, apressadamente – Uma pessoa bem vestida, que pareça estar em companhia de um convidado, filtra-se sem dificuldades em qualquer salão lotado. Em semelhante multidão, quem vai reparar em um hóspede a mais?

Gideon tamborilou com os dedos em sua mesa.

- Bem, pode ser.

O conde parecia estupefato.

- Claro que sim! Até seria possível esperar que a festa esteja no auge e então, entrar pelos jardins. Ninguém saberia.

- Nesse caso, – disse Gideon, pensando com rapidez - Rushton é um candidato viável. E também Morland. Ora, ora, o mesmo pode dizer-se de muitos outros.

Hardcastle levantou uma mão.

- Segue em pé o fato de que esse cérebro deve conhecer muito bem as cavernas de Upper Biddleton. Isso impedirá que a lista cresça muito.

- Suponho que sim.

- Se necessitarem orientação sobre os costumes da sociedade, podem consultar-se com Harriet e comigo. – Lady Hardcastle colocou as luvas, sorridente - Vamos Harriet, a caminho. Estou desejando voltar a caminhar pela Rua Oxford. Ali havia uma pequena chapeleira francesa que criava toucas deliciosas.

- Sim, é óbvio – disse Harriet, amável. Mas seus olhos se atrasavam na lista de Gideon. Era óbvio que teria preferido trabalhar nela.

- Oh, a propósito: – adicionou lady Hardcastle, detendo-se na soleira – É hora de que Harriet organize sua própria festa. Eu a ajudarei. Os convites sairão esta tarde. Que ninguém se comprometa para a próxima terça-feira.

Gideon esperou que as duas tivessem saído para olhar seu pai nos olhos.

- É possível que Harriet tenha razão. – disse, lentamente.

- Com respeito ao quê?

- A que devo me explicar e consultar aos outros quando faço meus planos. Esta manhã progredi mais que em todos os dias anteriores com minha lista de suspeitos.

O conde riu entre dentes.

- Não é o único que aprendeu algumas coisas, ultimamente. Ouça, tenho outra ideia. Por que não visitamos esta tarde alguns de meus clubes? Posso renovar alguns relacionamentos e fazer umas tantas perguntas. Possivelmente possa ajudá-lo a cortar esta lista um pouco mais.

- Muito bem.

Gideon se deu conta de que, em algum momento dessa manhã, tinha chegado a aceitar a ideia de que seu pai o acompanhasse na empreitada. A sensação lhe resultava estranha, mas não desagradável.

Quando Gideon e seu pai entraram no clube houve um murmúrio de surpresa. Vários velhos amigos saudaram o conde com a cabeça, satisfeitos em vê-lo depois de tantos anos.

Mas antes que alguém pudesse aproximar-se deles, apresentaram-se Applegate e Fry.

- Compartilhamos umas taças de porto, senhores? – convidou o jovem, jubiloso, olhando Hardcastle - Estamos brindando pelo êxito de St. Justin, que se desfez de Morland. Suponho que você esteja informado, lorde Hardcastle. Em toda a cidade não se fala de outra coisa. O covarde fugiu para o continente, para não enfrentar seu filho.

- Isso me disseram.

- Digo eu... Isso lança uma luz muito distinta sobre essas coisas desagradáveis que ocorreram há seis anos. – declarou Fry. E se inclinou confidencialmente para o conde - Lady St. Justin esclareceu um ou dois aspectos desse assunto, você sabe?

- Ah, sim? – Hardcastle aceitou uma taça de porto.

- E agora, todo este assunto do Morland deve demonstrar que todas essas intrigas estavam completamente equivocadas. – concluiu Fry - Sem dúvida alguma, St. Justin não é nenhum covarde e não teme lutar pela honra de uma dama. Mais ainda: demonstrou que está disposto a cumprir com seu dever de cavalheiro, quando assim for necessário.

- É o que dizia lady St. Justin desde o princípio, - Applegate meneou a cabeça - Como são as intrigas! Uma coisa muito nociva, sim.

Dois ou três homens mais se aproximaram para apresentar seus respeitos a Hardcastle. Logo se voltaram para Gideon.

- Soube de Morland – disse um deles - Estamos melhores sem ele. Nunca confiei naquele homem. Na temporada anterior, ele esteve de olho em minha filha. Queria apoderar-se da herança, sem dúvida. A pequena parva se acreditava apaixonada por ele. Não foi fácil lhe tirar essa ideia da cabeça.

-Digo eu: – manifestou seu companheiro a Gideon - minha esposa comenta que você deu de presente a sua senhora uma égua espetacular. Está invejosa e quer que eu escolha um cavalo novo para ela. Eu gostaria que você me desse sua opinião na próxima venda no Tattersall, na quinta-feira.

- Não pensava assistir a essa venda. – disse Gideon.

O homem assentiu depressa, corado de vergonha.

- Compreendo, compreendo. Não quis incomodar. Só me ocorreu que você podia me dar um conselho, se por acaso estivesse por ali.

Gideon captou o olhar de advertência que lhe lançava seu pai e se encolheu de ombros.

- É claro. Se na quinta-feira me encontrar perto do Tattersall, será um prazer lhe assinalar um ou dois animais adequados para sua senhora.

O cavalheiro se iluminou.

- Agradeço-lhe. Bom, já vou. Certamente nos veremos esta noite no baile dos Urskin. Minha esposa diz que estaremos ali. Assegura que todos irão, para encontrar-se com você e com lady St. Justin.

Todo mundo, ou quando menos toda a alta sociedade, mostrou-se essa noite no salão dos Urskin. E imediatamente, foi óbvio que ia render homenagem a Gideon e Harriet.

Da noite para o dia, lorde e lady St. Justin eram os queridinhos da sociedade. A presença dos condes de Hardcastle era uma nova honra para a orgulhosa anfitriã.

Effie e Adelaide estavam muito emocionadas ao ver-se aparentadas com um casal tão elegante. Para Felicity, tudo aquilo resultava muito divertido.

No melhor da festa, Hardcastle procurou seu filho, que estava perto de uma janela. Pela primeira vez na noite se encontrava a sós e estava desfrutando desse momento de paz.

- É assombroso que tenha feito tantos amigos nos últimos tempos. – Hardcastle observava a multidão sorvendo seu champanha.

- Verdade, não é? No que concerne à alta sociedade, limpei a mancha de minha honra. Devo tudo isso a minha assombrosa e jovem esposa.

- Não! – replicou o pai, com inesperada ferocidade - Graças à sua esposa, você recuperou sua reputação aos olhos sociedade. Mas sua honra sempre esteve limpa e imaculada.

Gideon ficou tão surpreso que esteve a ponto de deixar cair sua taça de champanha. Voltou-se para o pai sem saber o que dizer. Por fim conseguiu pronunciar:

- Obrigado, senhor.

- Não tem nada que me agradecer – murmurou o conde - Orgulha-me que seja meu filho.

Capítulo 19

Na manhã seguinte, estando Harriet em seu quarto, lady Hardcastle foi procurá-la. A jovem afastou o ensaio *“História Natural da Terra”* que tinha comprado um pouco antes e sorriu para sua sogra.

- Bom dia, lady Hardcastle. Supus que ainda estivesse dormindo. São apenas dez horas e ontem à noite nos deitamos muito tarde.

- Sim, era horrivelmente tarde, não? Acredito que estou habituada ao horário do campo. Levar-me-á algum tempo para retomar o hábito de me deitar de madrugada. – Lady Hardcastle flutuou até uma diminuta cadeira posta junto à janela e sentou-se como se não tivesse peso - Queria falar com você, caso não se incomode.

- É obvio que não.

A senhora sorriu gentilmente.

- Não sei como começar. Suponho que primeiramente deveria agradecê-la.

Harriet piscou.

- Por quê?

- Ora Harriet, por tudo o que tem feito por Gideon, naturalmente. E também por nós, meu marido e eu.

- Mas eu não fiz nada! – protestou Harriet - Muito pelo contrário, obriguei-os a vir apressadamente sem motivo, e provoquei o aborrecimento de Gideon. Mas, agradeço que tudo tenha terminado. Com um pouco de sorte, logo sairemos de Londres para voltar à Upper Biddleton. Na realidade, eu não gosto muito da vida na capital.

Lady Hardcastle abanou sua mão elegante.

- Você não entendeu querida. Agradeço-lhe muito mais que esta chamada à Londres. Você me devolveu meu filho. Não sei se algum dia lhe poderei pagar por isso.

Harriet a olhou com fixidez.

- Isso é exagerar muito a situação, lady Hardcastle, lhe asseguro.

- Não, nada disso. Há seis anos, quando morreu meu filho mais velho, fiquei deprimida pela melancolia mais profunda que jamais tinha experimentado. Não conseguia sair dela. Passaram-se meses. Até nos mudamos de Upper Biddleton para Hardcastle Hall, porque o médico sugeriu que a mudança me ajudaria. Quando por fim comecei a ressurgir à vida descobri que tinha estado a ponto de perder meu filho mais novo.

- Que terrível. – murmurou Harriet.

- Meu marido não queria sequer falar com ele; por algum tempo não permitiu que ele pisasse em nossa casa. Todos acusavam Gideon de uma conduta espantosa para com a pobre Deirdre Rushton. E depois de um tempo Gideon simplesmente, deixou de negar. Voltou às costas a todos. E quem poderia condenar-lhe?

- Mas seu marido lhe concedeu a administração dos imóveis.

- Sim. Ao ver que sua saúde fraquejava, chamou Gideon e pôs tudo em suas mãos. Eu pensei que isso ajudaria a quebrar o gelo, mas não foi assim. Cada vez que Gideon vinha em casa terminava brigando com seu pai.

- Gideon é muito teimoso.

- Assim como seu pai. – disse lady Hardcastle, melancólica - Em algumas coisas se parecem muito, embora jamais o reconheçam. O certo é que ontem, quando os encontramos juntos na biblioteca, estive a ponto de chorar de alegria. Pela primeira vez os vi conversar tranquilamente, depois de seis longos anos. E tudo, graças a você.

Harriet lhe tocou a mão.

- Você é muito amável, lady Hardcastle, mas lhe asseguro que fiz pouca coisa.

A condessa estreitou por um momento a mão de Harriet.

- Meu filho se tornou tão mal-humorado e perigoso como a Besta que as pessoas viam nele.

- Por Deus. – protestou Harriet - Nunca foi tão mau senhora. Eu sempre o achei bastante racional, geralmente. E sempre me tratou com muita amabilidade.

- Amabilidade? – A senhora sobressaltou-se – Mas, se adora até o chão que você pisa!

Harriet a olhou com assombro. Logo se pôs a rir.

- Que tolice. É generoso comigo, reconheço-o, mas lhe asseguro que Gideon não me adora.

- Engana-se me acredite.

A jovem sacudiu a cabeça com decisão.

- Não, absolutamente. Ele mesmo me disse que tinha esquecido como se ama. Casou-se comigo porque é um homem muito honrado e não havia alternativa. Convertemo-nos em bons amigos. Mas isso é tudo.

- São marido e mulher – observou lady Hardcastle, sem vacilar – E, vi como meu filho olha para ti. Apostaria os diamantes de Hardcastle que são mais que bons amigos, querida.

Harriet ruborizou-se.

- Sim, claro, temos o afeto natural que se cabe esperar em um matrimônio, suponho. Mas não atribua mais importância do que tem.

Lady Hardcastle a estudou com atenção.

- Está apaixonada por ele, verdade?

Harriet franziu o nariz.

- É tão óbvio?

- Valha-me Deus, sim! Dá para saber só de olhá-la. E suponho que todo mundo percebe com a mesma nitidez.

- Oh, céus! – murmurou à jovem - Tento disfarçar acredite-me. Não quero envergonhar Gideon em público. As pessoas de bom tom ridicularizam essas emoções entre marido e mulher. Não são elegantes, absolutamente.

Lady Hardcastle levantou-se como se fosse feita de plumas e deu um grande abraço em sua nora.

- Não acredito que pudesse envergonhar meu filho. Foi à única pessoa que acreditou nele. Gideon jamais esquecerá.

- A seu modo é muito leal. – reconheceu Harriet, carinhosamente - E muito digno de confiança, por certo. Meu pai o teria amado muito.

Lady Hardcastle caminhou até a porta e parou por um instante.

- Depois do que ocorreu há seis anos, as pessoas disseram que meu filho era uma besta. Com seu tamanho e sua terrível cicatriz, a alcunha fixou-se. De certo modo, acredito que fazia o possível por merecer essa marca. Mas, a sua fé em Gideon, o modificou. Por isso, eu lhe agradeço de todo coração.

Lady Hardcastle saiu flutuando da habitação e fechou a porta com muita suavidade.

- Ser uma pessoa notória tem suas vantagens – proclamou Adelaide, na festa na casa dos St. Justin - Olhe que multidão. Decididamente, Harriet, acaba de converter-se em uma anfitriã de êxito. Felicidades.

- É verdade, Harriet. – Effie olhava a seu redor, satisfeita. A casa de St. Justin estava completamente lotada – Um agrupamento de pessoas estupendo! Amanhã todos os jornais falarão disto.

Felicity sorriu a sua irmã.

- Acredito que finalmente você adquiriu o refinamento social que necessitava para não envergonhar St. Justin, em público. Ninguém poderá dizer que se casou com uma mulher que não sabe atender às pessoas.

Harriet fez uma careta.

- Por favor, não pensem que tudo isto é trabalho meu. Na verdade, foi lady Hardcastle quem organizou tudo. Agradeço aos céus que todos os convidados tenham aceitado o convite.

- E, alguns que não estavam convidados. – comentou a irmã - Ninguém pôde resistir à tentação. Você e St. Justin têm às pessoas em suas mãos. Agora, olham para Gideon como se fosse um herói romântico que sofreu muito. E você é a dama que o amou apesar de seu tenebroso passado. Parece ter sido inspirado em uma novela gótica.

- De novelas góticas não sei nada, – disse Effie - mas não se pode negar que estão fazendo furor. Era o momento perfeito para oferecer uma festa como esta.

- É o que disse lady Hardcastle. – disse Harriet - Pessoalmente, não vejo a hora que termine.

Dois jovens muito conhecidos e elegantes caminharam em direção à Felicity e seus familiares. Harriet se inclinou para a irmã.

- Aí vêm os gêmeos Adonis.

Felicity sorriu com todo seu encanto.

- São atraentes, não é verdade? O que me preocupa é que façam tudo juntos. Pergunto-me até onde levarão o costume.

Effie franziu severamente o cenho.

- Ora essa menina.

Harriet sufocou uma risada, pois os dois jovens estavam perto. Depois da troca de saudações desapareceu, sabendo que ninguém sentiria falta dela. Os gêmeos Adonis só tinham olhos para Felicity. E, ela poderia dedicar-se a coisas mais interessantes.

Gideon e seus pais estavam no outro extremo do apinhado salão, conversando com um casal que Harriet não reconheceu. Deviam ser dois dos muitos amigos de lorde e lady Hardcastle.

A habitação estava muito quente. Harriet se abanou por um momento, mas logo decidiu sair ao jardim para tomar um pouco de ar fresco. No trajeto para a porta, várias pessoas a saudaram amigavelmente com a cabeça.

Poucos minutos depois se encontrou no vestíbulo, onde Owl fiscalizava o grande número de serventes que tratavam de correr com bandejas de champanha e canapés. O mordomo lhe dedicou uma lúgubre saudação.

- Está tudo em ordem, Owl? – perguntou à jovem.

- No momento temos a situação sob controle, senhora, mas a multidão é maior do que esperávamos. Rezemos para que não acabe o champanha.

- Valha-me Deus! – exclamou Harriet, alarmada - Existe essa possibilidade?

- Neste tipo de coisas, senhora, sempre existe a possibilidade de um desastre. Farei o possível por evitá-lo, é claro.

- É claro.

Harriet cruzou o vestíbulo para a porta traseira, mas de repente notou que lhe tinha afrouxado uma liga. Decidiu subir à intimidade de seu próprio quarto para voltar a atá-la.

No topo da escada virou para a esquerda pelo corredor. Já não tinha dúvidas. A liga estava se desatando e a meia começava a deslizar para baixo. Por sorte, tinha detectado o problema a tempo. Teria sido uma mortificação encontrar-se com a meia enroscada no tornozelo, no meio de sua primeira festa.

O corredor parecia mais escuro que de costume. Alguém tinha apagado as velas nos castiçais da parede. Owl, sem dúvida, tratando de fazer economia.

Ao abrir a porta de seu dormitório parou repentinamente; seu quarto também estava às escuras, excetuando uma única vela na sua mesa.

Harriet estava segura de não ter deixado nenhuma vela acesa na pequena mesa. Adiantou-se com o cenho enrugado, perguntando-se se havia sido sua donzela que tinha acendido a vela.

Então, viu a figura encurvada que se inclinava para a gaveta aberta. Imediatamente compreendeu o que acontecia: era a gaveta em que guardava seu dente fóssil.

- Detenha-se, ladrão! – gritou. E correu para frente, empunhando sua única arma: o leque - Detenha-se imediatamente. Como se atreve?

A escura silhueta endireitou bruscamente as costas. Fechando a gaveta com um golpe, deu a volta para enfrentar Harriet. A luz da vela revelou as murchas feições do senhor Humboldt.

- Mulher idiota! – gritou. E saltou para a porta, empurrando Harriet para o lado.

A jovem caiu no tapete, contra a cama. Esticou a mão e encontrou o urinol. Agarrou-o com força enquanto tentava levantar-se.

- Que desastre acontece aqui? – rugiu Gideon da porta - Droga! Harriet!

Nesse instante o senhor Humboldt, em sua fuga, chocou-se de frente com o obstáculo fixo que era Gideon. O visconde o segurou pelo pescoço e o jogou para o lado. Humboldt caiu no tapete com um grunhido.

- Encarregue-se dele, Dobbs. – Gideon deu dois grandes passos para se ajoelhar junto à Harriet e a tomou em seus braços – Você está bem? – perguntou, com voz rouca.

- Sim, sim, estou bem. – ofegou ela – Ainda bem que o apanhou, Gideon. Acredito que tentava roubar-me o dente.

- É mais provável que estivesse procurando suas joias, lady St. Justin. – disse Dobbs, da porta – Diabinho sorrateiro! Na realidade, tem aspecto de ladrão, não é verdade? Claro que o aspecto não quer dizer nada. Mas este vadio poderia passar por membro da classe criminoso.

Gideon voltou-se com Harriet entre os braços. A jovem fulminou com o olhar o senhor Humboldt, que estava se levantando aos poucos.

- Que absurdo senhor Humboldt, como pôde cair tão baixo? – acusou - Deveria envergonhar-se.

O homenzinho lançou um grunhido triste, enquanto Dobbs o levantava com um puxão.

- Estava caminhando pela casa e me perdi. Nunca pensei em roubar as joias de sua senhoria. Para que quero joias?

- Se procurava as joias, coisa que duvido, provavelmente era para vendê-las, a fim de seguir comprando fósseis – declarou Harriet.

Humboldt a fulminou com o olhar.

- Não é verdade. Bem, na verdade, ouvi dizer que você tinha achado algo interessante nas cavernas de Upper Biddleton. Não acreditei, é obvio. Faz anos explorei pessoalmente essas cavernas e sei que nelas não existe nada importante. Mesmo assim, quis ver se, por pura casualidade, você tinha tropeçado com algo.

- Já sabia! – Harriet sacudiu a cabeça com desgosto, olhando seu marido - Não lhe disse desde o princípio que os colecionadores de fósseis são pessoas inescrupulosas, milord?

- É verdade. - Gideon parecia pensativo - Não se machucou? Tem certeza?

- Tenho certeza. Já pode me baixar. – Enquanto Gideon a depositava lentamente sobre seus pés, Harriet ajeitou suas saias. A liga tinha desatado por completo e tinha a meia caída até o tornozelo - Como é que vocês chegaram tão rapidamente?

- Designei ao senhor Dobbs que vigiasse à multidão – explicou Gideon - Recordará você que convidamos todos os suspeitos da minha lista. Decidi não correr nenhum risco.

Harriet lhe dedicou um sorriso brilhante.

- Que plano perfeito.

- Era perfeito até que você resolveu subir, no pior momento. – replicou Gideon.

- Bom, isso demonstra que deve me manter informada, milord. Já lhe disse cem vezes. Já deveria ter aprendido.

O visconde arqueou uma sobrancelha.

- Muito certo.

Harriet dilatou os olhos.

- Acabo de lembrar algo, milord. O senhor Humboldt não figurava em nossa lista de convidados.

- Não, na verdade. – concordou Gideon - Isso demonstra que minha mãe tinha razão com respeito às listas. Em semelhante multidão, qualquer um pode entrar sem convite, se for ardiloso e estiver bem vestido.

Na manhã seguinte, durante o desjejum, a conversa centrou-se na captura do senhor Humboldt.

- Com isto, hoje, a festa será a fofoca de toda a cidade. – assegurou lady Hardcastle à Harriet, com um olhar divertido - Todos dirão que, uma vez mais, lorde e lady St. Justin compuseram para proporcionar a seus convidados um extraordinário entretenimento. Imaginem! No melhor da festa, os donos da casa capturam um infame ladrão.

- Está em todos os jornais. – anunciou Hardcastle do outro lado da mesa, com uma pilha de jornais que já tinha folheado pela metade - Há crônicas excelentes do acontecido. Dizem que

Humboldt é o cérebro oculto por trás de uma série de roubos que se produziram nos últimos meses.

- E St. Justin, o herói que o fez cair na armadilha – adicionou Harriet, dando um olhar de resplandecente admiração para seu marido. - Mencionam isso nos jornais?

Gideon a fulminou com o olhar, da outra cabeceira.

- Espero que não.

- Oh, sim, está em todas as partes. – O conde abandonou um jornal para tomar outro - Qualificam-lhe como galante e ardiloso filho. E dizem que salvou sua esposa do criminoso.

- Esplêndido! – exclamou Harriet - Alegra-me que contem as coisas tal como aconteceram.

Gideon a olhou com ar lacônico.

- Quando tropeçou comigo, querida, o senhor Humboldt fugia para salvar sua própria vida. Não vi que tentava matar ninguém. Na realidade, a perigosa parecia ser você. Jamais esquecerei essa cena: você com o urinol na mão. Alarmante!

- Bom, é que supus que procurava meu dente. – explicou Harriet.

- O senhor Dobbs chegou à conclusão que Humboldt ficou sem recursos para manter seu museu, – explicou Gideon - Ao que parece, recorreu ao roubo para financiar a compra de novos fósseis.

Harriet assentiu.

- Um colecionador de fósseis pode recorrer a algo assim, caso se desesperar. Pobre senhor Humboldt! Espero que sejam clementes com ele. De certo modo, eu o compreendo.

- Quanto menos, – disse a condessa com satisfação - sua reputação como anfitriã, ficou firmemente estabelecida. O que mais temem as pessoas da sociedade é se aborrecerem. Vocês lhes proporcionaram outro espetáculo excitante.

Harriet estava a ponto de replicar, mas Owl entrou com uma bandeja de prata, levando a correspondência da manhã. A carta de cima estava dirigida à Harriet.

- Valha-me Deus! – exclamou Harriet, enquanto rompia o selo - É da senhora Stone. Será que aconteceu algo inesperado?

- Certamente alguém sofreu uma morte lenta e angustiante ou há uma epidemia em Upper Biddleton. – disse Gideon - São as únicas coisas que induziriam essa bruxa a escrever uma carta.

Harriet, sem lhe prestar atenção, leu rapidamente à breve nota e lançou um grito de pânico.

- Que terrível!

O conde e sua esposa a olharam, preocupados.

- O que aconteceu querida? – perguntou tranquilamente o marido, com a boca cheia de bacon.

- O pior! – Harriet agitava a carta - Aconteceu algo espantoso. Eu temia isso.

Gideon engoliu seu bacon, sem se deixar perturbar.

- Por que não nos conta o conteúdo da mensagem?

Harriet estava tão horrorizada que mal podia falar.

- Diz a senhora Stone que tem motivos para acreditar que outro colecionador de fósseis está explorando minhas cavernas. Outro dia, viu um homem na praia e, quando voltou a vê-lo, ia carregando uma grande parte de rocha.

Gideon deixou sua torrada.

- Deixe-me ver.

Harriet lhe entregou a nota.

- Isto é uma coisa grave. Alguma outra pessoa pode ter achado os ossos que acompanham o meu dente. Devo retornar imediatamente a Upper Biddleton. E você, senhor, avise a alguém de Blackthorne Hall. Ninguém deve pisar em minhas cavernas.

Gideon leu rapidamente a nota.

- Ignorava que a senhora Stone soubesse ler e escrever.

- Trabalhou na casa de dois párocos. – observou lady Hardcastle – Deve ter aprendido alguma coisa, em tantos anos.

- Ou ditou a carta a alguém da aldeia – sugeriu o conde - Todo mundo o faz.

Gideon deixou a nota na mesa.

- Avisarei Blackthorne Hall, querida, para que advertam a quem se aproxime das cavernas, que está invadindo propriedade privada. Basta-lhe isso?

Harriet sacudiu a cabeça.

- Tudo isso está muito bem, milord, mas acredito que devo retornar imediatamente. Quero me assegurar de que ninguém tenha descoberto os restos de meu animal.

- Não me parece necessário retornar pessoalmente, para proteger esses preciosos fósseis. – começou Gideon.

- Mas para mim, sim. – Harriet se levantou de um salto - Vou preparar minha bagagem. Quando podemos partir, milord?

Gideon a olhou com autoridade.

- Já disse que não há necessidade de correr a Upper Biddleton.

- Claro que sim! Você já viu quão inescrupulosos são esses colecionadores de fósseis. Se alguém encontrou minha caverna, de nada servirá uma advertência. Essa pessoa procurará uma maneira de entrar. Eu sei.

Hardcastle assentiu com sobriedade.

- Uma vez que um colecionador fareja ossos antigos, afastá-lo dali é impossível. Esperemos que ainda não tenha descoberto a caverna de Harriet.

A jovem lhe deu um olhar agradecido.

- Obrigado por sua compreensão, senhor. Compreende St. Justin? Devemos partir imediatamente.

A condessa sorriu a seu filho.

- O que o impede de estar uns dias em Upper Biddleton com sua esposa e ocupar-se deste assunto? Seu pai e eu ficaremos aqui.

Gideon levantou uma mão em sinal de rendição. Logo olhou Harriet com indulgência.

- Muito bem, querida. Prepare a bagagem.

- Obrigado, Gideon. – Harriet voou para a porta - Em uma hora estarei pronta.

Essa noite, pouco depois das nove, a carruagem parou no pátio dianteiro de Blackthorne Hall. Gideon sabia que Harriet se sentia frustrada; desejava ir diretamente aos escarpados e até sugeriu que poderiam fazê-lo com algumas lanternas. Mas, seu marido rechaçou essa ridícula proposta.

- Não, ninguém baixará a esses escarpados em plena noite. Essas preciosas cavernas podem esperar até manhã. – informou, enquanto o pessoal doméstico de Blackthorne Hall se apressava a preparar os dormitórios e a descarregar a bagagem.

Harriet subiu a seu lado, dando-lhe um olhar especulativo.

- Não demoraríamos muito, milord. Bastaria entrar por um momento, só para ver se alguém tocou em meus ossos.

Gideon lhe rodeou os ombros com um braço firme para guiá-la com solidez para os dormitórios principais.

- Já é muito tarde para andar por ali. A viagem foi longa. E você está exausta.

- Oh, não estou cansada absolutamente, milord! – assegurou ela precipitadamente.

- Pois eu sim. – deteve-se frente ao dormitório da senhora e a imobilizou contra a parede, lhe plantando as mãos em ambos os lados da cabeça - E você também deveria estar. Deite-se, senhora. Pela manhã, se a maré estiver baixa, poderá ocupar-se de suas cavernas.

Harriet deixou escapar um suspiro de aborrecimento.

- Muito bem, milord. Sei que devo lhe estar agradecida pela bondade de me trazer tão rápido. Compreendo que você não tinha nenhuma pressa para voltar à Upper Biddleton. Foi muito bom, milord. Claro que sempre é muito bom comigo.

Gideon conteve um palavrão.

- Deite-se, que eu irei em seguida.

- Você não estava exausto, milord?

- Nem tanto. – Gideon estendeu a mão para lhe abrir a porta e a empurrou com suavidade para dentro. A donzela a estava esperando. Depois de fechar a porta, continuou pelo corredor até seu próprio quarto.

As palavras de Harriet lhe ressonavam na cabeça. “Claro que sempre é muito bom comigo.”

Bom? Gideon despediu de seu ajudante de câmara com um gesto breve e começou a desabotoar a camisa. De repente se viu no espelho da penteadeira. Seu rosto desfigurado lhe sustentou o olhar com ar zombador.

Não tinha sido bom com Harriet, absolutamente. Depois de obrigá-la virtualmente a casar-se com ele, a tinha exibido diante da sociedade como se fosse um mascote exótico, além de fazê-la correr perigo nas mãos de Bryce Morland.

E em troca, lhe dava amor, ajudara-o a restaurar sua reputação e lhe permitia reparar a brecha que o separava de seus pais.

Não, não tinha sido muito bom com Harriet. Na realidade, ela só desejava seu amor e ele havia lhe dito que não o podia dar. “Há seis anos esqueci como se amava.”

Que estúpido.

Gideon tirou bruscamente as botas e as calças. Lançou mão de sua bata negra e, depois de vesti-la, dirigiu-se para a porta comunicante. Esperou que Harriet despedisse sua donzela para dar uma leve batida.

- Entre, Gideon.

Ao abrir a porta, encontrou Harriet sentada na cama, com uma de suas toucas de musselina e um livro no colo. Na mesa vizinha ardia uma vela. Recebeu-o com seu sorriso cálido e vibrante.

- Harriet? – de repente não sabia o que dizer.

- Sim, milord?

- Uma vez lhe disse que você era a mulher mais formosa de todas que havia conhecido.

- Sim... Eu lembro. Você foi muito gentil.

Gideon fechou os olhos ligeiramente impaciente.

- Eu não falei por gentileza, Harriet, mas sim, porque é verdade. – Abriu os olhos - Cada vez que olho para você penso no quanto afortunado eu sou.

- Seriamente? – Harriet o olhou com ar de surpresa e deixou o livro na mesa.

- Sim. – Ele deu um passo para a cama e se deteve – Você me deu mais do que pensa, Harriet. E eu não tenho feito outra coisa além de receber. Sei que é muito pouco o que posso lhe oferecer em troca.

- Isso não é verdade, milord. – Harriet afastou as mantas para sair da cama - Você me deu muito. Fez uma promessa que eu sei que cumprirá, sempre. Trata-me com bondade e respeito. Faz-me sentir formosa, embora, eu não seja. Como pode dizer que é pouco o que me oferece? Não conheço outro homem que tenha mais, nem que o dê com tanta generosidade. – Aproximou-se dele, caminhando suavemente, com seus pés descalços, pequena e elegante com sua camisola de linho, levava a touca em sua espessa cabeleira. Vinha com olhos brilhantes e braços estendidos.

Gideon a estreitou contra si, inalando a sua maravilhosamente cálida e feminina essência.

- É tudo o que desejei. – Sentia a língua grossa e torpe na boca - Que Deus me perdoe, mas não sabia o quanto precisava desse amor até que você me presenteou com ele.

- Meu amor é seu, Gideon. Sempre será seu. – sussurrou ela contra seu peito.

- É muito boa. Mais do que mereço.

- Gideon...

Levantou-a em seus braços para levá-la aos novos lençóis e se estendeu a seu lado, tomando-a em seus braços como a um tesouro precioso, porque era isso: com cuidado e ternura, com infinita gratidão.

Harriet se abriu a ele como sempre, tal como uma flor se abre ao sol. Gideon a beijou na boca, bebendo profundamente seu sabor, enquanto procurava com as mãos as doces curvas de seu corpo. Era tão suave, tão acolhedora e tão sensual... Tudo nela inflamava suas paixões. Deixou escapar um gemido ao sentir que lhe deslizava um pé pela panturrilha.

- Gideon?

- Preciso de você. – murmurou. Beijou-lhe um seio, sugando suavemente o mamilo, até que ela arqueou-se, com apetite.

A intensidade de suas respostas nunca deixava de assombrá-lo deliciosamente. E alimentava seus fogos interiores como nenhuma outra coisa.

Quando Gideon já não pode suportar mais essa doce tortura, separou-lhe as pernas para instalar-se no berço formado por suas coxas. Buscou-a com os dedos suaves e encontrou o calor meigo e úmido. Estava pronta para recebê-lo. A comprovação despertou nele uma onda de apaixonado deleite.

- Harriet, minha doce e amorosa Harriet. – Cobriu-lhe a boca outra vez, afundando a língua entre seus lábios, enquanto se introduzia lentamente nela.

Experimentou o sempre inquietante prazer de sentir que ela se fechava ao seu redor, atraindo-lhe cada vez mais fundo, entregando-se. E se encontrou a salvo ali, formando parte dela por um momento atemporal.

Harriet lhe rodeou a cintura com as pernas e cravou as unhas em seus ombros. Aferrava-se a ele, elevando-se a seu encontro com uma paixão igual à sua. E ao render-se ao êxtase, com o corpo estremecido entre seus braços, falou-lhe de seu amor.

Gideon a estreitou contra si até que extinguiu o último desses suaves estremecimentos. Então caiu sobre ela, em uma prolongada liberação que parecia não ter princípio nem fim.

Despertou pouco depois do alvorecer, para um mundo muito mais claro e sereno do que nunca. Por um momento permaneceu imóvel, saboreando a revelação que se instalou em seu coração durante a noite.

Amava Harriet. Amaria Harriet pelo resto de sua vida.

Estendeu a mão procurando-a, com as palavras prontas, dentro dele.

Harriet não estava.

Capítulo 20

Harriet levantou o lampião para observar a caverna com atenção. Foi um grande alívio comprovar que não havia sinais de que alguém tivesse trabalhado ali com maça e cinzel. Os fósseis incrustados na pedra continuavam ainda, são e salvos.

Exultante, pendurou o lampião em sua cunha posta na parede e abriu seu saco de ferramentas. Essa manhã estava com excelente ânimo, porque ela e Gideon estavam se entendendo maravilhosamente, nos últimos dias.

A noite anterior havia se sentido mais perto do que nunca de Gideon. A paixão de seu marido estava impregnada de uma emoção que superava decididamente, a amabilidade. Provavelmente ele não se dava conta, mas Harriet levava essa certeza junto ao coração.

Essa manhã tinha despertado com o convencimento de que Gideon não demoraria em lembrar-se de como se amava. A certeza a encheu de tanta felicidade e energia que correu para trabalhar, assim que notou que a maré estava baixa.

Massa e cinzel em mão aproximou-se do lugar de onde havia extraído o grande dente de réptil. Decidiu começar por ali. Se tivesse muita sorte, talvez achasse um osso da mandíbula. Teria sido muito útil contar com uma boa porção. Aplicou o cinzel à pedra e começou a fracionar a rocha com suavidade.

Possivelmente foi o rítmico ressoar do metal contra a pedra que lhe impediu de ouvir o homem que se aproximava pelo corredor. Ou, possivelmente sua concentração era tamanha que não prestou nenhuma atenção ao som apagado das botas.

Talvez estivesse muito habituada a pensar que essas cavernas eram sua propriedade privada.

Fosse qualquer o motivo, quando a voz ressonante de Clive Rushton falou da entrada da caverna, Harriet deixou cair o cinzel com um grito de surpresa.

- Supus que você não demoraria muito para voltar a estas cavernas, quando estivesse em Upper Biddleton. – Rushton assentia com glacial satisfação - Fui eu quem enviou a nota, é obvio. A senhora Stone viajou para visitar sua irmã. Muito conveniente.

- Meu Deus, que susto o senhor me deu. – Harriet virou-se, enquanto o cinzel ricocheteava no chão de pedra.

- Eu tinha certeza de que, se seus fósseis corressem algum perigo, você viria correndo. Não há nada como o ávido entusiasmo de um verdadeiro colecionador. Eu também o experimentei, em outros tempos.

Ao notar que o antigo pároco tinha uma pistola, Harriet apertou a massa na mão. A arma apontava para ela.

- Reverendo Rushton! Não compreendo. Ficou louco? A que se deve tudo isto?

- Deve-se a muitíssimas coisas, lady St. Justin. Ao passado, ao presente e ao futuro. – Os olhos do homem ardiam com um fogo terrível. Olhava-a como se estivesse medindo-a para lhe preparar uma câmara no inferno. - Quer dizer: meu passado, seu presente e meu futuro. Porque você não tem futuro, minha querida.

- Baixe essa pistola, senhor. É claro que está louco.

- Isso, diriam alguns, suponho. É que não compreendem.

- O que é o que não compreendem? – Harriet se obrigou a conservar a calma. De alguma maneira, percebia que sua única esperança era fazer Rushton falar. Não sabia o que fazer com o tempo obtido com isso, mas possivelmente ocorresse um milagre.

- Não compreendem todo o trabalho que tive para fazer que minha bela Deirdre se casasse com St. Justin. – disse Rushton, carregado de ira em sua voz grave - Tive que matar o primogênito de Hardcastle.

- Bom Deus! Você matou o irmão de Gideon?

- Foi muito fácil. Ele acostumava cavalgar pelos escarpados todas as manhãs. Foi apenas uma questão de assustar o cavalo com um disparo de pistola em um dia de inverno. – Os olhos do pároco adquiriram uma súbita expressão reflexiva, como se contemplasse algo

completamente diferente. - O cavalo se assustou, mas não conseguiu tombar seu cavaleiro. Corri para ele. Seu amo adivinhou minhas intenções e desmontou de um salto, mas já era muito tarde. Eu estava muito perto.

Harriet se sentiu chateada.

- E empurrou Randal para beira do escarpado, não? Assassinou-o.

Rushton assentiu com a cabeça.

- Foi simples, como disse: o primogênito de Hardcastle já estava comprometido com outra. Nunca tinha demonstrado nenhum interesse por minha bela Deirdre. Mas o filho mais novo, sim. Oh, sim. Do momento em que a viu, St. Justin não pode resistir a ela. Eu sabia que a desejava. E quem não, se era encantadora?

- Mas ela não o amava, verdade?

A cara de Ruston se esticou em uma máscara de fúria.

- A pequena parva disse que não suportava tê-lo por perto. Tive que obrigá-la a aceitar o cortejo de St. Justin. Ela se proclamava apaixonada por outro. Alguém a quem chamava “meu belo anjo”

- Bryce Morland.

- Eu não sabia quem era, nem me importava. – A cara do pároco se contraiu em um gesto desdenhoso - Bastava-me saber que era um dom ninguém. E casado, para cúmulo. Com a filha de um comerciante, nada mais. Era óbvio que não tinha dinheiro, nem título próprio.

- E isso era o que você desejava? Que Deirdre se casasse com um homem rico e de boa família?

Rushton pareceu atônito.

- É óbvio! Ela era meu único capital, você entende? O único com que eu poderia recuperar o lugar que me correspondia no mundo. Eu deveria ter tido poder e fortuna, pois o inútil do meu pai perdeu tudo no jogo, quando eu era uma criança. Nunca lhe perdoei que jogasse minha herança ao vento.

- E por isso, procurou outro meio de adquirir a riqueza e posição social que seu pai tinha perdido.

O olhar do homem se encobriu.

- Quando Deirdre se converteu em uma jovem formosa, compreendi que podia utilizá-la como isca para atrair o filho de alguma família poderosa. Uma vez aparentado com pessoas da devida classe, eu teria acesso ao poder e aos privilégios que se conseguem com o dinheiro. Afinal de contas, seria o sogro. Por meio de Deirdre poderia obter o que desejava.

- Tentava tirar proveito de sua própria filha.

- Ela tinha a obrigação de me obedecer! – aduziu Rushton, com ferocidade - Era muito bela para esbanjar-se nos braços de um homem que não poderia contribuir em nada para sua família. Mas logo a fiz cair em si. Disse-lhe que, depois de casar-se com St. Justin poderia dar-se a gosto com quem bem quisesse. Não era estúpida e compreendeu. Disse que se casaria com o demônio, desde que pudesse ter seu anjo nos braços.

- Oh, Deus. – sussurrou Harriet.

- Mas tudo deu errado. – A voz de Rushton se elevou em um grito de fúria angustiante - A pequena idiota entregou-se ao amante sem esperar às bodas com St. Justin e acabou com um filho no ventre. O bastardo de seu amante. Compreendeu que deveria seduzir St. Justin imediatamente, para persuadi-lo que o bebê era dele.

- Mas seu plano não deu certo, verdade? St. Justin percebeu algo errado.

- Deirdre era uma idiota. Uma tola condenada. Arruinou tudo. Veio me contar o que tinha ocorrido. Disse que procuraria uma forma de não ter o bebê. Mas já era muito tarde para casá-la com St. Justin. Ela tinha falado demais. Custou-me acreditar que fosse tão estúpida. Brigamos.

Harriet respirou fundo, captando algo por intuição.

- No gabinete?

- Sim.

- E você a matou, não é? Disparou contra ela e logo fingiu que a moça tirou a vida. Por isso, não deixou nenhum bilhete. Porque não se suicidou. Foi assassinada. Por seu próprio pai.

- Foi um acidente. – Os olhos de Rushton aumentavam, enlouquecidos - Não queria matá-la. Mas ela não parava de gritar que ia fugir com seu amante. Tirei a pistola da parede. Só queria ameaçá-la, mas... Algo saiu errado. Por que não obedeceu a seu pai, por quê?

- Você tinha que estar em um manicômio.

- Oh, não, Lady St. Justin. Não estou louco. Na verdade, estou muito lúcido. – Rushton sorriu - E sou muito sagaz. Quem acredita que organizou o bando de ladrões que utilizava esta caverna?

- Foi você?

Rushton assentiu.

- Conheço muito bem estas cavernas. Precisava de dinheiro, você compreende? Deirdre tinha morrido e já não poderia me assegurar o futuro casando-a com algum herdeiro.

- Assim acabou por procurar outra fonte de lucros.

- Ao concentrar-me no problema, me dei conta que nos salões de Londres, havia tesouros em abundância. E eram fáceis de tomar. No princípio me limitei em apoderar-me de ninharias, que vendia rapidamente, antes que notassem sua falta. Mas logo vi a oportunidade de obter lucros muito maiores. Requeria tempo e um lugar para esconder a mercadoria. Foi quando me lembrei destas cavernas.

- Mas St. Justin desfez seu bando de ladrões.

- Por sua causa!– apontou Rushton, friamente - Você destruiu meu novo plano, tal como Deirdre tinha arruinado o primeiro. Casou-se com o homem que deveria casar-se com minha filha. Salvou-o do castigo que lhe aplicava o veredicto da alta sociedade. Você arruinou tudo.

Rushton levantou a pistola.

Harriet sentiu a boca seca e deu um passo atrás, embora não houvesse como fugir. Se o primeiro disparo falhasse, possivelmente teria tempo para chegar à entrada da caverna, antes

que o homem pudesse recarregar ou apanhá-la, mas sabia que as possibilidades de escapar eram poucas.

- Me matando não conseguirá nada – sussurrou, dando outro passo atrás. Tinha ouvido dizer que as pistolas eram bastante imprevisíveis, desde que não fosse curta a distância. Quanto mais longe estivesse desse homem quando ele apertasse o gatilho, maiores seriam as possibilidades de que o primeiro disparo não acertasse o alvo.

- Pelo contrário. – murmurou Rushton - Matando-a obterei muitas coisas. Para começar, estarei vingado. E seu marido carregará a culpa deste assassinato, com o qual, minha doce Deirdre também ficará vingada.

- Mas foi você quem matou sua filha, não St. Justin.

- Por culpa dele. Foi culpa dele – gritou Rushton.

- Ninguém acreditará que meu marido me assassinou. St. Justin não é capaz de me fazer nenhum mal e todo mundo sabe.

- Não, senhora, ninguém sabe. É verdade que agora conta com os favores da alta sociedade. Mas quando você aparecer morta nesta caverna as pessoas pensarão que a Besta de Blackthorne Hall voltou para seus antigos costumes. Há seis anos não demoraram em lançar-se contra ele. Desta vez acontecerá o mesmo.

- Não é justo.

Rushton encolheu os ombros, levantando a pistola um pouco mais.

- Dirão que provavelmente, acreditou ter sido traído. Que mulher não procuraria um amante se visse obrigada a olhar todas as noites o rosto desfigurado da Besta de Blackthorne Hall?

- Não é uma besta. Nunca foi uma besta. Não diga isso! – Harriet, em um arrebatamento de fúria cega, jogou a massa contra Rushton.

O pároco a esquivou, deixando que ricocheteasse contra a parede da caverna. Logo virou velozmente para apontar a pistola. Seu dedo começou a apertar o gatilho.

- Rushton! – ressonou a voz de Gideon em toda a caverna, levantando ecos nas paredes.

O homem girou e disparou a pistola em um só movimento. Gideon havia tornado a esconder-se na passagem, interpondo por um instante o muro de pedra entre seu corpo e a bala.

- Gideon! – gritou Harriet.

A bala golpeou a rocha, desprendendo uma parte da parede. No instante em que os fragmentos se espalhavam pelo chão, Gideon se lançou pela entrada e colidiu contra Rushton.

Os dois caíram com um horrível golpe seco e rodaram juntos. Harriet, horrorizada, viu que a mão de Rushton encontrava às cegas o cinzel que ela tinha deixado cair.

Levantou-o no punho, no momento em que Gideon caía sobre ele.

- Matarei você, assim como matei seu irmão. Tinha que casar-se com minha Deirdre. Tudo se acabou! – Uivou com ira, enquanto impulsionava a ferramenta para os olhos do visconde.

Gideon levantou o braço para bloquear o golpe no último momento. A força levou a mão para o chão e ali retorceu seu até fazer soltar o cinzel.

Logo se incorporou para desfechar um punho enorme contra a mandíbula de Rushton.

O pároco ficou bambo e inconsciente.

Por um momento Harriet não pode mover-se.

- Gideon! – Correu para ele para jogar-se em seus braços - Oh, Meu Deus!

Ele a espremeu contra seu peito.

- Está bem?

- Sim, Gideon. Ele a matou. Ele matou Deirdre.

- Sim.

- E a seu irmão.

- Sim, maldita seja sua alma.

- E, foi desde o princípio, o cérebro do bando de ladrões. Pobre senhor Humboldt! Temos que pô-lo imediatamente, em liberdade!

- Eu me encarregarei disso.

- Salvou-me a vida, Gideon. – Harriet levantou a cabeça para olhá-lo. Ele a estreitava com tanta força que mal podia respirar, mas não lhe importava nem um pouco.

- Harriet... Nunca em minha vida tive tanto medo como há uns minutos, ao notar que Rushton a tinha seguido às cavernas. Jamais volte a me fazer passar por algo assim. Compreende-me, senhora?

- Sim, Gideon.

Rodeou-lhe o rosto com suas mãos enormes. Os olhos de gavião cravaram-se nos dela, carregados de emoção.

- Por que cargas d'água abandonou tão cedo a cama?

- Porque a maré estava baixa e não podia dormir – respondeu ela com suavidade - Estava desejosa de trabalhar.

- Deveria ter me despertado para que acompanhasse você.

- Por Deus, Gideon, faz anos que venho sozinha a estas cavernas. Nunca, até agora, tinham sido perigosas.

- Jamais voltará a entrar sozinha aqui. Entendeu-me? Se algo me impedir de acompanhá-la pessoalmente, virá com um laçao ou com alguém da casa. Não quero que trabalhe aqui sozinha.

- Muito bem, Gideon – disse ela para tranquilizá-lo - Se com isso se sente melhor...

Estreitou-a outra vez.

- Passará muito tempo antes que me sinta melhor. Jamais esquecerei a imagem de Rushton apontando para você uma pistola. Por Deus, Harriet, o que eu teria feito sem você?

- Não sei. – disse ela, com a voz sufocada contra seu peito - O que teria feito milord? Teria sentido falta de mim?

- Sentir sua falta? De você? Isso, não é sequer a sombra do que haveria sentido. Maldita seja Harriet...

Ela se compôs para levantar a cabeça e sorriu, com o coração palpitando.

- Sim, milord? – de repente seu olhar se posou na rocha, atrás do ombro de Gideon - Oh, por Deus, Gideon... Olhe!

Ele a soltou para voltar-se em uma fração de segundo, disposto a outra batalha, mas franziu o cenho. À entrada da caverna não havia ninguém.

- O que, Harriet? O que aconteceu?

- Olhe isto, Gideon. – Harriet deu dois passos para a parede da caverna, transfigurada pelo que via.

A bala de Rushton tinha desprendido uma parte da rocha em plano largo. As lascas, ao desprenderem-se, revelavam outra camada de rocha.

Incrustada na seção posta a descoberto, se via um magnífico emaranhado de ossos. Gigantescos fêmures, tíbias, vértebras e um crânio muito estranho, tudo em um mesmo lugar. Via-se parte de uma mandíbula muito grande. Nela Harriet acreditou distinguir o contorno de vários dentes que coincidiam com o encontrado antes. Era como se a monstruosa besta se acomodasse para dormir, há muitíssimo tempo, para nunca despertar.

- Olhe isso, milord. – Harriet contemplava o animal ali petrificado, aflita por um descobrimento sem paralelos – Eu nunca ouvi falar de nada parecido com isto. Não é um animal muito estranho?

A suas costas Gideon pôs-se a rir. Suas gargalhadas tremendas ressonaram nas paredes de pedra. Harriet voltou-se, sobressaltada.

- O que o diverte tanto, milord?

- Você, é claro. E, talvez eu mesmo. – Gideon sorriu de orelha a orelha, com os olhos acesos por uma ternura feroz. – Amo você, Harriet.

Diante dessa declaração Harriet esqueceu completamente a besta incrustada na rocha. Correu de novo para os braços de Gideon e ali permaneceu por longo tempo.

No princípio do outono, chegaram de visita os condes de Hardcastle, no mesmo dia em que se recebeu o último número das *“Atas da Sociedade de Fósseis e Antiguidades.”*

Os jardins de Blackthorne Hall ainda estavam em plena explosão das flores outonais. A casa descansava tranquilamente ao sol, com as janelas abertas à brisa do mar. Em seu interior e nas terras circundantes havia um agradável rumor de atividade. Na noite seguinte haveria um baile para honrar a visita dos Hardcastle. Estavam convidados todos os vizinhos de vários quilômetros da redondeza.

Quando chegou o correio Gideon estava tomando o café da manhã. Enquanto se servia dos ovos, refletiu prazerosamente que Blackthorne Hall parecia agora um verdadeiro lar. Nesse momento Owl entrou na sala de jantar.

Harriet viu o jornal na bandeja.

- Chegaram as “*Atas*”.

Gideon franziu o cenho em um gesto de desaprovação.

- Não tem por que correr, querida. Já lhe disse que agora deve andar com cautela.

A gravidez avançada não tinha feito que Harriet diminuísse sua atividade. Ainda se movia com energia e entusiasmo suficientes para esgotar um homem. Claro que, quando se movia assim na cama, o resultado era um esgotamento muito agradável.

Não obstante, não queria que ela se esgotasse demais nessa etapa. Era muito preciosa para arriscá-la.

Ultimamente tinha que vigiá-la com mais atenção que nunca. Harriet não tinha ideia do comportamento que deveria observar uma mulher nesse estado. Inclusive, na manhã anterior, ele havia surpreendido Harriet tentando descer sozinha às cavernas. E, não era a primeira vez.

A desculpa foi à habitual: que todos na casa estavam ocupados. Gideon se viu obrigado a repreendê-la severamente. Previa uma vida inteira de sermões parecidos.

- Aqui está! – exclamou ela, enquanto voltava para seu assento, com o jornal aberto no índice - “*Descrição da Grande Besta de Upper Biddleton*”, por lady Harriet St. Justin. – Levantou os olhos transbordantes de entusiasmo - Por fim está publicado, Gideon. Agora, todos saberão que essa besta me pertence.

Ele sorriu.

- Felicidade, querida. Mas acredito que todos já sabiam.

- Acredito que estou de acordo. – Hardcastle trocou um olhar sábio com sua esposa.

A condessa sorriu a Harriet.

- Orgulha-me dizer que conheço a descobridora desses magníficos fósseis, querida.

Harriet estava radiante.

- Obrigado. Não vejo à hora de ter aqui Felicity e tia Effie. Esta tarde deverão vir para tomar chá. – Folheou as páginas que continham seu artigo - Elas não acreditavam que saísse publicado.

- Atrevo-me a dizer que será o principal assunto de conversa entre os colecionadores de fósseis, ao menos, por um tempo – comentou o conde - Discutir-se-á muito sobre a existência de um réptil tão gigantesco. E você se verá invadida por pessoas que irão querer ver sua besta.

- Que discutam. – disse Harriet, alegremente. Logo olhou Gideon - Sei que a minha Besta é muito estranha e preciosa, por certo.

Gideon lhe sustentou o olhar da outra cabeceira, temendo afogar-se no amor que via nesses olhos. Voltou a perguntar-se como tinha podido viver tantos anos sepultado na escuridão de sua própria caverna.

A verdade é que se limitou a subsistir durante esse triste período, antes de conhecer Harriet, sem gozar da vida, sem esperar nada do futuro. Ela o tinha liberado para a luz do sol, tal como aos ossos da antiga besta do escarpado.

- Sua besta não seria nada sem você, meu amor – disse suave - Ainda estaria encerrada na pedra.

Dois meses depois Harriet deu a luz sem dificuldades, a um saudável varão. Logo, ficou claro que o bebê teria os olhos de gavião de seu pai, além de seu tamanho e sua força. Também mostrava sinais de um temperamento e uma teimosa vontade que a todos parecia extremamente familiar.

Quando Gideon pôs o bebê chorando nos braços de sua mãe, Harriet sorriu com melancolia.

- Temo que nós dois, criamos à verdadeira Besta de Blackthorne Hall, milord – disse - Basta ouvi-lo gritar.

Gideon riu mais feliz do que teria acreditado ser possível.

- Você o domesticará, amor meu. Ninguém como você para controlar às bestas.

Fim

Os ebooks distribuídos são feitos de fãs para fãs. A comercialização é estritamente proibida.



Para entrar neste grupo, envie e-mail para moderacaogrh@yahoo.com.br